



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura

**O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A VERDADE UNIVERSAL DE JANE
AUSTEN**

Marcella de Melo Faria

Brasília

2019

Marcella de Melo Faria

**O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A VERDADE UNIVERSAL DE JANE
AUSTEN**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cíntia Carla Moreira Schwantes

Brasília

2019

O ROMANCE DE FORMAÇÃO E A VERDADE UNIVERSAL DE JANE AUSTEN

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Literatura.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Cíntia Carla Moreira Schwantes
UnB – TEL/IL
Orientadora – Presidente

Prof^a Dr^a Paula Queiroz Dutra
IFB
Membro

Prof^a Dr^a Eliana Ramirez Abrahão
UnB – IP
Membro

Prof^a Dr^a Virgínia Maria Vasconcelos Leal
UnB – TEL/IL
Suplente

Brasília
12 de dezembro de 2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FF224r Faria, Marcella
O Romance de Formação e a Verdade Universal de Jane
Austen / Marcella Faria; orientador Cíntia Schwantes. --
Brasília, 2019.
144 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Romance de Formação. 2. Jane Austen. 3. Verdade
Universal. I. Schwantes, Cíntia, orient. II. Título.

A Jane Austen,
in memoriam

Agradecimentos

A Deus, fonte de amor e sabedoria, por me guiar nesta caminhada e por me proporcionar tantas oportunidades de crescimento;

A Jane Austen (*in memoriam*), por ter presenteado o mundo com sua obra. Obrigada por toda a alegria e pelos ensinamentos que suas palavras me trouxeram a cada leitura realizada. Sua escrita mudou minha vida e se não fosse por ela, meu processo de formação certamente estaria empobrecido. A literatura, hoje, conforme considero, é mais rica graças a seus livros, assim como a vida de seus leitores;

A minha querida orientadora, Professora-Doutora Cíntia Schwantes, pelo apoio e orientações, por revisar minha escrita e por toda a bibliografia que me foi passada. Sem sua ajuda, este trabalho teria sido bem mais difícil de ser concluído;

À Professora Doutora Patrícia Nakagawa, sempre zelosa, por ter me encorajado a escrever esta dissertação centrada na novelista que mais amo e admiro;

À Professora Doutora Octavia Cox, da Universidade de Oxford, pelo excelente curso administrado a distância, o que me ajudou a aprofundar este trabalho. Graças a suas aulas, descobri uma Jane Austen ainda mais brilhante;

A banca examinadora, bem como ao corpo docente e discente da Universidade de Brasília pelo profissionalismo, pela participação e pela seriedade na condução do programa de mestrado;

A meu amado pai, Marcello de Abreu Faria, por sempre me presentear com livros, investir em minha educação, acreditar em mim, bem como por me apoiar e me encorajar a ser uma pessoa melhor em todos os âmbitos da vida;

A minha amada mãe, Denize Socorro de Melo Faria, pelo amor e apoio incondicionais e por ter me apresentado Jane Austen aos quinze anos de idade, quando me convidou a assistir ao filme *Orgulho e Preconceito*;

A minha revisora Irene Lage de Britto, pela excelente e minuciosa revisão realizada;

A minha família e aos amigos que me ajudaram nas várias etapas desta jornada, em especial: Ribanna Martins de Paula, por me ajudar no esclarecimento de várias dúvidas e ler meus textos, e Fábio Paz, que participou comigo de todas as disciplinas do curso, além de me fornecer alguns livros que compõem a bibliografia desta dissertação.

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar, com base no conceito e nas características do *Bildungsroman*, dois romances escritos por Jane Austen: *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, visando a seu enquadramento como romance de formação. Para tanto, descreveu-se o contexto histórico no qual esse termo surgiu e o contraste entre o *Bildungsroman* masculino e feminino. O termo, criado na Alemanha do século XIX, se refere à narrativização do processo de formação de um indivíduo na sociedade em vários âmbitos da vida, tais como os social, psicológico, moral e espiritual, por meio da trajetória de um herói ou de uma heroína que vivencia várias experiências que contribuem para seu amadurecimento. Logo, a aprendizagem consiste no desenvolvimento interior que é resultado da interação com o mundo exterior. Contudo, verifica-se uma discrepância entre o processo de formação masculino e feminino: enquanto o herói inicia sua trajetória na infância e pode se aventurar em viagens e casos de amor, o processo de formação feminino sofre restrições e culmina no casamento. Diferentemente do herói masculino, suas vivências são restritas ao lar, fazendo com que muitas vezes essa formação não seja concluída. Mas Austen foi revolucionária ao criar heroínas capazes de falar sobre sua inteligência e seus sentimentos, alcançando assim uma formação completa. Por isso, na análise objeto desta pesquisa, adotou-se como linha de pensamento teórico os pressupostos da *Close Reading*, cuja técnica consiste em verificar a complexidade de um texto através da leitura meticulosa, o que permite compreender o efeito que ele produz no leitor, figura essencial no *Bildungsroman*. Afinal, esta modalidade romanesca busca contribuir para o processo de formação do próprio leitor, por meio das experiências vividas pelo personagem. O resultado permitiu concluir que esses dois romances escritos por Austen podem ser considerados romances de formação, pois além de retratarem o amadurecimento de seus personagens, ensinam uma lição importante aos leitores: a de que, na maioria das vezes, estamos errados em nossos julgamentos e que devemos tomar cuidado com as nossas verdades, pois elas estão na maioria das vezes equivocadas.

Palavras-Chave: Jane Austen; *Orgulho e Preconceito*; *Emma*; *Bildungsroman*; Romance de Formação; Verdade Universal.

ABSTRACT

The goal of this study is to analyse two novels written by Jane Austen: *Pride and Prejudice* and *Emma*, according to the concept and peculiarities of the *Bildungsroman* in order to characterize them as novels of formation. For this purpose, the historical context of this term and the contrast between the male and female *Bildungsromane* were described. The term, created in Germany during the nineteenth century, refers to the narrativization of the process of formation which an individual in society develops in his many scopes of life. Some of those scopes are social, psychological, moral and spiritual, and they are developed through the life experiences of a hero or a heroine which lead to their maturity. Therefore, their apprenticeship consists of the internal development which is a result of their interaction with the exterior world. However, a discrepancy was verified between the male and female processes of formation. While the hero starts his journey in his infancy and can venture himself in many trips and love affairs, the female process of formation undergoes restrictions and culminates in marriage. Aside from the male hero, the heroine's experiences are restricted to her home, which often leads to an incomplete formation. On the other hand, it was recognized that Austen was a revolutionary for she created heroines capable of talking about their intelligence and their feelings, which allowed them to reach a complete formation. For this analysis, the postulates of the *Close Reading* were adopted as the theoretical line of thought. This technique consists of analyzing the complexity of a text through a meticulous reading, which allows us to understand the effect that the text has on its reader, who is an essential figure in the *Bildungsroman*. This type of novel seeks to contribute to the maturity process of its reader through the hardships the main character experiences. It was possible to conclude these two novels, written by Austen, can be considered *Bildungsroman* novels because not only do they depict the maturity of the characters, but they also teach an important lesson to the readers: by and large we are wrong in our judgments and we should be careful with what we presume to be true, because our truths are often wrong.

Key-words: Jane Austen; *Pride and Prejudice*; *Emma*; *Bildungsroman*; Novel of Formation; Universal Truth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1	
O ROMANCE DE FORMAÇÃO	14
1.1 O <i>BILDUNGSROMAN</i>	14
1.2 O <i>BILDUNGSROMAN</i> FEMININO	22
1.3 <i>BY A LADY</i>	30
Capítulo 2	
ORGULHO E PRECONCEITO	35
2.1 UMA VERDADE UNIVERSALMENTE CONHECIDA	35
2.2 “GAROTA OBSTINADA, TEIMOSA!”	58
Capítulo 3	
EMMA	71
3.1 “PERFEITA APESAR DE TODOS OS DEFEITOS”	71
3.2 “A TRAJETÓRIA DE UM AMOR VERDADEIRO NUNCA PERCORREU CAMINHOS SUAVES”	104
CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS	142

INTRODUÇÃO

O século XVIII, século das luzes, foi marcado por eventos como o colapso de grandes impérios, o surgimento da Revolução Industrial, a ascensão da burguesia, a queda da religião e a crise ideológica que se instaurou, proporcionando a abundância de estudos e produções literárias no século XIX. A literatura, que até então era tida como uma “bela escrita”, passou a se aproximar da linguagem popular e a tratar de assuntos da vida cotidiana de gente comum.

Nesse contexto, o romance foi resultado de uma ruptura com a tradição literária em meio a uma sociedade em transformação. O século XVIII passou por muitas mudanças sociais, tais como o declínio da aristocracia, o alto índice de migração e urbanização, a escolaridade obrigatória e o surgimento do público leitor feminino que tornou populares muitos livros e proporcionou o desenvolvimento do mercado livreiro.

Tais mudanças também revolucionaram a literatura: a tradição oral foi substituída pela leitura em voz alta e a leitura foi democratizada, entre outros aspectos. Enquanto a literatura canônica romântica se centrava nos gêneros poéticos, e o romance, durante o período, se situou nas fímbrias do cânone, entendido como um gênero de caráter predominantemente pedagógico, no realismo, os gêneros da prosa alcançaram o cânone. No entanto, o entendimento do romance como escritura para consumo de mocinhas e pessoas menos educadas ainda prevalecia. Essa divisão de prestígio por gênero literário impactou a recepção das obras de Jane Austen.

No século XVIII, o romance era um estilo novo que estava se tornando popular, embora tivesse má reputação. Algumas de suas características eram: a escrita em prosa (diferente da poesia e do teatro), personagens plausíveis e reais e lições de moral inferidas das vivências dos personagens. Alguns dos fatores que contribuíram para sua ascensão foram: a tecnologia desenvolvida na época, que barateou a impressão de livros, permitindo um maior volume de publicações; a Revolução Industrial, que tornou desnecessários muitos trabalhos manuais, o que resultou no maior tempo, principalmente para as mulheres de classe média; a publicação de romances de folhetim e folhetos (os *penny dreadful*) e o surgimento das bibliotecas públicas, que permitiu, a pessoas que não tinham condições de comprar livros, o acesso à leitura.

Por muito tempo, vários intelectuais e nobres desvalorizaram o romance. O famoso poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, por exemplo, afirmou: “enquanto a leitura de romances permanecer um hábito, os poderes da mente serão completamente destruídos. É uma questão

de tempo” (COLERIDGE, *apud* IVINS, 2011, p. 49)¹. Acreditava-se que o romance jamais poderia ser equivalente à poesia, ao teatro e aos livros de história.

Jane Austen, por sua vez, defendia o romance e zombava das “formas mais elevadas da escrita”, ao criar paródias, além de fazer algumas referências em sua obra. Um livro de história muito famoso e conservador da época era *The History of England*, escrito por Oliver Goldsmith. Quando adolescente, Austen escreveu um texto intitulado *The History of England by a Partial, Prejudiced & Ignorant Historian*, no qual ela narra, de forma engraçada, vários eventos históricos que aconteceram no Reino Unido, bem como, alternadamente, favorecia e menosprezava diversas figuras históricas.

Outro tema bastante tratado no século XVIII foi a sensibilidade. Na literatura inglesa, esse período é chamado de a *Era da Sensibilidade* (1750-1798). O termo se refere à possibilidade de os personagens demonstrarem impressões e sentimentos, além de expressarem emoções intensas. Esse “culto à sensibilidade” pode ser interpretado como anti-iluminista, uma vez que se opõe a ideias racionais. Os poetas sensíveis foram predecessores dos poetas românticos. Entre eles estão: Thomas Gray (1716-1771), William Collins (1721-1759) e William Cowper (1731-1800). Esse último era um dos poetas favoritos de Jane Austen e da personagem Marianne Dashwood, em *Razão e Sensibilidade* (1811). Nesse romance, Austen satirizou as ideias moralistas dessa época.

Ela também zombava dos livros de conduta que pretendiam ensinar boas maneiras às mulheres, como os sermões de James Fordyce (*Sermons to Young Women*), publicado em 1766. Em *Orgulho e Preconceito*, o inconveniente Sr. Collins lê esse livro de Fordyce para as irmãs Bennet após o jantar, mas nenhuma delas sequer presta atenção.

Da mesma forma que Austen criticava sutilmente tais escritores, ela também enaltecia autores que lhe serviram de inspiração. Ela mencionou, por exemplo, a peça *Henry VIII*, escrita por Shakespeare, em seu romance *Mansfield Park* (1814). Ao expressar suas ideias contra as noções sentimentais da Era da Sensibilidade, Austen seguiu o modelo de Dr. Johnson (1709-1784), escritor inglês que enfatizava a importância do autoconhecimento e da razão, características essenciais do *Bildungsroman*. Samuel Richardson (1689-1761), outro autor inglês e um dos escritores favoritos de Austen durante sua infância, e seus romances epistolares lhe serviram de inspiração quando ela fez o esboço de *Razão e Sensibilidade* e de *Orgulho e Preconceito*, que foram inicialmente narrados em forma de cartas.

¹Tradução minha. Original: “where the reading of novels prevails as a habit, it occasions in time the entire destruction of the powers of the mind” (COLERIDGE *apud* IVINS, 2011, p. 49).

Austen ainda foi influenciada por escritoras. Sua autora favorita era Frances Burney (1752-1840), que escrevia comédias de costumes, assim como ela mesma o faria depois. Mary Wollstonecraft (1759-1797), grande autora e ativista feminista, também inspirou Austen; várias de suas personagens, como a Sra. Croft, em *Persuasão* (1818), expressam a ideia de que as mulheres são seres racionais afetadas pelo sistema patriarcal, como afirmava Wollstonecraft.

Em *Northanger Abbey* (1817), Austen fez referência à escritora Ann Radcliffe e a seu estilo gótico. Outra figura importante para Austen foi Maria Edgeworth (1768-1849), escritora anglo-irlandesa que escreveu vários romances e histórias infantis. Um dos temas principais de sua obra é a educação das personagens. Ela acreditava que as crianças deviam ser livres para cometer erros e para aprenderem com eles. Essa característica pode ser vista na obra de Austen, por meio de heroínas que passam pelo processo de aprendizagem, característico do *Bildungsroman*.

Apesar de não ter auferido grandes lucros com a venda de seus livros – as bibliotecas públicas faziam com que a maioria das pessoas pegasse romances emprestados ao invés de comprá-los –, Austen foi reconhecida. Sua obra contou com a admiração de pessoas como o Príncipe Regente (que mais tarde se tornou o Rei George IV) e o famoso escritor Sir Walter Scott (1771-1832) que, inclusive, escreveu uma resenha positiva de *Emma* (1815), publicada no jornal *The Quarterly Review* no mesmo ano de publicação da obra. Em 1821, ela foi elogiada pelo famoso crítico Richard Whatley (1787-1863), um dos que comparou sua obra com as de Shakespeare e a de Homero. Outros críticos também fizeram paralelos entre a escrita dela e as obras de Shakespeare, em função da forma como ela dramatizava certos eventos.

Após sua morte, a obra de Austen foi pouco vendida devido a sua discrepância em relação ao estilo vitoriano que se seguiu. Sua fama retornou no século XX, quando vários soldados leram suas histórias para se distrair durante as terríveis experiências vivenciadas nas duas guerras mundiais. Além disso, em 1911, a editora acadêmica de Oxford publicou um ensaio sobre sua obra e, em 1923, seus romances foram publicados em edições acadêmicas, fazendo com que Austen fosse considerada parte do cânone literário.

Em relação a este trabalho, como estudar toda a obra de Austen ultrapassaria o tempo e o foco de uma dissertação, vamos nos ater aos romances mais difundidos da autora, *Orgulho e Preconceito* e *Emma*. A hipótese de leitura é de que ambos são romances de formação feminina.

Nessa perspectiva, este trabalho parte do seguinte questionamento: tendo em vista o reconhecimento de *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, de Jane Austen, como romances de formação, é possível inseri-los no contexto do *Bildungsroman*?

O objetivo geral é, com base no conceito e nas características do *Bildungsroman*, analisar dois romances escritos por Jane Austen: *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, visando a seu enquadramento no contexto daquele subgênero. Os objetivos específicos são: caracterizar o *Bildungsroman* no contexto do romance; distinguir o *Bildungsroman* masculino do feminino; identificar traços indicativos ou sugestivos das características do *Bildungsroman* nos romances *Orgulho e Preconceito* e *Emma*.

A relevância do tema está no fato de, no Brasil, ao contrário de países como Estados Unidos e Inglaterra, as obras de Jane Austen, bem como o tema *Bildungsroman*, se apresentarem incipientes no âmbito de pesquisas acadêmicas. Portanto, espera-se que este trabalho possa contribuir para ampliar o conjunto de tais estudos, ao mesmo tempo estimulando leituras sobre essa autora cuja obra vem sendo vista em uma perspectiva renovadora.

Do ponto de vista da metodologia, será utilizada a *Close Reading*, técnica que consiste em examinar a complexidade de um texto de forma cuidadosa, o que permite sua compreensão em detalhe. Também significa entender como determinado texto funciona e os efeitos que ele produz no leitor. A *Close Reading* requer uma leitura atenta para a interação entre o que é dito e o que as palavras significam. De acordo com Kathleen A. Hinchman e David W. Moore (2013, p. 443), é necessário “ler e reler para obter um entendimento profundo e completo de um texto e compreender o modo como ele molda a nossa opinião”².

Teóricos do *New Criticism* tais como Richards (1929) e Brooks (1947) definiram a *Close Reading* como um método rigoroso e objetivo que visa extrair o sentido correto de uma obra. Tal leitura busca descobrir o significado explícito de um texto através de uma análise metódica dos padrões de linguagem e o modo pelo qual esses padrões são combinados ao longo do texto. O método foca em histórias curtas e poemas, atentando-se às técnicas literárias tais como ironia, metáfora, paradoxo e simbolismo. A ênfase se encontra na atenção diligente do texto e nada além dele; os leitores interpretam o significado dentro dos limites que a obra oferece (HINCHMAN & MOORE, 2013, p. 443)³.

²Tradução minha. Original: “reading and rereading to obtain deep and thorough understandings of texts and to grasp the ways texts shape understandings” (HINCHMAN & MOORE, 2013, p. 443).

³Tradução minha. Original: *New Criticism* theorists such as Richards (1929) and Brooks (1947) stipulated *Close Reading* as a rigorous objective method for extracting the correct meaning of a text. Such a reading seeks to discover a text’s explicit meaning by meticulously analyzing patterns in its language and the ways the patterns combine throughout a text. It focuses on short stories and poems, attending to literary techniques such as irony, metaphor, paradox, and symbolism. The emphasis is on diligent attention to the text and nothing but the text as a self-contained entity; readers interpret meaning within the confines of what the text offers (HINCHMAN & MOORE, 2013, p. 443).

Ao longo do século XX, outros teóricos defenderam a ideia de que a *Close Reading* pode também abranger o significado de um texto de acordo com a experiência de cada leitor e o modo como um texto nos faz refletir sobre outras questões tais como raça, diferença entre classes, gênero e outros fatores sociais. Hinchman e Moore acrescentam estratégias para utilizar esse método de leitura. Segundo eles, primeiramente é necessário ler e reler o texto várias vezes. Cada leitura deve ter um propósito diferente, uma vez que, dessa maneira, o leitor pode prestar atenção a diferentes detalhes. Além disso, devem-se identificar palavras e passagens importantes, ou seja, elementos-chaves para alcançar o significado do texto. Ademais, o leitor deve relacionar tais palavras e elementos e buscar entender como eles se associam e o porquê de eles chamarem a atenção.

Logo, realizaremos uma leitura atenta de *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, procurando identificar elementos no texto que auxiliem nossa interpretação. Analisaremos passagens importantes, além da decantada ironia de Austen, bem como a escolha de determinadas palavras colocadas no texto por essa autora, na perspectiva de encontrar aspectos que possam levar ao cumprimento dos objetivos propostos.

A pesquisa teve seu aporte teórico centrado em autores como Pinto (1990), Maas (2000) e Gabialti (2013), entre outros, e em críticos como Todd (2013), Morris (2008) e Worsley (2017).

O trabalho foi estruturado em três capítulos: no capítulo um, *O Romance de Formação*, tratamos dos aspectos teóricos que diferenciam o *Bildungsroman* masculino do feminino. No segundo capítulo, *Orgulho & Preconceito*, realizamos uma leitura atenta desse romance, visando identificar aspectos do romance de formação presentes nele. E no terceiro e último capítulo, *Emma*, também fizemos uma leitura atenta desta obra, buscando elementos do *Bildungsroman* nela, bem como contrastá-la com *Orgulho e Preconceito*.

Capítulo 1

O ROMANCE DE FORMAÇÃO

“Nós mulheres vivemos em casa, quietas, confinadas, e nossos sentimentos nos consomem. Vocês exercem autoridade. Vocês sempre têm uma profissão, buscas e negócios de algum tipo que os joga de volta ao mundo imediatamente, e uma mente ocupada e mudanças de ambiente logo anuviam suas impressões.”

*Persuasão*⁴

1.1 O *BILDUNGSROMAN*

O *Bildungsroman* é considerado um subgênero do romance. Sobre o romance em geral, de acordo com Wilma Patricia Maas (2000, p. 12), “as historiografias literárias originam-se, sem exceção, do projeto romântico de construção de uma identidade nacional”. O estudo da literatura era focado nos “grandes autores” e nas “grandes obras”. Na Alemanha, até o século XVIII, o *roman* era tido como uma narrativa sem valor que geralmente tratava de uma simples história de amor, e a grande forma narrativa era a epopeia. Mas quando Goethe passou a se dedicar ao romance, tal gênero deixou de ser considerado algo não artístico ou não literário. Dessa forma, enquanto na Inglaterra, França e Espanha o romance vinha ganhando espaço, na Alemanha esse reconhecimento se deu somente no final do século XVIII por meio da fama de Goethe, autor que promoveu a aceitação do gênero pelo público alemão.

Embora tenha sido revolucionário, o romance enfrentou várias críticas e preconceitos para ser considerado um gênero digno de ser lido. Por tratar da vida privada e doméstica de pessoas comuns, foi considerado perigoso, inútil, frívolo e literatura de ociosos por muitos. Isso se dava devido à desconfiança que pairava sobre a ficção, por ela afastar os indivíduos das atividades consideradas sérias e importantes. A “verdadeira arte” era aquela restrita à aristocracia, a ficção foi associada ao povo.

A má reputação do romance fez com que se refletisse sobre a representação da realidade. Já que a ficção era muito apreciada pelo público popular, principalmente pelos jovens, muitos autores perceberam seu potencial didático, pois ela seria uma boa forma de disseminar instruções morais. Dessa forma, a ficção, que até então era uma simples forma de

⁴Tradução minha. Original: “We live at home, quiet, confined, and our feelings prey upon us. You are forced on exertion. You have always a profession, pursuits, business of some sort or other, to take you back into the world immediately, and continual occupation and change soon weaken impressions” (AUSTEN, 2013, p. 187).

entretenimento, ganhou um papel mais importante: passou a ser um instrumento de edificação moral.

Apesar de sua nova particularidade, o romance suscitou um dilema em relação à melhor forma de proporcionar uma lição de moral a seus leitores. Ao imitar a realidade, os personagens da ficção teriam vícios que poderiam conduzir o leitor a um caminho de devassidão. Por outro lado, criar personagens sem defeitos e vícios não seria uma forma realista de representar a natureza humana e não geraria identificação com tais personagens. Sendo assim, houve dúvidas entre o compromisso com a verdade e o compromisso com a exemplaridade, pois a ficção explorava a moralidade, mas também o sensacionalismo e a aventura, que eram tão apreciadas pelo público. Tematizava, por exemplo,

a luta do indivíduo num mundo hostil e cruel, colocando em cena, muitas vezes, sedutor contra vítima, ou a inocência e a virtude contra o vício, a esperteza e a agressão. Um mundo de antíteses morais que com o propósito de instruir e dividir o leitor se valia de estereótipos sociais e veiculava um código moral invariável (VASCONCELOS, 2002, p. 60).

Com o passar dos anos, o romance se tornou um gênero de valor e passou a fazer parte do cânone literário. Teoricamente, segundo Bakhtin,

em fins do século XIX, em contraposição ao exame abstrato-ideológico, começa a intensificar-se o interesse pelas questões concretas da maestria artística na prosa e pelos problemas tecnológicos do romance e da novela. Entretanto, a situação não sofreu nenhuma alteração nas questões da estilística: a tensão se concentrava exclusivamente nos problemas de composição (no sentido amplo). Mas, como antes não havia um enfoque de princípio e ao mesmo tempo concreto (impossível um sem o outro) das peculiaridades da vida estilística do discurso no romance (e também na novela); continuavam a dominar as mesmas observações valorativas e casuais acerca da língua no espírito da estilística tradicional, que não tocam, absolutamente, o autêntico *specificum* da prosa literária (BAKHTIN, 2017, p. 24-25).

Sobre a construção do enredo, Antonio Candido explicou que, na transição do século XVIII para o século XIX, o caráter psicológico das personagens do romance se intensificou, revolucionando, inclusive, o conceito de personalidade na ficção. “Deste ponto de vista, poderíamos dizer que a revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada” (CANDIDO, 2014, p. 60-61). Para ele, o romance moderno aumentou a complexidade das personagens de ficção.

É claro que a noção do mistério dos seres, produzindo as condutas inesperadas, sempre esteve presente na criação de forma mais ou menos consciente, - bastando lembrar o mundo das personagens de Shakespeare. Mas só foi conscientemente desenvolvida por certos escritores do século XIX, como tentativa de sugerir e desvendar, seja o mistério psicológico dos seres, seja o mistério metafísico da própria existência (CANDIDO, 2014, p. 57).

No que concerne ao *Bildungsroman*, esse é uma palavra de origem alemã que denota “formação”, “educação”, “cultura” e “processo de civilização”. Seu sentido está atrelado ao

aperfeiçoamento pessoal, bem como ao espaço do ser humano na sociedade e a seu trabalho, visando ao bem comum. Especificamente, *Bildung* evoca o processo, ou seja, as etapas que proporcionam a construção do caráter humano que, por sua vez, contribui para a harmonia no mundo. Já o termo *roman*, originado do latim, refere-se à uma narrativa longa em outro idioma além do latim clássico. Tal narrativa conta a história de um protagonista e suas relações nos diferentes âmbitos do mundo exterior. Logo, o *Bildungsroman* é traduzido em outras línguas como *novel of self-cultivation*, *novel of youth*, *roman des enfances* e, para nós, como “romance de formação”, “romance de desenvolvimento”, “romance de educação” ou “romance de aprendizagem”.

Do ponto de vista histórico, o termo *Bildungsroman* foi usado pela primeira vez durante uma conferência pública na Universidade Imperial de Dorpat, em 1810, pelo professor de filologia clássica Karl Morgenstern, que apenas o cunhou em 1819, na Alemanha, numa tentativa de integrar o romance alemão à produção literária europeia. A definição de *Bildungsroman* proferida por Morgenstern provém de sua discussão teórica acerca da epopeia antiga e do romance burguês. Segundo ele, a epopeia retrata o protagonista agindo no mundo exterior e realizando significativas mudanças no ambiente. Já o romance burguês mostra o mundo agindo sobre o protagonista que passa por grandes mudanças interiores, ou seja, passa pelo processo de formação.

Morgenstern, associando o termo *Bildungsroman* ao romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, definiu esse gênero como “a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade” e o caracterizou como o romance que retrata “os homens e o ambiente agindo sobre o protagonista, esclarecendo a representação de sua gradativa formação interior”, privilegiando “os fatos e os acontecimentos com seus efeitos interiores sobre o protagonista” (MORGENSTERN, *apud* MAAS, 2011, p. 1). Logo, observa-se que a transformação que o herói sofre é consequência dos eventos externos que agem sobre ele, ou seja, seu desenvolvimento interior é resultado de sua interação com o mundo exterior. O período histórico em que *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* foi escrito certamente influenciou sua narrativa, pois a Alemanha se encontrava em uma transição da economia feudal para uma economia mais moderna e democrática, onde a ascensão da burguesia tomou espaço e dissolveu muitos dos privilégios da aristocracia.

Esse livro de Goethe tornou-se fundamental nesse período, visto que colocou na ordem do dia o *Bildungsroman*, um subgênero do romance no qual a personagem principal passa por um processo de amadurecimento e aperfeiçoamento em vários âmbitos da vida, tais

como: espiritual, político e psicológico. Esse meio de expressão, tipicamente alemão, também promove a formação e o desenvolvimento de seu leitor nas diferentes fases de sua vida.

Essa noção se expandiu e, no final do século XVIII, a educação passou a ser vista como um meio de aperfeiçoamento. Autores como Rousseau, Pestalozzi e Goethe passaram a se dedicar à personalidade infantil, diferenciando-a da personalidade adulta. A educação moderna tornou-se, então, um meio de moldar o caráter humano através da individualização das pessoas. A partir de então, muitas obras de formação e instrução do indivíduo foram escritas, revelando-se essenciais para a ascensão do *Bildungsroman*, que foi retomado também como um projeto romântico de construção e de afirmação de uma expressão e identidade nacionais alemãs, resultado da transição social, política e econômica consequente da consolidação da burguesia na Alemanha.

Em resumo, esse gênero é uma forma literária com raízes vinculadas ao contexto histórico em que surgiu, bem como às características culturais e literárias do final do século XVIII, na Europa. Sendo considerado um fenômeno essencialmente alemão, o *Bildungsroman* passou a ser utilizado como ferramenta de construção de identidade também em outras culturas e outras literaturas.

Ressalta-se que outros romances de formação haviam sido escritos anteriormente. Na Antiguidade, encontramos a obra *Ciropédia* escrita pelo ateniense Xenofonte. Seu título é de origem grega e pode ser traduzido como “A Educação de Ciro”. Nela, Xenofonte narra um romance político sobre o processo de educação de um líder ideal. Da Idade Média, há o poema épico intitulado *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, que conta a trajetória de Arturiano Perceval em busca do Santo Graal. No Renascimento, François Rabelais escreveu *Gargântua e Pantagruel*, uma série de romances sobre as aventuras de dois gigantes cujos nomes dão origem à obra. Esse texto foi censurado por seu tom violento, satírico e obsceno. Ainda podemos considerar *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau, como um romance de formação do romantismo fora da Alemanha. Ele versa sobre a relação entre indivíduo e sociedade.

Já *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, na perspectiva do *Bildungsroman*, é um romance otimista que reflete a confiança iluminista na possibilidade de aprimoramento. Seu personagem principal é um jovem sensível que passa por diversas experiências com várias pessoas que ele conhece nos diferentes lugares pelos quais passa em sua jornada. Essa jornada não se limita aos lugares físicos, tais como diferentes cidades, mas inclui uma jornada interior e emocional que lhe proporciona uma trajetória de aprendizagem. É um percurso individual e de vários episódios da vida de Wilhelm Meister, um simples jovem de origem burguesa. A grande questão é contrastar o processo de formação do burguês

e do nobre, ressaltando a divisão de classes na Alemanha e o espaço da burguesia no contexto do absolutismo tardio.

Conforme Morgenstern, particularmente, essa obra é a expressão do “espírito nacional alemão”, pois descreve o estilo de vida, a maneira de pensar e os costumes alemães:

De natureza psicológica fragmentária e multifacetada, Morgenstern buscara, segundo seus críticos, o ideal da conciliação entre ‘talentos e habilidades dispersos’, na direção de uma ‘formação harmônica’ pelo cultivo de suas tendências individuais. O conteúdo programático de seu projeto de autoaperfeiçoamento remete mais uma vez ao Meister de Goethe, cujas capacidades e talentos, ainda latentes, necessitavam de um processo de integração e conciliação, formando assim o indivíduo apto ao convívio social e à prática de boas obras em prol da comunidade (MAAS, 2000, p. 43).

Também Bakhtin, em *Teoria do Romance I: A estilística*, ressaltou a importância de Goethe ao criar o romance de formação em oposição ao romance de provação. Para ele, o romance de formação propõe uma grande mudança, uma vez que o protagonista passa por um processo de transformação e amadurecimento, natural ao ser humano. Já no romance de provação, gênero romanescos que precede o *Bildungsroman*, o herói é movido pela necessidade de provar algo ao mundo, como acontece nos romances de cavalaria:

A vida com seus acontecimentos, já não é a pedra de toque nem o meio de provação do herói pronto (ou, no melhor dos casos, o fator estimulante da já pré-formada e predeterminada essência do herói); agora, a vida, com os seus acontecimentos, é iluminada pela ideia de formação, revela-se como experiência do herói, como escola, como meio, fatores que pela primeira vez formam e modelam seu caráter e sua visão de mundo. A ideia de formação e educação permite organizar de modo novo o material em torno do herói e revelar aspectos completamente novos nesse material (BAKHTIN, 2015, p. 201).

No subgênero *Bildungsroman*, o protagonista, seja criança ou jovem adulto, passa por várias experiências que lhe proporcionam um crescimento moral e espiritual. Na narrativa de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, por exemplo, em um diálogo com sua amada Mariane, o protagonista Wilhelm reflete sobre o processo de evolução e aprendizagem do ser humano:

É uma bela emoção, querida Mariane – replicou Wilhelm –, relembremos os velhos tempos e os inocentes erros, sobretudo quando o fazemos em momentos em que atingimos o ponto culminante da felicidade, de onde podemos olhar ao redor de nós e apreender o caminho percorrido. É tão agradável podermos recordar, se contentes estamos com nós mesmos, os diferentes obstáculos que, com um sentimento doloroso, acreditávamos por vezes insuperáveis, e comparar o quanto evoluídos somos agora com o quão pouco evoluídos éramos então (GOETHE, 2009, p. 34).

Esse célebre romance de Goethe faz parte do ideal de uma formação humanístico-filosófica, pois transmite a ideia de que os indivíduos devem ter acesso a um ambiente propício, para se desenvolver de acordo com seus talentos e habilidades, e de que todos devem ter as mesmas possibilidades de aperfeiçoamento, independentemente de suas origens. A educação e a formação devem respeitar os talentos e as habilidades do indivíduo.

Outra ideia presente no romance é a do papel do educador em contraste com a educação pelo erro. Embora parte dos processos de aprendizagem seja cometer erros, a presença de um mentor, cujos ensinamentos poupem o protagonista de algumas situações indesejáveis, também é apreciável.

A propósito, em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin também esclareceu:

A imensa maioria dos romances conhece apenas a imagem da personagem pronta. Todo o movimento do romance, todos os acontecimentos e aventuras nele representados deslocam o herói no espaço, deslocam-no pelos degraus da escada da hierarquia social: de miserável ele se torna rico, de vagabundo sem linhagem se torna nobre, o herói ora se afasta, ora se aproxima do seu objetivo - da noiva, da vitória, da riqueza, etc. Os acontecimentos mudam o seu destino, mudam a sua posição na vida e na sociedade, mas ele continua imutável e igual a si mesmo (BAKHTIN, 2003, p. 218-219).

Tradicionalmente, o protagonista do romance de formação é um jovem do sexo masculino cheio de ambições e expectativas que explora o mundo de forma independente, à procura de sua vocação. Essa particularidade masculina se dava porque as mulheres não tinham contato com as experiências sociais da mesma forma que os homens; ficavam reclusas no lar.

Com o passar do tempo, a noção de individualidade ganhou um sentido mais subjetivo que foi amplamente expressado na literatura. A partir da mudança da ordem econômica, social e religiosa ocorrida, o homem passou a ser a figura central do universo, e isso promoveu a particularização das personagens na literatura. Com isso, os protagonistas dos romances passaram a expressar vontades, necessidades, interesses e desejos, o que certamente contribuiu para o desenvolvimento do romance de formação. O protagonista atinge a maturidade diante das experiências vividas, e isso faz com que ele adquira sua identidade. O encontro com ele mesmo lhe proporciona uma compreensão do mundo a seu redor.

Essa trajetória de aprendizagem também busca promover a formação do leitor, mais do que qualquer outro tipo de romance é capaz de fazer, o que confere a ele um caráter pedagógico. Esse caráter oferece ao leitor um meio de identificação e reconhecimento com as personagens do romance, o que pode contribuir para sua formação.

Mas é fato que a literatura, paralelamente ao caráter de formação, passou a aprofundar o caráter psicológico dos personagens, que acabaram adquirindo maior individualidade e mais introspecção. Como resultado, o romance passou a ser a categoria literária representante da Idade Moderna.

Ao mesmo tempo, fosse devido a essas características, fosse pela democratização da leitura, o consumo da literatura foi significativamente aumentado no século XVIII, fazendo com que os romances se tornassem populares e mais acessíveis ao público.

Havia o desejo, frequentemente explicitado pelos escritores nos seus prefácios, de educar o leitor, influir na sua formação, oferecer-lhe instrução de maneira agradável. Essa preocupação fez da história do gênero um processo de construção compartilhado igualmente por produtores e consumidores, estabelecendo um elo de ligação entre o escritor e seu público e uma espécie de senso de compromisso (VASCONCELOS, 2002, p. 146).

No cenário do que foi acima descrito, inclusive quanto ao foco da literatura em grandes autores, pode-se dizer que Morgenstern fazia parte de uma classe intelectual precursora do pós-Iluminismo, por ter posto em questão a formação intelectual e moral daqueles de origem burguesa. Ao criar o termo *Bildungsroman*, ele o associou ao momento histórico da Alemanha no qual a acumulação de riquezas passou a ser uma tentativa de superar as limitações do conhecimento até então presentes na classe média ascendente. Logo, o romance de formação pode ser entendido como um meio de expressar os ideais de uma classe em ascensão na ficção realista.

A tarefa de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* não me parece ser outra senão a representação de um homem que se aperfeiçoa pela atuação conjunta de suas disposições interiores e das relações com o mundo exterior, de maneira gradativa e em conformidade com a natureza. A meta desse aperfeiçoamento é um equilíbrio perfeito, harmonia com liberdade (MORGENSTERN, *apud* MAAS, 2011, p. 48).

Nessa perspectiva, o *Bildungsroman* tornou-se uma instituição social-literária, parte da história alemã, projetando os ideais da burguesia alemã e atrelado à formação de diferentes classes sociais numa sociedade em que a educação passou a ser adquirida por mérito pessoal e não mais por mérito herdado. Ao mesmo tempo, luta-se pelo estabelecimento do romance como um gênero digno de ser lido e estudado. Trata-se de uma manifestação do individual-universal, haja vista o processo de formação poder ser uma necessidade particular do indivíduo e de toda a humanidade.

Quando tratamos do *Bildungsroman*, geralmente associamos a criação desse subgênero a Goethe, especificamente a seu romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, devido a sua habilidade na escrita, ao narrar a aventura do protagonista. No entanto, esse subgênero mostrou-se mais que uma simples forma de escrita. Como instituição social, ele foi um veículo e um meio de legitimar a burguesia e seus ideais. Enquanto na França essa legitimação se deu no plano político, na Alemanha, ela ocorreu no plano literário:

A palavra *Bildungsroman* conjuga, portanto, dois termos de alta historicidade no contexto alemão e mesmo europeu. Por um lado, a incipiente classe média alemã movimenta-se em direção à sua emancipação política, processo que se reflete na busca pelo auto-aperfeiçoamento e pela educação universal. A par disso, cristaliza-se o reconhecimento público de um gênero literário voltado para a representação do próprio ideário burguês, gênero esse que o século XIX irá conhecer como a grande forma do romance realista (MAAS, 2000, p. 22-23).

A par disso, ressalte-se a dificuldade de se conceituar o gênero *Bildungsroman*, uma vez que há muitas divergências acadêmicas em sua classificação. Há diversas interpretações

para ele: Jeffrey L. Sammons, por exemplo, desvincula seu conceito do romance de Goethe. Para ele, tal gênero não está especificamente ligado à literatura nacional alemã; Friedrich Schlegel acredita que o mais importante são as questões que o romance propõe durante a jornada do protagonista e não seu ponto de chegada; já Frederick Amrine afirma que o *Bildungsroman* pode ser considerado uma mistura de vários gêneros. Schwantes (1998, p. 14) conclui que “é difícil encontrar um *corpus* mínimo que compartilhe as mesmas características, assim, *Bildungsroman* é uma classificação que serve para tudo e para nada”.

Geralmente, para ser considerada uma obra pertencente ao gênero *Bildungsroman*, o romance deve conter a história de vida de um protagonista jovem que passa por várias vivências, lições, decepções e enganos que deverão ser corrigidos até o final da narrativa. O protagonista deve ser único e especial, diferente dos outros personagens. Além disso, há a representação artística do que é ser tipicamente humano e que está relacionada ao desenvolvimento psicológico do protagonista.

Algumas das características comuns desse gênero são: a separação da casa paterna, a viagem em prol de uma educação formal, a atuação de mentores ou professores, o encontro com o meio artístico, o contato com a vida pública, a experiência profissional e a de um amor infeliz e um amor feliz. Além disso, o protagonista é bem intencionado e tem consciência de que passa por um processo de autodescobrimento. No entanto, tais características foram sofrendo mudanças ao longo dos séculos, acompanhando o processo de formação que se modificou em diferentes momentos históricos.

Ademais, o romance de formação é também considerado uma forma de protesto social, pois muitas vezes privilegia a experiência de um protagonista marginalizado e/ou oprimido. Quando esse protagonista tem dificuldade de refletir sobre sua identidade em um contexto que o oprime, o leitor tem a oportunidade de reavaliar as crenças ditadas por uma sociedade patriarcal. Dessa maneira, o romance muitas vezes insere o leitor em um contexto que ele não habita para fazê-lo refletir sobre questões sociais. As aventuras vivenciadas durante a jornada do protagonista podem ser vistas como uma busca do significado de sua existência, bem como um veículo para as crenças sociais e morais do autor da obra.

Em razão dessas características amplas e históricas, o *Bildungsroman* tornou-se um conceito difícil de ser delimitado. Sabemos que ele trata do processo de formação de um indivíduo. Porém, cada processo se dá de forma diferenciada, uma vez que se refere a distintos grupos, regras e costumes sociais nos quais o protagonista está inserido. A formação é resultado das vivências proporcionadas pelo mundo exterior e cada indivíduo passa por vivências distintas.

O *Bildungsroman* mostra-se, portanto, paradoxalmente, como um conceito facilmente identificável, em razão dos pressupostos extremamente datados que permeiam sua gênese, e ao mesmo tempo como um conceito de difícil apreensão, em virtude do processo de vinculação aos diferentes núcleos discursivos que dele se apropriam (MAAS, 2000, p. 263).

Outro aspecto importante é que há diferenças notáveis entre os romances de formação masculinos e femininos que serão abordadas nesta dissertação, cujo foco é o *Bildungsroman* feminino e como ele pode ser identificado nos romances de Austen, selecionados para esta pesquisa.

Como o século XIX foi uma época rica em romances, muitos romances de formação foram escritos. Além de Goethe, o *Bildungsroman* foi divulgado pelo filósofo idealista Wilhelm Dilthey. Também vários outros autores canônicos contribuíram para a propagação do *Bildungsroman* como, por exemplo, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, escrito por Mark Twain em 1884, e *David Copperfield*, de Charles Dickens, publicado em 1850. No Brasil, temos o clássico *O Ateneu*, de Raul Pompeia, escrito em 1888.

Finalizando este tópico, devemos realçar que o *Bildungsroman* não é um estilo de escrita exclusivamente masculino. Várias escritoras também fizeram uso dessa modalidade romanesca no século XIX. Como exemplos, citamos as irmãs Bronte e algumas de suas obras mais renomadas: *Jane Eyre* e *A Inquilina de Wildfell Hall*; Elizabeth Gaskell e sua produção mais consagrada, *Norte e Sul*, além dos romances de Jane Austen, principalmente *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, objeto maior desta pesquisa.

1.2 O BILDUNGSROMAN FEMININO

Uma das questões mais relevantes quando falamos do *Bildungsroman* feminino é a ausência de escritoras no século XVIII, quando do surgimento desse subgênero, e de personagens femininas como protagonistas. As definições tradicionais do *Bildungsroman* o consideram como a narrativa sobre o processo pelo qual o protagonista aprende a ser “homem”; uma narrativa sobre um jovem rapaz que descobre sua identidade e seu papel social por meio de várias experiências, como amor, amizade e circunstâncias difíceis. Não obstante, ao longo do tempo, diversas autoras tematizaram a formação de uma protagonista feminina, e vários fatores contribuíram para o desenvolvimento da escrita feminina.

Outro aspecto relevante é o fato de que o *Bildungsroman* foi capaz de transcender tempo e espaço, tornando-se um subgênero presente em contextos fora da Alemanha e em épocas posteriores:

A longevidade do *Bildungsroman* no contexto das literaturas europeias, e, mais recentemente, das literaturas americanas, só pode ser explicada por essa capacidade do conceito de se deixar apropriar pelas diferentes épocas histórico-literárias. Tal compreensão opõe-se a uma leitura do *Bildungsroman* como manifestação cristalizada e imutável no curso da história literária (MAAS, 2000, p. 207).

A ascensão da burguesia promoveu uma nova organização do trabalho, e isso fez com que as opções de trabalho para as mulheres fossem reduzidas, deixando-as basicamente restritas às funções domésticas, com maior disponibilidade de tempo para ler e escrever. Além disso, o romance ocasionou uma ruptura com o modelo clássico, e a liberdade formal era mais condizente com a educação limitada que as mulheres recebiam. Logo, o romance que também era (inicialmente e preconceituosamente) conhecido como “ficção doméstica” era um gênero com o qual as mulheres facilmente se identificavam, uma vez que ele retratava a vida no lar. Ademais, muitas mulheres escreviam por necessidade financeira.

Tratava-se de fenômeno inaudito num mundo em que as ‘belas letras’ haviam sido território quase exclusivo da pena masculina e de prova inequívoca de que as mulheres ocupavam de forma cada vez mais inegável a cena literária e se apropriavam de forma cada vez mais visível do novo gênero (VASCONCELOS, 2002, p. 103).

Com o passar do tempo, mais mulheres passaram a ser alfabetizadas e se tornaram capazes de contar suas próprias experiências. Mais tarde, quando inseridas no cenário capitalista, elas se tornaram parte do proletariado e adquiriram alguns direitos civis, como acesso à educação, emprego remunerado e direito ao voto. Essa mudança impactou a produção literária feminina, podendo-se dizer que a leitura e a escrita deram voz à mulher.

Todavia, a crença na inferioridade biológica e intelectual da mulher, que limitou seu conhecimento desde sempre, agora também se expressava no preconceito diante de sua escrita. Ser escritora era visto como uma forma de desvio em relação ao próprio sexo, o que fez com que muitas mulheres publicassem suas obras de forma anônima. Entretanto, a escrita de romances por autoras mulheres foi mais do que uma necessidade de distração; foi uma busca de independência financeira, instrumento de expressão e, até mesmo, de denúncia da situação de muitas mulheres. Como afirma Virginia Woolf em *Um Teto Todo Seu* (1929),

[...] para o término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria mais integralmente e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas. A mulher da classe média começou a escrever (WOOLF, *apud* VASCONCELOS, 2002, p. 108).

Embora esse subgênero tenha sido escrito por ambos os sexos, os respectivos processos de formação se dão de forma diferenciada. No *Bildungsroman*, as experiências devem ser completamente vivenciadas, pois somente assim seus protagonistas podem passar pelo processo de formação. Contudo, a aprendizagem da protagonista mulher se restringia à preparação para a realização dos afazeres domésticos. Seu desenvolvimento se dava de modo

a prepará-la para o casamento, a maternidade e o lar. Quando se tratava de uma heroína, esperava-se que ela fosse levada por suas emoções e sentimentos e que não julgasse as experiências vividas, pois se assim o fizesse, perderia sua inocência, e esse era um valor que a constituía como mulher.

Não é de admirar, portanto, que os *Bildungsromane* femininos do século XVII apresentem uma protagonista que não sofre modificação, cuja única experiência é aprender, mais ou menos mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade, e que não empreende nenhuma reflexão digna de nota sobre o que aprende. Afinal, esta é a maneira pela qual elas poderiam atravessar uma trajetória, supostamente de aprendizado, intocadas (SCHWANTES, 2007, p. 3).

Em razão disso, houve a crença de que mulheres não podiam escrever um romance de formação em virtude de sua condição e impossibilidade de alcançar a mesma independência de que os homens podiam usufruir, tanto intelectual como econômica, sexual e vocacional. Todavia, foi justamente a diferença social entre os sexos, em qualquer período da história, que tornou o sexo feminino essencial e relevante para o *Bildungsroman*. Por meio dele, abriu-se uma janela para a vida da mulher representada na literatura:

Ao narrativizar a formação de uma identidade minoritária, o romance de aprendizagem torna-se um veículo por excelência das ideias de igualdade e justiça social típicas da Idade Moderna, ao mesmo tempo que discute e critica as práticas sociais em voga. Por este motivo, tanto as escritoras irão recorrer ao gênero para tentar dar uma expressão literária à experiência feminina quanto as teóricas feministas [...] irão se dedicar ao estudo dos romances de formação femininos (SCHWANTES, 1998, p. 25).

Susan J. Rosowski propõe uma distinção entre o *Bildungsroman* masculino e o feminino: o masculino configura-se como uma *apprenticeship novel*, ou seja, um “romance de aprendizagem”, no qual o herói se desenvolve a partir de suas vivências no mundo exterior.

O *Bildungsroman* ou romance de aprendizagem é definido pelo seu tema. É um romance que reconta a juventude e a masculinidade de um protagonista sensível que busca aprender sobre a natureza do mundo, descobrir o seu significado e o seu modelo, e adquirir uma filosofia de vida e ‘a arte de viver’ (ROSOWSKI, 1983, p. 49)⁵.

Já o feminino é denominado *the novel of awakening*, ou seja, “o romance do despertar”. Nesse, “o crescimento da protagonista não resulta tipicamente da ‘arte de viver’, como para o herói masculino, mas sim através da percepção de que essa arte de viver é difícil ou impossível: é um despertar para suas limitações” (ROSOWSKI, 1983, p. 49)⁶.

⁵Tradução minha. Original: The Bildungsroman or apprenticeship novel is defined by its theme. It is a novel which recounts the youth and young manhood of a sensitive protagonist who is attempting to learn the nature of the world, discover its meaning and pattern, and acquire a philosophy of life and ‘the art of living’ (ROSOWSKI, 1983, p. 49).

⁶Tradução minha. Original: “The protagonist’s growth results typically not with ‘an art of living’, as for her male counterpart, but instead with a realization that for a woman such an art of living is difficult or impossible: it is an awakening to limitations” (ROSOWSKI, 1983, p. 49).

Essa proposta de Rosowski indica uma semelhança entre o *Bildungsroman* feminino e o masculino, uma vez que ambos retratam protagonistas sensíveis que buscam aprender e se desenvolver, ao adquirirem uma filosofia de vida. Contudo, a protagonista feminina devia aprender isso como mulher. Ela buscava significados em uma vida definida pelo matrimônio, e seu processo de formação se daria em seu mundo interior, já que sua vivência era limitada ao lar. Quando confrontada com sua realidade, ela despertaria para suas limitações. Encontrar um valor em uma sociedade que restringia a mulher era o maior dilema na formação feminina.

Todas as protagonistas buscam valor em um mundo que espera que a mulher seja definida pelo amor, casamento e maternidade. Para cada uma delas, um senso de valor pessoal interior e imaginário entra em conflito com o seu papel público: um despertar ocorre quando ela confronta essa disparidade entre suas duas vidas (ROSOWSKI, 1983, p. 68)⁷.

Enquanto o homem procurava a liberdade para escolher sua vocação, um trabalho e um modo de vida que lhe garantisse autonomia, a mulher procurava a liberdade na vocação que já lhe era predeterminada, isto é, a vocação de esposa e mãe. Logo, ela não teria condições de se desenvolver como um ser humano nesse contexto histórico e biológico.

Annis Pratt (1972) afirma que tal contexto implicava um autossacrifício, já que o casamento consistia em uma série de partos e abortos espontâneos, crianças para criar, doenças, dependência masculina e até mesmo morte prematura. Tudo isso equivalia ao produto de uma sociedade patriarcal.

Essa autora ainda propõe uma relação entre a mulher e a natureza. Em sua opinião, a mulher era subordinada ao homem, que exercia poder sobre ela, bem como sobre a natureza. Contudo, ao ser vista como o “outro”, a mulher transformava-se em desconhecido, podendo tornar-se imprevisível e, até mesmo, perigosa, da mesma forma que a natureza.

Desse modo, havia protagonistas que adquiriam um papel social e um lugar no mundo exterior por meio do casamento de mútuo respeito e amor, ou seja, quando ambos eram iguais. Foi o que aconteceu nos romances de Jane Austen e em outros romances, como *Middlemarch*, de George Eliot, e *Retrato de uma Senhora*, de Henry James.

[...] Dorothea Brooke representa as mulheres em outros romances do despertar – Elizabeth Bennet, Emma Woodhouse, Isabel Archer – que são capazes de realizar esse movimento duplo, tanto em uma auto descoberta interior como cujo despertar as tornam conscientes sobre suas limitações e cujas conquistas são medidas pelas adaptações aos seus papéis como mulheres. Muitas, como Dorothea, encontram

⁷Tradução minha. Original: All present protagonists seek value in a world that expects a woman to define herself by love, marriage, and motherhood. For each, an inner, imaginative sense of personal value conflicts with her public role: an awakening occurs when she confronts the disparity between her two lives (ROSOWSKI, 1983, p. 68).

extensão para o mundo através do casamento no qual marido e mulher se respeitam e se amam (ROSOWSKI, 1983, p. 67)⁸.

Pode-se dizer que muitas autoras do *Bildungsroman* feminino contribuíram para a crença de que tais problemas pudessem ser resolvidos. Essa utopia derivava do que era negado à mulher na vida real. Nesses romances otimistas do século XIX, as heroínas ganhavam liberdade para desenvolver seu processo de formação, o que (in)felizmente não acontecia com a maioria de suas leitoras.

Ao tratar do Pós-Estruturalismo e de suas oposições binárias, Terry Eagleton (2006) ressaltou a oposição entre homens e mulheres. Para ele, a mulher é excluída do regimento social dominado pelos homens e, por meio disso, ele busca afirmar sua suposta superioridade.

A mulher é o oposto, o ‘outro’ do homem: ela é o não homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor, sobretudo negativo em relação ao princípio primeiro masculino. [...] A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança essencial daquilo que ele é. Assim, o homem precisa desse outro, mesmo que o despreze, e é obrigado a dar uma identidade positiva àquilo que considera como não coisa, como nada. Não só o seu próprio ser depende parasitariamente da mulher, e do ato de excluí-la e subordiná-la, mas também uma razão pela qual tal exclusão é necessária está no fato de que a mulher pode, afinal de contas, não ser um outro assim tão diferente. Talvez ela represente um signo de alguma coisa no homem que ele precisa reprimir, expulsar para além de seu próprio ser, relegar a uma região seguramente estranha, fora de seus próprios limites definitivos (EAGLETON, 2006, p. 199-200).

Outra evidente distinção entre o *Bildungsroman* masculino e o feminino é a idade dos protagonistas. Enquanto no *Bildungsroman* tradicional, o processo de formação inicia na infância ou na adolescência do protagonista, no romance feminino, esse processo frequentemente inicia na fase adulta, quando a mulher está apta para o matrimônio. Isso acontece porque o processo de formação feminino é voltado para cumprir funções sociais predeterminadas. Para ela, não há possibilidade de seguir uma vocação que não seja relacionada à domesticidade. Como afirma Simone de Beauvoir, o papel da mulher é esperar.

A mulher é a Princesa Adormecida, a Cinderela, a Branca de Neve, a que recebe e é submissa. Na música e na história, um jovem homem é visto partindo aventureiramente em busca de uma mulher, ele mata o dragão e luta contra gigantes. Ela é trancada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna; ela é acorrentada à uma pedra, uma cativa, aquela que dorme e espera (BEAUVOIR, *apud* HIRSCH, 1983, p. 23)⁹.

⁸Tradução minha. Original: Dorothea Brooke is representative of women in other novels of awakening – Elizabeth Bennet, Emma Woodhouse, Isabel Archer – who are capable of dual movement, both inward to self-knowledge and outward, toward awareness of social, ethical, and philosophical truths, but whose awakenings are to limitations and whose achievements are measured by their adjustments to their role as women. Many, like Dorothea, find extension to the world through marriage to a man whom they both respect and love (ROSOWSKI, 1983, p. 67).

⁹Tradução minha. Original: Woman is the Sleeping Beauty, Cinderella, Snow White, she who receives and submits. In song and story the young man is seen departing adventurously in search of a woman, he slays the dragon, he battles giants, she is locked in a tower, a palace, a garden, a cave, she is chained to a rock, a captive, sound asleep, she waits (BEAUVOIR, *apud* HIRSCH, 1983, p. 23).

A vida feminina é estática, sendo oposta ao que o *Bildungsroman* prega, pois diferentemente do protagonista masculino, a protagonista feminina não explora o mundo, estando sempre reclusa ao lar. O sono tão presente nos contos de fadas é símbolo dessa reclusão e, ao invés de explorar o mundo afora, a heroína é excluída, cabendo a ela explorar a si mesma, seu mundo interior. É dessa forma que ela constrói seu *Bildung* e consegue desenvolver seu lado espiritual, emocional e moral. No entanto, ela não consegue se desenvolver totalmente. Como pode ser identificado nos contos de fada, o sono das heroínas é interrompido pela chegada de um príncipe que a desperta para a vida adulta, ou seja, para o casamento. É por meio dele que ela adquire um espaço social, embora seu papel seja de submissão, uma vez que seu dever é atender sua nova organização, uma família com marido e filhos. Ela pode sonhar tanto que quiser, mas sua primeira preocupação é o dever para com a sua família. De acordo com Susan Fraiman, a figura masculina instrui a mulher a aceitar essa incumbência, e sua educação se dá em função do papel de servir e não de tornar-se alguém.

No próprio romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, as figuras femininas são fracas e zelam pelos homens, sendo até mesmo vítimas da inconstância masculina. São poucas as personagens que desenvolvem independência da figura masculina e, quando o fazem, é porque se isolam da vida social:

As mulheres no romance, sejam como as fracas Mignon e Aureli, ou as mais fortes como Therese e Nathalie, são cuidadoras dos homens, mães carinhosas, ou vítimas da inconstância masculina. Exceto pela misteriosa e espirituosa Philine, nenhuma menos a *Beautiful Soul* desenvolve um senso de força e independência. E ela só pode fazê-lo ao negar o papel reservado para ela e ao se afastar de qualquer contato social (HIRSCH, 1983, p. 23)¹⁰.

Sob outra perspectiva, alguns romances de fato retratavam o processo de formação de uma protagonista feminina. No entanto, ele culminava em fracasso, pois a única possibilidade de existência da mulher se encontrava no âmbito do lar, do matrimônio e da maternidade. Nesses romances, quando saía desse espaço para se autorrealizar e seguir uma vocação, bem como sua vontade própria, ela ameaçava o *status quo* e acabava reclusa, enlouquecia ou cometia suicídio, como aconteceu em *Madame Bovary*. Assim, cabia à mulher essa representação literária passiva, dependente e submissa, o que a tornava incapaz de se desenvolver profundamente.

Segundo as expectativas que a sociedade tinha em relação à mulher, portanto, seu ‘aprendizado’ se daria dentro de um espaço bem delimitado. O ‘mundo exterior’ responsável pela formação do herói do *Bildungsroman* seria, no caso da protagonista

¹⁰Tradução minha. Original: The women in the novel, whether the weak Mignon and Aureli, or the Strong Therese and Nathalie, are either caretakers of men, nurturing mothers, or the victims of male inconsistency. Except for the mysterious free spirit Philine, none but the Beautiful Soul develops a sense of strength and independence. Yet she can do so only by negating the roles reserved for her and by withdrawing from all social intercourse (HIRSCH, 1983, p. 23).

feminina, os limites do lar e da família, não havendo margem para o seu crescimento interior (PINTO, 1990, p. 13).

Para algumas autoras, o suicídio visto como punição, na verdade, era uma libertação dos limites sociais impostos. Nesse caso, a morte e a loucura podem ser interpretadas como um meio de rejeitar esses limites. Essa característica representa uma das ambiguidades presentes nos romances de autoria feminina.

O romance feminino sempre manifestou o desejo de estimular a reforma dos costumes e quase todos eles, depois da década de 1740, podem ser qualificados de didáticos, seja porque tencionassem inculcar nas mulheres o senso de suas obrigações e virtudes, seja porque visassem denunciar seu estado de sujeição e dependência e sua vulnerabilidade (VASCONCELOS, 2002, p. 111).

Essa ambiguidade, aliás, é representativa da que ocorre fora da ficção, isto é, na realidade. Muitas mulheres escritoras foram reconhecidas somente após sua morte, sendo que muitas foram esquecidas. Virginia Woolf ilustrou essa situação ao criar a fictícia biografia de Judith Shakespeare, a irmã do bardo, no ensaio *Um Teto Todo Seu*. Por meio da personagem, ela relatou a dificuldade de fazer-se escritora devido a seu sexo. No final de sua triste e penosa jornada, Judith se tornou a poeta que nunca se erguera da prisão de seu túmulo. Como explicou Woolf (1985, p. 65), “qualquer mulher nascida com grande talento no século 16 teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminaria seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada”.

Deve-se considerar também que o fracasso dentro do *Bildungsroman* feminino pode estar relacionado à posição de suas autoras. Isso sugere uma aceitação das normas sociais pelas escritoras que utilizavam sua escritura como forma de instrução. Essa hipótese indica que havia uma aceitação do papel social imposto à mulher. Para Cristina Ferreira Pinto,

essas obras serviam como modelos exemplares na formação das leitoras, cumprindo assim a função didática característica do ‘romance de aprendizagem’. Se o destino dessas personagens, aos olhos do público hoje, parece ter sido interrompido, ‘truncado’, na época estava simplesmente em conformidade com o ideal feminino estabelecido (PINTO, 1990, p. 17).

Ao mesmo tempo em que escreviam suas histórias dentro dos moldes sociais estabelecidos, muitas autoras utilizavam recursos narrativos para criar ambiguidades e expor seus protestos de maneira disfarçada. O *dual plotting* ou palimpsesto é uma das características mais marcantes do *Bildungsroman* feminino, pois parece dizer algo quando na verdade se afirma o oposto. Obviamente, por muito tempo, essa peculiaridade foi ignorada pelos críticos, que procuravam apresentar uma leitura socialmente aceitável desses romances. Tal especificidade pode ser observada nas obras de autoras canônicas, como Jane Austen.

Se Jane Austen ou Emily Bronte são aplaudidas pelos críticos seus contemporâneos, é porque elas conseguem aproximar-se bastante do padrão literário estabelecido, ao mesmo tempo em que, aparentemente, não ultrapassam os limites que se colocam à mulher que escreve (PINTO, 1990, p. 22).

Esse “caráter feminino” apresenta uma reflexão sobre a condição de existência da mulher, bem como sobre sua necessidade de ser reconhecida como sujeito e não como objeto. Por isso, o processo de formação feminino é fortemente atrelado a questões sociais, históricas e econômicas que são conteúdos abordados e discutidos nas obras de Austen, que adotou registros realistas em suas obras. Ao narrar um determinado processo de aprendizado, tais obras ajudam outras mulheres a construir seu próprio *Bildung*. Apesar disso, a ideia de uma “escrita feminina” foi por muitos considerada como utópica e até mesmo rejeitada por críticos, para os quais não deveria haver distinção entre a escrita do homem e a da mulher, já que tal distinção afirmava uma desigualdade, ao invés de apagá-la.

Enquanto a pena masculina devia ser instrumento do discurso racional, da escritora se exigia que fosse apaixonada e espontânea, que escrevesse a partir de um ponto de vista pessoal e que suas palavras fluíssem diretamente do coração, o que denuncia a vigência, também na escrita, do duplo padrão que vigorava na relação entre os sexos (VASCONCELOS, 2002, p. 110).

Como vimos, o romance de formação feminino se diferencia do modelo tradicional principalmente no desenlace da história. No *Bildungsroman* masculino, o herói alcança a integração social almejada, enquanto a heroína, em alguns casos, fracassa e termina impossibilitada de fazer parte de seu grupo social. Todavia, a “escrita feminina” também pode utilizar uma narrativa originalmente masculina para revertê-la a seu favor. “O *Bildungsroman* feminino é uma forma de realizar essa dupla revisão literária e histórica, pois utiliza um gênero tradicionalmente masculino para registrar uma determinada perspectiva, normalmente não levada em consideração, da realidade” (PINTO, 1990, p. 27).

Como acrescenta Pinto (1990, p. 26), “o feminino representa a expressão do que tem sido sempre subjugado, silenciado, colocado em uma posição secundária em termos culturais”. Por sua vez, Jane Austen revolucionou a literatura ao criar protagonistas capazes de refletir e de julgar os acontecimentos de suas vidas, passando por uma mudança interior significativa, além de um processo de autoconhecimento. Atravessavam, assim, uma trajetória essencialmente de aprendizado.

Averiguamos então que, no conceito tradicional, os romances retratam o processo de formação de protagonistas masculinos, lidando com questões filosóficas e amorosas, além da educação e da vocação para o trabalho do jovem personagem. Já na vertente feminina, encontramos mulheres protagonistas com um processo de formação diferenciado o que, segundo Maas (2000, p. 248), reclama “para si uma subversão das características determinantes do conceito tradicional”. Pinto (1990, p. 32), por sua vez, registra que “o *Bildungsroman* contribui hoje para a afirmação da individualidade da mulher e para a

realização de seus anseios, assim como para a formação de uma sociedade onde isso possa concretizar-se”. Ou, alternativamente, conforme Maria Alessandra Gabialti,

Não há uma ruptura total daquilo que Dilthey estabeleceu como paradigma de um *Bildungsroman*, mas também, não há uma reprodução fiel. Há, na verdade, uma adaptação do processo de formação da protagonista, de acordo com seu meio social, conhecimentos e circunstâncias necessários, além das condições de produção e recepção da obra (GABIALTI, 2011, p. 1723).

Da mesma forma que há divergências em relação ao *Bildungsroman* tradicional, o romance de formação feminino também enfrenta embates na área acadêmica. Nesse sentido, Schwantes (1998) faz referência a leituras críticas:

Growing up Female, de Bárbara White, que afirma que o *Bildungsroman* é a forma mais popular de ficção feminista; Ellen Morgan (*Humanbecoming*) crê que o *Bildungsroman* feminino é uma reescritura de um gênero que, até nosso século, foi quase exclusivamente masculino; Esther Labovitz vê o surgimento do *Bildungsroman* feminino como sinal dos tempos, e enfatiza a educação formal, por que é a partir do acesso a ela que passam a haver *Bildungsromane* femininos. Bonnie Hoover Braedelin, por outro lado, argumenta que o romance de aprendizagem feminino difere do masculino tanto em tema quanto em estrutura; Elaine Martin diz que o *Bildungsroman* masculino é linear enquanto o feminino é vertical; Elaine Baruch pensa que o *Bildungsroman* feminino não foi escrito ainda, e Annis Pratt afirma que as meninas “decresem” (ao invés de amadurecerem e ingressarem na vida adulta) (SCHWANTES, 1998, p. 17-18).

Em suma, a principal característica do *Bildungsroman* é a de narrar o processo de formação de um/a protagonista com o objetivo de inseri-lo/a na sociedade. Vale ressaltar a necessidade de reconhecimento do *Bildungsroman* feminino, cujo foco é descrever o processo de formação de uma heroína, além de proporcionar a visibilidade da mulher como escritora na história da Literatura. Foi a partir do século XIX que a escrita feminina se desenvolveu, e esse reconhecimento se deu no decorrer da crítica feminista do século XX. Como afirma Terry Eagleton (2006), a teoria literária é uma visão da história de uma época, ou seja, está ligada às crenças políticas e às ideologias de um determinado período. E, ao ganhar maior visibilidade, a mulher passou a fazer parte do cânone literário.

A seguir, caracteriza-se a época em que Jane Austen viveu e são abordados os romances selecionados para esta pesquisa.

1.3 BYA LADY

Para esclarecer alguns aspectos da obra de Austen, será necessário considerar a época e o lugar de sua fala, lugar de uma jovem mulher de classe média que observa o mundo de dentro do confinamento de seu gênero e dos – limitados – privilégios de classe de que goza.

Jane Austen é uma figura rara, pois sua obra é admirada tanto pela crítica, quanto por seus leitores. Sobre sua vida, há fatos constatados e especulações. Parte desses fatos é

proveniente de documentos históricos, como os registrados em igrejas; outros vêm de biografias escritas por seus familiares – nem todos a conheceram – e cartas, sendo que a maioria delas foi queimada após sua morte, por sua irmã Cassandra. Ao longo dos anos, biógrafos teceram hipóteses e especulações sobre ela, mas até hoje não se conhece “a verdadeira Jane Austen”.

Do que se sabe dos registros, Jane Austen nasceu em Steventon, um pequeno vilarejo da Inglaterra, em 1775. Seu pai, George Austen, era reverendo da igreja local, além de professor, e sua mãe, Cassandra Austen, cuidava dos afazeres da casa. Sua família pertencia à classe média, mas enfrentava dificuldades financeiras. Austen morou em outras cidades, como Bath, Southampton e Chawton, e desde pequena escrevia histórias e peças teatrais que entretinham sua família. Ela faleceu em 1817, aos 41 anos de idade, sem nunca ter se casado. Embora não se saiba exatamente a causa de sua morte, acredita-se que ela foi acometida pelo mal de *Addison*, doença na qual a produção insuficiente de hormônios leva a pessoa à morte. Seu corpo foi sepultado na Catedral de Winchester e, em seu epitáfio, há a descrição de uma cristã devota e afetuosa: “A benevolência de seu coração, a doçura de seu temperamento e os dotes extraordinários de sua mente ganharam a consideração de todos que a conheciam”¹¹. Curiosamente, não há menção a sua atividade como escritora. Se isso pode parecer um descaso por um lado, por outro, foi uma honraria, pois Jane foi a única da família a receber uma homenagem em seu túmulo. Todos os outros membros da família receberam apenas o nome, a data de nascimento e de falecimento em suas lápides.

Alguns eventos de sua vida também foram considerados fatos ao longo do tempo e até mesmo romantizados em livros e filmes. Por exemplo: Austen teria aceito uma proposta de casamento de Harris Bigg-Wither, irmão de duas de suas amigas, mas, no dia seguinte, arrependeu-se e recusou o pedido, pois se se casasse, não poderia mais ser escritora. Após sua morte, a família soube de um rapaz pelo qual ela se apaixonou em uma viagem a Devon, mas ele infelizmente faleceu de forma abrupta. Além disso, muitos concordam com a ideia de que o grande amor de sua vida foi Tom Lefroy, sobrinho de uma de suas amigas.

Janet Todd, acadêmica e autora britânica especialista em Austen, afirma que da mesma forma que há várias interpretações para suas obras, há diferentes entendimentos sobre a autora. No século XIX, Jane Austen foi considerada uma dama solteira e devota que passava a maior parte do seu tempo em casa ou em visitas familiares. Já no século XX, quando a crítica

¹¹Tradução minha. Original: “The benevolence of her heart, the sweetness of her temper, and the extraordinary endowments of her mind obtained the regard of all who knew her” (*in* Jane Austen’s Memorial in Winchester Cathedral. Disponível em: www.austenonly.com).

feminista estava florescendo, ela foi considerada uma escritora profissional, mas reprimida diante das circunstâncias de sua época. Na atualidade, além de ser vista como uma escritora profissional, ela é tida até mesmo como terapeuta. Para Todd, “há várias imagens de Jane Austen, assim como há vários leitores” (TODD, 2013, p. 5)¹².

Descobrir o caráter da “verdadeira Jane Austen” não é objeto desta pesquisa, mas buscar entender sua vida e seu contexto histórico auxilia a compreensão de suas obras. Os romances de Austen exploram muitas verdades sobre a natureza humana. Em uma época na qual a voz da mulher lutava para ser ouvida, sua ironia e humor fizeram com que seus livros se tornassem parte do cânone literário. Austen escreveu seis romances: *Razão e Sensibilidade*, *Orgulho e Preconceito*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Northanger Abbey* e *Persuasão*, além de vários contos. Há ainda *Sanditon*, livro inacabado. Sua obra foi publicada de forma anônima, e seu reconhecimento só se deu de fato após sua morte. Seu romance mais famoso é *Orgulho e Preconceito*, publicado em 1813.

Orgulho e Preconceito foi o segundo romance de Austen a ser publicado. O primeiro foi *Razão e Sensibilidade*, impresso em 1811. Ambos os livros, assim como todos os outros romances da autora, publicados durante sua vida, foram assinados de forma anônima com a expressão *by a lady*, que em português pode ser traduzido como “por uma dama”. Seu nome somente apareceu em seus livros após sua morte.

Na época de Austen, ser escritora era uma ocupação vetada às mulheres. Em razão disso, a maioria preservava sua reputação ao publicar seus romances de forma anônima. Mary Brunton (1778-1818), romancista escocesa, uma vez escreveu: “Ser apontada, notada e falada – ser suspeita de ser escritora – ser evitada como as mulheres escritoras são... Minha querida, eu preferiria me exibir como uma dançarina de corda” (BRUNTON, *apud* IVINS, 2011, p. 11)¹³.

Poucas autoras assinavam seus livros. Ann Radcliffe (1764-1823), escritora inglesa, pioneira do romance gótico, exerceu uma forte influência sobre a obra de Jane Austen. Dois de seus romances, *The Castle of Udolpho* (1794) e *The Italian* (1797), foram inclusive citados em *Northanger Abbey* (1817), último romance publicado de Austen. Diferentemente de Mary Brunton e Jane Austen, Radcliffe publicava seus livros com seu próprio nome. Contudo, como ela era casada, todo o dinheiro que recebeu foi repassado a seu marido, afinal, exatamente por ser casada, ela estava sob o abrigo do patriarcado e acima de qualquer suspeita.

¹²Tradução minha. Original: “there are as many images as there are readers” (TODD, 2013, p. 5).

¹³Tradução minha. Original: “To be pointed at – to be noticed & commented upon – to be suspected of literary airs – to be shunned, as literary women are... My dear, I would sooner exhibit myself as a rope dancer” (BRUNTON, *apud* IVINS, 2011, p. 11).

Para a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, não era apropriado que uma mulher buscasse fama, dinheiro e uma carreira profissional. Por isso, muitas mulheres eram desencorajadas por seus maridos e familiares. Jane Austen teve a sorte de ter o apoio de sua família. Seu pai dava-lhe acesso livre a sua biblioteca e, uma vez, a presenteou com uma mesa para escrever. Além disso, tentou publicar o primeiro livro da filha. Após a morte do pai, um de seus irmãos, Henry Austen, auxiliou Jane na publicação de seus romances.

A família Austen sabia a identidade da autora daqueles romances publicados “por uma dama”, muito para seu divertimento. Os membros da família deleitavam-se quando os amigos comentavam sobre sua obra. Henry Austen, por exemplo, não conseguia conter-se quando via alguém elogiando *Orgulho e Preconceito* e deixava escapar que sua irmã era a autora daquele livro tão apreciado.

A seguir, faremos uma análise desse romance segundo os preceitos da *Close Reading*. De acordo com David Schur (1999, p. 2), essa técnica consiste em uma leitura “rígida, investigativa e detalhista, permanecendo o mais próxima possível do texto”¹⁴. Segundo ele, o leitor deve encontrar evidência textual para tirar suas conclusões. Deve-se realizar uma leitura micro e macroscópica, para ser possível apreender o significado e o contexto de uma obra.

A *Close Reading* é uma técnica que nos permite a compreensão rica de um determinado texto. Uma única leitura ou uma leitura casual não são suficientes para perceber os detalhes que uma obra pode oferecer. Por isso, essa técnica permite ver sob a superfície; o que está de certa forma “escondido”. Ao descobrir e identificar elementos que estão implícitos no texto e torná-los explícitos, é possível apreender seu significado. De acordo com Schur,

A perspectiva literária dá atenção especial aos detalhes verbais. Isso ocorre, porque a história de *Hamlet* – que pode ser contada em um parágrafo – não é a história completa; um resumo de *Orgulho e Preconceito* é mais do que o simples restante de uma soma; e uma paráfrase de *The Waste Land* seria nada como o poema em si (SCHUR, 1999, p. 4)¹⁵.

Na medida em que a interpretação se torna elaborada, incorporando evidências textuais e levando em conta o contexto da obra, a coerência se torna visível. Com essa metodologia, o leitor se submete ao texto, sendo guiado por ele. Schur afirma que há diversas maneiras de ler um texto, bem como há vários leitores, e que a técnica da *Close Reading* é difícil, pois nos desafia a nos ater a detalhes facilmente despercebidos e a refletir sobre eles. Segundo Schur,

¹⁴Tradução minha. Original: “strict, searching, and minute; it remains close or near to the text” (SCHUR, 1999, p. 2).

¹⁵Tradução minha. Original: The literary perspective gives verbal particulars special attention. That is because the story of *Hamlet* – which could be jammed into a paragraph – is not the whole story; a summary of *Pride and Prejudice* is more of a remainder than a sum; and a paraphrase of *The Waste Land* would be nothing like the poem itself (SCHUR, 1999, p. 4).

Primeiramente, uma leitura rápida é insuficiente. O significado imediato e explícito de um texto (talvez a sua história ou moral) e a sua estrutura são pontos iniciais para uma interpretação. Além disso, não há nada *simplesmente* retórico. Ignorar *como* um texto é formulado ou articulado é como ler de olhos vendados. Por último, não existe uma interpretação única ou correta. Uma leitura não é uma resposta comprovada. Pelo contrário, as leituras são melhores ou piores de acordo com o quão convincentes, compreensíveis e intelectualmente envolventes elas são” (SCHUR, 1999, p. 5)¹⁶.

Buscaremos realizar uma leitura atenta e minuciosa de *Orgulho e Preconceito* e identificar elementos do *Bildungsroman* presentes nele.

¹⁶Tradução minha. Original: First, a straightforward reading is insufficient. A text's immediate, explicit meaning (its story or moral, perhaps) and its structure serve as starting points for further interpretation. Second, there is no such thing as *mere* rhetoric. Ignoring *how* a text is formulated or articulated is like reading with blinders on. Third, there is no one single, correct interpretation of a text. A reading is not a verifiable answer. Instead, readings are better or worse according to how convincing, comprehensive, and intellectually engaging they are (SCHUR, 1999, p. 5).

Capítulo 2

ORGULHO & PRECONCEITO

“Até agora, eu não conhecia a mim mesma.”

*Orgulho e Preconceito*¹⁷

2.1 UMA VERDADE UNIVERSALMENTE CONHECIDA

Em 1797, aos vinte anos de idade, Jane Austen havia terminado de escrever seu primeiro livro intitulado *Primeiras Impressões*. Seu pai, então, entregou o manuscrito para Thomas Cadell, famoso editor de Londres, que o rejeitou. Austen revisou seu manuscrito (supostamente narrado de forma epistolar) e, em 1813, ele foi publicado como *Orgulho e Preconceito* por outro editor londrino, Thomas Egerton. Acredita-se que Austen mudou o título, porque, nessa época, havia um livro chamado *Primeiras Impressões*, escrito por Margaret Holford. Austen teria tido em mente o último capítulo de *Cecília: or Memoirs of an Heiress* (1782), um dos romances de sua escritora favorita, Francis Burney, no qual o personagem Dr. Lyster afirmava que os eventos vivenciados no livro foram “resultado de orgulho e preconceito” e que “ao orgulho e preconceito você deve suas misérias, tão maravilhosamente são o bem e o mal equilibrados, que ao orgulho e preconceito você também deverá o seu fim” (BURNEY, 1782, s.p.)¹⁸.

A recepção do livro foi bastante positiva, e Austen chegou a receber resenhas favoráveis que contribuíram para a venda de seu segundo romance. Como afirma Worsley,

Orgulho e Preconceito teve um excelente número de vendas, impulsionadas por resenhas. *The Critical Review* em março de 1813 elogiou o romance pelo delineamento de suas cenas domésticas. Além disso, também foi afirmado que não há um personagem que pareça raso, ou que force sua presença para chamar a atenção do leitor de forma impertinente (WORSLEY, 2017, p. 479)¹⁹.

Até mesmo a brilhante Annabella Milbanke, que mais tarde se casou com Lorde Byron, elogiou *Orgulho e Preconceito* por ele evitar “os recursos comuns dos escritores de romances, sem afogamentos, sem conflagrações, ou cavalos que fogem, nem cachorrinhos no colo e papagaios, nem camareiras e modistas, nem encontros negativos e disfarces. Eu

¹⁷AUSTEN, 2009, p. 220.

¹⁸Tradução minha. Original: “the result of pride and prejudice [...] to pride and prejudice you owe your miseries, so wonderfully is good and evil balanced, that to pride and prejudice you will also owe their termination” (BURNEY, 1782, s.p.).

¹⁹Tradução minha. Original: *Pride and Prejudice* had terrific sales, helped by more reviews. *The Critical Review* in March 1813 praised the novel for the ‘delineation of domestic scenes. Nor is there one character which appears flat, or obtrudes itself upon the notice of the reader with troublesome impertinence’ (WORSLEY, 2017, p. 479).

realmente acho que é a ficção mais realista que eu já li” (MILBANKE, *apud* WORSLEY, 2017, p. 481)²⁰,

A primeira frase de *Orgulho e Preconceito* é uma das mais famosas na literatura inglesa: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa” (AUSTEN, 2009, p. 5). Essa frase é apresentada sem nenhum contexto previamente estabelecido e por uma voz desconhecida. Trata-se de uma afirmação enfática, sugerindo ao leitor que não há dúvidas em relação a sua veracidade. Essa é uma técnica que fora utilizada anteriormente para tratar de assuntos polêmicos, como se pode ver no seguinte trecho:

“É uma verdade universalmente reconhecida”, insiste John Shebbeare em um panfleto político de 1756, “que o Canadá é a única parte [dos domínios exteriores da França] que pode custear os Requisitos”. Ou ainda, declara Anna Laetitia Barbauld em um tratado religioso de 1792, que rezar por benefícios como saúde pode ser “uma verdade... universalmente reconhecida pelos Cristãos”. Esta é uma convicção pessoal em alto tom, retoricamente exagerada e transformada em uma verdade absoluta (KEYMER, 2013, p. 1)²¹.

Worsley também ressalta que a afirmação mais famosa de *Orgulho e Preconceito* é a “filha” de uma frase escrita por Burney: “É uma sabedoria recebida entre casamenteiros que uma jovem dama sem fortuna tem cada vez menos chances de escapar de uma punição em cada aparição pública” (BURNEY, *apud* WORSLEY, 2017, p. 230-231)²².

Jane Austen utilizou essa técnica para apresentar a suposta verdade universal de *Orgulho e Preconceito*. Ao fazer isso, introduziu o tema que será abordado ao longo da história, ou seja, o casamento. Um dos traços mais marcantes da escrita de Austen é sua ironia, presente já na primeira frase do livro. Ela faz uma brincadeira e, na realidade, essa “verdade” universal representa uma crença local, como podemos ver no parágrafo posterior:

Embora pouco conhecidos talvez sejam os sentimentos ou opiniões de tal homem quando ele adentra, pela primeira vez, em uma vizinhança, essa verdade está tão fixada nas mentes das famílias ao seu redor que ele é considerado a propriedade de direito de alguém ou de uma de suas filhas (AUSTEN, 2009, p. 5).

Logo, pode-se inferir que um cavalheiro solteiro e rico chegará ao condado e que as mães da região ficarão ansiosas para vê-lo se casar com uma de suas filhas. Na sociedade dos

²⁰Tradução minha. Original: “the common resources of novel writers, no drownings, no conflagrations, nor runaway horses, nor lap-dogs and parrots, nor chambermaids and milliners, nor recontres and disguises. I really think it is the most probable fiction I have ever read” (MILBANKE, *apud* WORSLEY, 2017, p. 481).

²¹Tradução minha. Original: ‘It is a Truth universally acknowledged,’ insists John Shebbeare in a political pamphlet of 1756, ‘that *Canada* is the only part [of France’s overseas dominions] which can afford these Requisites’. Or again, declares Anna Laetitia Barbauld in a religious tract of 1792, that prayer for advantages such as health may be impious ‘is a truth... universally acknowledged by all Christians’. This is personal conviction in loud mode, rhetorically inflated into absolute truth (KEYMER, 2013, p. 1).

²²Tradução minha. Original: “[It is] received wisdom among matchmakers, that a young lady without fortune has a less and less chance of getting off upon every public appearance” (BURNEY, *apud* WORSLEY, 2017, p. 230-231).

séculos XVIII e XIX, o casamento era o meio pelo qual famílias realizavam e prosperavam em seus negócios. O intuito era manter ou melhorar a situação financeira da família. Dessa forma, a mulher era tida como uma propriedade e um meio de alcançar tal objetivo, muitas vezes se casando por obrigação.

No parágrafo seguinte, essa grande verdade se restringe ao diálogo entre o Sr. e a Sra. Bennet:

“Meu caro Sr. Bennet”, disse-lhe sua esposa um dia, “você soube que Netherfield Park foi alugada, finalmente?”
 O Sr. Bennet respondeu que não.
 “Mas foi”, ela retornou; “pois a Sra. Long esteve lá há pouco e me contou tudo”.
 O Sr. Bennet não respondeu.
 “Você não quer saber quem a ocupou?”, disse sua esposa com impaciência.
 “Você quer me contar e eu não tenho nenhuma objeção em ouvir.”
 Era convidativo o suficiente (AUSTEN, 2009, p. 5).

O casal morava em um pequeno vilarejo no condado de Hertfordshire, pertencia à classe média, mas enfrentava dificuldades financeiras, e tinha cinco filhas. Isso significava que, quando o Sr. Bennet falecesse, toda a propriedade seria destinada ao Sr. Collins, que sendo o parente do sexo masculino mais próximo, herdaria os bens da família. Essa era uma prática comum nos tempos de Austen. O intuito era manter a propriedade na posse da família. Por isso, a herança era dada ao filho primogênito. Caso a família não possuísse um herdeiro, como no caso dos Bennets, a propriedade era dada ao parente masculino mais próximo. Dessa forma, o casamento era de extrema importância, pois era uma forma de realizar negócios. A maioria das pessoas se casava pelos interesses financeiros da família, não por amor.

Neste primeiro diálogo do livro, a Sra. Bennet implora a seu marido para ele se apresentar a um cavalheiro rico e solteiro que chegara ao vilarejo:

“Ora, meu querido, você deve saber, a Sra. Long diz que Netherfield foi alugada por um jovem homem de grande fortuna, do norte da Inglaterra; ele chegou na segunda-feira em uma carruagem, com mais quatro pessoas, para ver a propriedade e ficou tão satisfeito com ela que fechou negócio com o Sr. Morris imediatamente; ele deve ocupá-la antes de Michaelmas²³ e alguns de seus criados deverão estar na casa ao final da semana que vem”.
 “Qual é o nome dele?”
 “Bingley”.
 “Casado ou solteiro?”
 “Oh! Solteiro, meu querido, esteja certo! Um homem solteiro de grande fortuna; quatro ou cinco mil por ano. Que grande coisa para nossas filhas!”
 “Como assim? De que maneira isso as afeta?”
 “Meu caro Sr. Bennet”, replicou sua esposa, “como pode ser tão cansativo! Você deve saber que estou pensando em que uma delas o despose!”
 “Ele planeja se instalar aqui?”
 “Planejar! Bobagem, como você pode falar assim! Mas é bem provável que ele possa se apaixonar por uma delas e, portanto, você deve visitá-lo assim que ele chegar”.

²³Festa de São Miguel Arcanjo, celebrada no dia 29 de setembro.

“Não vejo ocasião para isso. Você e as garotas podem ir, ou pode fazer com que elas vão sozinhas, o que talvez seja melhor, pois como é tão bela quanto qualquer uma delas, o Sr. Bingley pode achá-la a melhor da festa”.

“Meu caro, você me bajula. Certamente tive minha porção de beleza, mas não finjo ser nada de extraordinário agora. Quando uma mulher tem cinco filhas crescidas, ela deve desistir de qualquer pensamento sobre a sua própria beleza”.

“Em tais casos, uma mulher não tem mesmo muito a pensar sobre beleza” (AUSTEN, 2009, p. 5-6).

Na época de Austen, as mulheres não falavam com os homens sem que antes fossem apresentadas formal e protocolarmente a eles. Cada família apresentava sua filha mais velha e apenas quando essa se casasse, a seguinte seria apresentada. As regras eram muito claras, e todos as seguiam. No entanto, no romance, a Sra. Bennet as ignorava e apresentava todas as filhas de uma só vez. Afinal, por que perder tempo? Diante do medo de perder sua casa, o sonho dessa senhora era ver suas cinco filhas casadas e a chegada daquele cavalheiro era bem oportuna. Para ela, esse rapaz devia estar à procura de uma esposa sem dúvida alguma, e ela não parava de falar sobre isso, enquanto seu esposo, com outras prioridades, desejava ficar em silêncio:

“Mas, meu caro, você realmente deve ir ver o Sr. Bingley quando ele chegar à vizinhança”.

“Isso vai além dos meus esforços, posso lhe assegurar”.

“Mas considere suas filhas. Apenas pense que estabelecimento seria para uma delas. Sir William e Lady Lucas somente decidiram ir por este motivo, pois, em geral, você sabe, eles não visitam recém-chegados. Você realmente deve ir, pois nos será impossível visitá-lo se você não for” (AUSTEN, 2009, p. 6).

Em seguida, Austen apresentou o perfil da heroína do livro: Elizabeth Bennet. Como foi explicado no primeiro capítulo desta dissertação, o herói ou a heroína do *Bildungsroman* possui características diferentes das outras personagens, o que o/a torna especial. Lizzy (apelido de Elizabeth) era diferente de suas irmãs, pois era inteligente, perspicaz, segura de si e não tinha medo de dizer o que pensava. É uma personagem convincente, que passou por uma profunda mudança interna. Certamente, uma heroína não convencional para os parâmetros do século XIX. Como Worsley (2017, p. 463) ressaltou, “Lizzy Bennet, charmosa como a consideramos hoje, foi surpreendentemente corajosa, quase impetuosa, para o seu tempo. Quando ela eventualmente apareceu nos livros, vários leitores georgianos a consideraram ofensivamente arrogante”²⁴. Talvez por isso que sua mãe, a Sra. Bennet, a considerasse a menos atraente de suas filhas. Já para o Sr. Bennet, era a filha predileta.

“Seguramente, você é muito escrupulosa. Ouso dizer que o Sr. Bingley ficará muito feliz em vê-la; e lhe enviarei algumas linhas por você para assegurá-lo de meu consentimento em se casar com qualquer uma das garotas que ele escolher; embora eu deva adicionar uma recomendação pela minha pequena Lizzy”.

²⁴Tradução minha. Original: “Lizzy Bennet, charming as we find her today, was strikingly bold, almost brash, for her time. When she eventually appeared in print, many Georgian readers would consider her to be offensively uppity” (WORSLEY, 2017, p. 463).

“Desejo que não faça tal coisa. Lizzy não é nem um pouco melhor do que as outras garotas; e estou certa de que ela não é nem metade tão bonita quanto Jane, nem metade tão bem-humorada quanto Lydia. Mas você sempre dá a ela sua preferência”.

“Nenhuma delas pode recomendá-las muito”, ele replicou; “são todas bobas e ignorantes como as outras garotas; mas Lizzy tem um quê de agilidade mais do que suas irmãs”.

“Sr. Bennet, como pode falar mal de suas filhas a esse ponto? Você tem prazer em me irritar. Não tem compaixão pelos meus pobres nervos”.

“Você me interpreta mal, minha querida. Tenho muito respeito pelos seus nervos. Eles são meus velhos amigos. Ouço você mencioná-los com consideração nos últimos vinte anos, pelo menos” (AUSTEN, 2009, p. 6-7).

Esse primeiro diálogo também nos faz pensar sobre o casamento dos Bennets. Enquanto o Sr. Bennet parecia ser sensato e reservado, a Sra. Bennet se mostrava uma fofoqueira, tagarela e desesperada para ver suas filhas casadas. Ela não aceitava quando seu esposo falava mal de suas filhas, mesmo que ela falasse mal de Lizzy:

“Ah você não sabe o quanto eu soffro”.

“Mas espero que você supere e viva para ver muitos jovens com quatro mil por ano chegarem à vizinhança.”

“Isso nos será inútil, já que se vinte deles chegarem, você não os visitará”.

“Confie, minha cara, que quando houver vinte, eu visitarei todos”.

Sr. Bennet era uma mescla tão estranha de tiradas rápidas, humor sarcástico, reserva e capricho que a experiência de vinte e três anos era insuficiente para fazer sua esposa compreender seu caráter. A mente dela era menos difícil de desenvolver. Ela era uma mulher de compreensão medíocre, pouca informação e de temperamento incerto. Quando ficava descontente, imaginava-se nervosa. O negócio de sua vida era casar suas filhas; seu consolo eram visitas e novidades” (AUSTEN, 2009, p. 7).

Através da primeira frase do romance, bem como do primeiro capítulo citado, podemos indagar: será que o Sr. Bennet queria se casar urgentemente em sua juventude como a Sra. Bennet acreditava que o Sr. Bingley desejava?

Após a leitura do breve capítulo e do pouco que pode ser percebido sobre a relação dos Bennets até então, conclui-se que a “verdade universalmente reconhecida” não é uma verdade. Austen nos faz ter dúvidas sobre a história em si. Será que nós, como leitores, vamos acreditar nessa narrativa que se compromete desde o início? Mas ainda assim, é uma abertura apropriada para uma história que trata de *primeiras impressões*.

Não há nada plausivelmente universal sobre esta “verdade” em particular, e em outra época ou outro lugar, o homem solteiro em questão poderia simplesmente estar em busca de um contador pragmático, um caso amoroso sem compromisso, ou uma união civil do mesmo sexo. Não obstante, ao utilizar o presente simples de forma atemporal, Austen não se refere a uma verdade universal, mas a um conjunto de atitudes de uma sociedade e época específicas (KEYMER, 2013, p. 1-2)²⁵.

²⁵Tradução minha. Original: For there is nothing even plausibly universal about this particular “truth”, and in another time or place the single man in question might just as well be in want of a hard-nose accountant, a commitment-free fling, or a same-sex civil union. The timeless present-tense mode notwithstanding, Austen is telling us not about a universal truth at all, but about a socially and historically specific set of attitudes (KEYMER, 2013, p. 1-2).

Em poucas linhas, o romance expõe como o Sr. Bennet negligenciou suas responsabilidades de marido e de pai. Seu consolo era zombar de sua esposa, pois ele era incapaz de respeitá-la. Ele sabia que ela não podia se apresentar sozinha ao Sr. Bingley e usava seu poder sobre ela. Como chefe da casa, ele se descuidou de seu papel de proporcionar uma boa educação para suas filhas que, com a exceção de Lizzy e de sua irmã mais velha, se tornaram ignorantes. A princípio, somos levados a achar o Sr. Bennet uma pessoa sensata em comparação à sua esposa. Porém, não estaria Austen nos dando mais um exemplo de *primeiras impressões*?

Aquele diálogo dos Bennet também mostra a ansiedade das mulheres em relação ao casamento. Ele satirizava o comportamento das famílias cujas filhas desejavam se casar com o Sr. Bingley, independente das intenções desse cavalheiro ao adentrar o condado; essas pouco importavam. Ademais, após afirmar a verdade universal que não deve ser contrariada, no referido diálogo entre o Sr. e a Sra. Bennet, ironicamente, há discordância sobre essa verdade. Se tal afirmação realmente fosse uma verdade universal, haveria discordância?

Em *Orgulho e Preconceito*, também é trabalhada a questão da *verdade*. Seus personagens, principalmente Elizabeth, foram enganados pelas aparências e teriam que descobrir e lidar com a verdadeira realidade ao longo da narrativa, assim como o leitor do livro. O romance cria um paralelo entre a vida e a arte. Ao mesmo tempo em que são relatadas cenas triviais e cotidianas, como uma leitura em família após o jantar, por exemplo, também são tratadas questões sobre a natureza humana. O texto ilustra a relevância das aparências e das opiniões alheias e como elas podem enganar a ponto de deixarmos passar um grande amor. Sua escrita, bem como a de muitos romances de formação, não apenas promove entretenimento, como também uma mensagem instrutiva, característica do *Bildungsroman*.

Fiona Stafford, em sua introdução ao romance na edição de Oxford publicada em 2004, explica:

A narrativa em terceira pessoa de Jane Austen é distinta e faz com que o texto seja extraordinariamente fluido, capaz de mover (de forma quase imperceptível) entre diferentes pontos de vista e de um estilo de escrita para outro. Quando a seriedade forçada do texto moral se transforma em tons exclamatórios de um palco, o romance “leve, inteligente e alegre” de Austen reflete um século de experimentação literária e de debate filosófico! O surgimento do romance em inglês durante o século dezoito coincidiu com o ressurgimento da questão sobre a natureza da verdade, do entendimento humano, e do conhecimento do mundo, enquanto a nova forma literária em si – tão perigosa e ainda cheia de possibilidades – provocou uma discussão vigorosa sobre a relação entre a ficção e a verdade, entre a arte e a natureza, entre o entretenimento e a instrução (STAFFORD, 2004, p. 1-2)²⁶.

²⁶Tradução minha. Original: “Jane Austen's distinctive third-person narration allows for an extraordinarily fluid text, capable of moving almost imperceptibly between different points of view and from one style of writing to another. As the mock seriousness of the moral essay turns into the exclamatory tones of the stage, Austen's 'light

Stafford também faz referência à escrita de Austen, cujo traço mais marcante é o discurso indireto livre, que pode ser definido como uma escrita na qual a voz narrativa assume a maneira de falar de um personagem; só é possível em uma história narrada em terceira pessoa. Essa técnica é associada a escritores modernos e foi bastante empregada por Austen, a primeira romancista a utilizá-la amplamente na ficção inglesa.

Por tal característica, sugere-se que *Orgulho e Preconceito* teria sido primeiramente escrito de forma epistolar, uma vez que as cartas refletiriam a forma de pensar, escrever e falar de cada personagem. Em alguns capítulos, inclusive, são mostradas as cartas lidas por seus personagens. Ademais, Austen foi influenciada por escritores que adotavam essa característica epistolar, como por exemplo, Samuel Richardson. Dessa forma, por mais que não fossem ditos explicitamente, os pensamentos dos personagens eram evidenciados pela voz narrativa, como podemos ver no seguinte trecho, quando a Sra. Bennet e suas filhas conversam sobre o Sr. Bingley na véspera de um baile. Narrador e personagens se complementam na descrição:

Ele era bem jovem, maravilhosamente bonito, extremamente agradável e, para coroar o todo, pretendia comparecer à próxima reunião com um grande grupo. Nada poderia ser mais prazeroso! Ser apaixonado por dança era um passo certo para se apaixonar; e se acalentavam esperanças muito vívidas pelo coração do Sr. Bingley. “Se eu puder apenas ver uma das minhas filhas alegremente instalada em Netherfield”, disse a Sra. Bennet ao seu marido, “e todas as outras igualmente bem casadas, não terei mais nada a desejar” (AUSTEN, 2009, p. 11).

Certamente, esse é o pensamento da Sra. Bennet, mas foi expressado na voz do narrador. As vozes dos personagens se misturavam à do narrador. Dessa forma, o romance faz com que o próprio leitor seja levado pelas aparências e, conseqüentemente, seja enganado, assim como seus personagens. Keymar explica:

Ao incorporar o idioleto de um personagem com a sintaxe do narrador, ao mover de um ponto de vista para outro em sentenças adjacentes, e ao misturar passagens de descrições objetivas com longos fragmentos compostos pelo discurso indireto livre, Austen constantemente problematiza a origem e a autoridade de suas afirmações ao longo da narrativa. É por este motivo que teóricos rotineiramente se referem à dualidade ou à técnica do discurso indireto livre: uma voz que às vezes sugere um alinhamento harmônico com a perspectiva entre os personagens e o narrador, mas que outras vezes sugere um efeito conflituoso de ironia e indeterminação (KEYMAR, 2013, p. 14)²⁷.

& bright & sparkling' novel reflects a century of literary experiment and philosophical debate! The emergence of the novel in English during the eighteenth century coincided with renewed enquiry into the nature of truth, human understanding, and knowledge of the world, while the new literary form itself – so dangerous and yet so full of possibility – provoked vigorous discussion over the relationship between fiction and truth, art and nature, entertainment and instruction” (STAFFORD, 2004, p. 1-2).

²⁷Tradução minha. Original: By merging the idiolect of a character with a narrator's syntax, by darting from viewpoint to viewpoint in adjacent sentences, and by studding passages of objective description with clause-length fragments of FID, Austen constantly problematizes the origin and authority of her narrative statements. It is for this reason that theoreticians routinely talk of the dual or composite voice in FID: a voice that sometimes

Outro traço marcante na obra de Austen é o modo como ela diferencia seus personagens através do discurso. Cada personagem possui uma forma de falar característica. A Sra. Bennet, por exemplo, falava bastante, o que irritava o Sr. Bennet, utilizando frases curtas. Isso sugere que ela verbalizava as coisas que lhe vinham à mente sem pensar, como se pode ver neste trecho:

“Oh! Meu caro Sr. Bennet” enquanto ela adentrava o quarto, “tivemos uma noite bastante prazerosa, um excelente baile. Queria que tivesse estado lá. Jane foi tão admirada, nada poderia se comparar a isso. Todos viram quão bela estava; e o Sr. Bingley a achou muito bonita e dançou com ela duas vezes! Apenas pense nisso, meu caro: ele realmente dançou com ela duas vezes! E ela foi a única na sala a quem ele pediu a segunda vez. Primeiro de tudo, ele pediu a Srta. Lucas. Fiquei tão incomodada ao vê-lo emparelhar com ela! Mas, entretanto, ele não a admirou por completo; de fato, ninguém pode, você sabe; e ele pareceu muito surpreso com Jane enquanto ela se dirigia à dança. Então ele perguntou quem era ela e foi apresentado, e pediu-a pelas próximas duas danças. A terceira dança de par foi com a Srta. King, e a quarta com Maria Lucas, e a quinta com Jane novamente, e a sexta com Lizzy...” (AUSTEN, 2009, p. 15).

Além disso, Austen também teve cuidado com os nomes de seus personagens, e não só isso: há várias sutilezas em *Orgulho e Preconceito*, como, por exemplo, o nome Darcy, que tem origem francesa e foi introduzido no inglês quando Guilherme, o Conquistador, invadiu a Inglaterra em 1066, e trouxe com ele várias famílias normandas, entre elas os d’Arcys. Na época de Austen, seus leitores iriam associar esse nome a uma família antiga e rica. Ademais, o primeiro nome de Darcy, Fitzwilliam, estava associado a uma família rica e famosa nos tempos da autora. Por sua vez, o sobrenome Bennet também era de origem francesa, significando “abençoado”. Seria essa mais uma ironia de Austen? Outro exemplo se encontra no nome do soldado Wickham, fazendo referência à palavra *wickedness*, que pode ser traduzida como “maldade” ou “perversidade”, traços característicos desse personagem.

Outras sutilezas também podem ser encontradas nos locais criados por Austen, como no nome da pequena cidade perto da propriedade da família Bennet, por exemplo. A palavra *Meryton* pode ser interpretada como *marry town*, que no português significa “cidade casamenteira”. Nome apropriado, uma vez que as mães do condado, como a própria Sra. Bennet, desejavam ver suas filhas casadas e bem estabelecidas. Outro exemplo é o nome da propriedade dos Bennets, *Longbourn*. Tal palavra pode ser interpretada como *long born*, “nascimento demorado”, fazendo referência às filhas do casal Bennet. Em mais de vinte anos de casados, cinco filhas vieram ao mundo, mas nenhum herdeiro nasceu. Logo, para assegurar seus futuros, essas garotas deveriam se casar.

No século XIX, o casamento era a melhor opção para que as mulheres pudessem garantir segurança no futuro. Através dele, elas teriam uma casa, um marido para sustentá-las e deveriam gerar herdeiros para assegurar a herança da família. Os filhos herdariam os bens, enquanto as filhas deveriam encontrar casamentos vantajosos. Além disso, caso as mães se tornassem viúvas, os filhos tomariam conta delas, uma vez que herdariam a propriedade da família. As outras opções para as mulheres da época envolviam trabalhar como governantas, ganhando pouco e tendo uma vida solitária, uma vez que elas eram superiores aos empregados da casa, mas não podiam socializar com a família e seus convidados. Podiam se tornar solteironas e depender da caridade de outros membros da família e amigos, sendo essa última opção a escolha feita pela própria Jane Austen. Para as mulheres de classe mais baixa, restava o trabalho como empregadas.

Na época de Austen, as pessoas eram definidas por seu status social. A Inglaterra regencial era dividida em uma hierarquia de classes, e a posição social de um indivíduo determinava a forma como ele/a era tratado/a. A classe mais alta era definida pela família real e pela nobreza. Em seguida, havia a aristocracia, a igreja e, por último, o proletariado. É importante ressaltar que havia uma divisão de classes dentro da própria aristocracia²⁸.

Para ser considerada parte da aristocracia, uma família deveria ter, pelo menos, trezentos acres de terra, que era o bem mais importante, uma vez que, era através da propriedade, que a família tirava seu sustento. Quanto mais terras uma família possuía, mais rica ela era. Era essa a condição que determinava vários fatores, como por exemplo: o tipo de carruagem que a família possuía, como e quando ela entrava no salão de um baile (os mais ricos entravam primeiro) e o meio pelo qual seus membros eram dirigidos. As pessoas de classe mais alta podiam chamar as pessoas de classe inferior pelo primeiro nome, enquanto as de classe mais baixa deveriam se dirigir a elas pelo título de “Sr.,” “Sra.” ou “Srta.” e o sobrenome. O homem que fazia parte da aristocracia era chamado de “cavalheiro”. Ademais, cabia ao herdeiro da família encarregar-se da propriedade. Os filhos mais novos deveriam seguir alguma outra carreira respeitável, como a de advogado, clérigo ou soldado, por exemplo.

Em *Orgulho e Preconceito*, tanto o Sr. Bingley quanto o Sr. Bennet eram membros da aristocracia. O primeiro era mais rico, enquanto o segundo pertencia à classe aristocrática

²⁸A nobreza se referia àqueles que possuíam um título que era transmitido de forma hereditária para seus herdeiros desde momentos históricos relevantes (como a Batalha de Hastings), tais como os títulos de duque, visconde, conde e marquês, por exemplo. Tratava-se de uma linhagem de sangue nobre. Já a aristocracia se referia àqueles que possuíam terras e uma condição de vida superior ao da classe trabalhadora, e haviam comprado um título mais recentemente (e não conquistado por serviços prestados à Coroa, como a nobreza). Seu legado também era transmitido de forma hereditária.

mais baixa. Darcy também fazia parte da aristocracia rica, pois tinha origem nobre, uma vez que sua mãe e sua tia, Lady Anne e Lady Catherine, eram filhas de um conde, cujo título foi herdado pelo irmão delas. Por isso, no final do romance, Elizabeth fala sobre o Sr. Darcy e afirma: “Ele é um cavalheiro; eu [Lizzy] sou filha de um cavalheiro; portanto, somos iguais” (AUSTEN, 2012, p. 290)²⁹.

A renda do Sr. Bennet era de 2.000 libras por ano, enquanto a de Bingley, 5.000, e a de Darcy, 10.000. Conforme Worsley, Austen citava a renda de alguns personagens para que os leitores pudessem entender a classe social a qual eles pertenciam:

Para os georgianos, essa informação teria imediatamente indicado o padrão de vida dos personagens. Em seus romances, Jane usa a renda como um atalho para informar status, e espera que seus leitores imediatamente entendam que tipo de casa ela está se referindo quando ela diz que uma família possui 500 libras, ou 1.000 libras por ano (WORSLEY, 2017, p. 55)³⁰.

Em *Orgulho e Preconceito*, a família Bennet pertencia à classe inferior da aristocracia. Ao se casarem, o Sr. e a Sra. Bennet tinham uma quantia razoável de dinheiro. Contudo, a má administração do Sr. Bennet fez com que eles gastassem mais do que podiam. A propriedade da família lhe rendia duas mil libras por ano, o que não era muito. Ademais, a Sra. Bennet engravidou cinco vezes, mas o herdeiro tão desejado nunca apareceu. O casal teve cinco filhas – Jane, Elizabeth, Mary, Kitty (Catherine) e Lydia –, e nenhuma delas herdaria a propriedade da família. Por isso, precisavam se casar para assegurar seus futuros.

Jane, a mais velha, era considerada a moça mais bonita da vizinhança. Era bondosa, gentil, sensível e ingênua, além de ser a confidente de Elizabeth. Mary não era bonita, nem bem-humorada. Não era muito inteligente e acreditava ser superior às outras pessoas. Além disso, ela não gostava de eventos sociais, e seus discursos eram sempre moralistas. Kitty e Lydia eram as mais novas: Lydia parecia a versão mais nova da Sra. Bennet, sendo inclusive sua filha favorita. Ela gostava de festas, fofocas e frivolidades, e exercia poder sobre Kitty, mesmo sendo a mais nova de todas. Kitty possuía traços similares aos de Lydia, seguindo os mesmos passos da irmã e gostando das mesmas coisas que ela. Já Elizabeth, a heroína da história, era independente e tinha atitudes ousadas. Diferente de suas irmãs, não queria apenas estabilidade, ela queria amor também. Era um sentimento que, na época, muitas mulheres, inclusive Jane Austen, não podiam se dar ao luxo de vivenciar.

²⁹Tradução minha. Original: “He is a gentleman; I am a gentleman’s daughter; so far we are equal” (AUSTEN, 2012, p. 290).

³⁰Tradução minha. Original: To the Georgians themselves, this information would have immediately indicated a certain standard of living. Jane in her novels uses income as a shorthand for status, and expects her readers immediately to know what kind of household she is talking about when she says a family has 500 pounds, or 1.000 pounds, a year (WORSLEY, 2017, p. 55).

Em um mundo no qual encontrar um marido rico dependia da boa posição social e de elegância, a família de Lizzy não tinha nenhum dos dois. Ela era solitária e, com exceção de seu pai, sua irmã Jane e de sua amiga Charlotte Lucas, estava cercada de gente tola. Ela levava uma vida difícil, ao ser inserida nessa família e nessa política de casamento que promovia a vulnerabilidade da mulher.

Quando os Bennets foram a um baile, o Sr. Bingley se apaixonou por Jane, e seu amigo, o Sr. Darcy, causou boa impressão à sociedade de Meryton, inclusive a Lizzy. Ele rapidamente chamou a atenção de todos com seus traços elegantes e bonitos, além do fato de ganhar dez mil libras por ano. Isso até causar decepção, revelando-se arrogante e difícil de agradar. Quando o Sr. Bingley sugeriu que ele chamasse Elizabeth para dançar, Darcy afirmou: “Ela é tolerável, mas não bela o bastante para me tentar” (AUSTEN, 2009, p. 14). Lizzy o escutou e, logo, achou que Darcy era uma pessoa terrível. “Seu caráter estava formado: ele era o mais orgulhoso e o mais desagradável homem no mundo, e todos esperavam que ele nunca mais voltasse” (AUSTEN, 2009, p. 13). Ele, por sua vez, achava que ela era apenas mais um membro daquela família horrível, escandalosa e sem boas maneiras. Quando ele se recusou a dançar com ela no baile, ela o castigou, e isso o atraiu, já que todas as mulheres caíam a seus pés, porque ele era rico. Na verdade, Elizabeth e Darcy combinavam intelectualmente. A verdade é que Darcy era atencioso e bondoso, mas isso se escondia sob sua pompa.

Enquanto Darcy fosse menosprezado pela família Bennet, o Sr. Bingley era sempre enaltecido, esperando-se que ele pedisse Jane em casamento em breve. Contudo, a vizinha e amiga de Lizzy, Charlotte Lucas, afirmou que Jane não o encorajou o bastante, o que podia fazer com que ele pensasse que ela não retribuía a seus sentimentos. Lizzy afirmou que Jane era tímida, mas admirava o Sr. Bingley e procurava conhecê-lo melhor antes de pensar em matrimônio. Para Charlotte, “a felicidade no casamento é (era), inteiramente, uma questão de sorte” (AUSTEN, 2009, p. 27), e Jane devia mudar seu comportamento para fazer com que ele a pedisse em casamento logo, pois poderia conhecê-lo e talvez se apaixonar depois. E Lizzy respondeu: “Você me faz rir, Charlotte; mas isso não é certo. Você sabe que não é certo e nem mesmo agiria dessa forma” (AUSTEN, 2009, p. 27).

Ao se ocupar com a felicidade de Jane, Elizabeth não suspeitava que, aos poucos, fora ganhando a admiração do Sr. Darcy. Ele descobriu que, apesar de não possuir modos tão elegantes, ela era bastante inteligente e espirituosa e que sua aparência física lhe agradava, muito para o descontentamento da Srta. Caroline Bingley, irmã do Sr. Bingley, e apaixonada por Darcy. Além de Caroline, o Sr. Bingley tinha outra irmã, a Sra. Hurst. Ambas eram

extremamente vaidosas e maldosas em relação aos Bennets por eles serem inferiores a elas na escala social. A exceção era Jane, pois acreditavam que ela era doce e educada. Elizabeth receberia o mesmo tratamento, não fosse pelo ciúme de Caroline em relação à admiração que Darcy nutria por ela. Quanto mais ela o provocava ao fazer comentários maldosos sobre a família de Elizabeth, mais ele a elogiava: “Estive meditando sobre o grande prazer que um par de finos olhos no rosto de uma bela mulher pode proporcionar” (AUSTEN, 2009, p. 31).

Certo dia, Jane recebeu uma carta de Caroline Bingley, convidando-a para um jantar em Netherfield. Ao descobrir que o Sr. Bingley não estaria em casa, a Sra. Bennet fez com que Jane saísse a cavalo, em vez de usar a carruagem para se dirigir à residência de Bingley. O objetivo era fazer com que ela ficasse doente, pois pegaria chuva e assim teria que dormir em Netherfield; conseqüentemente, veria o Sr. Bingley. Quando Jane enviou uma carta à sua família dizendo que ficara muito gripada, o Sr. Bennet ironicamente comentou com sua esposa: “se ela tiver de morrer, será um conforto saber que foi tudo pela busca do Sr. Bingley e sob suas ordens” (AUSTEN, 2009, p. 37).

Elizabeth ficou preocupada com o estado de sua irmã e decidiu visitá-la. Ao encontrar Jane muito doente, ela também se hospedou em Netherfield para cuidar da irmã, muito para desgosto de Caroline. As irmãs Bennet passaram quatro dias na residência do Sr. Bingley, que demonstrou muita preocupação e zelo pela saúde de Jane. Enquanto isso, sem que Elizabeth soubesse, o Sr. Darcy aproveitou a oportunidade para passar tempo em sua companhia e observá-la. Em suas conversas, Lizzy o afrontava, mas ele sempre respondia de forma galante, como na cena em que os dois conversaram sobre os defeitos de Darcy:

“Não posso esquecer a insensatez e o vício de outrem como eu deveria, nem suas ofensas contra mim. Meus sentimentos flutuam com qualquer tentativa de movê-los. Talvez meu temperamento possa ser chamado de ressentido. Minha boa opinião, uma vez perdida, será perdida para sempre.”

“Esta é uma falta sem dúvida!” exclamou Elizabeth. “O ressentimento implacável é uma sombra no caráter. Mas você escolheu sua falha bem. Realmente eu não poderia rir disso. Você está salvo de mim.”

“Há, acredito, em todo o temperamento uma tendência e um mal em particular – um defeito natural, que nem mesmo a melhor educação pode superar.”

“E o seu defeito é o de odiar todo mundo.”

“E o seu”, ele replicou com um sorriso, “é o de interpretar errado todo mundo propositalmente” (AUSTEN, 2009, p. 65).

A vida de Austen parece ter servido de base para esse romance. Como a escritora, a personagem Lizzy recebeu uma proposta de casamento que não pôde aceitar. O pretendente era o pomposo e insuportável Sr. Collins, o primo que herdaria a pequena propriedade da família. O único jeito de permanecerem com a propriedade era se alguma das filhas do Sr. e da Sra. Bennet se casasse com ele. Ele era um clérigo de fortuna considerável que morava em Hunsford, localizada em Kent, perto de Rosings Park, propriedade da Lady Catherine de

Bourgh, tia de Darcy. Ele visitara Longbourn com a finalidade de encontrar uma noiva, a pedido de Lady Catherine, que lhe concedeu a paróquia em Hunsford e acreditava que um clérigo devia ter uma família para servir de exemplo para a comunidade. O Sr. Collins ficara estarrecido com a beleza de Jane e desejava desposá-la, mas a Sra. Bennet o convenceu de que ela logo ficaria noiva do Sr. Bingley e que, por isso, ele deveria cortejar Elizabeth, a segunda filha mais velha e mais bonita.

O Sr. Collins acreditava ser humilde, mas era orgulhoso e extremamente bajulador, principalmente quando se tratava de Lady Catherine de Bourgh. Ele viajou para Longbourn, acreditando que lá, sem dúvida, encontraria uma noiva que ficasse grata por sua generosidade em desposá-la; ele seria a salvação da família após a morte do Sr. Bennet. Contudo, ele se decepcionou e seu orgulho foi ferido, pois Elizabeth não aceitou casar-se com ele, apesar do que isso significaria para a família. Sua mãe ficou abalada e ameaçou nunca mais falar com ela. Foi seu pai quem lhe deu apoio: “Uma alternativa infeliz está diante de você, Elizabeth. A partir deste dia, você deverá ser uma estranha para um de seus pais. Sua mãe nunca a verá novamente se você não desposar o Sr. Collins e eu nunca a verei novamente se você o fizer.” (AUSTEN, 2009, p. 124).

A Sra. Bennet ficou horrorizada, pois acreditava que o Sr. Bennet faria Lizzy aceitar o pedido do Sr. Collins, sem pensar na felicidade da filha. Como explica Ivor Morris,

Elizabeth, como ela e seu pai bem sabem, é a filha “menos querida” de sua mãe, como a autora afirma. Quem poderia dizer que a Sra. Bennet, que sendo incapaz de pensar claramente e ao ser o alvo de zombaria de seu marido, não iria descontar o desaforo na filha mais querida dele? (MORRIS, 2008, p. 73)³¹.

Enquanto a Sra. Bennet, desesperada, tentava convencer Lizzy a mudar de ideia, a chegada dos oficiais em Meryton fez com que Kitty e Lydia ficassem encantadas: “Elas nada mais podiam falar além dos oficiais; e a vasta fortuna do Sr. Bingley, cuja menção dava ânimo à mãe delas, era de pouco valor aos olhos delas, quando comparada aos regimentos de uma bandeira” (AUSTEN, 2009, p. 34). Diante da frivolidade de suas filhas mais novas, o Sr. Bennet comentou: “De tudo o que posso reunir pela sua maneira de falar, vocês devem ser as mais estúpidas garotas do país. Eu já suspeitava há algum tempo, mas agora estou convencido” (AUSTEN, 2009, p. 34). No entanto, a Sra. Bennet defendeu suas filhas e as

³¹Tradução minha. Original: Elizabeth, as she and her father are well aware, is the “least dear” to her mother of all her children, as the author states it. Who is to say that Mrs. Bennet’s resort, in her befuddled consciousness of being the butt of her husband’s ridicule, is not to take it out of the sibling who is most like him in critical propensity? (MORRIS, 2008, p. 73).

encorajou a se socializarem com os militares: “Lembro do tempo quando eu mesma gostava muito de um casaco vermelho” (AUSTEN, 2009, p. 35)³².

Logo, Lizzy ficou atraída pelo eloquente Sr. Wickham, um dos soldados que chegaram recentemente a Meryton. Ela se interessou muito por ele. Porém, mais uma vez, suas impressões estavam erradas. Ela, que julgava muito mal as pessoas, achou que a boa disposição de Wickham indicava que ele se importa com os outros: “Seja lá o que ele dissesse, era muito bem dito; e seja lá o que fizesse, era feito graciosamente” (AUSTEN, 2009, p. 95).

Quando os dois, Lizzy e Wickham, caminhavam pelo vilarejo com a família de Elizabeth, foram surpreendidos pelo encontro com o Sr. Bingley e o Sr. Darcy que andavam a cavalo. Para seu espanto e curiosidade, Lizzy percebeu a reação de Wickham e Darcy ao se encontrarem: “Ambos mudaram de cor – um ficou pálido, o outro, enrubesceu. O Sr. Wickham, depois de alguns instantes, tocou seu chapéu – uma saudação que o Sr. Darcy apenas se dignou a retribuir” (AUSTEN, 2009, p. 83). O vermelho poderia significar raiva ou talvez vergonha? E o pálido indicaria medo ou um susto? Só podemos indagar, assim como Elizabeth.

Depois, Wickham contou a Lizzy sobre seu passado com Darcy. Relatou que os dois haviam crescido juntos, uma vez que seu pai era administrador do pai de Darcy, o qual nutria muito carinho por ele, Wickham, e desejava que esse se tornasse clérigo. O pai de Darcy deixou para Wickham mil libras em seu testamento e pediu a Darcy que o ajudasse a se tornar um religioso. No entanto, quando ele morreu, Darcy, movido pelo ciúme, recusou-se a realizar o desejo do pai e deu as costas a Wickham. Como consequência, ele se tornou um pobre soldado. Lizzy ficou chocada e odiou Darcy ainda mais:

“Isso é muito chocante! Ele merece ser desgraçado publicamente!”

“Ele será, em algum momento – mas não deverá ser por mim. Até que eu possa esquecer seu pai, não posso desafiá-lo ou expô-lo.”

Elizabeth o elogiou por tais sentimentos e o considerou ainda mais belo do que nunca enquanto ele os expressava (AUSTEN, 2009, p. 91).

Elizabeth estava tão fascinada por Wickham que se arrumou mais que o normal para comparecer ao baile organizado pelo Sr. Bingley, na esperança de dançar com o jovem soldado na festa. No entanto, decepcionou-se ao saber que Wickham havia viajado, encontrando-se fora da cidade, provavelmente para evitar outro encontro com Darcy. Para aumentar seu descontentamento, foi pega de surpresa quando Darcy a convidou para dançar.

³²A Sra. Bennet se refere ao uniforme da milícia inglesa, cuja cor vermelha chamava a atenção de muitas moças.

Durante a dança, Elizabeth comentou sobre Wickham na esperança de que Darcy falasse alguma coisa sobre o passado dos dois. Quando ele indagou sobre a razão de tantas perguntas, Elizabeth respondeu que desejava apenas entender o caráter de Darcy. Ele comentou: “Posso acreditar que as histórias sobre mim possam variar muito; e eu desejo, Srta. Bennet, que você não esboce meu caráter no presente momento” (AUSTEN, 2009, p. 106). Os dois acabaram se decepcionando no baile. Elizabeth, pela ausência de Wickham e por não ter obtido as informações que queria; Darcy, pela discussão durante a dança pela qual tanto esperara.

Passagens ou situações como as descritas demonstram que Jane Austen trabalhou com histórias básicas. Ela era modesta em relação a seus livros; dizia que suas histórias eram sobre “três ou quatro famílias em uma vila do interior”³³. Mas entre essas famílias, ela encontrou uma “verdade universal”. Em *Orgulho e Preconceito*, a história é a de uma moça que se interessa pelo homem de caráter duvidoso, perde o homem de reputação ilibada, mas acaba ficando com ele no final. Mesmo tendo sido escrito há dois séculos, *Orgulho e Preconceito* permanece importante porque carrega em si uma *verdade*.

Voltando à narrativa, após o baile de Netherfield e o pedido da mão de Lizzy em casamento pelo Sr. Collins, a família Bennet foi surpreendida por uma novidade: com o orgulho ferido, Collins passava a maior parte do tempo com os vizinhos dos Bennets, a família Lucas. A Sra. Bennet intencionava fazer com que a filha Mary pensasse em se casar com ele e salvar sua família da destituição após a morte do Sr. Bennet. Ela não suspeitava das atitudes de Charlotte Lucas.

Charlotte não era bonita e se encontrava, aos vinte e sete anos, sem nunca ter recebido uma proposta de casamento. Era um fardo para seus pais que tinham outros filhos para sustentar. Tudo o que ela almejava era uma casa confortável e um futuro seguro, o que só o matrimônio poderia lhe proporcionar. Já tudo o que o Sr. Collins buscava era uma esposa para fazer a vontade de Lady Catherine. Nenhum dos dois pretendia se casar por amor, e quando o Sr. Collins a pediu em casamento (três dias após pedir a mão de Lizzy), Charlotte se sentiu afortunada e prontamente aceitou. Esse noivado chocou a Sra. Bennet, que passou a odiar a família Lucas. Disse ela: “É muito difícil pensar que Charlotte Lucas deva mesmo ser a dona desta casa, que eu seja forçada a dar caminho para ela e viver para vê-la se apoderar deste lugar” (AUSTEN, 2009, p. 144).

³³Tradução minha. Original: “three or four families in a country village” (AUSTEN, 1814, *apud* Pemberley).

Lizzy também fica chocada, mas por outro motivo: mais uma vez suas impressões estavam erradas, pois não acreditava que sua amiga pudesse se submeter a tal casamento. E ao julgá-la por aceitar a proposta do insuportável Sr. Collins, Charlotte lhe respondeu:

Não sou romântica, você sabe; nunca fui. Peço apenas um lar confortável; e, considerando o caráter do Sr. Collins, seus conhecimentos e sua posição na vida, estou convencida de que minha oportunidade de ser feliz com ele é tão clara quanto as pessoas podem se gabar ao adentrar no estado marital (AUSTEN, 2009, p. 138-139).

Outra grande surpresa para a família Bennet se deu com a inesperada partida de Bingley e seu grupo. Eles foram para Londres sem se despedir de ninguém, e Caroline enviou uma carta cruel à Jane relatando sobre a mudança e afirmando o quão feliz ela se encontrava diante do possível casamento de seu irmão com a Srta. Georgiana Darcy, irmã do Sr. Darcy. Jane ficou abalada e decidiu passar algumas semanas na casa dos tios em Londres, na esperança de rever o Sr. Bingley. Contudo, ele sequer ficou sabendo da presença de Jane na cidade.

Em seguida, Lizzy percebeu que Wickham tinha redirecionado suas atenções para outra dama, a Srta. King, após descobrir que ela herdaria uma grande fortuna. No entanto, tal descoberta, muito para sua surpresa, não a deixou tão abalada; ela descobriu que não o amava.

Seu coração fora tocado apenas superficialmente e sua vaidade estava satisfeita por acreditar que ela teria sido a única escolha dele, tivesse a fortuna permitido. A súbita aquisição de dez mil libras era o encanto mais notável da jovem dama a quem ele agora se fazia agradável; mas Elizabeth, talvez com a visão menos clara nesse caso do que sobre o de Charlotte, não discutiu com ele seu desejo de independência. Nada, pelo contrário, poderia ser mais natural; e, enquanto capaz de supor que isso lhe custaria algumas discussões para apaziguá-la, ela estava pronta a conceder uma ampla e desejável medida para ambos, e poderia desejar com sinceridade que ele fosse feliz (AUSTEN, 2009, p. 162).

Nem mesmo o fato de Wickham intencionar se casar com uma grande herdeira fez com que Lizzy pensasse menos dele. Para ela, “casado ou solteiro, ele sempre deveria ser seu modelo do amável e do agradável” (AUSTEN, 2009, p. 164).

Após o casamento de Charlotte com o Sr. Collins, Elizabeth viajou para Hunsford a fim de passar algumas semanas na companhia da amiga. Para sua surpresa, o casal vivia em uma boa relação, embora Lizzy percebesse que sua amiga encorajava o marido a passar a maior parte do seu tempo livre cuidando dos jardins da propriedade, evitando assim sua companhia. Além disso, “Charlotte escolheu um quarto pequeno para ser ‘a sala na qual as damas se reúnem’, propositalmente escolhendo o lugar mais apertado e menos agradável da casa para evitar a presença de seu esposo” (WORSLEY, 2017, p. 229)³⁴.

³⁴Tradução minha. Original: “Charlotte picks a small chamber to be ‘the room in which the ladies sat’, deliberately choosing a cramped and less pleasant room to make it less likely that her husband will come in” (WORSLEY, 2017, p. 229).

Logo após a chegada de Lizzy, o casal Collins se regozijou ao receber um convite de Lady Catherine para um jantar em Rosings Park. E, finalmente, ao conhecer a personalidade da famosa tia de Darcy, Elizabeth percebeu o quão orgulhosa ela era. A grande benfeitora do Sr. Collins acreditava ser superior aos demais, devido à sua riqueza, além de se intrometer na vida das pessoas a fim de dar conselhos, não admitindo ser contrariada. Contudo e diferentemente do Sr. Collins e de Charlotte, Elizabeth não se sentiu intimidada por ela:

O mesmo atributo a permite ficar calma no ambiente desconhecido de Rosings. Quando seus conhecidos se aproximam do local, ela não fica perturbada pelas apreensões que os afligem, pois ela possuía a certeza de que Lady Catherine não possui nada de extraordinário, e que “a mera grandiosidade de riqueza e classe” era algo que ela “poderia testemunhar sem nenhum nervosismo”. Ela é, conseqüentemente, sua igual na cena (MORRIS, 2008, p. 75)³⁵.

Além de Lady Catherine, Lizzy conheceu sua filha, Lady Anne de Bourgh, jovem de aparência doentia que não falava ou interagiu muito com as visitas. Anne era uma espécie de caricatura da nobreza em decadência, que se encontrava fragilizada diante da ascensão dos novos ricos.

Durante sua estadia em Rosings, Elizabeth encontrou o Sr. Darcy que visitava sua tia na companhia de seu primo, Coronel Fitzwilliam. Lizzy simpatizou com o primo de Darcy, que a tratou bem. Em uma de suas conversas, ele deixou escapar que Darcy salvou um de seus melhores amigos de um casamento muito desvantajoso. Logo, Lizzy concluiu que esse amigo era o Sr. Bingley e ficou furiosa com Darcy.

Para sua grande surpresa, Darcy lhe fez uma visita e a pediu em casamento. Ele declarou seu amor por ela, afirmando que, apesar das circunstâncias sociais inferiores dela e de sua família, ele gostaria de desposá-la. Ele confessou ter resistido a esse amor: “Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente a admiro e amo” (AUSTEN, 2009, p. 201).

A princípio, Lizzy se sentiu lisonjeada por ter atraído a atenção de um homem da alta aristocracia. Mas seu sentimento de raiva logo foi exposto quando ela o recusou secamente. Ao indagar o motivo de tanta incivilidade, pois estava certo de que ela jamais recusaria tal oferta, Darcy foi surpreendido pelas acusações de que ele havia sido o responsável pela separação do Sr. Bingley e Jane e por ter arruinado a vida de Wickham.

A declaração de Darcy em Hunsford é ameaçadora. Lá, Elizabeth fica acometida por emoções fortes e conflitantes – chocada e envergonhada, com desgosto, grata e ao mesmo tempo com rancor – ela sem dúvida fica sufocada por essas emoções

³⁵Tradução minha. Original: The same attribute enables her to be relaxed in the unfamiliar surroundings at Rosings. As the little party draws near to it, she is troubled by none of those apprehensions which afflict two of her companions, from a certainty alike that Lady Catherine has nothing extraordinary about her, and that “the mere stateliness of money and rank” was something she herself “could witness without trepidation”. She is, in consequence, equal to the scene within (MORRIS, 2008, p. 75).

enquanto ele permanece no local, ou, de certa forma, ela fica desprovida de sua habilidade natural de ver as coisas e pensar com clareza. A inflexibilidade de sua opinião sobre Darcy, suficientemente verdadeira, fez com que ela mantivesse a sua perspectiva; contudo, apesar da surpresa, do amor urgente de Darcy, da grandiosidade do pedido e do conflito de seus sentimentos, “ela pôde facilmente ver que ele sem dúvida esperava uma resposta favorável”, apesar de sua ansiedade (MORRIS, 2008, p. 75)³⁶.

Lizzy era uma mulher íntegra que preferia ficar só a se casar com o homem errado. Ela não percebia que intrigava Darcy, que sempre buscava oportunidades para encontrá-la sem que ela soubesse. Do ponto de vista dela, o pedido de casamento foi repentino. Ele sabia que todos reprovariam a união, mas a amava tanto que estava disposto a ignorar as convenções. Para ela, no entanto, o pedido, feito nesses termos, pareceu grosseiro, e ela afirmou que jamais se casaria com ele. Ela era incrivelmente rebelde e teve coragem de dizer não a um homem que atendia a todos os requisitos para ser considerado um partido ideal.

A reação da protagonista era condizente com suas ações anteriores, pois apesar de declarar seu amor por Elizabeth, Darcy a humilhou ao ressaltar a inferioridade social de suas circunstâncias familiares. Isso pode ter sido resultado de seu orgulho ferido e de sua surpresa, uma vez que ele tinha certeza de que ela aceitaria o pedido; ele acabou reagindo de forma insensata diante da recusa de Elizabeth. Para Morris, tal atitude não condizia com a personalidade de Darcy; Austen expressou por meio da fala de Darcy a voz da aristocracia que ela tanto deplorava:

Outro exemplo de uma notável veracidade, embora de uma forma diferente, pode ser encontrada no caráter do Sr. Darcy e no modo como ele trata Elizabeth Bennet. Quando ele a pede em casamento, ele ressalta a inferioridade social de Elizabeth, bem como a de sua família, sendo este comportamento não condizente com a atitude de um herói. Darcy parece estar agindo contra a boa conduta da época, e provavelmente contra o tipo de pessoa que ele é: ele não diria tais coisas, mesmo que tivesse pensado sobre elas. Esse lapso tem sido explicado por críticos, o presente incluso, como uma forma de tornar Darcy (neste momento) a personificação da arrogância das pessoas ricas, algo que Jane Austen deplorava e desejava criticar. Desta forma, Darcy age de forma não condizente com o seu caráter (MORRIS, 2008, p. 29)³⁷.

³⁶Tradução minha. Original: That at Hunsford Parsonage when Darcy is making his declaration is more threatening. There, Elizabeth is beset with emotions, strong and conflicting – with shock and embarrassment, with dislike, gratitude and resentment – but she is by no means overwhelmed by them while he remains, or in any degree deprived of her usual ability to see and think clearly. The inflexibility of her opinion of Darcy, true enough, might well have enabled her to retain a proper perspective; but it is not insignificant nevertheless that, despite the surprise, the lover’s urgency, the greatness of the offer and the tumult of her own feelings, “she could easily see that he had no doubt of a favourable answer”, despite his professions of anxiety (MORRIS, 2008, p. 75).

³⁷Tradução minha. Original: Another piece of remarkable veracity, though of quite different sort, may reside in the character of Mr. Darcy and his treatment of Elizabeth Bennet. His specifying and detailing to her the social inferiority of her family in the midst of proposing has been deemed unlikely conduct in a hero. Darcy appears to be sinning against the manners and decorum of the age, and against probability in a person of his type: what he might have thought, that is, it would never have occurred to him to speak. The seeming lapse has been explained by critics, the present one included, as due to Jane Austen’s need to make Darcy at this moment the embodiment

Mas Darcy se explicou em uma carta que iria mudar toda a história. Relatou que agiu com a melhor das intenções e convenceu Bingley a desistir de Jane porque ela se mostrava indiferente a seus sentimentos, exatamente como Charlotte havia afirmado. Ao tratar da segunda acusação, ele lhe contou que seu pai desejava que Wickham se tornasse um clérigo. Contudo, após a morte de seu benfeitor, Wickham disse a Darcy que não desejava se tornar um membro da igreja e pediu uma maior quantidade de dinheiro, pois pretendia se tornar um advogado. Darcy então lhe deu três mil libras e, poucos meses depois, Wickham lhe pediu mais dinheiro, o que Darcy recusou. Em seguida, Wickham tentou seduzir a irmã de Darcy. Seu plano era fugir e se casar em segredo com ela, a fim de obter sua grande herança. Felizmente, Darcy descobriu o plano a tempo para impedi-lo.

Ao ler a carta pela primeira vez, Lizzy se recusava a acreditar nele. Mas, pouco a pouco, começou a compreender a si mesma e também a Darcy. Leu e releu a carta e, por fim, começou a ver com clareza os fatos narrados. Lizzy percebeu o quanto a atitude de Wickham foi inapropriada ao relatar a suposta história de seu passado para ela, desejando arruinar a reputação de Darcy no condado, quando eles haviam acabado de se conhecer. Entendeu que Wickham espalhou a mentira para outras pessoas quando Darcy e Bingley foram embora para Londres. Lembrou, ainda, de quando Wickham viajou no dia do baile em Netherfield a fim de evitar outro encontro com Darcy. Lizzy chegou à conclusão de que não poderia defender Wickham, pois sua reputação não era conhecida. Já Darcy, apesar de ser reconhecido por sua pompa e por seu orgulho, também era querido por algumas pessoas, incluindo o Sr. Bingley, que ela tanto estimava.

Assim, ao descobrir a *verdade*, Elizabeth sentiu-se envergonhada, pois havia sido cega, parcial e preconceituosa. E refletiu:

Quão desprezivelmente eu agi! Eu, que me orgulhava de meu discernimento! Eu, que dava valor a mim mesma pelas minhas habilidades! Que frequentemente desdenhava o generoso candor de minha irmã e satisfazia a minha vaidade com a inútil e culpada desconfiança! Quão humilhante é esta descoberta! Ainda, que humilhação! Estivera eu apaixonada e não poderia ter sido mais ruinosamente cega! Mas a vaidade, e não o amor, tem sido minha fantasia! Agradada com a preferência de um e ofendida pela negligência de outro, bem no começo de nosso relacionamento, cortejei a prepotência e a ignorância, e joguei a razão para longe, no que se referia a ambos. Até agora, eu não conhecia a mim mesma (AUSTEN, 2009, p. 220).

Nesse momento, Lizzy começou a se conhecer e a mudar sua opinião sobre Darcy. Conforme Morris,

Sua humilhação é a mais profunda porque ela havia se antecipado e agora deveria analisar o caráter de Wickham que Darcy coloca diante dela. Ao ter primeiramente

of the arrogance of rank and wealth she deplores, and her contriving to do so through an action uncharacteristic in someone like him (MORRIS, 2008, p. 29).

gostado de suas atenções bajuladoras, os defeitos que ela havia detectado nas declarações de Wickham só foram enxergados posteriormente, embora tenham sido inicialmente desacreditados; tais ideias lhe trazem muitas dúvidas. Durante a conversa deles na casa dos Philippses, ela pensa várias vezes em tom de surpresa e espanto no que ela estava sendo desejada a aceitar como verdade (MORRIS, 2008, p. 81)³⁸.

Quando Lizzy voltou para casa, ficou chocada ao saber que seu pai havia dado permissão a Lydia para ir a Brighton com o Coronel Forster e sua esposa. O desejo de Lydia era ficar perto dos oficiais que haviam sido transferidos para essa cidade. Elizabeth alertou seu pai sobre o perigo de deixar Lydia sozinha para fazer suas vontades livremente em meio a tantos soldados, mas seu pai estava convencido de que ninguém lhe daria atenção e de que ela se daria conta de sua insignificância.

Enquanto Lydia partia para Brighton, Lizzy viajava com seus tios, que desejavam aproveitar o verão e visitar várias cidades. Durante a viagem, sua tia, a Sra. Gardiner, decidiu visitar o condado de Derbyshire, onde vivera por muitos anos, e também desejava conhecer Pemberley, a maior residência da região. Isso para o descontentamento de Lizzy. Seu grande consolo era o fato do Sr. Darcy não se encontrar em casa. Ao ver a grande mansão, Elizabeth ficou deslumbrada e imaginou como seria sua vida, caso houvesse aceito a proposta de Darcy:

Ela nunca vira um lugar onde a natureza tivesse feito mais ou onde a beleza natural tinha sido tão pouco contrabalanceada por um gosto desajeitado. Estavam eles todos calorosos em sua admiração; e, naquele momento, ela sentiu que ser a dona de Pemberley poderia ser algo! (AUSTEN, 2009, p. 257).

Na época de Austen, era prática comum dos empregados oferecerem *tours* pelas nobres casas nas quais trabalhavam. Quando a governanta, Sra. Reynolds, mostrou a sala com uma pintura de Darcy, a Sra. Gardiner perguntou a Lizzy se o retrato era fiel à realidade. A Sra. Reynolds ficou surpresa e perguntou se Lizzy conhecia o Sr. Darcy. Lizzy respondeu: “Um pouco” (AUSTEN, 2009, p. 258). Elizabeth percebeu que o julgara mal e que só agora começara a conhecê-lo. Então, não mais ficou surpresa com a descrição da Sra. Reynolds:

“Ele é o melhor senhorio e o melhor patrão”, ela disse, “que já viveu; não como os jovens de hoje, que em nada pensam além de si mesmos. Não há nenhum de seus inquilinos ou criados que não fale bem dele. Algumas pessoas o chamam de orgulhoso; mas estou certa de que nunca vi nada disso. À minha imaginação, é apenas porque ele não é tão agitado como os outros jovens” (AUSTEN, 2009, p. 260).

No entanto, para grande espanto e vergonha de Lizzy, eles foram surpreendidos pela presença de Darcy que chegara de viagem um dia mais cedo do que havia planejado:

³⁸Tradução minha. Original: Her humiliation is the more profound because she had herself anticipated and all but reached the assessment of Wickham that Darcy puts before her. But for the charm of first liking and the flattery of his attentions, the flaws she had detected in Wickham’s intimations would have been further dwelt on, and probably led to disbelief; puzzlement, at least, they do bring about in her. Again and again during their discussion at the Philippses, she exclaims in surprise and wonder at what she is being required to accept the truth (MORRIS, 2008, p. 81).

Eles estavam a uma distância de vinte jardas entre si e tão abrupta foi a sua aparição, que foi impossível evitar sua vista. Seus olhos instantaneamente se encontraram e nas faces de ambos se espalhou o mais profundo rubor. Ele se assustou completamente e, por um momento, pareceu imóvel de surpresa; mas logo se recobrou, avançou na direção do grupo e falou com Elizabeth, se não em termos de perfeita compostura, pelo menos com profunda civilidade (AUSTEN, 2009, p. 262).

Lizzy ficou surpresa com o acolhimento de Darcy. Ela acreditava que, após ter sido rejeitado, ele jamais a trataria bem. Ficou abismada com o desejo dele de conhecer seus tios, uma vez que eles não faziam parte da aristocracia. Darcy ainda lhes fez uma visita, pois gostaria que Elizabeth conhecesse sua irmã, a famosa Georgiana Darcy.

Quando ela o viu, assim, buscando o relacionamento e cortejando a boa opinião das pessoas com quem algum vínculo, poucos meses atrás, teria sido uma desgraça – quando ela o viu assim cortês, não apenas com ela mesma, mas com os próprios parentes que ele tão francamente desprezara e lembrando sua última lívida passagem no Presbitério de Hunsford – a diferença, a mudança era tão grande e a impressionou tão forte em sua mente, que ela mal podia conter seu assombro de se tornar visível (AUSTEN, 2009, p. 274).

Elizabeth também percebeu que Georgiana não era orgulhosa como Wickham afirmara. Ela era uma menina doce e insegura que admirava Lizzy. Pediu para seu irmão convidar a ela e a seus tios para jantarem em Pemberley. No entanto, todos foram surpreendidos por uma carta de Jane, na qual ela relatava que Lydia fugira de Brighton com Wickham e que ninguém sabia o paradeiro do casal.

Curiosamente, o sobrenome Forster, dos anfitriões de Lydia, se parece com a palavra *foster*, que significa “induzir”, e foi exatamente isso que eles fizeram com ela em Brighton, ao encorajá-la a se misturar com os oficiais. Como consequência, ela fugiu com Wickham e destruiu sua reputação.

No século XIX, a união de um casal fora do casamento significava a desgraça de uma família. Devido ao comportamento de Lydia, a sociedade inglesa veria com maus olhos a família Bennet e, muito dificilmente, algum cavalheiro desejaria desposar uma de suas irmãs. Essa visão pode ser vista na carta do Sr. Collins para o Sr. Bennet:

A morte de sua filha teria sido uma benção em comparação a isso [...] Seja como for, você deve ser gravemente perdoado; em cuja opinião não coincide apenas a Sra. Collins, mas igualmente Lady Catherine e sua filha, para quem relatei o caso. Elas concordam comigo ao compreender que esse passo em falso de uma filha será injurioso à sorte de todas as outras; pois quem, como a própria Lady Catherine condescendentemente diz, quem se juntará a si próprio com tal família? (AUSTEN, 2009, p. 308).

Lizzy voltou para casa e seu tio viajou a Londres com o Sr. Bennet para tentar descobrir o paradeiro do casal. Lydia deixara uma carta na qual dizia que os dois iriam para Gretna Green, cidade na Escócia na qual um casal abaixo de 21 anos podia se casar sem o consentimento dos pais. No entanto, sabia-se que os dois se encontravam em Londres e que Wickham não tinha a intenção de se casar com Lydia. Descobriu-se que ele fugira de

Brighton por causa de muitas dívidas, consequência de seus jogos de aposta, e que Lydia fugira com ele, acreditando que ele a desposaria. Mas na verdade, ele apenas desejava uma breve companhia feminina e intencionava abandoná-la em Londres. Logo, a boa reputação de Wickham foi arruinada:

Toda Meryton se esforçava para denegrir o homem que, três meses antes, quase parecia um anjo de luz. Todos os comerciantes do lugar afirmavam que ele estava em débito e suas intrigas, todas honradas com o título de sedução, foram estendidas até as famílias dos comerciantes. Todos declaravam que ele era o jovem mais pernicioso do mundo; e todos começaram a descobrir que sempre desconfiaram da aparência de sua bondade (AUSTEN, 2009, p. 306).

O escândalo de Lydia estragou a viagem de Elizabeth e a manteve separada de Darcy. Nesse meio tempo, Lizzy observava e admirava a grandiosidade do homem pelo qual se apaixonou. Ela acreditava que Darcy jamais iria querer voltar a vê-la; porém, mais uma vez, ela o julgou mal. Darcy partiu em viagem, encontrou Wickham, pagou as suas dívidas e lhe deu dinheiro para casar com Lydia, salvando a reputação da família Bennet. Mas Darcy fez questão de ficar no anonimato. Ele também fez com que Bingley voltasse atrás e pedisse Jane em casamento. Quando toda a verdade foi revelada, Elizabeth ficou emocionada. Apesar de achar que jamais seria possível se unir a ele, “seu coração sussurrava que ele fizera isso por ela” (AUSTEN, 2009, p. 337).

Lizzy foi surpreendida pela visita de Lady Catherine, que viajou até Longbourn para acusar Elizabeth de ter espalhado o rumor de que Darcy se casaria com ela e fazê-la prometer jamais se unir a ele. Elizabeth percebeu que houve motivo para os rumores surgirem, pois Darcy lhe dera atenção em Derbyshire. No entanto, ficou ofendida com o tratamento e os insultos de Lady Catherine, afirmando jamais ter criado tal rumor e se recusando a prometer tal coisa. Expulsou-a de sua casa, ferindo com isso o orgulho de Lady Catherine.

Posteriormente, quando Bingley se dirigiu à residência dos Bennets para passar o dia com sua noiva, Jane, Darcy lhe fez companhia e caminhou com Lizzy pelo jardim. Ela lhe agradeceu por tudo que ele fez por sua família, e ele ficou surpreso, pois pretendia permanecer no anonimato. Mas terminou afirmando que fez tudo por ela e a pediu em casamento novamente:

Você é muito generosa por zombar de mim. Se seus sentimentos ainda são o que eram em abril passado, diga-me de uma vez. Minhas afeições e meus desejos estão inalterados, mas uma palavra sua me silenciará sobre esse assunto para sempre (AUSTEN, 2009, p. 377).

Elizabeth transbordou de felicidade e prontamente aceitou o pedido. Contudo, o Sr. Bennet ficou surpreso, uma vez que Lizzy detestava Darcy. Então, disse-lhe:

Conheço como você é, Lizzy. Sei que pode não ser feliz, nem respeitável, a menos que verdadeiramente estime seu marido; a menos que você o considere superior. Seus vívidos talentos a colocariam no maior dos perigos, em um casamento

desigual. Você mal poderá escapar do descrédito e da desgraça. Minha filha, não me dê a tristeza de vê-la incapaz de respeitar seu parceiro na vida. Você não sabe o que a espera (AUSTEN, 2009, p. 388-389).

O pai de Elizabeth reconhecia que ela só seria feliz com um marido que a respeitasse e a tratasse com igualdade. Por isso, receava que Lizzy tivesse o mesmo futuro que ele, presa em um casamento com alguém inconveniente pelo resto da vida.

Mais uma vez, vemos que a “verdade universalmente reconhecida”, apresentada no início do livro, constitui uma mentira. Basta perguntar ao Sr. Bennet. Através do seu casamento com a Sra. Bennet, o pai de Elizabeth mostrou que o casamento podia acabar se tornando uma tragédia, resultado de uma imprudência juvenil. Contudo, Lizzy o convenceu de que amava Darcy e lhe relatou tudo o que ele fez pela família.

Após o casamento de Darcy e Lizzy, Jane e Bingley se mudaram para perto de Pemberley, e o Sr. Bennet, o Sr. e a Sra. Gardiner eram convidados sempre presentes na nova residência de Elizabeth. Wickham e Lydia se mudaram para Newcastle e sempre pediam dinheiro a Elizabeth. Caroline Bingley finalmente passou a tratar Elizabeth com cordialidade para não perder o respeito de Darcy e de Bingley. Georgiana se tornou amiga de Elizabeth e Lady Catherine fora, aos poucos, retomando contato com seu sobrinho. Kitty foi morar com Elizabeth e passou a receber uma boa educação. Mary permaneceu em casa, mas, sendo a única filha em Longbourn, passou a socializar com os vizinhos, a pedido de sua mãe que agora tinha três filhas casadas.

Orgulho e Preconceito é um livro alegre. Ele parece dizer que se pudermos nos encarar profundamente, como Lizzy, ou seja, enxergar a *verdade*, e se tivermos a maturidade para não nos deixarmos levar pelas aparências, também poderemos chegar a um final feliz. Jane Austen revolucionou a literatura feminina ao criar uma personagem tão determinada e independente, que se casou por amor com aquele que *ela* mesma escolheu como esposo. Ao final do livro, percebemos que o casamento de Elizabeth e Darcy se deu de modo livre, bem como o mútuo respeito que um tinha pelo outro. Esse respeito que os diferenciou dos outros casais.

Além disso, Austen trabalhou com outras verdades, através do contexto histórico detalhado na narrativa, como por exemplo, a natureza do casamento e o contexto de guerra através da presença dos soldados.

A seguir, veremos como esta obra pode ser considerada um romance de formação.

2.2 “GAROTA OBSTINADA, TEIMOSA!”

No primeiro capítulo desta dissertação, explicou-se que o termo *Bildungsroman* foi cunhado em 1819 por Karl Morgenstern, referindo-se ao romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, publicado entre 1777 e 1786. Também foi dito que *Orgulho e Preconceito* foi publicado em 1813, mas havia sido escrito em 1797. Em uma perspectiva histórica linear, toda a obra de Austen é posterior àquele livro de Goethe e foi publicada antes de o termo *Bildungsroman* ter sido cunhado. Assim, pode-se dizer que Austen foi uma das precursoras daquele subgênero. Seguindo uma tendência da época, *Orgulho e Preconceito* apresenta características do romance de formação, como buscaremos mostrar neste capítulo.

Mas a obra de Austen pode ser difícil de ser classificada. Ela apresenta traços românticos através de alguns personagens apaixonados e melancólicos, como Marianne Dashwood em *Razão e Sensibilidade*, bem como traços realistas, ao descrever eventos do cotidiano, como por exemplo, em *Emma*.

Muitos críticos concordam com a ideia de que Austen escreveu “comédias de costumes”, nas quais são satirizados os padrões sociais de sua época. Ao escrever essas sátiras, Austen criticou a sociedade inglesa patriarcal de sua época e criou heroínas que se casaram por amor, uma ideia não muito convencional nos séculos XVIII e XIX, quando as mulheres se casavam por obrigação. Mas Austen foi além. Suas heroínas não encontraram apenas um final feliz; elas passaram por uma trajetória de autoconhecimento e aprendizagem.

Como já dito, em *Orgulho e Preconceito*, Austen tratou de *primeiras impressões* e de como elas podem ser enganosas. No início do livro, são apresentadas as primeiras impressões da sociedade de Meryton a respeito do Sr. Darcy e vice-versa. Para aquela vizinhança, esse rapaz era extremamente atraente, uma vez que era dono de grande fortuna. Mas ao revelar-se orgulhoso e difícil de agradar, todos passaram a desejar que ele não voltasse mais para a cidade. Para ele, aquela pequena população não possuía as boas maneiras e o refinamento com os quais estava acostumado. Mas se essas pessoas, por um lado, não sabiam que Darcy era muito tímido e não tinha facilidade para conversar com pessoas estranhas, por outro, ele também era preconceituoso diante da inferioridade social dos habitantes de Meryton, a ponto de recusar-se a dançar com Elizabeth Bennet. Vemos, aí, a primeira impressão de Darcy em relação à Elizabeth e vice-versa. Quem seria orgulhoso e quem seria preconceituoso?

Ambos têm estes dois defeitos: Darcy era orgulhoso, porque acreditava ser superior a todas as outras pessoas, e preconceituoso diante das circunstâncias inferiores daquela sociedade de Meryton; Elizabeth também era orgulhosa, por não deixar-se intimidar pela

pompa de Darcy, e preconceituosa por Darcy ser arrogante. Ambos julgam mal um ao outro, mas Darcy logo percebeu que fora enganado pelas aparências e se apaixonou por Elizabeth.

Nós podemos achar Darcy orgulhoso e Elizabeth preconceituosa, uma vez que ela é defensiva diante da arrogância que ela projeta nele; mas o que é essa defesa senão uma expressão de orgulho? E a arrogância de Darcy não é naturalmente baseada em preconceito? À medida que esse binário se divide, Austen introduz outros novos, sendo cada um testado em circunstâncias difíceis. Essa complexidade é um aspecto da razão prática de Austen (MILES, 2013, p. 18)³⁹.

O orgulho de Lizzy foi ferido quando ele se recusou a dançar com ela no baile por não ser bonita o bastante para ele. Ela procurou rir da situação e tentou não se importar, mas acabou admitindo para Charlotte: “eu poderia facilmente perdoar seu orgulho, se ele não tivesse mortificado o meu” (AUSTEN, 2009, p. 23).

Elizabeth é heroína de um *Bildungsroman*, porque é especial: inteligente e corajosa por dizer o que pensa e por não aceitar se casar com o Sr. Collins, apesar do que esse casamento significaria para a sua família. Ela buscava o amor e a felicidade e não se casaria por conveniência. Lizzy se orgulhava de seu bom discernimento e acreditava julgar muito bem as pessoas a seu redor. Certamente, julgou bem o caráter de muitos personagens, como o do Sr. Collins, de Lady Catherine e de Caroline Bingley. Mas ela também cometeu erros.

Logo no início do livro, há indícios de que Darcy não seria aquela pessoa horrível como a sociedade de Meryton imaginava. Mas Elizabeth começara a odiá-lo, mesmo após Jane lhe relatar o que Caroline Bingley havia lhe contado: “A Srta. Bingley me disse que ele nunca fala muito, a menos entre seus amigos íntimos. Ele é notavelmente agradável com eles” (AUSTEN, 2009, p. 22-23). A narrativa traz indícios nesse sentido ao longo do enredo. No entanto, eles podem facilmente passar despercebidos, e o leitor, assim como Lizzy, ser levado a julgar mal as pessoas.

Elizabeth, certamente, compreende o caráter do Sr. Collins, de Lady Catherine e das irmãs de Bingley, por exemplo. No entanto, a confiança em suas habilidades faz com que ela cometa erros. Não foi somente o caráter de Wickham e de Darcy que Lizzy avaliou mal. Outro exemplo de como ela julgava mal as pessoas é o casamento de Charlotte com o Sr. Collins. Quando Charlotte havia lhe dito que Jane deveria se casar com o Sr. Bingley o mais rápido possível e conhecê-lo melhor após o casamento, Lizzy riu e afirmou que Charlotte jamais faria algo tão absurdo como isso. Esse diálogo é um *foreshadowing*, uma espécie de

³⁹Tradução minha. Original: We might think Darcy proud, and Elizabeth prejudiced, in that she is defensive about the haughtiness she projects onto him; but what is this defensiveness but another expression of pride? And isn't Darcy's hauteur naturally founded on prejudice? As this binary breaks down, Austen introduces new ones, each tested against hard circumstance. The proliferating complexity is an aspect of Austen's practical reason (MILES, 2013, p. 18).

“prenúncio” que, na narrativa, serviu de alerta para não ficarmos tão surpresos quando ela aceitasse a proposta do Sr. Collins.

Quando se tratava de Darcy, Elizabeth, tomada pelo orgulho, não via a *verdade* diante dela, preferindo acreditar que ele não passava de um aristocrata arrogante. Ela não percebia que, na realidade, os dois eram parecidos. Quando Lizzy se encontrou hospedada em Netherfield, lia livros enquanto as outras pessoas jogavam cartas. Depois, descobrimos que Darcy também gostava de ler e que possuía uma grande biblioteca em Pemberley.

Elizabeth não percebia que Darcy tentava defendê-la dos maldosos comentários de Caroline e acabava sempre por confrontá-lo, como na cena em que Caroline descreveu as habilidades de uma mulher verdadeiramente prendada com o intuito de insultar Lizzy. Darcy ressaltou a importância da leitura no momento em que Elizabeth se encontrava com um livro em suas mãos:

“Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e dos idiomas modernos para merecer a palavras; e, além de tudo isso, ela deve possuir um quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e em suas expressões ou a palavra seria meio merecimento.”
 “Tudo isso ela deve possuir”, acrescentou Darcy, “e a tudo isso ela ainda deve adicionar algo mais substancial, no aprimoramento de seu espírito com uma ampla leitura.”
 “Já não estou mais surpresa por você conhecer apenas seis mulheres prendadas. Agora me surpreendo por conhecer alguma.” (AUSTEN, 2009, p. 44-45).

Apesar de Darcy jamais tratá-la com arrogância após suas grosserias iniciais, Elizabeth permanecia cega. Quando sua família a visitou em Netherfield e todos estavam conversando, Darcy prestou atenção somente a ela e apenas falava alguma coisa quando Elizabeth fazia algum comentário, como por exemplo, quando ela falava sobre poesia:

“Eu me pergunto quem foi o primeiro a descobrir a eficácia da poesia em desencorajar o amor!”
 “Eu me acostumei a considerar a poesia como o alimento do amor”, disse Darcy.
 “De um amor fino, determinado e saudável, pode ser. Qualquer coisa nutre o que já é forte. Mas se for apenas um tipo leve e menor de inclinação, estou convencida de que um bom soneto o fará perecer de fome.”
 Darcy apenas sorriu (AUSTEN, 2009, p. 51).

Há duas interpretações possíveis para o sorriso de Darcy: ele simplesmente sorriu e não falou mais nada, pois não queria discutir com Lizzy ou ele foi a única pessoa que sorriu, demonstrando carinho por ela. Contudo, Lizzy se mantinha cega por seu orgulho e por seu preconceito. Mesmo quando percebia os olhares de Darcy, ela acreditava que ele estava apenas a observando e condenando suas maneiras que, certamente, não poderiam agradá-lo:

Elizabeth não pôde deixar de observar, conforme ela se voltava para alguns livros de música que estavam sobre o instrumento, o quão frequentemente os olhos do Sr. Darcy estavam fixos nela. Ela dificilmente sabia como supor que pudesse ser objeto de admiração para um homem tão notável; e, ainda que ele pudesse olhar para ela porque a detestasse, isso era mais estranho. Ela apenas podia imaginar, porém, por fim, que atraísse sua atenção porque havia algo ainda mais errado e repreensível, de

acordo com as ideias dele sobre o que é certo, do que em qualquer outra pessoa ali presente. A suposição não a machucou. Ela gostava muito pouco dele para se importar com sua aprovação (AUSTEN, 2009, p. 58).

Quando Darcy a chamou para dançar, ela decidiu se vingar. Ela não apenas o recusou, como ainda afirmou:

“e, agora, ouse me desprezar.”

“De fato, não ousarei.”

Elizabeth, tendo preferido esperar por afrontá-lo, estava surpresa com a sua galanteria; mas havia uma mistura de suavidade e provocação em sua maneira que tornava difícil para ela afrontar qualquer um; e Darcy nunca esteve tão enfeitado por qualquer mulher como ele estava por ela. Ele realmente acreditava que, se não fosse pela inferioridade das relações dela, ele realmente estaria em perigo” (AUSTEN, 2009, p. 58).

O comportamento de Elizabeth fez com que ela facilmente acreditasse nas mentiras de Wickham. O soldado lhe perguntou se ela conhecia o Sr. Darcy e, ao perceber que Elizabeth não era muito íntima do cavalheiro em questão, Wickham aproveitou a chance para difamá-lo antes que a verdade fosse descoberta. Era mais fácil aceitar os relatos contra Darcy do que aqueles a seu favor. Elizabeth sequer duvidava do caráter de Darcy, nem mesmo quando ele tentou lhe dizer para não acreditar em muitas coisas a seu respeito: “Você espera que eu me responsabilize por opiniões que atribui a mim, mas que nunca reconheci” (AUSTEN, 2009, p. 56).

A única pessoa que tinha dúvidas e tentava defendê-lo era Jane, que não entendia como o amável Sr. Bingley poderia ser amigo de Darcy caso ele fosse mesmo uma pessoa desprezível como Lizzy acreditava. Mas ela atribuiu essa opinião ao bom caráter de Jane, que era incapaz de ver defeitos nas outras pessoas. No entanto, os indícios textuais continuavam se acumulando na narrativa, apontando a amabilidade de Darcy, como por exemplo, quando se fez referência à condição das irmãs de Bingley: “Eram de uma família respeitável do norte da Inglaterra; uma circunstância mais profundamente marcada nas suas memórias do que a de que a fortuna de seu irmão, e as delas próprias, haviam sido adquiridas pelo comércio” (AUSTEN, 2009, p. 18).

Na época de Austen, havia um certo preconceito da aristocracia em relação às pessoas que se tornavam ricas através do comércio, uma vez que suas famílias nem sempre eram nobres. Darcy descendia da nobreza, mas seu melhor amigo, o Sr. Bingley, não. Bingley se tornara rico através do trabalho e sequer possuía casa própria; ele era apenas um inquilino em Netherfield. No entanto, isso não o impediu de ser o melhor amigo de Darcy. Ou seja, podemos ver que Darcy não era tão preconceituoso como Elizabeth imaginava.

Tais características possivelmente tenham levado Robert Miles a afirmar que Austen foi uma das primeiras escritoras a criar personagens reais na ficção inglesa. Seus personagens

são plausíveis, possuem personalidade e geram identificação com o leitor. Essa identificação é essencial no *Bildungsroman*, pois contribui para a formação do leitor por meio do exemplo e das vivências dos personagens:

Austen testa a nossa habilidade crítica, uma vez que ela é a grande pioneira do personagem no romance inglês, nos fornecendo não somente personagens que podemos entender e nos identificar, como também personalidades capazes de ocupar as nossas mentes, local onde eles florescem. Enquanto há vários fatores para a popularidade de Austen, o mais dominante certamente é a sua capacidade de criar a ilusão de personalidade (MILES, 2013, p. 15)⁴⁰.

Elizabeth tinha uma personalidade forte e sentimentos reais com os quais os leitores podem se identificar. Quando Darcy a pediu em casamento pela primeira vez, ela foi incapaz de aceitá-lo e os dois discutiram. Darcy era tão orgulhoso que acreditava que ela jamais o recusaria e, ao ser rejeitado, ele a ataca e fala sobre a sua inferioridade, bem como a de sua família. Essa atitude fez com que Elizabeth pouco se importasse com os sentimentos dele, uma vez que suas maneiras não eram cavalheirescas. Ela jamais poderia aceitá-lo e ainda o confrontava, ao afirmar que ele seria o último homem no mundo com o qual ela se casaria. Pode-se notar que eles não estavam prontos um para o outro ainda. Darcy acreditava que ela deveria ser grata por alguém tão rico e superior desejar se casar com alguém como ela, e quando ela recusou seu pedido, ele a insultou. Já Elizabeth o julgara mal e o acusara de ter arruinado a vida de Wickham, sem saber a verdade. Ela não conhecia o verdadeiro caráter de Darcy. Logo, eles precisavam mudar, amadurecer e aprender a respeitar um ao outro.

Miles também explica que a individualidade da heroína de Austen se dá por meio da autorrealização. Esse processo acontece de forma gradual, até que ela se deparou com a *verdade*. No caso de Lizzy, ela vivenciou vários momentos com o Sr. Darcy que poderiam lhe proporcionar um melhor entendimento do caráter dele. Mas ela foi parcial e somente mudou de ideia após receber a carta dele e ao visitar Pemberley.

O grande erro de Lizzy está relacionado ao que sua irmã Mary afirmou no início da narrativa. Mary sempre fez comentários moralistas e filosóficos, sendo ignorada por todos. Caso Lizzy houvesse prestado atenção, talvez seu comportamento tivesse sido diferente, pois era exatamente essa lição que ela deveria aprender:

A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, embora as palavras geralmente sejam usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho está mais vinculado à nossa própria opinião de nós mesmos, e a vaidade, ao que achamos que os outros pensam de nós (AUSTEN, 2009, p. 23).

⁴⁰Tradução minha. Original: The reason Austen tests our critical mettle is that she is the great pioneer of character in the English novel, providing us with, not just characters we can understand and sympathise with, but personalities capable of taking up residence in our minds, where they flourish. While there are many factors in Austen's current popularity, a dominant one is surely her capacity to create the illusion of personality (MILES, 2013, p. 15).

O ponto crucial do romance é quando Lizzy iniciou seu processo de autoconhecimento. Ela afirmou: “até agora, eu não conhecia a mim mesma” (AUSTEN, 2009, p. 220) e confrontou seus erros. Como entende Stafford,

a identidade de Elizabeth é abalada, uma vez que o novo entendimento das pessoas ao seu redor revela um entendimento sobre ela mesma, nunca antes visto. Mais uma vez, a verdade se torna evidente e o conhecimento que existia é dissolvido; e no meio dessa confusão, surge a clareza (STAFFORD, 2004, p. 23)⁴¹.

Elizabeth leu a carta inúmeras vezes, o que lhe trouxe angústia, mas era necessário para sua aprendizagem. Ademais, ela enfrentou esse momento sozinha, talvez por vergonha de seu comportamento, como também porque era uma lição que ela devia aprender por ela mesma. “A reflexão deveria ser reservada para horas solitárias; sempre que ela estava sozinha, cedia a ela com o maior alívio; e nenhum dia se passou sem uma caminhada solitária, na qual ela poderia se permitir todos os prazeres de lembranças desagradáveis” (AUSTEN, 2009, p. 225).

É interessante notar que Austen inseriu várias cartas no romance, mas nenhuma delas escrita por Elizabeth. A narrativa se desenrola do ponto de vista de Lizzy e dos eventos que ela vivenciou. Portanto, o leitor não necessita ler suas cartas para saber o que se passava com ela, como acontecia com os outros personagens. Contudo, a leitura que Lizzy fez das cartas que recebeu foi de extrema importância, porque contribuiu para seu entendimento sobre os acontecimentos do romance e, conseqüentemente, para sua formação:

[...] em *Evelina*, Burney faz uso limitado dos grandes recursos da polifonia epistolar introduzida por Richardson e outros autores, e o seu título característico para cada carta narrada, criada principalmente para externalizar a consciência da heroína em amadurecimento, é “Evelina em continuação”. Já *Orgulho e Preconceito* exibe um rico conjunto de vozes epistolares, vozes que mudam de acordo com a situação e com o seu leitor, bem como com o seu escritor. À primeira vista, Austen parece alcançar esse efeito sem as convenções básicas do imediatismo epistolar, utilizando cartas transparentes como uma autêntica janela para a vida de seus personagens. [...] Não menos importante do que a escrita de cartas é a leitura cuidadosa das mesmas, que são sempre algo mais ou menos do que a consciência íntima do seu escritor. Elas só produzirão o seu verdadeiro significado quando lidas pacientemente como quando Elizabeth lê as cartas de Jane, “examinando-as” e buscando traços de ocultação emocional, “refletindo” sobre suas evasivas ou o que não estava explícito, observando cada linha “em busca daquela alegria característica do seu estilo” (KEYMER, 2013, p. 5)⁴².

⁴¹Tradução minha. Original: Suddenly even Elizabeth’s identity is shaken, as the new understanding of others reveals a self never before visible. Once again, truth becomes evident as existing knowledge dissolves; and from the midst of the ensuing confusion comes clarity (STAFFORD, 2004, p. 23).

⁴²Tradução minha. Original: Burney makes only limited use in *Evelina* of the rich resources of epistolary polyphony pioneered by Richardson and others, and her typical heading for each narrative letter, designed mainly to externalize the maturing consciousness of her heroine, is “Evelina in continuation”. *Pride and Prejudice* exhibits instead a finely calibrated range of epistolary voices, voices, that shift according to situation and addressee as well as from writer to writer. At first sight Austen might seem to achieve this effect within the basic conventions of epistolary immediacy, using letters as transparent windows on authentic inner lives. [...] No less important than the writing of letters is the vigilant reading of letters, which are always something more or less than the inward consciousness of the writer. They will only yield up their full meaning when read as

Após ler a carta de Darcy, Lizzy reconheceu que a vaidade fora a sua insensatez e motivara seu comportamento vaidoso e arrogante. Essa falha causou sua distração diante do comportamento dos outros, uma vez que enxergava o que buscava ver, característica constantemente observada por Darcy. No momento de autoconhecimento, ela reprovou seu comportamento por não ter visto as pessoas como elas eram, dando razão à sua vaidade. Ela reconheceu que desconhecia Jane, porque acreditava que ela era incapaz de ver o mal nas outras pessoas, e que por isso ela defendia Darcy de suas maldosas acusações, tendo sido sempre pessimista diante do comportamento das outras pessoas, como ela havia afirmado anteriormente:

Há poucas pessoas que eu realmente amo e ainda menos aquelas das quais eu penso bem. Quanto mais eu vejo o mundo, mais fico insatisfeita com ele; e cada dia confirma minha crença na inconsistência do caráter humano e na pequena dependência que pode ser colocada na aparição do mérito e do senso (AUSTEN, 2009, p. 147).

A narrativa revela a consciência de Elizabeth, uma vez que ela é a personagem condutora. Mas quando se trata de Darcy, há poucas explicações sobre os sentimentos dele. Por isso, devemos realizar uma leitura atenta para entender o comportamento de Darcy, tal como a heroína termina fazendo.

O romance trata de *primeiras impressões* e como elas podem ser falsas. Compreender o caráter das pessoas era uma lição que Elizabeth devia aprender, da mesma forma que o leitor do romance. Logo, *Orgulho e Preconceito* é um livro instrutivo que, ao relatar o processo de formação de sua heroína, também promove ensinamentos e contribui para a formação de seus leitores.

Embora Austen esteja disposta a nos proporcionar uma análise sutil e esclarecedora da consciência de sua heroína, o seu narrador é não onisciente quando se trata de Bingley e Darcy. Explicações sobre o que esses personagens pensam ou sentem são raras, com ênfase colocada nas incertezas de Elizabeth e Jane pela conduta deles. Ao invés de nos instruir sobre como entender Darcy, o narrador relata, de forma paciente e sem compromisso, as conjecturas conflitantes que ele inspira naqueles ao seu redor, ou os seus sinais confusos que fazem dele alguém “difícil de entender”. Em um romance preocupado acima de tudo com as incertezas sobre o caráter verdadeiro e com as falsas impressões, a reticência de Austen – que oculta informações essenciais, até mesmo para nos confundir – é uma técnica central, replicando para os leitores os dilemas da heroína, e fazendo com que nós, assim como ela, façamos questionamentos e realizemos descobertas (KEYMER, 2013, p. 10)⁴³.

patiently as Elizabeth reads the letters of Jane, “re-perusing” them for marks of emotional concealment, “dwelling on” their evasions or blind spots, scrutinszing every line for “want of that cheerfulness which has been used to characterize her style” (KEYMER, 2013, p. 5).

⁴³Tradução minha. Original: Though willing enough to give subtle, insightful assessments of her heroine’s consciousness, [...] Austen’s narrator is pointedly non-omniscient when it comes to Bingley and Darcy. Explanations of what these characters think or feel are scarce, with emphasis placed instead on the uncertainties posed to Elizabeth and Jane by their inscrutable conduct or cryptic words. Rather than instruct us in how to understand Darcy, the narrator instead reports, in patient but noncommittal style, the conflicting conjectures he

A formação de Lizzy aconteceu à medida que ela entendia o caráter de Darcy. Ao ver Pemberley pela primeira vez, ela ficou deslumbrada e, por um momento, desejou ter aceitado o pedido de casamento de Darcy. Mas logo, talvez para não dar vasão a seu arrependimento, ela decidiu buscar defeitos nele, acreditando que ele não permitiria que seus tios, por possuírem pouco dinheiro, a visitassem em Pemberley.

“E deste lugar”, ela pensou, “eu poderia ter sido a patroa! Destas salas eu poderia ter um conhecimento familiar! Ao invés de vê-las como uma estranha, eu poderia ter-me regozijado como minhas próprias e recepcionaria como visitantes meu tio e minha tia. Mas não”, se recompondo, “isso nunca poderia ocorrer; meu tio e minha tia seriam perdidos para mim; eu nunca teria sido permitida a convidá-los” (AUSTEN, 2009, p. 257).

No entanto, não foi a casa em si que fez com que Lizzy se arrependesse por não ter aceitado se casar com Darcy, mas sim o que ela tinha a dizer sobre ele. Ela percebeu que a casa era elegante, mas não exuberantemente aristocrática como a residência da vaidosa e orgulhosa Lady Catherine, e descobriu o carinho que ele dedicava a sua irmã. Ademais, quando a Sra. Reynolds afirmou que nenhuma mulher seria boa o suficiente para se casar com seu patrão, Elizabeth compreendeu a verdadeira índole de Darcy. E ao ver seu retrato, Lizzy passou a enxergá-lo com outros olhos.

Na galeria, havia muitos retratos da família, mas eles pouco tinham para atrair a atenção de um estranho. Elizabeth caminhou em busca do único rosto cujos traços lhe seriam conhecidos. Por fim, o quadro lhe prendeu – e ela observou uma notável semelhança com o Sr. Darcy, com tal sorriso sobre o rosto como o que ela se lembrava de ter visto, às vezes, quando ele olhava para ela. Ela permaneceu muitos minutos diante da pintura, em séria contemplação e virou-se para ele antes de deixarem a galeria (AUSTEN, 2009, p. 261).

Há poucas evidências de que Darcy sorria durante a narrativa, o que contribui para a crença de que ele era esnobe e arrogante. Além disso, todas as vezes em que ele sorrisse para Lizzy, ela acreditara que ele estava zombando dela. De repente, após ver seu retrato em Pemberley, o sorriso de Darcy passou a ser atraente. De acordo com John Wiltshire,

O sorriso dele proporciona diferentes interpretações, em parte porque não há nada no texto que revele seus pensamentos ou descreva como o seu sorriso era. De qualquer forma, a maioria dos leitores acha difícil enaltecer o Sr. Darcy nesta cena, apenas porque ele sorriu (WILTSHIRE, 2015, p. 56)⁴⁴.

Elizabeth percebeu que todos na região admiravam Darcy e que o fato de ele ser um grande senhor era resultado de sua integridade. Com isso, Darcy deixou de ser considerado

inspires in those around him, or the puzzling external signs that make him “difficult to understand”. In a novel concerned above all with uncertainties about true character, with the unreliability of impressions and the elusiveness of explanations, Austen’s reticence – which extends to withholding key information, even to active misdirection – becomes a central technique, replicating for readers the quandaries of the heroine, and making us undertake, like her, an effort of enquiry and discovery (KEYMER, 2013, p. 10).

⁴⁴Tradução minha. Original: His smile is capable of different interpretations partly because there is nothing in the text that either reveals what his thoughts were or describes what his smile was like. Either way, most readers may find it difficult to reward Mr. Darcy here, just for smiling (WILTSHIRE, 2015, p. 56).

arrogante e orgulhoso e passou a ser visto como um cavalheiro honesto e respeitável. Ele era responsável pela vida e pela felicidade de muitas pessoas no condado, e Lizzy deduziu que ela, caso fosse esposa de Darcy, também seria responsável por tudo isso, até mesmo por sua própria família, cujo futuro era incerto. Depois, ela passou a se sentir grata por ter sido amada por Darcy, alimentando a esperança de que talvez os sentimentos dele ainda fossem os mesmos. “Ela desejou saber o que se passava naquele momento em sua mente – de qual modo ele pensava nela e se, apesar de tudo, ela ainda era querida por ele” (AUSTEN, 2009, p. 264).

Contudo, após a fuga de Lydia com Wickham, Lizzy acreditou que Darcy jamais se uniria a ela, em vista desse escândalo. Portanto, sua formação ainda não havia sido concluída, uma vez que ela novamente o julgara mal.

Ela se tornou ciumenta da estima dele, quando já não mais poderia esperar proveito dela. Ela queria ouvir dele, quando parecesse não haver a menor chance de obter a informação. Ela estava convencida de que teria sido feliz com ele, quando já não era mais provável que se encontrassem.

Que triunfo para ele, como ela pensava com frequência, pudesse ele saber que as propostas que ela orgulhosamente desprezara apenas quatro meses atrás, seriam agora muito alegre e gratamente recebidas!

[...] Ela começou, agora, a compreender que ele era exatamente o homem que, em atitude e em talento, mais combinava com ela. O entendimento e o temperamento dele, embora diferentes dos dela própria, teriam correspondido a todos os seus desejos. Era uma união que seria proveitosa para ambos; pela tranquilidade e pela vivacidade dela, a mente dele seria suavizada, seus modos aprimorados; e, com a ponderação dele, informações e conhecimento sobre o mundo, ela teria recebido vantagens da maior importância (AUSTEN, 2009, p. 323).

Quando tudo foi resolvido e Elizabeth aceitou se casar com Darcy, o diálogo que se seguiu foi extremamente importante para os dois. Eles falaram sobre o passado e como se sentiram diante de tudo o que havia ocorrido. Para eles, rememorar o passado repleto de erros era importante para a construção de um futuro amadurecido. Percebe-se assim que Darcy também passara por um processo de aprendizagem.

Não pude me reconciliar facilmente comigo. A lembrança do que eu então disse, da minha conduta, de meus modos, das minhas expressões durante o curso do ocorrido é agora e têm sido por muitos meses inexprimivelmente dolorida para mim. Sua reprimenda, tão bem aplicada, nunca esquecerei: “tivesse você se comportado de modo mais cavalheiresco”. Essas foram as suas palavras. Você não sabe, mal pode conceber, o quanto elas me torturaram; - embora levou algum tempo, confesso, para que eu fosse razoável o bastante para fazer-lhes justiça (AUSTEN, 2009, p. 379).

Lizzy acreditara que, após recusar o primeiro pedido de casamento de Darcy, ele a trataria mal. Então, ficou surpresa quando ele a recebeu em Pemberley com muita amabilidade. Analisar seus sentimentos era uma tarefa difícil para essa heroína. A mudança de atitude de Darcy em Pemberley foi algo fácil de compreender, mas Lizzy ficou totalmente perplexa. Demorou a entender o comportamento de Darcy e os sentimentos dela passaram por

mudanças significativas. Primeiramente, ela o odiou, depois ficou confusa, aprendeu a respeitá-lo e a admirá-lo, sentiu-se grata e, finalmente, passou a amá-lo.

Após a visita do grupo que se encontrava em Pemberley, Derbyshire, Elizabeth fica tão confusa e incerta sobre os seus sentimentos em relação a ele, o que fez com que ela ficasse “acordada por duas horas inteiras, empenhada a descobri-los”: metodicamente dispensando o ódio e a aversão por ele, admitindo respeito, permitindo estima, e aventurando-se finalmente a contemplar gratidão. Mas nada a impede de posteriormente enxergar as complexidades do relacionamento inicial dos dois, e determinar exatamente o que fez com que Darcy a admirasse e se apaixonasse por ela (MORRIS, 2008, p. 82)⁴⁵.

A mudança de comportamento de Darcy em Pemberley foi uma tentativa de se redimir por tê-la ofendido no passado. Darcy percebeu que agira mal e buscou melhorar sua conduta. Quando ele finalmente relatou o tanto que sofrera, Elizabeth ficou envergonhada e procurou aliviar sua dor:

“Oh! Não repita o que então eu disse. Essas lembranças não servem, de jeito nenhum. Eu lhe asseguro que estou, há muito tempo, sinceramente envergonhada delas.”

Darcy mencionou a carta. “Ela fez”, ele disse, “ela fez com que você logo mudasse de ideia sobre mim? Você, ao lê-la, deu algum crédito ao seu conteúdo?”

Ela explicou qual fora o efeito sobre a carta e como, gradualmente, todo seu orgulho anterior fora eliminado (AUSTEN, 2009, p. 379).

A carta de Darcy foi extremamente importante no romance. Ela não somente fez com que Lizzy visse a *verdade* e iniciasse seu processo de formação, como também contribuiu para a mudança de Darcy. Além disso, ela mostrou que ele depositara uma enorme confiança em Lizzy ao escrever sobre Wickham e Georgiana, o que poderia arruinar a reputação de sua família. Ele ainda se desculpou por causar dor a Lizzy, ao relatar as verdades que a machucariam. Ele iniciou a carta já anunciando:

A carta talvez comece amarga, mas não termina assim. O fim é pura caridade. Mas não pense mais na carta. Os sentimentos da pessoa que a escreveu e da pessoa que a recebeu são agora tão amplamente diferentes do que eram então, que cada circunstância desagradável relativa a ela deve ser esquecida (AUSTEN, 2009, p. 380).

Ao final da narrativa, tanto Elizabeth como Darcy se tornaram pessoas diferentes, pois cada um passara por seu *Bildung*. Darcy foi o grande “mentor” de Lizzy, pois desencadeou seu processo de formação. Ela aprendeu que não julgava bem as pessoas como imaginava e que a vaidade e o orgulho eram grandes causadores de sofrimento. Ao perceber o quanto havia errado, Lizzy foi compensada com um casamento feliz. Depois disso, foi graças a Elizabeth que Darcy também passou por uma grande mudança, tendo se redimido por suas

⁴⁵Tradução minha. Original: And, after the visit in Derbyshire from the Pemberley party, Elizabeth is so unsure of her feelings respecting him that “she lay awake two whole hours, endeavouring to make them out”: methodically dismissing hatred and dislike, admitting respect, allowing esteem, and venturing at last to contemplate the presence of gratitude. But nothing at all hinders her capacity later on to see through the complexities of their earlier acquaintance, and determine exactly what it was that had made Darcy admire and fall in love with her (MORRIS, 2008, p. 82).

atitudes movidas pelo orgulho e preconceito ante a inferioridade das outras pessoas. Isso pode ser percebido quando ele afirmou:

Tenho sido um ser egoísta por toda a minha vida, na prática, embora não no princípio. Quando criança, fui ensinado tudo o que é certo, mas não fui ensinado a corrigir meu temperamento. Foram-me dados bons princípios, mas fui deixado a segui-los com orgulho e presunção. Desafortunadamente único filho homem (por muito tempo, mesmo filho único), fui mimado pelos meus pais que, embora eles mesmos bons (meu pai, particularmente, era completamente benevolente e amável), permitiram, inclusive encorajaram, quase me ensinaram a ser egoísta e arrogante; a não me importar com ninguém além do meu círculo familiar; a pensar mal de todo o resto do mundo; a desejar, pelo menos, a pensar mal do senso e do valor deles em comparação com os meus próprios. Assim eu fui, desde os oito até os vinte e oito anos; e assim eu poderia ter sido se não fosse por você, querida, amada Elizabeth! O que eu não lhe devo! Você me ensinou uma lição, de fato dura no início, mas muito vantajosa. Por você, fui humilhado apropriadamente. Fui até você sem duvidar da minha recepção. Você me mostrou o quão insuficiente eram todas as minhas pretensões de agradar uma mulher que valia ser agradada (AUSTEN, 2009, p. 380-381).

Darcy certamente deixara de ser egoísta ao consertar o erro que cometera. Fez com que Bingley pedisse Jane em casamento e ainda descobriu o paradeiro de Wickham, pagou suas dívidas e fez com que ele se casasse com Lydia. Isso por meio de ações anônimas, sem esperar nada em troca. Curiosa, Lizzy lhe perguntou quando ele havia se apaixonado por ela, e ele respondeu: “Não posso fixar uma hora ou um lugar, ou o modo, ou as palavras, que estabeleceram a fundação. Eu estava no meio quando soube que tinha começado” (AUSTEN, 2009, p. 392).

Jane Austen acreditava que o amor acontecia de forma gradual. Trata-se de um processo aliado à formação de seus personagens, o que dá um caráter real ao romance, uma vez que esse processo é plausível. Seus personagens não se apaixonam à primeira vista sem um motivo aparente. Eles *aprendem* a amar. Lizzy respondeu que Darcy se apaixonou por ela pelo fato de ela ser diferente das outras mulheres que costumavam bajulá-lo, como tanto fazia Caroline Bingley:

O fato é que você estava farto de civilidade, de deferência, de oficiosa atenção. Você estava desgostoso com as mulheres que estavam sempre falando, e parecendo, e pensando em sua aprovação, apenas. Eu despertei e lhe interessei porque sou muito diferente delas (AUSTEN, 2009, p. 392).

É interessante notar que a segunda proposta de casamento não foi descrita com detalhes. Esse é um traço comum em todos os romances de Austen. A mensagem parece ser a de que não é o casamento em si ou o “final feliz” que são importantes em suas histórias, mas sim a formação das personagens, como é evidenciado no final do livro através de um diálogo entre Darcy e Lizzy, no qual os dois conversaram sobre seus erros e sobre como tinham amadurecido desde que se conheceram. Reconheceram ter passado por uma mudança interior significativa e que aprenderam a se respeitar. Logo, Austen confirma as palavras que Lizzy

dissera no início da narrativa: “Mas as próprias pessoas mudam tanto, que sempre há algo novo para observar nelas” (AUSTEN, 2009, p. 49).

Como foi dito no primeiro capítulo desta dissertação, o processo de formação de muitas heroínas do *Bildungsroman* culminava no fracasso, uma vez que a possibilidade de existência da mulher se restringia ao lar, ao matrimônio e à maternidade. Como consequência, sua representação era a de uma esposa passiva, dependente e submissa, incapaz de se desenvolver profundamente. Em *Orgulho e Preconceito*, a heroína passou por um processo de formação que contemplou sua individualidade.

Elizabeth era independente, não aceitou se casar por obrigação e era capaz de pensar por ela mesma. Como uma mulher da época, ela não podia explorar o mundo a seu redor, como um herói masculino do *Bildungsroman* pode fazer ao sair em busca de aventuras. Portanto, ela explorava seu mundo interior. Foi através do reconhecimento de seus sentimentos que ela desenvolveu sua formação e aprendeu sua lição. Seu casamento se deu após essa aprendizagem e consistiu em uma relação de mútuo respeito e amor, diferentemente dos casamentos de Charlotte, de Lydia, e de seus pais. Conforme Patricia Meyer Spacks, em seu livro *The Female Imagination*,

Jane Austen, por outro lado, não revela um sentido de ressentimento. Ela tinha consciência de que as pressões que a sociedade colocava nas mulheres desde cedo a encorajaram a se auto instruir, e reconhece isso como um simples fato com o qual a mulher deve lidar. Suas heroínas crescem ao invés de se restringirem no casamento (SPACKS, 1975, p. 134)⁴⁶.

Logo, conclui-se que *Orgulho e Preconceito* é um *Bildungsroman*, ao narrar a trajetória de uma heroína especial e seu processo de aprendizagem, que contribuiu para seu crescimento. Como uma heroína do *Bildungsroman* feminino, Elizabeth Bennet iniciou essa trajetória na fase adulta, quando já estava apta para o casamento. No entanto, seu processo de formação não culminou com o fracasso, uma vez que ele não se restringiu ao matrimônio. Ela foi capaz de amadurecer antes de se casar e contribuiu para o desenvolvimento do herói do livro, encontrando um casamento que a fizesse feliz. Ademais, os eventos vivenciados por ela proporcionaram lições para o leitor, o que faz com que *Orgulho e Preconceito* também seja um romance instrutivo, característica essencial do *Bildungsroman*.

Nesse livro, Austen criou uma espécie de armadilha para seu leitor. Ela focalizou a narrativa na perspectiva de sua heroína, e à medida que ela vai tirando suas conclusões, o leitor é levado a ter as mesmas ideias que ela. A técnica utilizada por Austen, o discurso

⁴⁶Tradução minha. Original: Jane Austen, on the other hand, betrays no sense of grievance. Equally aware that society's pressures on a young woman encourage her to educate herself in restriction, she acknowledges this as simply one of the facts the woman must take in account. Her heroines grow instead of diminishing in marriage (SPACKS, 1975, p. 134).

indireto livre, também contribuiu para esse fenômeno, uma vez que as falas e os pensamentos dos personagens se misturam à voz do narrador, suposto conhecedor da *verdade*. Como consequência, o leitor também passa pelo mesmo processo de aprendizagem da heroína e, ao fim da narrativa, aprende que as *primeiras impressões* nem sempre correspondem à realidade e que não devemos julgar as pessoas pelas aparências. Devemos ter discernimento diante do que as pessoas falam umas sobre as outras e tomar cuidado com nossa vaidade e nosso orgulho, pois eles podem facilmente nos colocar em situações constrangedoras e nos impossibilitar de enxergar a *verdade* sobre o caráter dos outros.

Nas palavras de Lady Catherine, Elizabeth era uma “garota obstinada, teimosa” (AUSTEN, 2009, p. 367), como podemos ser também em nossas vidas.

Quando a autoria de Austen era desconhecida, um certo cavalheiro certa vez afirmou que *Orgulho e Preconceito* era “muito inteligente para ter sido escrito por uma mulher” (KEYMER, 2013, p. 9)⁴⁷. Portanto, talvez fosse melhor afirmar que é uma verdade universalmente conhecida que uma mulher solteira na posse de um grande talento deve ser a autora de um livro tão magnífico.

⁴⁷Tradução minha. Original: “too clever to have been written by a woman” (KEYMER, 2013, p. 9).

Capítulo 3

EMMA

“É melhor não ter inteligência alguma do que empregá-la tão mal como você faz.”

*Emma*⁴⁸

3.1 “PERFEITA APESAR DE TODOS OS DEFEITOS”

O quarto romance de Jane Austen, *Emma*, foi publicado em 1816 pelo editor John Murray e se tornou imediatamente popular, embora sua segunda edição tenha sido lançada somente dezessete anos depois. *Emma* foi o último romance publicado durante a vida de Austen. Após seu falecimento, sua família publicou uma edição com dois livros póstumos: *Persuasão* e *Northanger Abbey*, além de um romance inacabado, *Sanditon*.

Em 1815, Austen viajou para Londres com seu irmão Henry. Na época, ele fazia um tratamento com Dr. Matthew Baillie, médico do Príncipe Regente⁴⁹. Logo, Baillie informou Sua Alteza real de que Jane Austen se encontrava em Londres, uma vez que o monarca era um grande admirador de suas obras. Conseqüentemente, o Príncipe pediu para que seu bibliotecário, o reverendo James Stanier Clarke, visitasse a autora. Clarke disse a Austen que ela tinha toda a liberdade para dedicar seu próximo romance ao Príncipe. Ele ainda lhe deu sugestões para o próximo livro, como: falar sobre a dinastia dos Hanover e sobre a vida de um clérigo, obviamente se referindo a ele mesmo. Austen percebeu que era um pedido do Príncipe e lhe dedicou o romance *Emma*, embora contra a vontade, recusando as sugestões do reverendo para a sorte de seus leitores. Até hoje, podemos encontrar nas primeiras páginas desse romance a seguinte dedicatória: “Para Sua Alteza real, o Príncipe Regente, esta obra lhe

⁴⁸ AUSTEN, 2010, p. 46.

⁴⁹ O Príncipe Regente, que mais tarde se tornou Rei George IV, pertencia à dinastia dos Hanover. Sua ascensão foi durante a doença mental de seu pai, Rei George III. O Príncipe levava uma vida extravagante cheia de jogos, comidas, bebidas e amantes, embora fosse casado com a Princesa Caroline de Brunsvique. Ironicamente, ele era detestado por Jane Austen, que em fevereiro de 1813 escreveu para sua amiga Martha Lloyd na qual ela firmou: “Suponho que todo mundo esteja julgando a carta de Princesa de Gales. Pobre mulher, eu devo apoiá-la, porque ela é uma mulher, e porque eu odeio o Marido dela – mas eu dificilmente consigo perdoá-la por ter dito que é ‘ligada e afeiçoada’ a um Homem que ela deve detestar – e a intimidade dita existir entre ela e a Dama de Oxford é ruim – eu não sei o que pensar disso; mas se eu devo desistir da Princesa, estou decidida a pelo menos sempre pensar que ela teria sido respeitada se o Príncipe tivesse se comportado de forma tolerável desde o início” (AUSTEN, 2013, *apud* Pemberley). Tradução minha. Original da nota de rodapé do texto em referência: “I suppose all the World is sitting in Judgement upon the Princess of Wales's Letter. Poor woman, I shall support her as long as I can, because she *is* a Woman, & because I hate her Husband – but I can hardly forgive her for calling herself ‘attached & affectionate’ to a Man whom she must detest – & the intimacy said to subsist between her & Lady Oxford is bad – I do not know what to do about it; but if I must give up the Princess, I am resolved at least always to think that she would have been respectable, if the Prince had behaved only tolerably by her at first” (AUSTEN, 2013, *apud* Pemberley).

é, por sua permissão, muito respeitosamente dedicada. Sua súdita humilde e obediente, a autora” (AUSTEN, 2006, p. 3)⁵⁰.

Tendo sido escrito mais de dez anos depois de *Orgulho e Preconceito*, *Emma* apresenta um contexto histórico diferente. O segundo romance de Austen foi escrito durante as Guerras Napoleônicas, ou seja, durante anos de conflitos entre a Inglaterra e a França. Por isso, há a presença dos soldados em *Orgulho e Preconceito*, que estavam espalhados pelo país caso a França invadisse a Inglaterra. No entanto, tal invasão nunca aconteceu e, como consequência, o exército e a milícia dispunham de bastante tempo livre para participar de bailes e se envolver em escândalos, como evidenciados na narrativa, através do personagem Wickham.

Durante muito tempo, vários críticos erroneamente repreenderam Austen por não retratar o contexto histórico de sua época, quando na verdade ele fora representado de forma sutil pela autora. Segundo Worsley,

O impacto das Revoluções Francesa e Americana na sociedade parece, à primeira vista, ser remoto da obra e das ideias de Jane. Mas, na verdade, a questão da ordem social, e como ela pode ser alcançada quando virtude e hierarquia estão em jogo, compõe a superfície de suas histórias (WORSLEY, 2017, p. 62)⁵¹.

Worsley ainda acrescenta:

Obviamente os soldados tiveram um forte impacto na vida dos Bennets em *Orgulho e Preconceito*, mas não somente de forma social. Eles trouxeram a violência do campo de batalha a uma vila, da mesma forma que Kitty e Lydia trazem as fofocas para seu lar: ‘vários oficiais jantaram com o tio delas ultimamente, um deles foi açoitado, e houve rumores de que o Coronel Forster iria se casar’. A casualidade com a qual o açoitamento é mencionado, como se fosse simplesmente parte da vida rotineira ressalta a insensibilidade dessas meninas tolas (WORSLEY, 2017, p. 137-138)⁵².

Já *Emma* foi publicado após a derrota de Napoleão na Batalha de Waterloo, em 1815, e por isso Austen revela a supremacia inglesa sobre o nacionalismo francês, como por exemplo, quando dois irmãos se encontraram:

Acabavam de trocar um cordial aperto de mãos quando John Knightley entrou. Os cumprimentos entre os dois irmãos não passaram de “Como vai, George?” e “John,

⁵⁰Tradução minha. Original: “To His Royal Highness the Prince Regent, this work is, by His Royal Highness’s permission, most respectfully dedicated, by His Royal Highness’s dutiful and obedient humble servant, the author” (AUSTEN, 2006, p. 3).

⁵¹Tradução minha. Original: The impact of the French and the American Revolutions on society seems, at first glance, to be remote from Jane’s work and concerns. But in fact the question of the rightful ordering of society, and how this might be achieved when virtue and hierarchy were at odds, bubbles away vigorously beneath the surface of her stories (WORSLEY, 2017, p. 62).

⁵²Tradução minha. Original: Obviously the officers make a huge impact on the lives of the Bennets in *Pride and Prejudice*, but not only socially. They bring the violence of the battlefield home to the village, just as Kitty and Lydia bring home the gossip: ‘several of the officers dined lately with their uncle, a private had been flogged, and it had actually been hinted that Colonel Forster was going to be married’. The casual slipping-in of the flogging, as if it were just part of normal life, doubles the insensitivity of these silly girls (WORSLEY, 2017, p. 137-138).

como está você?” no verdadeiro estilo inglês. Sob esta calma que parecia indiferença, os dois ocultavam um afeto verdadeiro, que os teria levado, se necessário, a fazer qualquer coisa pelo bem do outro (AUSTEN, 2010, p. 70).

Também quando outro dos personagens, o Sr. Knightley, criticou o Sr. Churchill:

Não Emma, seu amável amigo pode ser amável apenas em francês, não em inglês. Ele pode ser ‘aimable’, ter boas maneiras e ser muito agradável, mas não tem a delicadeza inglesa para com os sentimentos dos outros. Não há nada de amável nele. (AUSTEN, 2010, p. 100).

Outro exemplo ainda é visto na cena em que vários personagens estão colhendo morangos em uma propriedade, em junho, e o narrador descreveu: “Era uma vista cativante, tão doce para os olhos quanto para a mente. A vegetação inglesa, a cultura inglesa, o conforto inglês, vistos sob um sol brilhante, sem ser opressivo” (AUSTEN, 2010, p. 243).

Além disso, nessa mesma cena, supostamente existe um “erro” em *Emma*. Austen afirma que o episódio ocorrera em junho, época de morangos na Inglaterra, e mais tarde afirmou que “A fazenda podia ser vista com todos os seus belos e prósperos anexos, seus ricos pastos, os enormes rebanhos espalhados, o pomar coberto de frutos e a leve coluna de fumaça que subia da chaminé” (AUSTEN, 2010, p. 243). Os pomares não davam frutos em junho e sim, durante a primavera, de março a maio. Seria esse um erro ou uma forma de representar uma Inglaterra perfeita, sublime e rica?

A recepção de *Emma* foi positiva, embora tenha recebido algumas críticas por seu caráter realista. Certa vez, Austen enviou uma cópia do livro para a já referida escritora Maria Edgeworth, que era sua fã e vice-versa. No entanto, Edgeworth leu apenas o primeiro volume⁵³, pois “não havia história” nesse livro. A riqueza de detalhes triviais apresentados por Austen no romance certamente poderia gerar essa crítica. Para alguns leitores, os detalhes do dia a dia fazem com que a história perca seu interesse. Contudo, foram exatamente esses detalhes que fizeram com que Austen recebesse os elogios e uma resenha publicada no jornal da época *The Quarterly Review*, por ninguém menos do que Sir Walter Scott, um dos mais renomados escritores escoceses. Scott concordou com a ideia de que *Emma* tem menos história do que os romances anteriores de Austen. Entretanto, afirmou que esse livro introduziu um novo estilo perfeito para os tempos modernos e que “a arte de copiar a natureza como ela realmente é, bem como retratar a vida das pessoas de várias classes sociais, e ao invés de apresentar ao leitor cenas esplêndidas de um mundo imaginário, mas sim uma representação correta e marcante do que lhe é familiar” (SCOTT, *apud* PINCH, 2003, p. 9)⁵⁴

⁵³*Emma* é dividido em três volumes.

⁵⁴Tradução minha. Original: “the art of copying from nature as she really exists in the common walks of life, and presenting to the reader, instead of the splendid scenes of an imaginary world, a correct and striking representation of that which is daily taking place around him” (SCOTT, *apud* PINCH, 2003, p. 9).

compõem uma narrativa prazerosa. Segundo Worsley (2017, p. 544), “*Emma* era apenas muito experimental; muito ousado; muito diferente. Outros críticos menos inteligentes que Scott certamente não entenderam a ideia. ‘*Emma* é divertido’, escreveu um deles, ‘senão instrutivo; não apresenta a tendência de deteriorar o coração’”⁵⁵.

Emma, sem dúvida, é diferente dos outros romances que Austen havia escrito anteriormente, mas também é considerado por muitos críticos a sua obra-prima. Austen sabia que sua nova criação poderia dividir opiniões. Certa vez, ela escreveu em uma de suas cartas que Emma era “uma heroína que ninguém além de mim mesma irá gostar muito” (AUSTEN, 1816, *apud* Pemberley)⁵⁶ e revelou em outra carta que

minha maior preocupação neste momento é que meu quarto trabalho desgrace o que foi bom nos anteriores. Mas neste ponto eu vou declarar que, quaisquer que sejam os meus desejos para o seu sucesso, estou fortemente assombrada pela ideia de que para os leitores que preferiram *Orgulho e Preconceito*, ele será inferior em inteligência, e para aqueles que preferiram *Mansfield Park*, ele será muito inferior em razão (AUSTEN, 1815, *apud* Pemberley)⁵⁷.

O que torna Emma diferente das outras heroínas de Austen é sua classe social. Enquanto as irmãs Bennet de *Orgulho e Preconceito*, bem como as personagens principais nos outros romances de Austen, não possuíam riquezas e precisavam se casar para assegurar um futuro, Emma tinha o privilégio de ser rica e herdeira de uma grande fortuna, não tendo necessidade de se casar para melhorar de vida. Enquanto para as heroínas anteriores havia a ameaça de uma vida pobre e difícil, para Emma, o pior que lhe poderia acontecer era ter uma vida entediante. O romance começa com a seguinte afirmação:

Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência; e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação (AUSTEN, 2010, p. 7).

Assim como em *Orgulho e Preconceito*, a primeira frase (bem como o primeiro capítulo) de *Emma* expressa o tema que será abordado ao longo da história. Emma tem grandes privilégios e sua vida é praticamente perfeita. O “pouco” que lhe causara angústia foi revelado nas palavras seguintes, quando sua mãe morreu, com ela ainda muito nova. Mas tal

⁵⁵Tradução minha. Original: “*Emma* was just too experimental; too daring; too different. Other, less clever reviewers than Scott certainly missed the point. *Emma* ‘is amusing’, wrote one of them, ‘if not instructive; and has no tendency to deteriorate the heart’” (WORSLEY, 2017, p. 544).

⁵⁶Tradução minha. Original: “I am going to take a heroine whom no one but myself will much like” (AUSTEN, 1816, *apud* Pemberley).

⁵⁷Tradução minha. Original: My greatest anxiety at present is that this 4th work should not disgrace what was good in the others. But on this point I will do myself the justice to declare that, whatever may be my wishes for its’ success, I am strongly haunted with the idea that to those Readers who have preferred P&P. it will appear inferior in Wit, & to those who have preferred MP. very inferior in good Sense (AUSTEN, 1815, *apud* Pemberley).

angústia fora dissolvida pela presença de sua amada governanta, a Srta. Taylor, que lhe dava muito carinho e atenção e, inclusive, não lhe impunha limites:

Os verdadeiros males da situação de Emma eram, na verdade, o poder de ter as coisas feitas a seu modo e uma disposição para pensar um pouco bem demais de si mesma; estas eram as desvantagens que ameaçavam limitar seus muitos divertimentos. O perigo, entretanto, passava tão despercebido no momento, que elas não o consideravam, de modo algum, como um infortúnio para a jovem (AUSTEN, 2010, p. 7).

No entanto, a querida Srta. Taylor se tornou a Sra. Weston, ao se casar com o Sr. Weston. O casamento foi planejado por Emma, que desejava encontrar um excelente partido para sua companheira. Porém, com a partida da nova Sra. Weston, Emma sentia-se sozinha, vivendo apenas com seu idoso pai, o Sr. Woodhouse. Ela “estava agora em grande risco de sofrer de solidão intelectual” (AUSTEN, 2010, p. 8).

Podemos perceber que há uma oposição entre suposições e o que de fato é real nas palavras da narradora. Emma “*parecia* reunir algumas das maiores bênçãos da existência”. Entretanto, sua mãe falecera e embora ela tivesse sido substituída pela Srta. Taylor, essa não educou bem sua pupila, pois não exercera seu papel de autoridade. Como consequência, Emma havia se tornado uma garota mimada, embora muitos acreditassem que ela era perfeita. Essa oposição é o tema de *Emma*, ou seja, aquilo que parece, mas não é.

Emma estimava a opinião de sua governanta, mas era movida por seu próprio julgamento. Ela se sentia feliz por ter promovido o casamento, mas a mudança que ele trouxe para sua vida foi insuportável, pois agora ela deveria viver sem a companhia diária de sua governanta. Emma não havia percebido o *perigo* desse casamento quando o planejou. Embora o casal Weston morasse perto de Hartfield, residência de Emma, o convívio das duas jamais seria o mesmo. A palavra “perigo” aparece três vezes neste capítulo, levando à conclusão de que Emma era vulnerável e corria o risco de se tornar solitária e entediada. Esse tédio poderia desencadear situações perigosas.

Emma recebeu, um dia, a visita de George Knightley, que morava na rica propriedade chamada Donwell Abbey, localizada próximo à residência de Emma, na pequena cidade de Highbury. Além de seu vizinho, Knightley era irmão mais velho de John Knightley, esposo de Isabella, irmã mais velha de Emma. O casal tinha cinco filhos e morava em Londres, muito para o desgosto do Sr. Woodhouse, que gostaria que sua família morasse perto dele. Desde o início do romance, percebemos que Knightley seria a única pessoa capaz de achar defeitos em Emma, como ela mesma afirmara a seu pai:

“Mr. Knightley adora encontrar defeitos em mim, o senhor sabe... de brincadeira. É tudo brincadeira. Sempre dizemos o que pensamos um ao outro”.

Mr. Knightley, de fato, era uma das poucas pessoas que podia encontrar defeitos em Emma Woodhouse, e a única que sempre os apontava para ela. Embora isso não fosse particularmente agradável para Emma, seria muito pior para seu pai, ele jamais imaginaria que ela não fosse perfeita para todo mundo (AUSTEN, 2010, p. 10)⁵⁸.

Durante essa visita, os três conversaram sobre o casamento da Sra. Weston, e Emma expressou orgulho por ter promovido tal união:

“E o senhor se esqueceu de outro motivo de alegria para mim” – disse Emma – “e muito importante: eu mesma planejei o casamento. Comecei a planejá-lo, o senhor sabe, há quatro anos. E consegui que essa união acontecesse, provando que eu estava certa, quando todos diziam que Mr. Weston jamais se casaria de novo, me consola de qualquer coisa” (AUSTEN, 2010, p. 11).

O Sr. Woodhouse concordou com o talento de Emma, mas lhe pediu para não promover mais casamentos, uma vez que o da Srta. Taylor teve a terrível consequência de fazê-la se mudar de Hartfield. Emma então lhe respondeu: “Prometo não fazer nenhum para mim mesma, papai, mas devo fazer para os outros, de verdade. É a coisa mais divertida do mundo!” (AUSTEN, 2010, p. 11).

Nesse primeiro capítulo, vimos que não somente Emma não precisava se casar, como ela também não almejava o matrimônio. Mas o Sr. Knightley arruinou o orgulho de Emma:

“Não entendo o que você quer dizer com sucesso” – disse Mr. Knightley. – “Sucesso supõe esforço. Seu tempo seria apropriada e delicadamente usado se você tivesse se esforçado durante quatro anos para realizar este casamento. Um digno emprego para a mente de uma jovem! Mas se fazer o casamento no seu entender, como imagino, significa apenas planejá-lo, ou dizer para si mesma em um dia em que não tivesse nada mais para se ocupar “Acho que seria muito bom para Miss Taylor se Mr. Weston se casasse com ela”, e depois repetir isso sempre para si mesma, por que fala em sucesso? Qual o seu mérito? Do que se orgulha? Você teve um palpito feliz, e isso é tudo que pode ser dito” (AUSTEN, 2010, p. 11-12).

Os dois continuaram a discussão buscando provar um ao outro que estavam certos. Porém, sabiam que por mais que tivessem opiniões diferentes e discutissem, sempre seriam amigos.

Esse primeiro capítulo mostra uma conversa trivial, embora seja capaz de nos dizer muitas coisas. Além de informar sobre a personalidade de Emma, como visto anteriormente, podemos perceber que o Sr. Woodhouse apreciava uma vida caseira, opunha-se a casamentos (talvez por sua esposa ter falecido tão nova) e não gostava da ideia de sua filha mais velha morar longe dele. Ele era um personagem cômico e acreditava que todos pensavam como ele; estava sempre preocupado com a saúde de todos e constantemente mencionava o médico de Highbury, o Dr. Perry – esse não apareceu em nenhuma cena do romance. Dr. Perry e todos em Highbury buscavam sempre concordar com o Sr. Woodhouse, apesar de suas ideias serem

⁵⁸Enquanto a edição em português de *Orgulho e Preconceito* utilizada nesta dissertação traduziu os pronomes de tratamento (Sr., Sra. e Srta.), a edição que utilizamos de *Emma* os manteve em inglês (Mr., Mrs. e Miss, respectivamente).

exageradas. No casamento dos Westons, por exemplo, o pai de Emma não queria que ninguém comesse do bolo, com receio de que passassem mal. Mas a narradora irônica de Austen esclareceu: “Houve um estranho rumor em Highbury, dizendo que todos os filhos dos Perrys foram vistos com um pedaço de bolo de casamento de Mrs. Weston nas mãos: mas Mr. Woodhouse jamais acreditou nisso” (AUSTEN, 2010, p. 16).

Do contexto da narrativa, pode-se inferir que o Sr. Knightley seria uma figura importante para a história, especialmente para o processo de aprendizagem de Emma. Enquanto ela era jovem (possuía vinte anos de idade) e acreditava que podia controlar o mundo a seu redor, ele era dezesseis anos mais velho do que ela e a conhecia tão bem que era o único capaz de ver seus defeitos. Knightley era um homem responsável e admirado por todos em Highbury por sua elegância e bondade.

Assim como em *Orgulho e Preconceito*, houve cuidado na seleção dos nomes dos personagens em *Emma*. O sobrenome *Woodhouse* remetia a uma família antiga e de grande fortuna desde os tempos do Rei João (1166–1216) e se refere a duas palavras: *wood* (madeira) e *house* (casa). Uma casa de madeira sugeria segurança e estabilidade, assim como a posição social de Emma. Já o sobrenome *Knightley* fazia alusão à palavra *knight*, traduzida para o português como “cavalheiro”, sugerindo a nobreza do caráter de George Knightley e insinuando que ele salvaria Emma do *perigo* sobre o qual a narradora informou no início da narrativa. Além disso, o nome da propriedade da família Woodhouse, *Hartfield*, remete a outras duas palavras: *hart* e *field*. A primeira palavra se parece com *heart*, que em português significa “coração”, e a segunda pode ser traduzida como “campo”. Logo, Hartfield poderia designar um campo de corações, fazendo referência às “habilidades casamenteiras” de Emma, que desejava promover casamentos.

A narradora informou um pouco sobre a vida do Sr. Weston: no passado, ele trabalhava no exército e havia se casado com a Srta. Churchill, uma moça de família muito rica. No entanto, a união acabou arruinando sua vida devido aos gastos extravagantes da esposa que o levaram a falência. Três anos após o casamento, ela ficou doente e faleceu, deixando-lhe um filhinho, Frank Weston. Contudo, o Sr. Weston não tinha condições de criá-lo e dar-lhe uma boa educação. O menino então foi adotado pelo tio materno e sua esposa, um casal orgulhoso que cuidaria dele desde que o menino adotasse o sobrenome Churchill, em vez de Weston. Isso porque esse casal nunca aprovou aquele casamento, por considerar a união com alguém do exército algo degradante.

Deixar outros parentes adotarem uma criança pode parecer algo estranho para o leitor de hoje, mas era uma prática comum nos tempos de Austen que, inclusive, teve um de seus

irmãos adotados por uma família rica. Edward Austen, o terceiro filho da família Austen, foi adotado pelos primos do reverendo George Austen, o casal Knight, possuidor de uma grande fortuna. Os Knights não tiveram filhos e nutriam um grande carinho pelo menino. A mãe de Jane Austen viu neles a oportunidade de assegurar um futuro para sua família e deixou que seu filho fosse adotado pelo casal. Assim, Edward se tornou Edward Austen Knight, herdeiro da vasta fortuna dos Knights. Essa adoção se mostrou muito útil, pois foi Edward quem proporcionou uma casa e ajuda financeira para Jane Austen, bem como para sua mãe e irmã, após o falecimento de George Austen. Segundo Worsley,

Edward voltou para a casa de sua família após a viagem de lua de mel dos Knights. Mas à medida que os anos passaram e o casal permaneceu sem filhos, os Knights convidaram Edward para ficar com eles de tempos em tempos. O Sr. Austen, sendo professor, era relutante em deixar Edward ir, pois ele se preocupava com “o atraso nos estudos de Latim”. Mas a mãe de Edward olhou para o futuro e viu o que poderia ser ganho desse casal rico e sem filhos. Gradualmente ficou claro que os Knights desejavam ficar com Edward. A família Austen mais tarde recordou a discussão entre os pais de Jane sobre o filho, que foi encerrada com as palavras da Sra. Austen: “Eu acho, meu querido, que é melhor você atender o desejo dos seus primos e deixar a criança ir” (WORSLEY, 2017, p. 65-66)⁵⁹.

No romance, depois de sua adoção, Frank Churchill nunca mais havia tido contato com o pai em Highbury, uma vez que a nova família morava em Enscombe, situada em Yorkshire. Após o casamento do Sr. Weston com a Srta. Taylor, a cidade esperava que ele aparecesse para conhecer a nova esposa de seu pai.

Mr. Frank Churchill era um dos orgulhos de Highbury, e todos tinham grande curiosidade em conhecê-lo, embora a recíproca não fosse verdadeira, pois ele nunca estivera lá em toda a sua vida. Falava-se muito que ele viria visitar o pai, mas isso nunca acontecera (AUSTEN, 2010, p. 14).

Em *Emma*, também a fofoca teve um papel importante. Os personagens viviam em uma cidade pequena e, como já visto, a narrativa faz uma brincadeira entre o que *parece* ser e o que *realmente* é. Uma das palavras mais utilizadas pela narradora foi *todos*, como, por exemplo, quando ela afirma que *todos* pensavam que o Sr. Weston jamais se casaria de novo. Uma pergunta que surge é: quem são todas essas pessoas? E o fato do Sr. Weston ter se casado novamente era sinal de que *todos* em Highbury estavam errados. Logo, seria esse *todos* alguém confiável? De acordo com Pinch (2003, p. 15), “‘Todo mundo’ em *Emma* é um personagem fascinante e elástico cuja abrangência e exclusividade muda e diminui de acordo

⁵⁹Tradução minha. Original: Edward came home to his family after his wedding tour with the Knights. But as the years passed, and as their marriage remained childless, the Knights invited Edward to stay with them from time to time. Mr Austen, the schoolmaster, was reluctant to let Edward go, worried as he was about ‘a probable falling behind in the Latin Grammar’. But Edward’s mother looked further into the future, and saw what might be gained from the rich, childless couple. Gradually it became clear that the Knights wanted to keep Edward. Family lore records Jane’s parents’ discussions about their son, which concluded with Mrs Austen’s gentle words to her husband: ‘I think, my Dear, you had better oblige your cousins, and let the Child go’ (WORSLEY, 2017, p. 65-66).

com a lógica que nós todos podemos chamar de suburbano”⁶⁰. Ademais, há várias sentenças ao longo do romance cujo autor fica incerto. Elas remetem à fofoca e é como se a cidade fosse o sujeito que exprime tais falas. No trecho a seguir, não sabemos a autoria da fala, mas sabemos que ela representa *todos* em Highbury:

Suponho que tenha ouvido falar da bela carta que Mr. Frank Churchill escreveu para Mrs. Weston. Dizem que é uma carta belíssima, de fato. Foi Mr. Woodhouse que me contou. Mr. Woodhouse viu a carta, e diz que nunca viu uma carta tão bonita em toda a sua vida (AUSTEN, 2010, p. 15).

Emma tinha muita curiosidade em conhecer Frank Churchill. Ela não desejava se casar, mas sabia que, se mudasse de ideia, Churchill seria seu grande pretendente. Tal união era o que o casal Weston desejava.

Emma tinha grande curiosidade em conhecê-lo, desejava que fosse agradável e que tivesse algum grau de afeto por ela, e sentia certo prazer na ideia de que formassem um casal na imaginação dos amigos, apesar de não ser induzida pelos Weston, nem por ninguém, a trocar sua situação atual que era melhor que qualquer outra pelo casamento (AUSTEN, 2010, p. 82).

Posteriormente, a narradora introduziu outros personagens que compõem o círculo social do Sr. Woodhouse, como a figura do Sr. Elton, o novo clérigo de Highbury:

Mr. Knightley e os Westons o visitavam devido à sua verdadeira afeição e ao conhecimento de longa data. Quanto a Mr. Elton, um jovem que vivia sozinho sem apreciar isso, não corria o risco de ser mantido longe do privilégio de trocar qualquer noite livre de sua vazia solidão pela elegância e sociabilidade da sala de estar de Mr. Woodhouse, e os sorrisos de sua encantadora filha (AUSTEN, 2010, p. 17).

Assim, primeiramente, a narradora apresentou três cavalheiros solteiros: Knightley, Frank Churchill e Elton, podendo-se inferir que eles seriam figuras românticas importantes para a narrativa.

Depois, conhecemos a Srta. Bates, uma pobre senhora que nunca se casou e cuidava de sua idosa mãe, a Sra. Bates. As duas possuíam uma vida confortável, mas perderam sua fortuna. Apesar de todas as dificuldades financeiras que enfrentavam, a Srta. Bates estava sempre alegre e contente pelas conquistas das pessoas a seu redor:

[...] era uma pessoa feliz, alguém que todos mencionavam com palavras gentis. Era sua universal boa vontade e temperamento alegre que produziam tais maravilhas. Ela gostava de todo mundo, interessava-se pela felicidade de todos, percebia logo os méritos das pessoas; considerava-se a mais afortunada das criaturas, e rodeada de bênçãos por ter uma mãe excelente, tantos bons amigos e vizinhos, e um lar onde nada faltava. Sua natureza simples e alegre, seu temperamento contente e grato era uma recomendação para todo mundo e uma fonte de alegria para ela mesma. Era ótima para conversar sobre assuntos banais, falava sempre sobre trivialidades e mexericos inofensivos, o que agravada bastante a Mr. Woodhouse (AUSTEN, 2010, p. 18).

⁶⁰Tradução minha. Original: “‘Every body’ in *Emma* is a fascinating, elastic character whose inclusiveness or exclusiveness shifts and wanes according to the logic we can call suburban” (PINCH, 2003, p. 15).

Apesar de ser muito querida pelo Sr. Woodhouse, a Srta. Bates era considerada inconveniente e tagarela por Emma, pois sempre desejava ler as cartas enviadas por sua sobrinha, Jane Fairfax, para todos na cidade.

Acontece que Emma invejava a Srta. Fairfax por ela ser extremamente inteligente e prendada, com mais talentos do que Emma, apesar de essa ser socialmente superior a ela. Obviamente, Emma não admitia sua inveja, que não passava despercebida ao Sr. Knightley: “A razão pela qual não gostava de Jane Fairfax era uma questão difícil de responder. Mr. Knightley dissera uma vez que era porque ela via em Jane Fairfax a jovem mulher realmente completa que ela mesma gostaria de ser” (AUSTEN, 2010, p. 112). Dessa forma, Emma evitava a companhia da Srta. Bates.

O sobrenome *Bates* remete ao verbo *to bate*, traduzido para o português como “bater”. Mas no inglês, ele também é sinônimo de “agitação” e “impaciência”, traços da Srta. Bates, especialmente quando ela desejava ler as cartas de Jane para toda a cidade. Além disso, *to bate* em inglês também está associado a verbos como “rebaixar” e “diminuir”, ações relacionadas ao modo como Emma tratava a pobre Srta. Bates ao longo do romance e a sua própria perda de fortuna.

Além da família Bates, a narradora apresentou a Sra. Goddard, dona de uma escola para moças. Na descrição da escola, podemos perceber a ironia de Austen em relação à educação das mulheres:

Um verdadeiro, honesto e antiquado internato, onde uma quantidade razoável de conhecimentos era vendida a preço razoável, e onde as meninas podiam ser mandadas para ficar fora do caminho de seus pais, e se depararem com uma educação moderada, sem nenhum perigo de se tornarem prodígios (AUSTEN, 2010, p. 18).

Uma das alunas da escola era Harriet Smith,

a filha natural de alguém. Alguém a colocara, vários anos atrás, na escola de Mrs. Goddard, e esse alguém mais tarde elevou-a da condição de estudante mantida por uma bolsa de estudos à de pensionista, vivendo com a diretora da escola. Isso era tudo que se sabia da história dela (AUSTEN, 2010, p. 19).

Os traços bonitos, bem como a personalidade gentil de Harriet, atraíram a atenção de Emma, que decidiu se tornar sua amiga e refiná-la. Emma sabia que a companhia de sua ex-governanta era insubstituível. Com a presença de Harriet, ela não se sentiria tão sozinha; quem sabe, poderia até encontrar um marido para essa: “O afeto que sentia por Mrs. Weston baseava-se na gratidão e estima. Harriet seria apreciada como alguém a quem ela poderia ser útil. Por Mrs. Weston não tinha nada mais a fazer, por Harriet tudo” (AUSTEN, 2010, p. 21).

As duas logo se tornaram amigas e Emma descobriu a grande admiração que Harriet nutria pelo Sr. Martin, um fazendeiro que trabalhava nas terras do Sr. Knightley. Harriet havia

passado alguns dias na fazenda dos Martins, pois era uma grande amiga das irmãs do jovem fazendeiro, que também estudaram na escola da Sra. Goddard. No entanto, tal conexão com os Martins desagradava Emma imensamente, pois ela não os considerava uma boa companhia para Harriet, por serem fazendeiros. Agora que Harriet frequentava a nobre residência dos Woodhouses, tal amizade deveria deixar de existir.

Eram pessoas muito dignas, ela supunha, pois Mr. Knightley os considerava bastante, mas deviam ser rudes e incultos, e inadequados como companhia para uma moça que precisava apenas de um pouco mais de instrução e elegância para ser quase perfeita. *Ela* a ensinaria, ela iria refiná-la, ela a afastaria das amizades impróprias e a introduziria na boa sociedade; ela formaria suas opiniões e suas maneiras. Seria uma tarefa interessante e certamente muito boa, bastante atrativa para sua situação de vida, seu tempo livre e suas possibilidades (AUSTEN, 2010, p. 10)⁶¹.

Emma discriminava as pessoas de classe inferior, porém não de forma maliciosa. Ao procurar afastar Harriet do Sr. Martin, ela acreditava estar fazendo algo bom para a sua amiga.

Mr. Elton era exatamente a pessoa que Emma escolhera para tirar o jovem fazendeiro da cabeça de Harriet. Achava que seria uma excelente união, e que era muito desejável, natural e provável que ela tivesse o mérito de planejá-la. Temia que todos já tivessem pensado e profetizado a mesma coisa. Não era provável, porém, que alguém tivesse pensado nisso tão cedo quanto ela, pois imaginou isso na primeira noite que Harriet foi a Hartfield. Quanto mais pensava no assunto, mais o achava conveniente. A situação de Mr. Elton era muito apropriada, assim como o próprio cavalheiro, além de não possuir ligações escusas nem uma família que pudesse opor-se devido à baixa condição de nascimento de Harriet. Tinha uma casa confortável, e renda suficiente, pensava Emma; apesar do vicariato de Hartfield não ser muito grande, sabia que ele possuía algumas outras propriedades. Pensava muito bem dele, como um jovem bem-humorado, de boas intenções e respeitável, sem deficiência de instrução ou conhecimento do mundo (AUSTEN, 2010, p. 26).

Emma convidou o Sr. Elton diversas vezes para se juntar a elas em Hartfield, com a intenção de fazer com que ele se apaixonasse por Harriet. Após Emma pintar um retrato de sua amiga, o Sr. Elton decidiu ir pessoalmente a Londres para buscar a moldura perfeita para o quadro. Além disso, ele escreveu um enigma para o livro de charadas que as duas colecionavam e cuja resposta era a palavra “cortejar”. Dessa forma, ele deixou claro que estava cortejando uma dama. As atitudes dele faziam com que Emma acreditasse que ele estava apaixonado por Harriet, e ela fez com que sua amiga se interessasse por ele.

Obviamente, foi o Sr. Knightley que viu a amizade de Emma e Harriet como inapropriada:

Acho que é o pior tipo de companhia que Emma poderia ter. Não sabe de nada, e trata Emma como se ela soubesse de tudo. É uma adulara em todos os sentidos, e pior ainda, porque adula sem intenção. Sua ignorância é toda bajulação. Como Emma pode imaginar que tenha algo a aprender com Harriet demonstrando tão

⁶¹Neste trecho podemos ver outro exemplo do discurso indireto livre, técnica utilizada por Austen que foi abordada no segundo capítulo desta dissertação. Apesar de *Emma* ser um romance mais refinado e amadurecido em comparação à *Orgulho e Preconceito*, vemos que Austen continuou adotando esta técnica, que acabou sendo uma das principais características da sua escrita, além de sua ironia.

deliciosa inferioridade? E quanto à Harriet, me arrisco a dizer que *ela* não ganhará nada com essa amizade. Hartfield apenas fará com que fique presunçosa e se indisponha com a sociedade que pertence. Ela se tornará refinada apenas o suficiente para sentir-se desconfortável entre aqueles os quais deve viver, por nascimento e circunstâncias (AUSTEN, 2010, p. 29-30).

Um dia, Harriet recebeu uma carta do Sr. Martin pedindo-a em casamento. Ela ficou feliz e ao mesmo tempo confusa e buscou a aprovação de Emma. No entanto, esta afirmou: “Tenho como princípio, Harriet, que se uma mulher tem dúvida se deve aceitar um homem ou não, com certeza deve recusá-lo” (AUSTEN, 2010, p. 38). Emma disse que Harriet devia decidir sozinha se aceitaria a proposta do Sr. Martin, mas suas palavras acabaram fazendo com que Harriet o recusasse, apesar da felicidade que tal casamento lhe traria. Harriet ficou triste, mas Emma a convenceu de que logo ela deveria receber uma proposta do Sr. Elton. Para Emma, sua amiga fez a escolha certa:

Querida Harriet, fico feliz com isso. Seria muito triste perder sua amizade, que é o que aconteceria se você se casasse com Mr. Martin. Enquanto você tinha a menor dúvida, não falei nada sobre isso, para não influenciá-la; mas para mim significaria a perda de uma amiga. Eu não poderia visitar Mrs. Martin, da fazenda Abbey-Mill. Agora tenho a garantia de sua amizade para sempre (AUSTEN, 2010, p. 39).

Mais tarde, Emma recebeu a visita do Sr. Knightley que lhe contou ter ajudado o Sr. Martin a escrever a carta para Harriet. Porém, Emma relatou que sua amiga recusara o pedido de casamento e os dois discutiram. Para Emma, Harriet tinha uma família rica, uma vez que seu misterioso responsável sempre pagou as contas da escola e assegurou-lhe conforto; o casamento com um fazendeiro seria algo extremamente degradante. Para Knightley, Harriet era uma filha ilegítima que dificilmente encontraria um casamento vantajoso como Emma desejava.

É evidente que seus amigos acharam que isso era bom o bastante para ela, e foi bom o bastante. Ela mesma não desejava nada melhor. Até que você decidiu torná-la sua amiga, Harriet nunca se desgostara com sua posição, nem ambicionava nada além disso. Passou um verão bastante feliz com os Martins, sem considerar-se superior, e se agora ela acha que é deve-o a você. Você não tem sido amiga de Harriet Smith, Emma. Robert Martin jamais teria ido tão longe se não sentisse que era correspondido, eu o conheço bem. Tem bastante senso de realidade para dirigir-se a uma mulher apenas ao acaso de sua própria paixão. E quanto à presunção, ele é o homem mais humilde que conheço. Aposto que ele foi encorajado (AUSTEN, 2010, p. 45-46).

Ele ainda acrescenta que se Emma acreditava que o Sr. Elton possuía algum interesse em Harriet, ela estava muito enganada:

Pode acreditar, Elton não vai fazê-lo. Ele é um homem excelente, e o respeitável vigário de Highbury, mas de modo algum fará um casamento imprudente. Conhece bem o valor de uma boa renda, como todo mundo. Elton pode ser sentimental nas palavras, mas suas ações são racionais, ele cuida tão bem dos próprios interesses quanto você dos de Harriet. Sabe que é um homem bonito e bem recebido onde quer que vá, e pelo modo aberto de falar, quando está apenas entre cavalheiros, estou convencido de que ele não pretende desperdiçar sua vida. Eu o ouvi falar com

grande animação sobre uma numerosa família de jovens damas, amigas de suas irmãs, que possuem vinte mil libras de renda cada uma (AUSTEN, 2010, p. 48).

Emma ficou aborrecida com as acusações de Knightley e também chateada e preocupada, porque apesar de muitas vezes terem opiniões divergentes, essa foi a discussão mais séria que tiveram. Ela percebeu que ele ficou extremamente desapontado e irritado com ela e concluiu que ele não voltaria para Hartfield tão cedo, o que de fato se mostrou certo.

Em seguida, a irmã de Emma viajou para Highbury com seu marido e filhos a fim de passar o Natal com a família. Apesar das desavenças entre John Knightley e o Sr. Woodhouse, uma vez que ele não tinha paciência para as preocupações de seu sogro em relação à saúde de sua família, eles conseguiram ter bons momentos juntos. Até mesmo Knightley e Emma fizeram as pazes.

Depois, a família Woodhouse e os Knightleys participaram de um jantar natalino em Randalls, residência do casal Weston. Harriet fora convidada, mas, por estar muito gripada, permaneceu na escola da Sra. Goddard. Por isso, Emma acreditava que o Sr. Elton (que também havia sido convidado) deixaria de ir, o que, surpreendentemente, não aconteceu. E pelo contrário, ele se mostrou muito contente pela oportunidade de jantar com todos; deu muita atenção a Emma que se sentiu incomodada. Ao dividirem uma carruagem para voltar para casa, o Sr. Elton declarou seu amor por Emma e a pediu em casamento. Emma ficou chocada e afirmou que o comportamento dele fora inapropriado, uma vez que ele havia cortejado Harriet. Ele afirmou: “Nunca pensei na Srta. Smith em toda a minha vida, nunca tive uma atenção com ela que não fosse de um amigo... Nunca me importei se ela estava viva ou morta, a não ser porque era sua amiga” (AUSTEN, 2010, p. 89).

Como consequência, o Sr. Elton sentiu-se humilhado e viajou para Bath a fim de não conviver com os Woodhouses por um tempo. Emma, por sua vez, sentiu-se atordoada pelas coisas que aconteceram exatamente como Knightley havia lhe dito, pois o Sr. Elton havia se mostrado orgulhoso demais para se casar com alguém como Harriet. Além do mais, seu cunhado, John Knightley, havia notado as atenções do clérigo para com ela e a avisou para tomar cuidado, caso ela não correspondesse a seus sentimentos. Ela achou isso um absurdo, pois acreditava que suas atenções eram para com Harriet. Quando Elton foi até Londres em busca de uma moldura para o retrato de Harriet, ele não pensara na pobre moça, mas sim naquela que pintou o quadro. E quando escreveu o citado enigma para o livro de charadas, era Emma a quem ele estava cortejando.

Emma, que estava sempre certa, cometeu um erro terrível e seu orgulho fora ferido por isso. Ela se sentia mal pela dor que esse desfecho traria à Harriet, pois essa havia se

apaixonado pelo Sr. Elton. Mas ainda assim, Emma acreditava ter agido bem ao persuadir sua amiga a recusar a proposta do Sr. Martin. Agora desejava não agir mais como a casamenteira da cidade. Quanto ao Sr. Elton, ela sabia que ele não a amava e que ele havia sido muito presunçoso ao pedir alguém tão superior como ela em casamento. Emma agora percebeu que ele estava em busca de uma esposa rica e não duvidava que logo ele se casasse com outra moça: “E se Miss Woodhouse de Hartfield, a herdeira de trinta mil libras, não era tão fácil de conquistar como ele pensara, logo tentaria com uma Miss Alguém qualquer, herdeira de vinte ou de dez mil libras” (AUSTEN, 2010, p. 92).

O primeiro volume do romance encerra com outra divergência entre Emma e o Sr. Knightley. Dessa vez, os dois discutiram sobre Frank Churchill, o misterioso cavalheiro que era tão esperado em Highbury. Contudo, ele enviou uma carta ao Sr. Weston se desculpando por não poder visitá-lo, uma vez que sua tia precisava dele. Emma, bem como toda a cidade, ficou decepcionada e com rancor daquela tia tão malvada. O Sr. Knightley, no entanto, disse que, se Frank realmente quisesse ver seu pai, teria aparecido em Highbury há muito tempo:

Não acho que o esteja considerando desnaturado, de forma alguma, ao supor que ele deve ter sido ensinado a considerar-se acima dos demais. Acho que ele se preocupa muito pouco com qualquer coisa que não seja o próprio prazer, pois sempre viveu com pessoas que lhe deram esse tipo de exemplo. É muito mais natural do que se desejaria, que um jovem criado por pessoas orgulhosas, requintados e egoístas, acabe por se tornar orgulhoso, requintado e egoísta também. Se Mr. Frank Churchill desejasse ver o pai, teria planejado isso entre setembro e janeiro (AUSTEN, 2010, p. 99).

Highbury deveria se contentar com a presença de Jane Fairfax ao invés da de Frank Churchill. Jane era sobrinha e neta da Srta. e Sra. Bates, respectivamente. Ela se tornou órfã após a morte de seu pai, o Sr. Fairfax, que fazia parte do exército e morreu em combate; posteriormente, veio a morte de sua mãe, a Sra. Fairfax e irmã da Srta. Bates, que estava de luto e faleceu de tuberculose. A família Bates passou a cuidar da querida Jane e se sentiu grata quando o Coronel Campbell ofereceu moradia e educação a ela. Campbell era grato ao falecido Sr. Fairfax por esse ter salvado sua vida durante um combate e desejava cuidar de Jane, uma vez que a Srta. e a Sra. Bates possuíam poucos recursos. Jane passou a morar em Londres com o Coronel Campbell, sua esposa e sua filha, que a tratavam como se fosse da família. Jane cresceu e se tornou uma moça elegante, doce e de grandes talentos, sendo o maior desses sua habilidade de tocar piano. Contudo, a família Campbell não era rica o suficiente para lhe dar uma herança. Dessa forma, Jane se preparava para tornar-se uma governanta respeitável futuramente. Ela visitava sua família em Highbury de tempos em tempos e após dois anos sem ver a Srta. e a Sra. Bates, ela se preparava para fazê-lo.

No entanto, essa visita era um grande mistério para Emma. A família Campbell se encontrava na Irlanda, pois a Srta. Campbell se tornou a Sra. Dixon após se casar com o Sr. Dixon, um rico cavalheiro irlandês. Agora, toda a família se encontrava reunida para conhecer a nova residência da noiva. Certamente era difícil entender por que Jane Fairfax preferiu visitar sua família em Highbury ao invés de conhecer a Irlanda.

Graças à incessante e tagarela Srta. Bates, Emma descobriu que o Sr. Dixon salvou a vida de Jane em um passeio, quando a família visitava uma praia em Weymouth. Jane quase caiu de um penhasco e teria morrido não fosse o Sr. Dixon que a segurou imediatamente. Emma então suspeitou que os dois estavam muito perto um do outro e deveriam estar apaixonados. Assim, Jane não suportaria visitá-los na Irlanda após o casamento e achou melhor ir para Highbury, muito para o desgosto de Emma.

Emma estava aborrecida. Ter que se mostrar gentil com uma pessoa de quem não gostava durante três longos meses, sempre fazendo mais do que queria e menos do que deveria! A razão pela qual não gostava de Jane Fairfax era uma questão difícil de responder. Mr. Knightley dissera uma vez que era porque ela via em Jane Fairfax a jovem mulher realmente completa que ela mesma gostaria de ser. Apesar de ter refutado a acusação com veemência, havia momentos de autoanálise em que sua consciência não podia absolvê-la. Mas “nunca conseguiria se dar bem com ela, não sabia o porquê, mas sentia certa frieza e reserva – uma aparente indiferença quer ela gostasse ou não – e depois sua tia falava o tempo todo! E fazia tanto estardalhaço a respeito de qualquer pessoa! E todos sempre imaginavam que elas deviam ser amigas íntimas, só porque tinham a mesma idade, e que deviam gostar muito uma da outra”. Estas eram as suas razões, ela não tinha outras melhores (AUSTEN, 2010, p. 112).

Após ouvir o Sr. Knightley, Emma estava decidida a ser amiga de Jane, pois passou a ter pena dela; afinal, ela estava destinada a se tornar uma simples governanta, apesar de todos os seus talentos e de sua beleza. No entanto, o esforço de Emma foi em vão, pois Jane Fairfax era uma moça tímida e muito reservada:

Onde tudo era reservado, se alguma coisa podia ser ainda mais reservada era o assunto de sua viagem à Weymouth e os Dixons. Parecia inclinada a não dar indicação alguma sobre o caráter do Mr. Dixon, ou do valor que atribuía à companhia dele, ou ainda sua opinião sobre a conveniência do casamento. Tudo era apenas aprovação e suavidade, nada de positivo ou determinante. Mas de nada adiantou, sua reserva foi desconsiderada. Emma percebeu o artifício e retornou às suas primeiras suspeitas. Com certeza *havia* alguma coisa a esconder, além da preferência dela. Mr. Dixon provavelmente trocara uma amiga pela outra, ou se fixara apenas na Srta. Campbell, a fim de garantir suas doze mil libras para o futuro (AUSTEN, 2010, p. 113).

Emma ficou mais frustrada ainda quando descobriu que Jane conhecia Frank Churchill, pois ele se encontrava em Weymouth quando o Sr. Dixon salvou a vida de Jane, e ela relutava em dar detalhes sobre ele:

A reserva prevaleceu sobre outros assuntos. Ela e Mr. Frank Churchill estiveram em Weymouth ao mesmo tempo. Sabia-se que eles se conheciam um pouco, mas Emma não conseguiu sequer uma informação concreta sobre como ele realmente era. “Ele é bonito?” ... “Ela acreditava que ele tinha a reputação de ser um jovem muito

refinado”. “Ele é agradável?” ... “Ele era geralmente considerado assim”. “Ele parecia um jovem sensível, culto?” ... “Em uma estação de águas, ou em uma reunião social na casa de conhecidos em Londres, era muito difícil avaliar essas coisas. Pelo tanto que conheciam Mr. Churchill só podiam avaliar suas boas maneiras. Ela acreditava que todos consideravam suas maneiras agradáveis”. Emma não podia perdoá-la (AUSTEN, 2010, p. 114).

No dia seguinte, o Sr. Knightley parabenizou Emma por ela ter conversado com Jane e tê-la encorajado a tocar piano; Jane jamais poderia ter tal instrumento na pequena casa de sua tia e avó. Porém, eles foram interrompidos pela Srta. Bates que lhes contou a grande novidade de Highbury: o Sr. Elton estava prestes a se casar! Ele conheceu sua noiva, Augusta Hawkins, durante sua estadia em Bath, e todos sabiam que ela era herdeira de 10.000 libras. A família da moça adquiriu sua fortuna através do comércio, o que logo desagradou Emma. Assim como a família Bingley, em *Orgulho e Preconceito*, a família da Srta. Hawkins pertencia aos “novos ricos” que ascenderam socialmente através do trabalho, ao invés de possuírem uma linhagem aristocrática, como a de Emma e a do Sr. Darcy. Agora, Emma teria de contar a Harriet, que sofria por ter recusado a oferta do Sr. Martin e ao mesmo tempo por ter se apaixonado pelo Sr. Elton: “Harriet era do tipo que, uma vez que se apaixonasse, amaria para sempre” (AUSTEN, 2010, p. 125).

Para a felicidade de Emma, que não aguentava mais suportar a infelicidade de Harriet, Frank Churchill finalmente viajou para Highbury e a visitou em Hartfield, junto com o Sr. Weston, para conhecê-la. Emma ficou entusiasmada com as atenções de Frank, muito para o desgosto do Sr. Knightley.

O Frank Churchill de quem tanto se falava, que provocava tanto interesse, estava finalmente diante dela. Ao ser apresentada ao cavalheiro, ela achou que o que se dissera dele ficava aquém da realidade. Ele era um jovem *muito* bonito; sua altura, aparência e porte eram excepcionais e seu temperamento possuía muito da alegria e vivacidade do pai. Parecia inteligente e sensível. Ela sentiu logo que poderia gostar dele. Além disso, ele tinha maneiras descontraídas, mas muito bem educadas, e falava com franqueza; Emma percebeu que ele viera com a intenção de conhecê-la, o que logo iria acontecer (AUSTEN, 2010, p. 128).

Frank também visitou a família Bates, pois conhecia Jane Fairfax. Quando Emma lhe perguntou o que ele achava de Jane, ele afirmou que ela parecia estar doente e com uma aparência terrível. Emma aproveitou a oportunidade, fez várias perguntas, mas percebeu que Frank não lhe dava muitas informações como ela gostaria. Também notou que ele se mostrou hesitante quando ela lhe disse que Jane estava prestes a se tornar uma governanta. Contudo, Frank contou sobre as atenções do Sr. Dixon para com Jane, confirmando as suspeitas de Emma:

Acostumei-me a ver que a elogiavam, e lembro-me de uma prova do quanto ela tocava bem. Um homem, com muito gosto por música, e apaixonado por outra pessoa... noivo desta outra, prestes a casar-se... nunca pedia que a própria noiva se sentasse ao piano, se a dama em questão pudesse fazê-lo. Parecia nunca gostar de

ouvir a noiva quando podia ouvir a outra. Acho que isso é uma prova, vinda de um homem de conhecido talento musical (AUSTEN, 2010, p. 135).

Ao falar sobre a personalidade de Jane, Frank ainda opinou sobre a discrição dela: “Às vezes é bastante conveniente, sem dúvida, mas nunca é agradável. Há segurança na reserva, mas não atração. Não se pode amar uma pessoa reservada” (AUSTEN, 2010, p. 136). Emma concluiu que Frank desejava amar alguém e se casar logo, embora nem ele soubesse disso ainda. Porém, a boa opinião de Emma em relação a ele foi um pouco abalada ao saber que, no dia seguinte, Frank foi para Londres apenas para cortar o cabelo. Então, o Sr. Knightley disse: “É bem o rapaz bobo e frívolo que pensei que fosse” (AUSTEN, 2010, p. 139).

Em seguida, Emma ficou chateada por não ter recebido um convite para um jantar na casa da família Cole, tal como o restante de seu grupo de amigos recebera. Os Coles eram uma das famílias mais ricas em Highbury, mas como adquiriram sua fortuna através do comércio, Emma sempre recusava seus convites para quaisquer eventos. Na verdade, ela não desejava socializar com eles, mas quando não foi convidada para aquele jantar, ficou ressentida e ofendida. No entanto, um convite foi enviado posteriormente, e os Coles explicaram a demora desse envio, afirmando que procuravam uma poltrona confortável para que o Sr. Woodhouse pudesse se sentar. Emma mudou de ideia quanto à não socialização e decidiu ir ao jantar, especialmente porque Frank Churchill estaria presente lá. Assim, aceitou o convite dos Coles após conhecê-los por dez anos.

Ao chegar à residência da família Cole, Emma parabenizou o Sr. Knightley por ele finalmente ter usado sua carruagem em vez de ter montado em seu cavalo, pois um cavalheiro respeitável deveria utilizar sua carruagem para eventos especiais. O Sr. Knightley respondeu: “Menina absurda!” (AUSTEN, 2010, p. 143). Emma notou que Frank Churchill estava olhando para Jane Fairfax e quando ele percebeu que Emma havia reparado, afirmou:

Obrigado por me despertar. Acho que fui muito rude. Mas estava observando que Miss Fairfax arrumou seu cabelo de um jeito tão esquisito – muito esquisito mesmo – que não pude deixar de olhá-la. Não vi nenhuma outra jovem com um penteado parecido! Acho que vou perguntar-lhe se isso é moda na Irlanda, acha que devo?... Sim, eu vou... Afirmo que vou... e a senhorita poderá observar como ela reage, se vai ficar ruborizada (AUSTEN, 2010, p. 148).

Emma achou divertido o fato de Frank Churchill compartilhar das mesmas ideias que ela em relação à suposta relação entre Jane Fairfax e o Sr. Dixon, mas não admitiu que ele compromettesse Jane.

A grande fofoca do jantar foi o misterioso piano que Jane recebeu de presente e todos desejavam saber o remetente. Acreditava-se que o instrumento fora dado pelo Coronel Campbell, mas Emma tendia a acreditar que ele fora dado pelo Sr. Dixon, e Frank aquiesceu. De qualquer forma, a cidade estava feliz por Jane finalmente ter seu próprio piano.

A Sra. Weston revelou à Emma uma nova suposição: o misterioso remetente era o Sr. Knightley. Ela contou sobre todas as atenções que o Sr. Knightley tinha para com Jane e lhe revelou que ele se dirigiu até a residência dos Coles em sua carruagem porque desejava levar Jane e sua família ao jantar. Isso porque elas iriam andando, pois não tinham um veículo. Emma ficou indignada com a ideia, pois não suportava ver Jane Fairfax como a dona de Donwell Abbey. Mas para seu alívio, Knightley mais tarde lhe contou que os Campbells “teriam feito melhor se a avisassem do presente. Surpresas são coisas muito tolas. O prazer de quem recebe não é maior, e a inconveniência muitas vezes é considerada desagradável” (AUSTEN, 2010, p. 152). Contudo, Emma continuou incomodada ao ver que o Sr. Knightley se preocupava muito com Jane, especialmente por ele ter ficado bravo com Frank por esse ter feito com que ela cantasse várias músicas, o que a deixou cansada.

No dia seguinte, Emma acompanhou Harriet até a famosa loja de Highbury, a Ford’s. Essa loja tem destaque na narrativa, pois pertencia ao casal Ford, cuja riqueza provinha do comércio. Trata-se da única loja em Highbury na qual se podiam comprar artigos para homens e mulheres. Contudo, como não eram produtos de consumo diário, era difícil entender o motivo que levava muitas pessoas a visitá-la tão frequentemente. O personagem Frank Churchill explicou:

Ah! Essa deve ser a loja à qual todo o mundo vem todos os dias de suas vidas, segundo meu pai me informou. Ele mesmo vem a Highbury seis dias por semana, e sempre tem coisas a fazer na Ford’s. Se não for inconveniente para as senhoras, permitam-me entrar, assim sentirei que faço parte do lugar, que sou um verdadeiro cidadão de Highbury. Preciso comprar algo na Ford’s. Isso vai garantir a minha liberdade... Imagino que eles vendam luvas (AUSTEN, 2010, p. 134).

Ao tornar a Ford’s um lugar no qual as pessoas iam praticamente todos os dias, a narradora trouxe à tona a questão de comprar por necessidade e comprar por luxúria. No início do século XIX, a luxúria era um assunto polêmico na sociedade inglesa que se dividia entre aqueles que a viam como sinônimo de vício e aqueles que a viam como uma forma de proporcionar felicidade e exibir status – e a zona de confluência entre as duas coisas. A rápida ascensão do capitalismo nessa época fez com que muitas pessoas passassem a comprar mais coisas potencialmente inúteis, e o comércio fez com que muitas famílias se tornassem ricas e acendessem socialmente, como a família Ford, em *Emma*, e os Bingley, em *Orgulho e Preconceito*. Mas em *Emma* vemos a importância de fazer compras e a felicidade que essa atividade traz. Como *Emma* foi escrito quase vinte anos depois de *Orgulho e Preconceito*, podemos inferir que Austen estava ciente das mudanças que o novo século havia trazido para a Inglaterra. O comprar passou a ser a saúde e o orgulho da nação. Como Pinch afirma,

Historiadores de compras viram a era de *Emma* como um momento crucial no desenvolvimento do consumo cultural, no qual as compras luxuriosas

verdadeiramente podiam se tornar, nas palavras de Scott, “um hábito social” – hábito que permitiu um senso cotidiano ter uma conexão com um mundo social maior (PINCH, 2003, p. 12)⁶².

Voltando à narrativa, enquanto Harriet fazia suas compras, Emma a esperava diante da vitrine e encontrou Frank e a Sra. Weston. Frank disse que a Sra. Weston havia prometido que visitaria a residência da família Bates, embora ela não se lembrasse de tal promessa. De qualquer forma, os dois se dirigiram até lá e convidaram Emma e Harriet para se juntar a eles. Quando todos se reuniram na pequena casa da Srta. Bates, Frank consertou os óculos quebrados da pobre avó de Jane e pediu a Jane que ela tocasse piano:

“Se a senhorita tiver a bondade” – disse ele – “gostaria que fosse uma das valsas que dançamos na noite passada... para que eu possa reviver aquele momento. A senhorita não as apreciou tanto quanto eu; parecia estar cansada o tempo todo. Acredito que ficou até feliz por não podermos dançar mais, mas eu teria dado mundos... todos os mundos que alguém poderia dar... por mais meia hora” (AUSTEN, 2010, p. 161).

Ela tocou o instrumento e mais tarde a Srta. Bates revelou para todos que o Sr. Knightley enviara toda a safra de maçãs de Donwell Abbey de presente para Jane, que amava comer maçãs assadas, não deixando nenhuma maçã sequer para ele. Isso confirmou as suspeitas da Sra. Weston de que ele estava apaixonado por Jane.

Em seguida, o Sr. Knightley passou pela rua e a Srta. Bates o convidou para entrar, pois Emma e a Sra. Weston se encontravam lá. Ele aceitou o convite, mas ao saber que Frank Churchill também fazia parte do grupo, o Sr. Knightley disse que estava a caminho de um compromisso. Ao jantar na casa dos Coles, a Srta. Bates fez menção especial ao fato de Frank e Emma terem dançado tantas vezes, ao que ele respondeu:

Oh! Maravilhoso, de fato. Não posso dizer mais nada, pois imagino que Miss Woodhouse e Mr. Frank Churchill estejam ouvindo cada palavra. E (levantando ainda mais a voz) não sei por que a senhorita não mencionou Miss Fairfax também. Acho que ela dança muito bem (AUSTEN, 2010, p. 163).

Mais tarde, Frank revelou que desejava comparecer a um baile em Highbury e decidiu organizar um junto com Emma e o casal Weston. Emma resolveu aproveitar a oportunidade para ver se o Sr. Knightley dançaria com Jane. Ele detestava dançar, e dançar com Jane confirmaria que ele estava apaixonado por ela. No entanto, Frank recebeu uma carta da família Churchill afirmando que sua tia estava muito doente e que ele deveria visitá-la o mais rápido possível. O baile foi conseqüentemente adiado.

Antes de partir, Frank se dirigiu a Hartfield para se despedir de Emma. Durante a conversa, ele lhe contou que foi até a casa da Srta. Bates para se despedir de sua família e hesitou ao afirmar: “Para resumir, Miss Woodhouse, acho que a senhorita dificilmente não

⁶²Tradução minha. Original: Historians of shopping have seen the era of *Emma* as a crucial moment in the development of consumer culture, one in which luxury shopping truly could become, in Scott's phrase, 'social habit' – habit that allowed for an everyday sense of a connection to a larger social world (PINCH, 2003, p. 12).

suspeitaria...” (AUSTEN, 2010, p. 174). O nervosismo de Frank fez com que Emma acreditasse que ele estava apaixonado por ela e que talvez estivesse tentando pedi-la em casamento.

Ele parou, levantou-se outra vez e pareceu muito embaraçado. Estava mais apaixonado do que Emma havia suposto. E quem sabe como tudo teria terminado se o pai dele não aparecesse naquele momento? Logo Mr. Woodhouse também apareceu e ele fez um grande esforço para se recompor (AUSTEN, 2010, p. 175).

Após a partida de Frank Churchill, Emma buscou analisar seus sentimentos. Primeiramente, convenceu-se de que estava apaixonada por ele, mas ao fantasiar um pedido em casamento e uma vida com ele, imaginou que o recusaria. Assim, achou que não o amava e que quando Frank retornasse à Highbury, ela não iria encorajá-lo a cortejá-la. De qualquer forma, ela ansiava por seu retorno, pois adorava sua companhia.

Mas havia outro fator que fez com que Emma estivesse convencida a recusá-lo: uma das cartas que Frank enviou para o casal Weston continha o pedido de desculpas por ele não ter se despedido da “bela amiguinha de Miss Woodhouse” (AUSTEN, 2010, p. 178). Tal menção à Harriet fez Emma acreditar que ele pudesse ter se interessado por sua amiga de alguma forma e ela estava decidida que os dois formariam um excelente par. Como ela havia prometido que não agiria como casamenteira novamente após o desastroso episódio com o Sr. Elton, decidiu não mencionar sua ideia para ninguém e conteve seu entusiasmo: “Harriet vale cem vezes mais... E como esposa, de um homem sensível, seu valor é incalculável. Não vou mencionar nomes, mas feliz do homem que trocar Emma por Harriet!” (AUSTEN, 2010, p. 180).

A partida de Frank coincidiu com a chegada da nova Sra. Elton em Highbury, motivo de fofoca na cidade. A noiva era uma moça arrogante que acreditava ser superior a todas as outras pessoas daquela pequena cidade e que era seu dever refinar a sociedade de Highbury. Seu desejo era ser a dama mais importante do local. O Sr. Elton se orgulhava da sua conquista, e os dois formavam um casal orgulhoso e presunçoso.

Mrs. Elton era uma mulher superficial, extremamente satisfeita consigo mesma, e que valorizava demais sua própria importância. Pretendia ser brilhante e superior, mas como suas maneiras vieram de uma escola ruim, parecia apenas atrevida e sem cerimônia. Todas as suas noções provinham de um único tipo de pessoas e de um único estilo de vida. Se não era tola, era ignorante, e uma associação desse tipo não faria nenhum bem a Mr. Elton (AUSTEN, 2010, p. 182).

A Sra. Elton sabia que Emma era a dama mais influente em Highbury e decidiu se tornar sua amiga, propondo que criassem um clube musical juntas. Porém, Emma não a suportava e não seria capaz de ser amiga da esposa do Sr. Elton (quem quer fosse ela) diante da mágoa que isso traria à Harriet. As tentativas da Sra. Elton foram frustradas. Como resultado, o casal Elton passou a destratar Emma e Harriet.

Emma ficou extremamente ofendida quando a Sra. Elton começou a se aproximar de seus amigos. Primeiramente, ela lhe relatou a surpresa que teve diante da elegância e da beleza da Sra. Weston, apesar de ela ter sido apenas uma governanta antes de se casar. Ainda revelou o quão impressionada ficou com o cavalheirismo do Sr. Knightley. Seu modo incessante de falar, de chamar o Sr. Knightley apenas de “Knightley”, denotando uma intimidade com ele, e o modo pelo qual ela se dirigia a seu próprio marido deixaram Emma furiosa:

“Mulher insuportável!” foi sua imediata exclamação mental. “Ela é muito pior que eu imaginava. Absolutamente insuportável! Knightley! Nem pude acreditar nisso. Knightley!... Nunca o vi na vida e o chama de Knightley!... E descobriu que ele é um cavalheiro! Uma pequena arrogante, uma criatura vulgar, com seu Sr. E, e seu *caro sposo*, e seus recursos, e todos os seus ares de pretensão e fineza mal educada. Realmente, descobrir que Mr. Knightley é um cavalheiro! Duvido que ele vá retribuir o cumprimento descobrindo que ela é uma dama” (AUSTEN, 2010, p. 186, 187).

Além disso, a Sra. Elton se aproximou de Jane Fairfax e decidiu procurar uma família respeitável em Bath que a empregasse como governanta, apesar da recusa de Jane, que desejava passar mais tempo com sua família antes de começar a trabalhar. Tal aproximação surpreendeu Emma, que não entendia por que Jane não se juntara aos Campbells e aos Dixons na Irlanda, preferindo permanecer em Highbury na companhia da sua tia e da Sra. Elton. O Sr. Knightley explicou que ninguém nunca deu atenção a Jane, exceto a Sra. Elton. Ainda afirmou que essa atenção era resultado de sua vaidade, pois ela sabia que Jane era uma dama superior a ela, embora ela jamais admitisse isso. Como consequência, ela pretendeu ser aquela que iria ajudar Jane, para mostrar-s superior a essa.

Miss Fairfax impressiona Mrs. Elton por sua superioridade, tanto de mente como de maneiras. E que, face a face, Mrs. Elton a trata com todo o respeito que ela merece. Uma mulher como Jane Fairfax provavelmente nunca apareceu na vida de Mrs. Elton antes, e nenhum grau de vaidade pode impedir que essa senhora reconheça sua própria inferioridade, tanto em atitudes como em pensamentos (AUSTEN, 2010, p. 192).

Emma decidiu dar fim a seu medo e perguntou se o Sr. Knightley desejava se casar com Jane, pois ele estava sempre a defendendo e expressando sua admiração por ela. O Sr. Knightley ficou pensativo e de certa forma decepcionado com as ideias de Emma, mas afirmou que tal pensamento nunca lhe ocorrera: “Nunca pensei nela dessa forma, lhe asseguro. Jane Fairfax é uma moça muito encantadora, mas nem Jane Fairfax é perfeita. Ela tem um defeito. Não tem o temperamento franco que um homem deseja em uma esposa” (AUSTEN, 2010, p. 192). Emma sentiu-se aliviada.

Alguns dias depois, Frank Churchill retornou à Highbury e, para o alívio de Emma, ele se mostrou mais distante, visitando-a apenas uma vez: “Era evidente que estava menos

apaixonado. A ausência, assim como a convicção da indiferença dela, produzira este efeito muito natural e muito desejável” (AUSTEN, 2010, p. 213). A segunda vez que se encontraram foi no baile que havia sido adiado. A tão esperada festa finalmente aconteceu e embora ela fosse dedicada à Emma, a Sra. Elton estava convencida de que a organizaram em sua homenagem.

Frank estava agitado enquanto aguardava a chegada dos convidados, e a Sra. Elton buscava elogios para seu vestido. Ela esperava liderar a dança junto com ele, mas Frank cumpriu a promessa de dançar primeiramente com Emma; a Sra. Elton dançou com o Sr. Weston. Emma observava o Sr. Knightley, que conversava com os outros cavalheiros e não chamou Jane Fairfax para dançar nenhuma vez.

Mr. Knightley avançou alguns passos, e com isso apenas demonstrou com que cavalheirismo e graça natural teria dançado, se apenas se desse ao trabalho. Sempre que seus olhos se encontravam Emma o fazia sorrir, mas em geral ele permanecia sério. Ela gostaria que ele apreciasse mais os bailes, e apreciasse mais Frank Churchill. Mr. Knightley parecia estar sempre a observá-la. Emma não podia se orgulhar do que ele pensava de sua dança, mas não tinha medo algum de sofrer críticas ao seu comportamento. Não havia nada parecido com um flerte entre ela e seu parceiro. Pareciam mais como bons e alegres amigos do que namorados. Sem dúvida, Frank Churchill pensava menos dela agora do que antes (AUSTEN, 2010, p. 220).

Emma estava feliz, mas percebeu algo que não lhe agradou. Viu que nenhum cavalheiro havia chamado Harriet para dançar. Enquanto a Sra. Elton dançava com o Sr. Weston, o Sr. Elton procurava uma parceira. Ele convidou a Sra. Weston para se juntar a ele, mas ao recusar tal pedido, ela sugeriu que ele dançasse com Harriet, e ele rapidamente disse que não dançaria mais. Todos perceberam o que havia se passado, inclusive Harriet. Contudo, todos foram surpreendidos quando o Sr. Knightley a convidou para dançar, o que a deixou extremamente feliz. Após a dança, Knightley e Emma conversaram:

“Eu admito que me enganei completamente com Mr. Elton. Há uma mesquinhez nele que o senhor percebeu e eu não. Além disso, eu estava plenamente convencida de que ele estava apaixonado por Harriet. Foi uma série de pequenos erros!”

“E, como retribuição por você ter admitido isso, vou fazer a justiça de dizer-lhe que você teria escolhido por ele melhor do que ele escolheu por si próprio. Harriet Smith tem algumas qualidades admiráveis, que faltam totalmente à Mrs. Elton. Uma menina despreziosa, educada e sem maldade, infinitamente preferível para qualquer homem de bom senso e bom gosto do que uma mulher como Mrs. Elton. Achei que Harriet conversa bem melhor do que eu esperava. [...] Com quem você vai dançar? – perguntou Mr. Knightley.”

Ela hesitou por um momento, e então disse:

“Com o senhor, se tiver a bondade de me convidar.”

“Você gostaria?” – disse ele, estendendo-lhe a mão.

“Gostaria muito. O senhor mostrou que dança muito bem, e sabe que não somos realmente irmão e irmã para tornar isso impróprio.”

“Irmão e irmã! Não, realmente” (AUSTEN, 2010, p. 223-224).

Após o baile, Emma estava contente, pois “Com Harriet racional outra vez, Frank Churchill menos apaixonado, e Mr. Knightley evitando discutir com ela, que verão feliz teria

pela frente!” (AUSTEN, 2010, p. 225). No entanto, ela foi surpreendida com a chegada de Frank carregando Harriet em seus braços para Hartfield. Harriet estava caminhando quando foi atacada por ciganos que roubaram seu dinheiro. Frank estava andando a cavalo, afugentou os ciganos e salvou Harriet. Emma não pôde resistir a tal cena romântica que despertou sua imaginação; esperava que Frank e Harriet se apaixonassem:

Uma aventura como esta, um belo jovem cavalheiro e uma linda jovem dama, reunidos de tal forma, não podia deixar de dar certas ideias nem ao mais frio dos corações nem ao mais inflexível dos cérebros. Pelo menos foi o que Emma pensou. Poderia um linguista, um gramático, ou até mesmo um matemático ter visto o que ela vira, testemunhado a chegada dos dois juntos e ouvido sua história, sem sentir que as circunstâncias haviam conspirado para torná-los especialmente interessantes um para o outro? E uma mente **imaginativa** como a dela, com muito mais razão arderia no fogo de especulações e previsões! Ainda mais com o terreno preparado pelas ideias sobre o assunto que já lhe haviam passado pela mente (AUSTEN, 2010, p. 226-227).

É interessante notar a palavra utilizada nessa cena: *imaginist*. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, *Emma* foi o primeiro texto em língua inglesa no qual foi utilizada a palavra *imaginist*, traduzida em português como “imaginativa”. Tal palavra sugere a impulsividade de Emma para criar ideias e conjunturas que acabam por lhe trazer problemas. De acordo com Morris,

Essas inconsistências, quando talvez louváveis ao denotar a suavidade das posições que foram indevidamente severas, poderiam escassamente ser mais evidentes. Elas são, como deve ser ressaltado, parte do resultado da inabilidade que Emma possui em tolerar “a subjeção do capricho de estar correta”, como Knightley afirma. Nos termos da autora, ela é “uma imaginista”: alguém cuja mente inquieta e cujos sentimentos não reconhecidos podem construir “um terreno de antecipação” para o que pode se provar tanto um fato como uma fantasia, e fazer com que essa fantasia seja tratada como algo verdadeiro (MORRIS, 2008, p. 99)⁶³.

Alguns dias depois, Harriet visitou Emma para que ela testemunhasse a queima dos objetos que ela guardava como lembrança do Sr. Elton, como um lápis que ele usou certa vez em Hartfield e que Harriet roubara. Ao jogar os objetos que uma vez lhe foram tão preciosos na lareira, Harriet provou que seu amor pelo Sr. Elton tinha chegado ao fim. Para a grande surpresa de Emma, Harriet ainda lhe contou que jamais se casaria, pois estava apaixonada por um homem tão superior a todos que nunca se interessaria por ela:

Oh, Miss Woodhouse, acredite, não tenho a presunção de supor... Não sou tão louca, na verdade. Mas é um prazer para mim admirá-lo à distância, pensar na sua infinita superioridade em relação ao resto do mundo, com a gratidão, o deslumbramento e a veneração que são tão próprios, especialmente de mim (AUSTEN, 2010, p. 231).

⁶³Tradução minha. Original: These inconsistencies, while perhaps laudable in denoting the softening of positions that were unduly severe, could scarcely be more evident. They are, it should be noted, in part the outcome of an inability in Emma to tolerate “a subjection of the fancy to the understanding”, as Knightley has it (37). In the author’s terms, she is “an imaginist”: one whose lively mind and unacknowledged feelings can construct “a ground-work of anticipation” for what might prove either fact or fantasy, and cause the last to be treated as substantive (335) (MORRIS, 2008, p. 99).

Emma então lhe respondeu que não era nenhuma surpresa Harriet ter se apaixonado pelo homem que a salvara e lhe prestara um grande serviço. Ela respondeu:

Serviço? Oh, foi uma obrigação tão inexpressiva! A simples lembrança disso, e tudo que senti no momento... quando o vi chegando, seu olhar nobre e meu estado infeliz momentos antes. Que mudança! Em apenas um momento houve uma completa mudança! Da perfeita miséria para a perfeita felicidade (AUSTEN, 2010, p. 231).

Emma decidiu não interferir e afirmou que elas não deviam mencionar o nome do cavalheiro nem tocar no assunto novamente para nada dar errado. Contudo, ela disse para Harriet se animar, pois muitos homens ricos haviam se casado com moças mais pobres.

Em seguida, todos os amigos do Sr. Woodhouse se encontraram em Hartfield, e o Sr. Knightley começou a perceber certos olhares entre Frank Churchill e Jane Fairfax. Quando Frank perguntou para a Sra. Weston se o Dr. Perry finalmente comprara uma carruagem, a Sra. Weston não sabia o que dizer, pois não sabia nada a respeito. Frank insistiu ao dizer que, em uma de suas cartas, ela havia lhe dito que a esposa do médico desejava que ele comprasse uma carruagem. A Sra. Weston afirmou nunca ter ouvido nada sobre tal assunto. Logo, a Srta. Bates disse que a esposa do Dr. Perry havia contado sobre o plano somente para ela, sua mãe e Jane em uma visita. Frank ficou constrangido e afirmou ter sonhado com tal episódio. Em seguida, quando eles brincavam com uma caixa com letras do alfabeto, Frank montou uma palavra para Jane, deixando-a irritada: “erro”. Posteriormente, ele lhe entregara outra palavra: “Dixon”. As atitudes de Frank deixaram Jane ofendida, fazendo com que ela fosse embora com sua tia. Quando todos foram embora, o Sr. Knightley contou a Emma o que ele havia percebido e que acreditava que os dois tinham afeto um pelo outro. Emma disse jamais ser possível:

Emma falou com tal confiança e satisfação que chocou e silenciou Mr. Knightley. Estava com o espírito alegre, e teria prolongado a conversa para ouvir os detalhes das suspeitas dele, a descrição de cada olhar e todos os “comos” e “ondes” de uma circunstância que a divertiria imensamente. Mas a alegria dela não encontrou respaldo nele. O cavalheiro percebeu que não poderia ser útil e sentia-se irritado demais para conversar. Antes que sua irritação se transformasse em uma febre fortíssima, com a ajuda da lareira acesa que os delicados hábitos de Mr. Woodhouse exigiam quase todas as noites do ano, ele partiu logo em seguida; fez o caminho de volta para casa, a fria e solitária Donwell Abbey (AUSTEN, 2010, p. 237).

Eles não tocaram no assunto novamente. A grande novidade do momento era a viagem que todos iriam fazer. Tratava-se da viagem de um dia na qual o grupo visitaria Box Hill, uma famosa colina florestal localizada nas proximidades. Emma estava entusiasmada, pois nunca havia feito uma viagem em toda a sua vida, devido às incessantes preocupações de seu pai. Contudo, a viagem foi adiada, pois um dos cavalos do casal Elton estava manco. Todos ficaram desapontados, e o Sr. Knightley decidiu convidá-los para colher morangos em Donwell.

Emma e o Sr. Woodhouse não visitavam a residência do Sr. Knightley há dois anos.

Ao avistar a casa, Emma ficou orgulhosa:

Sentiu todo o honesto orgulho e benevolência que sua ligação com o presente e o futuro proprietário poderia garantir. Observou o tamanho respeitável e o estilo do prédio, que era baixo e abrigado, assim como sua localização característica e atraente – seus amplos jardins descendo até a pradaria, cortada por um riacho que se perdia na distância, mal podendo ser avistado a casa. E a abundância de árvores, formando extensas alas e avenidas, que nem a maior extravagância conseguiria abater. A casa era maior que Hartfield, e totalmente diferente: espalhava-se por um bom pedaço do terreno irregular, com muitas salas confortáveis e uma ou duas bastante bonitas. Era exatamente como devia ser, e parecia o que realmente era. Emma sentiu um grande respeito por isso, pois era a residência de uma família da mais genuína nobreza, sem mistura de sangue (AUSTEN, 2010, p. 242).

Ao caminharem pela propriedade, Emma admirou a vista maravilhosa do local e admitiu até mesmo que a fazenda do Sr. Martin, Abby-Mill tinha seu charme.

Emma percebeu imediatamente Mr. Knightley e Harriet, um pouco à frente dos demais, calmamente liderando o grupo. Mr. Knightley e Harriet!... Era um *estranho tête à tête*, mas ela ficou feliz de vê-lo. Houvera um tempo em que ele teria evitado a companhia dela, e se afastado sem muita cerimônia. Agora eles pareciam conversar agradavelmente. Houvera um tempo também em que Emma teria lamentado ver Harriet num lugar tão perto da fazenda Abbey-Mill, mas agora não temia isso. A fazenda podia ser vista com todos os seus belos e prósperos anexos, seus ricos pastos, os enormes rebanhos espalhados, o pomar coberto de frutos e a leve coluna de fumaça que subia da chaminé. Emma se juntou a eles próximo ao muro, e descobriu que estavam mais interessados na conversa do que em olhar a vista. Ele estava explicando a Harriet as várias modalidades de agricultura, etc., e sorriu para Emma como se dissesse “Estas são as minhas preocupações, tenho o direito de falar desses assuntos sem levantar suspeitas de me referir a Robert Martin”. Emma não suspeitava de Mr. Knightley, aquela história já ficara no passado. Robert Martin provavelmente já nem pensava mais em Harriet (AUSTEN, 2010, p. 243).

O único que não estava presente era Frank Churchill, que estava visitando a tia doente e se juntaria ao grupo mais tarde. Enquanto o grupo admirava o lago da propriedade, Emma permaneceu com o Sr. Woodhouse dentro de Donwell Abbey e foi surpreendida por Jane Fairfax, que pretendia voltar para casa de forma discreta e lhe pediu ajuda para que o grupo não percebesse sua partida. Emma ofereceu sua carruagem, mas Jane recusou, afirmando que preferia caminhar e que seu cansaço não era físico. A partida de Jane coincidiu com a chegada de Frank, que estava irritado devido ao calor e ao fato de as pessoas estarem indo embora antes da sua chegada. Ele havia encontrado Jane quando estava chegando em Donwell Abbey. Emma afirmou que ele não tinha motivos para ficar de mau humor e o convidou para a viagem que fariam até Box Hill.

No dia seguinte, quando todos se encontravam em um piquenique em Box Hill – com exceção da Sra. Weston, que permaneceu em Hartfield para fazer companhia ao Sr. Woodhouse –, Emma ficou entediada, pois todas as pessoas permaneciam em silêncio. Apenas Frank conversava com ela, e os dois flertavam na frente de todos. Após algumas tentativas de fazer com que o grupo conversasse terem sido frustradas, Frank afirmou para

todos que ela “apenas pede que digam uma coisa inteligente, seja em prosa, em verso, original ou conhecida, ou duas coisas modestamente inteligentes, ou três coisas decididamente tolas, e promete de coração rir de todas elas” (AUSTEN, 2010, p. 250). A Srta. Bates respondeu: “Isso serve muito bem para mim, vocês sabem. Tenho certeza que digo mais de três coisas muito tolas sempre que abro a boca, não é?” (AUSTEN, 2010, p. 250). Emma não resistiu e acrescentou: “Ah, madame, há uma dificuldade. Perdoe-me, mas existe uma limitação de número: somente três coisas de cada vez” (AUSTEN, 2010, p. 250). Esse comentário deixou a Srta. Bates envergonhada e fez com que ela permanecesse em silêncio pelo resto da viagem. O casal Elton afirmou não ter nada inteligente para dizer e agradecer a Emma; então, decidiu explorar a região. Quando os dois se distanciaram, Frank disse:

Como são perfeitos um para o outro! Tiveram muita sorte de casar-se como fizeram, depois de se conhecerem apenas em um lugar público!... creio que se conheceram apenas durante umas poucas semanas em Bath! Tiveram uma sorte peculiar! Pois em Bath, ou qualquer outro lugar público, o conhecimento que se pode ter de uma pessoa é praticamente nenhum. Somente quando se conhece uma mulher em sua própria casa entre as pessoas com quem convive, como ela é realmente, pode-se formar algum julgamento mais preciso. Fora isso, o resto é adivinhação e sorte... o que geralmente significa má sorte. Quantos homens já se comprometeram após um curto conhecimento e se arrependeram pelo resto de suas vidas! (AUSTEN, 2010, p. 251)

Jane falou pela primeira vez na viagem, dizendo que as pessoas que se arrependiam de tal compromisso eram fracas e indecisas. Foi embora com sua tia após Frank ter pedido para Emma providenciar e educar uma esposa para ele, o que convenceu Emma de que ele se referia à Harriet.

Quando Emma estava à espera de sua carruagem para retornar para casa, o Sr. Knightley a surpreendeu e a reprimiu por ter ofendido a Srta. Bates. Durante a discussão, Emma afirmou que apesar de a Srta. Bates ser uma boa pessoa, também era ridícula e inconveniente. O Sr. Knightley retrucou:

Se ela fosse rica, eu poderia admitir que há um ocasional domínio do ridículo sobre o bom. Se ela fosse uma mulher de fortuna, deixaria qualquer absurdo inofensivo dela seguir seu curso, não discutiria com você por tomar essa liberdade. Se ela tivesse a mesma situação que você... mas, Emma, pense quão longe isso está de ser verdade. Ela é pobre, perdeu os confortos com os quais nasceu, e se viver muitos anos perderá ainda mais. A situação dela deveria garantir sua compaixão. Você fez muito mal, sem dúvida! Logo você, que ela conhece desde criança, a quem ela viu crescer, quando a atenção dela era uma honra. E ver você agora, com a maior desatenção e num momento de orgulho, rir dela, humilhá-la... e na frente da sobrinha. E perante os outros, também... muitos dos quais (ou, pelo menos, *alguns*) serão levados a dispensar a ela o mesmo tratamento que *você*. Isso não é agradável para você, Emma, e está longe de ser agradável para mim. Mas eu posso, e devo, dizer-lhe algumas verdades enquanto puder, satisfeito em provar que sou seu amigo e confiável conselheiro, acreditando que um dia ou outro você me fará mais justiça do que faz agora (AUSTEN, 2010, p. 253).

Emma reconheceu que havia errado e sentiu-se extremamente angustiada. Nunca na sua vida se sentira tão mal; chorou bastante até chegar em casa.

No dia seguinte, ela acordou cedo e se dirigiu à residência da Srta. Bates para uma visita. Ela esperava que, após conversarem, a Srta. Bates voltasse ao normal, o que de fato aconteceu. As duas conversaram bastante, e Emma descobriu que Jane tinha aceito a proposta de emprego de uma das amigas da Sra. Elton em Bath. Em duas semanas, ela finalmente se tornaria uma governanta. Quando a Srta. Bates informou que o misterioso piano ficaria na casa dela até o Coronel Campbell buscá-lo, Emma se sentiu pior ainda, envergonhada por ter pensado tantas coisas ruins sobre Jane.

Emma retornou a Hartfield e foi surpreendida pela visita do Sr. Knightley, que viera se despedir da família Woodhouse; ele viajaria para Londres. Quando soube que Emma tentou reparar seu erro com a Srta. Bates,

seus olhos a fitaram com um brilho de afeição. Ela ficou muito grata, e essa gratidão aumentou no momento seguinte, quando ele fez um movimento que mostrava mais do que amizade... Tomou a mão dela... se fora ela que fizera o primeiro movimento, Emma não saberia dizer, talvez tivesse oferecido a mão... Ele então a pegou, apertou-a e certamente estava a ponto de levá-la aos lábios, quando de repente desistiu por algum motivo. Ela não podia entender porque ele sentira tal escrúpulo, porque mudara de ideia quanto já tinha chegado quase ao ponto de beijar-lhe a mão. Talvez houvesse pensado melhor, imaginou Emma (AUSTEN, 2010, p. 260).

Após a partida repentina do Sr. Knightley, a grande fofoca de Highbury era a de que a Sra. Churchill havia falecido. Todos fingiam estar abalados pela notícia, mas na verdade estavam contentes, pois isso significava a liberdade de Frank que vivera sob a tirania dessa tia. Todos estavam também preocupados com Jane, que adoecera e se recusava a receber visitas; inclusive, recusou uma cesta de comida que Emma enviara. A única coisa que Emma conseguia pensar era que, de qualquer forma, o Sr. Knightley teria aprovado sua conduta.

Em seguida, a Sra. Weston contou a Emma que Frank Churchill e Jane Fairfax estavam noivos há meses! O noivado era segredo, pois a Sra. Churchill jamais aprovaria tal união, porque Jane não possuía fortuna. Agora que ela havia falecido, nada impediria o casamento. Quando o segredo foi revelado, Emma entendeu muitas coisas que haviam se passado.

Frank fora para Highbury com o intuito de encontrar Jane. E foi para ficar perto dele que ela não fora para a Irlanda com os Campbells e os Dixons. Agora, Emma entendia o comportamento de Frank durante o baile. Ele estava agitado, pois aguardava a chegada de Jane, e era por isso que olhava para ela na festa. Além disso, o noivado explicava as visitas recorrentes de Frank à casa da Srta. Bates e o fato de Jane ir buscar sua correspondência na chuva; ela ansiava receber notícias dele e escondia as cartas de sua tia. Ademais, descobriu-se

que Frank havia ido para Londres com o intuito de comprar o piano para Jane e não simplesmente para cortar o cabelo. Ele havia permitido que Emma pensasse sobre uma suposta relação com o Sr. Dixon para evitar suspeitas. Contudo, o segredo quase foi revelado quando Frank perguntou à Sra. Weston pela carruagem do Dr. Perry e quem havia lhe revelado este fato fora na verdade Jane. Quando eles brincavam com as letras do alfabeto, a palavra “erro” estava relacionada a este engano que ele cometera. Para mais, Frank estava irritado no dia em que eles colheram os morangos em Donwell Abbey, pois havia discutido com Jane quando ela decidira ir embora. Ela estava cansada de esperar por ele e ter de aturar a sua conduta em relação à Emma e, em Box Hill, o comentário que ele fez sobre o casal Elton na verdade se tratava da relação deles.

Após o cruel comportamento de Frank, Jane decidiu aceitar a proposta de emprego, mas tudo mudou com a morte da Sra. Churchill. Frank também quase revelou seu segredo para Emma, quando ela achava que ele estava tentando se declarar a ela. Ele havia flertado com ela todo esse tempo para que ninguém suspeitasse de sua ligação com Jane, embora não tenha dado certo, uma vez que o Sr. Knightley percebera que havia algo entre os dois. De qualquer forma, Frank sabia que Emma não estava apaixonada por ele e, por isso, não via mal em flertar com ela para evitar maiores suspeitas.

Emma agora sentia pena de Harriet, que teria mais uma decepção amorosa. Ela recordou as palavras do Sr. Knightley, quando ele disse que ela não era uma boa amiga para Harriet, e se arrependeu por ter encorajado Harriet a acreditar que um casamento discrepante poderia acontecer. No entanto, Emma foi surpreendida quando encontrou sua amiga inabalada diante do ocorrido. Logo, Harriet revelou que não estava apaixonada por Frank Churchill e sim pelo homem mais superior de Highbury: o Sr. Knightley. Quando ela se apaixonou pelo homem que a salvou, não se referiu a Frank e aos ciganos e sim ao Sr. Knightley, que a chamara para dançar após ela ter sido humilhada pelo Sr. Elton no baile. Para Morris, Harriet,

Como qualquer jovem dama, enxerga o que se passou através de uma perspectiva pessoal: ela se vê escolhida, honrada, resgatada pelo homem que ela havia identificado pertencente a uma classe diferente dos outros. O fato de ele tê-la convidado para dançar naquela situação foi o maior elogio que poderia ter acontecido em sua existência. Com essa certeza, impulsionada pelo forte sentimento de gratidão, ela não duvida de que era a mulher preferida por ele – e ao ser distinguida, ela supostamente intencionava reivindicá-lo para ela (MORRIS, 2008, p. 114)⁶⁴.

⁶⁴Tradução minha. Original: As any Young woman might, she views what has happened from a personal perspective: sees herself singled out, honoured, redeemed by the man she has throughout identified as in a class apart from the others. His asking for her hand in that situation was the highest compliment that could be paid within the sphere of her experience. With this certainty, enhanced as it is by powerful feelings of thankfulness, she cannot doubt herself as being the woman preferred – and as yet again distinguished by a benign suzerainty seemingly intent on claiming her as its own (MORRIS, 2008, p. 114).

Emma ficou chocada e magoada quando Harriet lhe contou que acreditava que ele retribuía a seus sentimentos e logo compreendeu que *ela* estava apaixonada por ele:

Há quanto tempo Mr. Knightley se tornara tão querido para ela, como cada sentimento demonstrava agora que ele era? Quando a influência dele, aquela influência começara? Quando ele alcançara esse lugar na sua afeição que Frank Churchill ocupara uma vez, por pouco tempo? Ela olhou para o passado e comparou os dois... Comparou-os pelo lugar que sempre ocuparam em sua estima, desde o momento em que conhecera o último... E como deviam ter sido comparados por ela há muito tempo. Oh! Que abençoada felicidade se tivesse lhe ocorrido fazer essa comparação antes! Percebeu que nunca houve um tempo em que não tivesse considerado Mr. Knightley infinitamente superior, ou que seu afeto por ela não fosse infinitamente mais apreciado. Percebeu que, convencendo-se de certas coisas, fantasiando, agindo contra as circunstâncias, incorrera no mais completo engano, ignorando totalmente seu próprio coração... E, em suma, que nunca se importara com Frank Churchill, afinal de contas! (AUSTEN, 2010, p. 278).

Contudo, Harriet parecia estar certa, uma vez que o Sr. Knightley passou a expressar admiração por ela. No baile, ele contou a Emma que sua opinião sobre Harriet havia mudado, porque passou a ver suas qualidades. Além disso, Emma recordou que no dia em que colheram morangos em Donwell Abbey, os dois caminhavam juntos. Harriet lhe revelou que neste dia ele estava prestes a lhe perguntar se seu coração estava comprometido quando Emma se juntou a eles. Então, ele mudou o assunto e começou a falar sobre agricultura. Harriet ainda lhe disse:

Eu nunca teria a pretensão de pensar nisso, no início – disse ela – se não fosse pela senhorita. Foi a senhorita que me disse para observá-lo cuidadosamente e deixar que o comportamento dele servisse de guia para o meu. E assim fiz. Mas agora sinto que posso merecê-lo. E se ele me escolher, isso não será uma coisa assim tão extraordinária (AUSTEN, 2010, p. 277).

Emma então desejou nunca ter conhecido Harriet e se arrependeu amargamente de tê-la encorajado a recusar a proposta do Sr. Martin.

Oh! Se ao menos não houvesse incentivado Harriet! Se a tivesse deixado no lugar a que pertencia, e ao qual Mr. Knightley lhe dissera que ela pertencia!... se não tivesse, com uma tolice que não havia palavras para expressar, impedido que ela desposasse o irrepreensível jovem que a teria feito feliz e respeitável no nível de vida a que ela devia pertencer – tudo poderia ter sido salvo. Nenhum desses terríveis acontecimentos teria ocorrido (AUSTEN, 2010, p. 279).

Em suas reflexões, Emma percebeu que sempre foi a mulher que esteve em primeiro lugar na vida do Sr. Knightley. Ele sempre a visitava e, além de ser o único que via defeitos nela, era o único que a reprimia quando ela merecia. Não seria essa uma prova de seu afeto por ela? Emma desejava que o Sr. Knightley jamais se casasse e que tudo continuasse como sempre foi, pois apesar de ter descoberto seus sentimentos por ele, ela jamais poderia se casar e morar longe de seu pai.

Que ele permanecesse o mesmo Mr. Knightley, para ela e o pai, o mesmo Mr. Knightley para todo mundo. Que Hartfield e Donwell não perdessem nada daquela troca diária de amizade e confiança, e sua paz estaria garantida. O casamento, na verdade, não servia para ela. Seria incompatível com seus sentimentos para com o

pai e seus deveres de filha. Nada devia separá-la do pai. Ela não se casaria, mesmo que Mr. Knightley a pedisse (AUSTEN, 2010, p. 281).

Emma procurava entender seus sentimentos. Ela se arrependia amargamente de ter buscado elevar e educar Harriet e agora desejava ter escutado o conselho do Sr. Knightley, que sempre lhe disse para ser amiga de Jane Fairfax:

Lamentou amargamente não ter se tornado mais amiga da jovem, e corou ao reconhecer os sentimentos de inveja que foram, em grande parte, responsáveis por isso. Se tivesse seguido os desejos de Mr. Knightley e dado mais atenção a Miss Fairfax, o que, aliás, era sua obrigação; se tentasse conhecê-la melhor, se tivesse procurado ser mais íntima dela; se procurasse torná-la sua amiga, ao invés de Harriet Smith, ela teria, muito provavelmente, sido poupada de todo o sofrimento que agora sentia (AUSTEN, 2010, p. 283).

No dia seguinte, estava chovendo e Emma se encontrava em estado depressivo dentro de casa. Quando a chuva parou e o sol apareceu, ela decidiu dar uma volta pelo jardim e encontrou o Sr. Knightley, que havia voltado de Londres da mesma forma repentina que saiu de Highbury. Ele não estava feliz, e Emma concluiu que ele devia ter falado sobre seus planos de se casar com Harriet para seu irmão, que não aprovou a união. Quando ela falou sobre a grande novidade de Highbury, o Sr. Knightley lhe informou que já sabia sobre o noivado de Frank Churchill com Jane Fairfax; “tomou seu braço e apertando sua mão contra o peito, disse em voz baixa, com grande emoção” (AUSTEN, 2010, p. 286) que o tempo curava todas as feridas. Emma entendeu o significado de tais palavras e buscou corrigi-lo:

Não necessito desse tipo de compaixão. Minha cegueira para o que estava acontecendo levou-me a agir em relação a eles de um modo de que sempre me envergonharei. Fui totalmente tentada a dizer e fazer coisas que poderiam me expor a considerações desagradáveis. A única coisa que tenho a lamentar, no entanto, é não ter sabido do segredo antes (AUSTEN, 2010, p. 286).

O Sr. Knightley ficou feliz por Emma não ter se apaixonado por Frank, mas expressou o seu desprezo pelo cavalheiro. Para ele, Frank errou de todas as formas ao se comprometer com uma dama em segredo, tratá-la mal e usar todos em Highbury, além de somente ter visitado seu pai quando Jane viajou para a cidade. E apesar de tudo o que fez, tudo ocorreu a seu favor, pois a tia que não permitiria seu casamento morreu, Jane o perdoou, e todos em Highbury estavam felizes por ele, inclusive Emma. Para o Sr. Knightley, Frank era um homem de sorte que não merecia o amor de Jane.

Um homem sempre deseja dar a uma mulher um lar melhor do que aquele do qual ele a tirou. E aquele que consegue isso, desde que não haja dúvida do amor *dela*, deve, no meu entender, ser o mais feliz dos mortais. Frank Churchill é, sem dúvida, um favorito da sorte. Todas as coisas se resolvem para o bem dele. Ele conhece uma jovem em uma estação de águas, ganha o coração dela, não consegue afastá-la nem com seu tratamento negligente... e mesmo que ele e toda a sua família procurassem uma esposa ao redor do mundo, não poderiam ter encontrado ninguém superior a ela. A tia está no caminho... a tia morre. Ele nada mais precisa fazer a não ser falar, e seus amigos estão ansiosos para promover a sua felicidade. Ele usou todo mundo, e todos ficam deliciados em perdoá-lo! Ele é um homem de muita sorte, de fato! (AUSTEN, 2010, p. 288).

Emma disse que o Sr. Knighthley falou como se invejasse Frank. Ele concordou que o invejava em um ponto: o segredo dele foi revelado, mas o do Sr. Knightley não. Emma entrou em desespero e disse que não desejava saber esse segredo, pois não suportaria ouvi-lo falar em Harriet, deixando-o extremamente magoado. Emma percebeu que provocar-lhe sofrimento era pior do que ouvir sobre o amor dele por Harriet. Então, disse-lhe que ele poderia lhe contar qualquer coisa; como sua amiga, ela daria sua honesta opinião sobre o que quer que fosse. Ele respondeu:

Como amiga! [...] Emma, o que eu temo é uma palavra... Não, não desejo... Espere... Sim, por que estou hesitando? ... Já fui longe demais para tentar esconder alguma coisa... Emma, aceito sua oferta, por mais extraordinário que possa parecer eu aceito, e vou me dirigir a você como amigo... Diga-me, então, tenho alguma chance de ser bem sucedido? [...] Minha querida Emma – ele disse – pois você sempre será querida, não importa o resultado dessa hora de conversa. Minha querida, minha amada Emma... [...] Não sei fazer discursos, Emma – ele logo começou, num tom de sincera e decidida ternura, que foi bastante convincente. – Se eu a amasse menos, poderia ser capaz de dizer mais sobre isso. Mas você sabe como eu sou, não vai ouvir de mim senão a verdade. Eu a culpei e a repreendi, e você suportou isso como nenhuma mulher na Inglaterra teria feito (AUSTEN, 2010, p. 289).

Emma estava em êxtase. Parecia estar com medo de acordar de um sonho maravilhoso. Mais uma vez ela estivera errada, embora desta vez ela tenha ficado feliz com o seu engano. Contudo, havia um grande problema: Emma afirmava que jamais se casaria por não precisar recorrer ao matrimônio, por ser herdeira de uma grande fortuna. Porém, o maior motivo era por não ser capaz de deixar seu pai. O Sr. Woodhouse era idoso, cheio de preocupações e ainda lamentava a partida de sua filha mais velha, Isabella, após seu casamento com o irmão do Sr. Knighthley. Ele não suportaria a partida de sua querida e perfeita Emma, e ela não seria capaz de dar esse desgosto a ele. Logo, o Sr. Knightley decidiu que ele iria se mudar para Hartfield após o casamento com Emma. Enquanto a felicidade (em outras palavras, a vida) do Sr. Woodhouse dependesse de Emma, Hartfield seria o lar do Sr. Knightley também.

Apesar de toda a felicidade que Emma sentiu, ela estava preocupada com Harriet. Seu noivado com o Sr. Knightley era segredo, e Emma pediu que sua irmã convidasse Harriet para passar alguns dias com sua família em Londres a fim de evitar sua companhia. No entanto, alguns dias depois, o Sr. Knightley revelou que o Sr. Martin e Harriet estavam noivos! Ele havia pedido para que o Sr. Martin cuidasse de alguns negócios para ele em Londres junto com seu irmão, John Knightley. Conseqüentemente, ele passou alguns dias junto com a família Knightley e Harriet. Como ele ainda a amava, ele a pediu em casamento novamente, e Harriet não resistiu. Ela descobriu que sempre estivera apaixonada por ele.

Logo, havia três casais prestes a se casar em Highbury: Emma e o Sr. Knightley, que estavam noivos em segredo, pois temiam alarmar o Sr. Woodhouse; Frank e Jane, que aguardavam alguns meses para o casamento, respeitando o momento de luto pela morte da Sra. Churchill; Harriet e o Sr. Martin, que se uniram primeiro e, ironicamente, o casamento foi realizado por ninguém menos do que o Sr. Elton, que era o reverendo de Highbury. Ademais, descobriu-se a paternidade de Harriet.

Ela era a filha de um comerciante, rico o bastante para mantê-la com o conforto que sempre desfrutara, e decente o bastante para sempre ter desejado esconder a verdade. Esse era o sangue nobre que Emma antigamente estava tão disposta a atestar! Era provavelmente menos contaminado que o sangue de muitos nobres, mas que ligação ela estivera preparando para Mr. Knightley... ou para os Churchill... ou mesmo para Mr. Elton! A mancha da ilegitimidade, não suavizada pela nobreza ou pela riqueza, teria sido sempre uma mancha (AUSTEN, 2010, p. 325).

Com o passar do tempo, a amizade entre Emma e Harriet diminuiu, e elas passaram a se ver com pouca frequência, tornando-se pessoas conhecidas e não mais amigas. Em seguida, Emma se casou com o Sr. Knightley, e a união dos dois foi celebrada por todos em Highbury, exceto pelo casal Elton.

Ao final da história, podemos entender o perigo sobre o qual a narradora havia alertado e ao qual se referiu tantas vezes durante a narrativa. Emma, que sempre foi mimada e adorada por todos, se orgulhava de ter promovido o casamento da sua governanta com o Sr. Weston. Isso tocou sua vaidade e fez com que ela acreditasse que tinha um dom excepcional. Contudo, à medida que ela tentava promover mais casamentos, mais erros cometia. Enquanto se ocupava em tomar conta dos corações alheios, ela se esquecia de buscar entender seu próprio coração. Afinal de contas, o Sr. Knightley sempre esteve à disposição dela. Sua conduta teve más consequências para Harriet, que recusou o pedido de casamento do homem que amava; para o Sr. Martin, que foi recusado; para o Sr. Elton, que foi humilhado; para Jane Fairfax, que sofreu ao vê-la flertando com Frank Churchill; para a Sra. Bates, que foi ofendida; para o Sr. Knightley, que parecia amá-la em vão, e para ela mesma, que acreditou perder o homem que amava. Certamente a perfeição de Emma era perigosa.

Como foi dito antes, em *Emma*, Austen parece brincar com o que parecia ser e o que realmente era. Esse jogo é semelhante ao que ela fez em *Orgulho e Preconceito*, cuja primeira frase remete à verdade universalmente conhecida. Como foi possível ver no segundo capítulo desta dissertação, tal verdade não é conhecida por todos universalmente, mas sim por um pequeno grupo de pessoas, ou ainda menos, mais precisamente, pela Sra. Bennet.

O mesmo aconteceu em *Emma*, no qual tantas coisas pareciam acontecer de uma certa maneira aos olhos de Emma que, posteriormente, descobriu que estivera errada, que suas verdades estavam equivocadas.

No primeiro capítulo de *Emma*, a narradora pareceu preparar o leitor para um problema que Emma iria enfrentar e criou expectativas diante do *perigo* de Emma ter as coisas da forma que ela queria, sugerindo que ela estava prestes a não ter as coisas a sua maneira. A sutileza de Austen fez com que, em uma primeira leitura, isso passasse despercebido, assim como muitas pistas que ela sugeriu sobre os mistérios desencadeados ao longo da narrativa. Ao chegar ao final do romance, o leitor percebe quais eram os perigos que foram mencionados tantas vezes ao longo da história.

Dessa forma, a narradora criou expectativas sobre esses perigos que, na verdade, não acontecem, e Emma pareceu inatingida pelos eventos desencadeados. Ao final do romance, ela não parecia ser uma pessoa diferente do que era no início da narrativa. Após seu casamento, ela sequer foi embora de sua casa. Parece que neste desfecho, ela continuou vivendo naquele mundo repleto de bênçãos, com pouca angústia ou irritação. Contudo, Emma entendeu o que poderia ter acontecido e as consequências que teria de enfrentar caso suas suposições estivessem corretas. Arrependeu-se de ter tentado controlar o coração das pessoas a seu redor, um perigo do qual foi alertada pelo Sr. Knightley no início da narrativa.

Esse senhor foi um personagem extremamente importante na história, não somente por ser o par romântico de Emma, mas sim, por desencadear seu processo de formação. Seu comportamento pode ser difícil de entender em alguns momentos, mas quando tudo foi esclarecido, foi possível entender que ele amava Emma anos antes do início da narrativa. Por isso, ele nunca gostou de Frank Churchill, uma vez que tinha ciúmes até mesmo da curiosidade de Emma em conhecê-lo. Após presenciar vários momentos de flerte entre Emma e Frank, o Sr. Knightley partiu para Londres com a intenção de esquecê-la. No entanto, quando ele acreditou que ela estava com o coração partido diante do noivado de Frank e Jane, ele voltou para Hartfield em seu cavalo sob a chuva, exatamente como um cavalheiro em sua armadura brilhante, prestes a salvar uma donzela – como seu nome denota. Ele era nobre o bastante para priorizar o sofrimento de sua Emma, perfeita apesar de todos os seus defeitos.

Essa meia hora dera a cada um deles a mesma preciosa certeza de ser amado, tirara de cada um o mesmo grau de desconhecimento, ciúme ou desconfiança. Da parte dele havia ciúmes de longa data, desde a chegada de Frank Churchill, e até antes, desde a expectativa da chegada do jovem. Ele estava apaixonado por Emma e com ciúmes de Frank Churchill desde essa época. Provavelmente, um sentimento jogara luz sobre o outro e o alertara. Fora o ciúme de Frank Churchill que o fizera afastar-se de Highbury. A excursão à Box Hill o levava à decisão de ir embora. Queria evitar testemunhar novamente aquelas atenções permitidas e encorajadas. Partira para

aprender a ser indiferente. Mas tinha ido para o lugar errado. Havia muita felicidade doméstica na casa do irmão, o papel da mulher era agradável demais, e Isabella era muito parecida com Emma, diferia apenas naquelas notáveis inferioridades que sempre fizeram a outra brilhar ainda mais perante a ele. E, no entanto, ele ficara lá, esforçando-se para fazer o melhor, suportando tudo com vigor dia após dia, até que o correio desta mesma manhã trouxera a história de Jane Fairfax. Então, com a alegria que sentiu... Bem, que não teve escrúpulos de sentir, pois nunca acreditara que Frank Churchill merecesse Emma. Não pôde ficar mais, tamanha era sua solicitude e ansiedade em relação a ela. Fizera a viagem de volta sob a chuva, cavalgando, e seguira a pé para Hartfield logo após o jantar, pare ver como a melhor e mais doce de todas as criaturas – perfeita apesar de todos os defeitos – suportara a revelação (AUSTEN, 2010, p. 290-291).

Talvez por isso Emma tenha continuado a viver em seu mundo perfeito. Assim como ela, perfeita com todos os seus defeitos, seu mundo continuou alegre apesar das confusões.

A seguir, veremos como a trajetória de Emma pode ser considerada uma trajetória de aprendizagem.

3.2 “A TRAJETÓRIA DE UM AMOR VERDADEIRO NUNCA PERCORREU CAMINHOS SUAVES”

Jane Austen escreveu seis livros completos, o que pode parecer um número pequeno, mas sua carreira foi complexa. Ela passou a maior parte da vida revisando seus manuscritos.

Sua escrita é dividida em duas fases, baseadas nas residências nas quais ela viveu enquanto escrevia suas obras: a primeira é conhecida como “os romances de Steventon” e abrange *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Northanger Abbey* (1818), romances que foram inicialmente escritos entre 1795 e 1799, quando ela morava em Steventon, um pequeno vilarejo rural localizado no interior da Inglaterra. Embora esses três romances tivessem sido escritos no final do século XVIII, só foram publicados posteriormente; a segunda fase se chama “os romances de Chawton” e abrange *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816) e *Persuasão* (1818), que foram escritos quando Jane morava em Chawton, uma pequena vila também no interior da Inglaterra. Muitos críticos apontam distinções entre as duas fases.

Os romances de Steventon são comédias leves escritas por uma moça jovem em seus 20 anos, enquanto os romances de Chawton trazem narrativas mais complexas e sérias, escritas por uma mulher que estava se aproximando dos 40 anos, que havia perdido seu amado pai e agora enfrentava dependência financeira.

Northanger Abbey e *Persuasão* foram as duas últimas obras a serem publicadas, após o falecimento da autora; ela não havia terminado de revisá-las. Isso fez com que *Emma* fosse seu último livro revisado. Ele é considerado por muitos a obra-prima de Austen.

Como vimos anteriormente, nesse romance, Austen traz uma abordagem diferente ao narrar sua história de forma realista. Além disso, *Emma* é a única obra de Austen cujo título é o nome da heroína, o que sugere que Emma seja uma personagem peculiar.

Diferentemente de Elizabeth Bennet, bem como das outras heroínas de Austen, Emma era rica, mimada, comandava a casa onde vivia e não precisava se casar, pois era herdeira de uma grande fortuna. Seu pai acreditava que ela era perfeita e Emma jamais seria capaz de se casar e ir embora de Hartfield, pois isso traria muito sofrimento a ele. Ela tinha uma vida estável e segura, e acreditava que não seria capaz de se apaixonar, possivelmente pelo medo da mudança que isso ocasionaria em sua vida.

Não tenho nenhum dos motivos que as mulheres normalmente têm para se casar. Se eu me apaixonasse, é claro, seria outra coisa! Mas nunca me apaixonei, não é o meu jeito, não está na minha natureza, e acho que isso nunca acontecerá. E sem amor, eu seria uma tola em mudar minha situação atual. Não preciso de fortuna, nem ocupação, nem importância; acho que poucas mulheres casadas são tão donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, nunca mesmo, poderia esperar ser tão verdadeiramente amada, tão importante, ser a primeira e a mais admirada aos olhos de um homem, como sou aos olhos de meu pai (AUSTEN, 2010, p. 61).

Emma amava muito o Sr. Woodhouse e cuidava dele com toda a paciência do mundo. Ela tomava conta dele nos mínimos detalhes, preocupando-se com seu mingau e com sua poltrona, além de confortá-lo em relação a suas inúmeras preocupações, como pegar um resfriado, por exemplo. Para ele, Emma era a filha perfeita, pois tomava conta dele, bem como de Hartfield; ela estaria sempre com ele, já que não almejava o matrimônio. Para mais, ele não era o único que acreditava que Emma era perfeita. Como afirma a Sra. Weston,

Com todos os seus pequenos defeitos, a querida Emma é uma excelente criatura. Onde poderíamos ver uma filha melhor, ou uma irmã mais carinhosa ou uma amiga mais verdadeira? Não, não, ela tem qualidades que merecem confiança, nunca cometerá um grande erro. Onde Emma erra uma vez, acerta cem (AUSTEN, 2010, p. 30).

Tais palavras foram dirigidas ao Sr. Knightley, que era o único capaz de ver defeitos em Emma. Para isso, era preciso que ele a compreendesse e reparasse em sua conduta de uma forma que ninguém fazia. Ele admirava Emma apesar de seus defeitos e afirmou: “Gosto muito de olhá-la, e acrescento um elogio, que eu não a considero pessoalmente fútil. Levando em conta como é bonita, ela parece pouco preocupada com isso, sua vaidade reside em outro lugar” (AUSTEN, 2010, p. 30). Ele era capaz de ver que a vaidade de Emma estava relacionada ao seu orgulho e à sua crença de que ela estava sempre certa. Ele era apaixonado por Emma, embora não soubesse disso.

Ela sempre disse que nunca se casará, o que, é claro, não significa nada. Mas não tenho ideia se já se interessou por algum homem. Não seria mau se ela se apaixonasse pela pessoa certa. Gostaria de ver Emma apaixonada, mas em dúvida se é correspondida; isso lhe faria bem. Mas não há ninguém nas vizinhanças que possa atraí-la, e ela raramente sai de casa (AUSTEN, 2010, p. 31).

Ele desejava ver Emma apaixonada, embora não soubesse ainda que gostaria que ela se apaixonasse por ele. Além disso, desejava que ela tivesse dúvida se era correspondida para poder aprender a ser mais humilde e para perder a convicção de que estava sempre certa, quando na verdade não estava. Ironicamente é isso o que aconteceu no final do romance, pois Emma se apaixonou por ele e acreditava que ele estava interessado em Harriet. As observações do Sr. Knightley fizeram com que ele fosse, desde o início da narrativa, um instrumento pedagógico que iria contribuir para o desenvolvimento da heroína.

No primeiro volume, vemos que um dos defeitos de Emma era seu preconceito em relação às pessoas mais pobres. Ela se tornou amiga de Harriet por acreditar que a pessoa que pagava por sua educação era um cavalheiro rico, pois nada jamais faltou na vida de Harriet. Logo, Harriet *poderia* ser sua amiga. No entanto, é interessante notar que, embora Emma tentasse elevá-la, Harriet ainda pertencia à uma classe social diferente. Quando ela se referia a sua rica amiga, “ela nunca usava o nome de Emma, ela sempre se referia a ela como Srta. Woodhouse. Isso pode parecer estranho, mas é meramente porque Harriet entendia que Emma era sua superior na escala social” (IVINS, 2011, p. 21)⁶⁵.

Assim que elas se tornaram íntimas, Emma buscou afastar Harriet do Sr. Martin e explicou o seguinte: agora que ela socializava com pessoas mais refinadas, devia pensar em homens superiores. Quando Harriet cogitou aceitar a proposta de casamento do Sr. Martin, Emma a convenceu de que ele devia ser recusado. Para Emma, um casamento com um fazendeiro seria algo degradante. Ela não pensava em Harriet, mas sim no fato de que *ela* jamais visitaria sua amiga na fazenda Abby-Mill, pois isso seria impróprio. Ao encorajar Harriet a reparar em outros homens em Highbury, Emma chegou a afirmar: “A aparência do Sr. Knightley é tão superior que não é justo comparar o Sr. Martin com ele. Você não verá um em mil com a palavra cavalheiro tão claramente escrita na aparência como o Sr. Knightley” (AUSTEN, 2010, p. 25). Mal Emma sabia que Harriet acabaria se apaixonando pelo Sr. Knightley posteriormente.

Não foi surpresa que, enquanto todos em Highbury ficaram felizes por Emma ter encontrado uma companhia após o casamento da Sra. Weston, o Sr. Knightley era o único que via o *perigo* dessa amizade. Para ele, Harriet era uma bajuladora que fazia tudo ao modo de Emma. Logo, ela se tornaria uma garota convencida de que pertencia a uma elite e acabaria decepcionada, pois nenhum cavalheiro rico iria se casar com a filha ilegítima de alguém.

⁶⁵Tradução minha. Original: “she never uses her name Emma, she always refers to her as Miss Woodhouse. This may seem odd but it is merely because Harriet is observing that Emma is her social superior” (IVINS, 2011, p. 21).

Apesar de ser duro em suas palavras, ele falava a verdade. Além disso, ele era capaz de compreender os planos de Emma, que buscava promover o casamento entre sua amiga e o Sr. Elton. Da mesma forma que Emma se enganou ao encorajar Harriet a se apaixonar pelo reverendo, enganou-se também quanto ao caráter do Sr. Elton. Ela acreditava que ele era o par perfeito para sua amiga, mas o Sr. Knightley lhe dizia que o reverendo era orgulhoso e almejava o casamento com uma moça rica. Os dois discutiram e Emma afirmou que Harriet era a esposa perfeita para qualquer cavalheiro, uma vez que era bonita e não muito inteligente, sendo capaz de atender todas as necessidades de seu marido. Ela chegou até mesmo a dizer que Harriet seria a esposa perfeita para o Sr. Knightley. Ele ficou ofendido e lhe disse que um homem desejava uma esposa capaz de pensar por ela mesma. Repreendeu Emma por ter encorajado Harriet a recusar a proposta de casamento do Sr. Martin, ao que Emma afirmou ser um casamento absurdo para sua amiga íntima.

De acordo com Morris, a estima que Emma tinha por Harriet, na verdade, era uma estima por ela mesma, e o casamento com o Sr. Martin era algo degradante para Emma, não para Harriet. Caso Harriet aceitasse se casar com o Sr. Martin, Emma teria deixado de ser sua amiga. Basicamente, Harriet escolheu a amizade em vez de se casar com o fazendeiro:

Esta é a indignação de alguém arraigada na concepção de sua própria superioridade como Lady Catherine de Bourgh; e isso sustenta a possibilidade de que a estima que Emma possui por Harriet foi inconscientemente influenciada pela ideia de seu próprio status e de suas capacidades: ela a viu como sua protegida através das lentes distorcidas que disfarçavam a sua estima por ela mesma (MORRIS, 2008, p. 101)⁶⁶.

O Sr. Knightley tentou fazer com que Emma percebesse seu equívoco em relação a tal casamento e aos planos de tentar fazer com que o Sr. Elton se interessasse por Harriet. Contudo, Emma não acreditava nas palavras dele e se enganou novamente diante das atitudes do Sr. Elton, que a cortejava quando ela pensava que suas atenções eram para com Harriet. Quando Emma contou para Harriet que o Sr. Elton a pedira em casamento, ela se sentiu mal pela dor que isso causaria a Harriet. Mas ela também ficou angustiada, porque seu orgulho e vaidade foram feridos; afinal, ela estivera equivocada. Essa foi a primeira lição que Emma deveria aprender, que seu orgulho e sua vaidade eram perigosos e que ela não tinha o direito de interferir na vida das pessoas como ela fazia. No entanto, Emma ainda percorreria um longo caminho até aprender sua lição.

Emma também era preconceituosa em relação aos “novos ricos”. Era vizinha do Sr. e da Sra. Cole há dez anos, mas, por eles serem comerciantes, ela nunca havia aceitado um

⁶⁶Tradução minha. Original: This is the outcry of someone as entrenched in the concept of her own superiority as Lady Catherine de Bourgh; and it supports the possibility that Emma's appraisal of Harriet has been unconsciously affected by the idea of her own status and capabilities: that she has viewed her protégée through the distorting glass of her estimate of herself (MORRIS, 2008, p. 101).

convite para seus jantares. Quando parecia que eles deixariam de convidá-la, ela se ofendeu e desejou receber um convite para poder recusá-lo. Ao receber o convite, Emma somente aceitou comparecer ao jantar porque Frank Churchill estaria lá. Contudo, após evitar a companhia deles por dez anos, Emma descobriu que o Sr. e a Sra. Cole eram pessoas boas e atenciosas, provando, mais uma vez, que ela estava errada quanto ao caráter deles.

O mesmo não ocorreu com a Sra. Elton. Emma estava decidida a não gostar da esposa do Sr. Elton antes mesmo de conhecê-la, por sua fortuna ter sido adquirida pelo comércio realizado por sua família. Diferentemente da família Cole, a Sra. Elton se mostrou alguém arrogante e inconveniente, incapaz de conquistar a amizade de Emma. Além disso, essa senhora desejava ser a pessoa mais influente em Highbury, ameaçando o status de Emma, que era considerada a dama mais refinada da cidade. Logo, a esposa do Sr. Elton não somente merecia ser desgostada por causa de Harriet, que estava apaixonada pelo reverendo, como também porque ameaçava o status de Emma.

Mais uma vez, as atitudes de Emma eram movidas por seu orgulho e vaidade. Após conhecer os Coles e a Sra. Elton, havia outra lição que Emma deveria aprender: as pessoas podem ser boas ou ruins independentemente da sua condição financeira, pois não é o *status* que define o seu caráter. O mesmo podia ser dito sobre Emma. Ela era a dama mais rica de Highbury, mas era também uma das mais orgulhosas, ao acreditar que podia controlar a vida das pessoas ao seu redor. Logo, ela podia ser aristocrata, mas isso não fazia com que ela fosse melhor do que os outros.

Embora Emma fosse preconceituosa em relação às pessoas de classe inferior e acreditasse que era infinitamente superior à Harriet, à Sra. Elton e à família Cole, por exemplo, ela não era uma moça completamente talentosa para os parâmetros de sua época. Um exemplo da atualização desses parâmetros nesse romance era Jane Fairfax, que tocava piano maravilhosamente bem, além de possuir outros talentos. Por isso Emma não gostava dela, pois Jane, apesar de ser inferior a ela em classe social, era sua superior quando se tratava de suas habilidades. Obviamente, era o Sr. Knightley quem percebia a inveja de Emma e, inclusive, lhe sugeriu para deixar sua inveja de lado e se tornar amiga da pobre moça. Novamente, ele tentou ensinar Emma a ser uma pessoa melhor.

Essa questão da moça completamente prendada também foi trabalhada em *Orgulho e Preconceito*, quando Caroline Bingley afirmou que uma mulher devia ter “vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e dos idiomas modernos para merecer a palavra. Além disso, ela devia possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e em suas expressões” (AUSTEN, 2009, p. 44-45).

Além das virtudes de uma moça completamente prendada, outra questão importante tratada por Austen em seus livros foi a leitura. Em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth Bennet era muito inteligente e adorava ler livros, e essa era uma característica que atraía o Sr. Darcy, que também apreciava a leitura e possuía uma grande biblioteca. Como Worsley explica,

[...] nós, através de seus romances, podemos deduzir que ela possuía a crença de que havia uma proeza que triunfava todas as outras. Ela faz com que o Sr. Darcy explique que o feito mais importante que uma dama pode realizar é enriquecer a sua mente “através de várias leituras” (WORSLEY, 2017, p. 82-83)⁶⁷.

Contudo, diferentemente de Elizabeth, Emma não gostava de ler. Para o Sr. Knightley,

Emma pretende ler mais desde os doze anos de idade. Vi várias listas que ela fazia, em épocas diferentes, de livros que pretendia ler regularmente, e eram listas muito boas [...] Mas desisti de achar alguma regularidade nas leituras por parte de Emma. Ela nunca se submeterá a nada que requeira empenho e paciência e a sujeição da fantasia ao conhecimento (AUSTEN, 2010, p. 28).

Logo, apesar de pertencer à elite, Emma não era uma moça perfeitamente prendada. Diante disso, podemos ver sua hipocrisia quando Harriet ficava triste, pois o Sr. Martin não tinha lido um livro que ela havia recomendado. Emma lhe disse:

Quanto mais ele se ocupar de seus negócios, mais chances terá de esquecer de procurar pelo livro que você recomendou. Vai estar ocupado demais com as oscilações do mercado para pensar em qualquer outra coisa, o que é normal para um homem de negócios. O que ele tem a ver com livros? (AUSTEN, 2010, p. 26).

Infelizmente, não era somente em relação ao Sr. Martin, ao Sr. Elton, a Harriet e aos Coles que Emma estava enganada. Ela se enganou muitas vezes ao longo da narrativa e tudo teria sido diferente se ela tivesse escutado o Sr. Knightley desde o início. Quanto ao leitor, é necessário prestar atenção nas várias pistas que a narradora foi dando ao longo do romance para não ser levado a acreditar que muitos eventos ocorreram da maneira que Emma acreditava.

Por características assim, alguns autores, como P. D. James, consideram *Emma* um dos primeiros romances de detetives, uma vez que apresentou vários mistérios e enganos. É necessário realizar uma leitura atenta para compreender as pistas deixadas pela narradora. E a cada leitura feita, pode-se perceber novos indícios que auxiliam a entender o que realmente estava acontecendo na narrativa. De acordo com Wiltshire,

Dizer que alguém é “um leitor de Jane Austen”, ou especialmente de *Emma*, é insinuar uma personalidade múltipla. Tal leitor inclui o primeiro leitor, enganado sobre o que está acontecendo na narrativa, e do segundo ao décimo terceiro leitor, que com leituras sucessivas aprecia mais o prazer do texto, o que tem muito a ver com detectar e compreender, e muito com o prazer de ser ludibriado. Esse leitor revisita a ignorância de sua primeira leitura e ao mesmo tempo saboreia o seu subsequente esclarecimento. A empolgação da narrativa de *Emma* tem muito a ver

⁶⁷Tradução minha. Original: But we can deduce from her novels her belief that one particular accomplishment trumps the rest. She has Mr Darcy explain that the most important accomplishment of all is for a lady to improve her mind ‘by extensive reading’ (WORSLEY, 2017, p. 82-83).

com essa provocação na atenção do leitor. Somos convidados a realizar deduções, bem como uma atividade mental inferencial, e ao mesmo tempo detectar o bloqueio da narrativa, ou pelo menos tentar impedi-la. E a cada leitura diferente, a proporção entre descoberta e prazer é alterada (WILTSHIRE, 2015, p. 137)⁶⁸.

Primeiramente, há pistas de que o Sr. Knightley estava apaixonado por Emma desde o início, quando ele sempre ficava irritado ao falar sobre Frank Churchill antes mesmo de sua chegada a Highbury:

“Ele é uma pessoa em quem eu não pensaria do fim de um mês até o início de outro!” – disse o Sr. Knightley, com um grau de irritação que levou Emma a mudar imediatamente de assunto, embora ela não compreendesse por que ele estava tão zangado (AUSTEN, 2010, p. 102).

Ao mesmo tempo em que isso pode ser percebido, a narradora nos confundiu com a suposta ideia de que ele podia estar apaixonado por Jane Fairfax. Ele tinha grande admiração por ela e como era muito cuidadoso, ofereceu sua carruagem para Jane e sua família irem ao baile, caso contrário, elas iriam andando. Ele também sentia compaixão pela situação financeira da Srta. Bates e a presenteou com as maçãs colhidas em sua propriedade. Em uma cena, a Srta. Bates afirmou: “Oh! Sr. Knightley também está indo. Bem, isso é tão apropriado! Tenho certeza que se Jane estiver cansada o senhor será bastante gentil de lhe oferecer seu braço” (AUSTEN, 2010, p. 120).

Tantas atenções para com Jane e sua família nos desviam do foco e fazem com que cogitemos a ideia de ele estar apaixonado por ela e ser o misterioso remetente que comprou o piano para ela. Essa ideia preocupava Emma, que não gostou de pensar que o Sr. Knightley pudesse estar apaixonado por alguém e cogitar se casar. Para ela, ele deveria permanecer solteiro, e Donwell Abbey deveria ser herdada por seu sobrinho, filho primogênito do irmão mais novo do Sr. Knightley. Emma também não sabia que era apaixonada pelo Sr. Knightley e que, na verdade, era esse o real motivo de desejar que ele jamais se casasse. Contudo, vemos que o Sr. Knightley refletia sobre o matrimônio e desejava se casar algum dia quando ele recusou as insistências da Sra. Elton em cuidar dos convites para a colheita de morangos em Donwell:

“Não” – ele respondeu, calmamente – “só existe uma mulher casada no mundo a quem eu permitiria que convidasse as pessoas que desejasse para ir a Donwell, e essa mulher é...”

⁶⁸Tradução minha. Original: To say that someone is ‘a reader of Jane Austen’, or especially of *Emma*, is to imply a multiple personality. Such a reader incorporates the first-time reader, deceived about what is going on, and the second or umpteenth reader who with successive readings enjoys more of the pleasure of the text, which has much to do with detecting and knowing, and much with the pleasure of being deceived. This reader revisits the ignorance of their first reading and at the same time savours their subsequent enlightenment. The narrative excitement of *Emma* has much to do with this teasing of the reader’s attention. One is invited both to perform deductive and inferential mental activity and at the same time to detect the narrative’s blocking, or at least of waylaying it. And at different readings the ratio between detection and enjoyment will alter (WILTSHIRE, 2015, p. 137).

“Mrs. Weston, eu imagino” – interrompeu Mrs. Elton, um tanto ofendida.
 “Não... Mrs. Knightley, e até que ela exista, eu cuidarei dessas coisas sozinho”
 (AUSTEN, 2010, p. 240).

Donwell Abbey era admirada por todos em Highbury, assim como por seu proprietário. O cuidado que o Sr. Knightley tinha com sua propriedade se refletia no seu caráter. Ele auxiliava os fazendeiros que trabalhavam em suas terras, como o Sr. Martin, por exemplo, além de enviar suas safras de maçã para a pobre Srta. Bates. Ademais, todos ficaram alegres quando foram convidados para a colheita de morangos. Quando ele perguntou à Harriet se seu coração estava comprometido, seu propósito era saber se ainda havia esperança para o Sr. Martin, que era apaixonado por ela. Por isso, quando Emma se aproximou, ele mudou de assunto. Na mesma cena, há uma longa descrição sobre a propriedade. Vemos que o dia estava ensolarado, que o local estava repleto de flores e frutos e que Emma percebeu que até mesmo a fazenda do Sr. Martin tinha seu charme. A narradora criou uma paisagem idílica, perfeita e fez menção ao verdor inglês, refletindo assim o nacionalismo britânico.

Após dois anos sem visitar Donwell Abbey, Emma ficou admirada quando chegou ao local e percebeu que todo aquele cuidado combinava com o caráter do Sr. Knightley, considerado o homem mais superior em Highbury. O mesmo acontece em *Orgulho e Preconceito*: quando Elizabeth visitou Pemberley, ficou extasiada com o local e percebeu que a casa refletia o caráter de Darcy. Não somente ele era rico, como também se importava com as pessoas que moravam em sua propriedade, as quais o admiravam. Logo, as responsabilidades para com suas casas, bem como para as pessoas ao seu redor, eram sinônimos de boa índole.

Na ficção de Austen, a versão mais idealizada do caráter de um proprietário está fundada no Sr. Knightley. A análise de seu terreno induz uma visão em Emma que faz com que fique claro que Donwell Abbey não é somente uma propriedade, mas também a sinédoque de uma Inglaterra idealizada [...] Desta forma, a residência Pemberley também é uma sinédoque para a nação na sua forma idealizada. Ser a sua dona envolve mais do que prazeres luxuosos (embora eles existam): ser a sua senhora proprietária significa aceitar o *telos* que envolve a visão de virtudes, de privilégios, mas também de obrigações e responsabilidades estendidas de família para comunidade, e da comunidade para o país (MILES, 2013, p. 24)⁶⁹.

Quando Elizabeth visitou Pemberley, pensou que ser a dona daquela casa seria algo grandioso. Já Emma, ao visitar Donwell, ansiou para que o Sr. Knightley não se casasse para que a magnífica propriedade fosse herdada pelo sobrinho. No entanto, Emma depois percebeu

⁶⁹Tradução minha. Original: In Austen’s fiction, the most idealized version of the landowner *character* is found in Mr Knightley, the perusal of whose grounds induces a vision in Emma that makes it transparently clear that Donwell Abbey is not just itself, but a synecdoche for an idealized England [...] In the self-same way, the household of Pemberley is a synecdoche for the nation in its idealized form. To be mistress of it involves more than luxurious pleasures (although there are those): to be its proper mistress is to embrace a *telos* that involves a vision of the virtues, of the privileges but also of the obligations and responsibilities extending from family, to community, to country (MILES, 2013, p. 24).

que não desejava que ele se casasse, porque ela estava apaixonada por ele e jamais admitiria que a dona da casa não fosse ela.

A questão de ter uma residência era importante na narrativa de Austen. Enquanto Elizabeth podia ser destituída de sua casa, Emma estava presa a uma situação que a impedia de ter seu próprio lar e de construir uma família. Como explica Worsley,

Pessoas novas lendo Jane Austen pela primeira vez pensam que suas histórias são sobre amor, romance e a busca por um companheiro. Mas um lar feliz é igualmente o que todas as suas heroínas não possuem, mas desejam obter. Todas as protagonistas de Jane são desprovidas de suas casas físicas, ou de uma família (WORSLEY, 2017, p. 5)⁷⁰.

Esse assunto faz parte de todos os romances de Austen, pois era uma questão que ela entendia bem. Como já vimos, ela nunca se casou e, após a morte de seu pai, dependia do dinheiro e da moradia dos irmãos. Diferentemente da autora, todas as suas heroínas conquistaram um lar ou, nas palavras de Virginia Woolf, um teto. Ter um teto todo seu era uma preocupação e um desejo na vida das mulheres dos séculos XVIII e XIX. Para Worsley, esse era o principal tema das obras de Austen, que passou a sua vida vivendo em várias casas de acordo com as dificuldades que enfrentava.

Assim, os romances de Jane estão repletos de casas amadas, perdidas e desejadas. Na sua primeira obra publicada, *Razão e Sensibilidade*, é uma morte que força Elinor e Marianne a irem embora da casa onde cresceram. Em *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth Bennet e suas irmãs serão expulsas de sua casa quando o pai delas falecer. Fanny Price é mandada embora, assim como um dos irmãos de Jane, para viver com a família rica de *Mansfield Park*. Anne Elliot sente falta de sua vida no campo em Kellynch Hall quando se muda para Bath em *Persuasão*. Até mesmo Catherine Morland em *Northanger Abbey* e Emma Woodhouse em *Emma*, novas, relativamente ricas e fora do perigo imediato de perder uma casa, devem escolher o seu futuro doméstico sensatamente (WORSLEY, 2017, p. 6)⁷¹.

Como dito, Emma tinha a convicção de que não se casaria por não precisar, já que herdaria uma grande fortuna e por não ser capaz de deixar seu pai, tamanho o desgosto que isso traria a ele. Até mesmo quando ela reconheceu que amava o Sr. Knightley, afirmou que não se casaria com ele, pois não poderia ir embora de Hartfield. Mais uma vez, ela estava enganada, pois o Sr. Knightley acabou se mudando para a casa dela, algo totalmente

⁷⁰Tradução minha. Original: Young people reading Jane Austen for the first time think that the stories are about love and romance and finding a partner. But a happy home is equally as much what all of her heroines don't have, and yet desire. All of Jane's leading ladies are displaced from either their physical home, or from their family (WORSLEY, 2017, p. 5).

⁷¹Tradução minha. Original: And so Jane's novels are full of homes loved, lost, lusted after. In her first published work, *Sense and Sensibility*, it is a death in the family that forces Elinor and Marianne out of their childhood home. In *Pride and Prejudice*, Elizabeth Bennet and her sisters will be expelled from their home at the end of her father's life. Fanny Price is sent away from her home, like one of Jane's own brothers, to live with richer relations at *Mansfield Park*. Anne Elliot misses her country life at Kellynch Hall when packed off in *Persuasion* to Bath. Even Catherine Morland of *Northanger Abbey* and Emma Woodhouse of *Emma*, young, relatively well-off and in no immediate danger of homelessness, have to choose their future domestic set-ups wisely (WORSLEY, 2017, p. 6).

inesperado para os parâmetros do século XIX. Essa atitude realçou o caráter do Sr. Knightley. Ele amava tanto Emma e estava disposto a se mudar para Hartfield e a viver com ela e o Sr. Woodhouse.

As heroínas se aproximam cada vez mais de conquistar uma casa e terminam com aposentos próprios. A única heroína que não sente a necessidade de se esconder nos cantos é a formidável Emma Woodhouse, que já é rainha de seus próprios aposentos, e que eventualmente convida o seu pretendente bem-sucedido, o Sr. Knightley, para se mudar para a sua casa e dividi-la com ela (WORSLEY, 2017, p. 200)⁷².

Quando se trata dos vários equívocos de Emma, vemos que, embora ela estivesse errada em muitas coisas, percebia que havia algo suspeito sobre a chegada de Jane Fairfax a Highbury. Ela não conseguia compreender o motivo para a moça ter preferido visitar sua tia e avó ao invés de ter viajado com os Campbells para a Irlanda, visitar o casal Dixon. Ao saber que esse salvara a vida de Jane, que poderia ter caído de um penhasco e morrido afogada no mar (uma história contada de forma exagerada pela Srta. Bates), Emma estava decidida a pensar que Jane estava apaixonada por ele. Segundo Worsley, em *Emma*, o mar é mencionado algumas vezes na narrativa e possui um significado erótico.

Emma Woodhouse imagina que Jane Fairfax deve estar apaixonada pelo misterioso Sr. Dixon, porque ele a salva de ser carregada pelas ondas, como uma própria “concha”. Sem a força de seus braços, como a Srta. Bates coloca, a Srta. Fairfax “teria se despedaçado na água rapidamente”. E como qualquer dama georgiana mergulhando no mar pela primeira vez, a Srta. Bates também é alarmada e excitada diante de tal hipótese: “Não consigo pensar sobre isso sem tremer!” Logo, o mar fazia com que as damas tremessem (WORSLEY, 2017, p. 318-319)⁷³.

Ela ainda acrescentou: “O mar em *Emma* está relacionado à sexo: é onde Frank conhece sua amada Jane; é para onde Emma e o Sr. Knightley viajam em sua lua de mel” (WORSLEY, 2017, p. 314)⁷⁴.

Dessa maneira, Emma não foi capaz de perceber que a chegada de Frank Churchill estava relacionada com a chegada de Jane Fairfax a Highbury. Mais uma vez, o Sr. Knightley se mostrou certo ao afirmar que Frank poderia ter visitado seu pai há muito tempo, caso realmente quisesse, e Frank viajou para Highbury apenas para ver Jane. E a narradora mais

⁷²Tradução minha. Original: heroines edge closer and closer to a house’s beating heart, and both end up with drawing rooms of their own. The only heroine who feels no need to skulk in corners is the magnificent Emma Woodhouse, who is already queen of her own drawing room, and who eventually invites her successful suitor, Mr Knightley, to move in and share it with her (WORSLEY, 2017, p. 200).

⁷³Tradução minha. Original: In *Emma*, Emma Woodhouse herself imagines that Jane Fairfax must be in love with the mysterious Mr Dixon because he saves her from the waves, just like Jane’s own ‘dipper’. Without the strength of his arms, as Miss Bates put it, Miss Fairfax ‘would have been dashed into the sea at once’. And just like a Georgian lady plunged into the sea for the first time, Miss Bates too is alarmed and excited at the prospect: ‘I can never think of it without trembling!’ The sea, then, made ladies tremble (WORSLEY, 2017, p. 318-319).

⁷⁴Tradução minha. Original: “The sea in *Emma* stands firmly for sex: it is where Frank meets his love Jane Fairfax; it is where Emma and Mr Knightley go on their honeymoon” (WORSLEY, 2017, p. 314).

uma vez buscou confundir seu leitor diante das atenções que Frank tinha para com Emma, que não percebeu a dissimulação dele.

Como o senhor tem negócios a tratar, meu pai, aproveitarei a oportunidade para fazer uma visita que pode ser feita outro dia, mas também pode ser agora. Tenho a honra de conhecer uma vizinha dos senhores (virando-se para Emma), uma senhora que reside em Highbury ou perto dali, a família tem o nome de Fairfax. Não devo encontrar dificuldade, imagino, para achar a casa. Embora Fairfax não seja o nome exato dos parentes... eu acho que deve ser Barnes ou Bates. A senhorita conhece uma família com esse nome? (AUSTEN, 2010, p. 130).

Emma sentiu-se irritada quando Jane não lhe dava as informações que queria, sem perceber que a moça buscava ser discreta para que seu segredo não fosse revelado. Ela não percebeu que Frank agia da mesma forma, porque compartilhava do mesmo segredo.

“Agora que sei o que perguntou, digo que essa questão é muito injusta. É sempre um direito da dama decidir o grau de amizade. A Srta. Fairfax já deve ter lhe feito seu relato. Não devo me comprometer dizendo mais do que ela desejaria revelar.”
 “Sob minha palavra! O senhor respondeu com mais discricção ainda do que ela”
 (AUSTEN, 2010, p. 135).

Emma acabou revelando a Frank que acreditava que Jane estava apaixonada pelo Sr. Dixon, o que seria um escândalo, pois ele era casado. Ela acabou se abrindo muito com Frank, mas de alguma forma, sentiu que estava sendo injusta com Jane.

A felicidade perfeita não é comum, mesmo nas lembranças; e havia dois pontos sobre os quais Emma não se sentia tranquila. Perguntava a si mesma se não havia transgredido o dever de mulher para mulher, ao revelar suas suspeitas sobre os sentimentos de Jane Fairfax para Frank Churchill. Dificilmente podia considerar isso certo, mas sua ideia a respeito era tão forte que acabou escapando; e a concordância dele com tudo que ela falou era um cumprimento à sua argúcia, tornando difícil para ela lembrar-se de que devia segurar a língua (AUSTEN, 2010, p. 154).

Isso nos mostra que Emma tinha consciência de que estava sendo imprudente, pois além de fazer conjunturas maldosas sobre Jane, ela acabou compartilhando suas ideias com alguém que acabara de conhecer. Ademais, quando Frank concordou com ela, Emma percebeu a crueldade de suas ações, pois estava comprometendo uma boa moça, e o fato de ter “transgredido o dever de mulher para mulher” sugeriu que, por um momento ela se colocou no lugar de Jane e se arrependeu do que fez. Isso foi importante para seu processo de aprendizagem, pois ela teve consciência de que estava sendo injusta com Jane e buscou ajudá-la não somente diante das provocações de Frank, mas também quando ela ficou doente, e Emma enviou uma cesta com alimentos de presente, por exemplo.

As bajulações de Frank Churchill instigaram a vaidade de Emma e fizeram com que ela cometesse outro erro ao acreditar que ele estava apaixonado por ela. Exemplo disso é quando ela presumiu que o motivo para a ansiedade de Frank para que o baile acontecesse era porque ele desejava dançar com ela, quando na verdade, ele almejava dançar com Jane. E isso fez com que ela esquecesse o fato de tê-lo criticado por ele ter ido para Londres para cortar o

cabelo. Como Morris afirma, o discernimento de Emma era movido por sua impulsividade e isso fez com que ela se enganasse várias vezes ao longo da narrativa:

[...] há evidência de um aspecto diferente em Emma: enquanto seu discernimento é abundante, o seu julgamento é responsável por ocasionar aberrações impulsivas. Ela se mostra capaz de suprimir deliberadamente um melhor conhecimento e ao mesmo tempo reverter sua opinião sem perceber. A questão do corte de cabelo proporciona um excelente exemplo disso. Preocupada com os seus ares de “pedantice e estupidez”, ela acusa Churchill de ser vaidoso, extravagante e coisas do tipo, e também o acusa de não ser um cavalheiro devido a sua desconsideração pelos sentimentos dos Westons, e sua despreocupação com a impressão que seu comportamento possa gerar. No entanto, ao saber pelo Sr. Weston sobre a sua favorável recepção em Highbury e em Randalls, e o quão “bonita e charmosa” ele a considera, Emma descobre que “ela não deve julgá-lo severamente”. Nem mesmo quando a ideia de realizar o baile em Randalls está sendo discutida ela é capaz de condená-lo pela sua falta de galanteria ao ignorar seus protestos contra colocar “uma multidão em uma sala pequena!”, pois ele professa admiração pela sua frase. Ela atribui a persistência dele ao desejo de não perder o prazer de dançar com ela, então “ela aceitou o elogio e perdoou o resto” (MORRIS, 2008, p. 98-99)⁷⁵.

A relação de Emma e Frank era semelhante à de Elizabeth com Wickham em *Orgulho e Preconceito*. Ambas as heroínas por um momento acreditaram estar apaixonadas por tais cavalheiros e quando descobriram que eles tinham uma relação com outras damas (Jane e Lydia), perceberam que estiveram encantadas por um momento, mas que não se apaixonaram de fato. Além disso, quando elas os conheceram, rapidamente se tornaram amigos e acabaram confiando nas palavras dos dois indivíduos que estavam na verdade mentindo para elas. Enquanto Wickham escondia seu passado com Darcy e mentia sobre o caráter dele, Frank escondia seu noivado com Jane.

Curiosamente, outra pista do segredo de Jane e Frank estava nos sobrenomes Fairfax e Churchill, nomes de famílias aristocráticas antigas, o que tornou os dois personagens iguais e exemplos de *foreshadowing*, uma espécie de dica de que eles ficariam juntos. O sobrenome Fairfax em inglês, quando pronunciado, parece-se com *fair facts*, “fatos corretos” ou “fatos honestos”. No entanto, pouco do que foi dito sobre Jane pode ser considerado como fatos honestos ou corretos. Ela era uma moça extremamente reservada por causa do seu noivado secreto e quando ela se encontrava em Highbury, poucos fatos sobre ela eram verdadeiros.

⁷⁵Tradução minha. Original: However, there is evidence of a very different order regarding Emma: that while discernment in her is plentiful, her judgement is liable on occasion to impulsive aberration. She shows herself capable of both willfully suppressing better knowledge, and reversing her opinion without the least awareness of having done so. The matter of the haircut provides an excellent example of the first. Troubled by its air of “foppery and nonsense”, she finds Churchill guilty of vanity, extravagance and the like, but also more seriously open to the charge of ungentlemanliness in his disregard of the Weston’s feelings, and unconcern as to the impression his behaviour might more generally give rise to. Upon hearing, though, of his highly favourable reception in Highbury, as well as at Randalls, and, from Mr. Weston, how “very beautiful and very charming” he considers her to be, Emma finds that “she must not judge him harshly”. Nor, when the idea of a ball at Randalls is under discussion, is she able to condemn the lack of gallantry in his studiously ignoring her protest against “a crowd in a little room!” while professing admiration of the phrase. Attributing his persistence to a wish not to lose the pleasure of dancing with her, “she took the compliment, and forgave the rest” (MORRIS, 2008, p. 98-99).

Diante do seu comportamento, seu segredo tomou maiores proporções e fez com que Emma pensasse que ela era apaixonada por um homem casado.

Compreender os próprios sentimentos era algo tão difícil para Emma, que ela se esforçava para acreditar que estava apaixonada por Frank Churchill. Afinal, ele era um cavalheiro bonito, rico, encantador e filho do Sr. Weston. Logo, seria o par perfeito para ela, e ela *devia* se apaixonar por ele:

“Eu certamente devo estar apaixonada” pensava ela. “Esta sensação de letargia, desânimo, estupidez, essa falta de vontade de sentar e me ocupar, esse sentimento de que tudo é sombrio e insípido nesta casa! Devo estar apaixonada! Eu seria a criatura mais estranha do mundo se não estivesse, pelo menos por algumas semanas” (AUSTEN, 2010, p. 175).

Descobrir se estava apaixonada fez parte do processo de formação de Emma. Ela acreditava que era uma criatura racional e que não era capaz de se apaixonar. Por isso, buscava racionalizar seus sentimentos por Frank e acabou confundindo o desejo de se apaixonar pelo sentimento de realmente estar apaixonada. Apesar de ser racional, Emma se enganava constantemente sobre as outras pessoas e acabou fazendo o mesmo com os seus sentimentos. Ela confundiu o sentimento de estar entediada com o sentimento de estar apaixonada. Em vários momentos da narrativa, quando sozinha e na companhia de Frank, ela buscou compreender o seu coração. Como é típico do romance de formação – mas não necessariamente do romance de formação feminina –, Emma teve duas experiências amorosas: uma mal sucedida, sua atração por Frank Churchill, da qual ela sequer tem muita certeza, e o amor por Knightley, revelado de forma epifânica.

Assim, Emma curiosamente descobriu seu amor pelo Sr. Knightley em uma questão de minutos, senão de segundos. O modo com que a narradora descreveu esse momento foi surpreendente. Essa descoberta aconteceu de forma rápida e abrupta ou, nas palavras do romance, como a “rapidez de uma flecha”, e fez com que Emma percebesse que estivera errada sobre muitas coisas.

Esses poucos minutos foram suficientes para que conhecesse os segredos do seu próprio coração. Uma mente como a dela, uma vez aberta para a suspeita, fazia progressos rápidos. Ela entreviu... ela admitiu... ela soube a verdade inteira. Por que sentia que era muito pior que Harriet estivesse apaixonada por Mr. Knightley em vez de Frank Churchill? Por que o mal se tornou ainda maior ao descobrir que Harriet tinha esperanças de ser correspondida? E a verdade atravessou sua mente, com a rapidez de uma flecha: Mr. Knightley não podia se casar com ninguém a não ser com ela (AUSTEN, 2010, p. 275).

Pode parecer estranho e artificial que a descoberta de Emma tenha acontecido de forma tão rápida. Contudo, a velocidade desse momento foi apropriada para Emma, pois sua mente trabalhava de forma veloz. Sua mente era imaginativa e ela rapidamente criava fantasias sobre as outras pessoas. Para Emma, a chegada de uma rival instantaneamente

revelou seu amor pelo Sr. Knightley. Nesse sentido, Pinch lembra que Austen raramente utilizava metáforas em sua escrita, mas nessa parte, ela comparou a revelação dos sentimentos de Emma com a velocidade de uma flecha. A flecha é um símbolo associado ao Cupido, romance e corações, mas também a uma ferida, algo doloroso. Ao mesmo tempo em que Emma descobriu que amava o Sr. Knightley, ficou angustiada por acreditar que ele estava apaixonado por Harriet.

O uso repentino de Austen ao utilizar um clichê e uma figura de linguagem não característica insinua que o conhecimento de Emma sobre o amor é estranho para ela. A flecha de Austen parece dizer que o novo conhecimento sobre o seu coração e sobre os sentimentos dos outros deve ser verdade; porque é uma forma retórica da verdade. Ela derruba a experiência de Emma ao invés de confirmá-la. O conhecimento de Emma é uma dor rápida que vem de fora. E o fato de sua revelação ter tomado essa forma veloz e violenta pode nos revelar o quão *natural* ela seria, em contraste, para Emma continuar *não* sabendo os seus sentimentos. Enquanto *Emma* é uma história sobre adquirir um autoconhecimento, ela é também uma história que dramatiza as dificuldades envolvidas nesse processo. A experiência de Emma sugere que pode não haver uma maneira de 'saber' seus sentimentos sem a rápida dor que oculta tudo o que ela achava que sabia: “- Toda parte de sua mente era repugnante” (PINCH, 2003, p. 21)⁷⁶.

Quando o Sr. Knightley se declarou para Emma, há outro “momento de genialidade técnica” (PINCH, 2003, p. 27)⁷⁷. Através do discurso indireto livre, enquanto o Sr. Knightley estava falando, o leitor entende o que se passa na mente de Emma, que o escutava. Mais uma vez, vemos a velocidade com que a mente de Emma funcionava:

Enquanto ele falava a mente de Emma estava trabalhando depressa e, graças à espantosa velocidade de seu pensamento, sem perder uma palavra, foi capaz de ouvir e compreender exatamente o sentido do que ele dizia. Foi capaz de ver que as esperanças de Harriet eram inteiramente infundidas, um erro, uma ilusão, uma completa ilusão como qualquer uma das suas... Que Harriet não representava nada, e que ela era tudo! (AUSTEN, 2010, p. 289).

O pensamento de Emma de que Harriet não significava nada era uma ideia cruel. Isso não somente indicava que o Sr. Knightley não amava Harriet, como ela também não era uma mulher como Emma. Harriet pertencia a uma classe social inferior e Emma tentou elevá-la. Ela era e sempre seria ninguém. Exatamente o que o Sr. Knightley havia afirmado no início da narrativa. Vale destacar que, após o casamento de Harriet com o Sr. Martin, meeiro do Sr. Knightley, as relações entre as duas arrefeceram e findaram por se desfazer. Dessa forma, o

⁷⁶Tradução minha. Original: Austen's sudden use of such a cliched and uncharacteristic figure of speech implies that Emma's knowledge of love is alien to her. Her new knowledge of her heart and the feelings of others must be truth, Austen's arrow seems to say; because it has the rhetorical form of truth. It overturns her experience, rather than being verified by it. Emma's knowledge is a swift pain from without. And the fact that this revelation takes this speedy, violent form can reveal to us how *natural* it would be, in contrast, for Emma to go on *not* knowing her feelings. While *Emma* is a story about coming to self-knowledge, it is also a story that dramatizes its difficulties. Emma's experience suggests that there may be no way to 'know' her feelings without a swift pain that blanks out everything else she thought she knew: 'Every other part of her mind was disgusting' (PINCH, 2003, p. 21).

⁷⁷Tradução minha. Original: “moment of technical brilliance” (PINCH, 2003, p. 27).

romance também tem o efeito de reforçar as ideias de propriedade e de divisão entre classes sociais tão caras à cultura inglesa.

O casamento de Emma com o Sr. Knightley significou que as coisas tinham voltado ao normal e que cada um voltaria à posição social à qual pertencia.

[...] a narradora alega que Emma foi capaz de compreender o significado do discurso do Sr. Knightley sem ‘perder uma palavra’. Mas ao mesmo tempo, o que Austen está relatando quando ela escreve ‘Harriet era nada’ não é a voz do Sr. Knightley, mas sim a *compreensão* de Emma da ‘verdade exata de tudo’ a qual ele se referia, e neste ponto, nós já aprendemos a ser céticos em relação a verdade compreendida por Emma (PINCH, 2003, p. 28)⁷⁸.

Esse desfecho conservador no qual “tudo volta ao normal” é similar ao final da peça *O Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare. Como vimos anteriormente, Jane Austen era uma ávida leitora de Shakespeare e há muitas semelhanças entre *Emma* e essa peça escrita pelo bardo. Uma das frases mais famosas da peça é, inclusive, citada no início do romance, quando Emma buscou promover a união de Harriet com o Sr. Elton:

Parece haver algo no ar de Hartfield que dá ao amor a direção correta, e leva-o ao exato canal por onde deve fluir.
*A trajetória de um amor verdadeiro nunca percorreu caminhos suaves...*⁷⁹
 Uma edição de Hartfield de Shakespeare teria uma longa dissertação sobre esta passagem (AUSTEN, 2010, p. 54).

Certamente há várias semelhanças, pois em ambas as histórias, vemos personagens se apaixonando e se desapaixonando de forma cômica. Em *O Sonho de Uma Noite de Verão*, Lisandro e Hérnia estavam apaixonados um pelo outro e fugiram para se casar em segredo. No entanto, Demétrio os seguiu para tentar impedir a união, uma vez que estava apaixonado por Hérnia. Em seguida, Helena os seguiu, pois era apaixonada por Demétrio. Todos se encontraram em uma floresta mágica e Oberon, o rei das fadas, ao ver o sofrimento de Helena, ordenou que Puck, um elfo, fizesse com que Demétrio se apaixonasse por ela. Contudo, houve um mal entendido e Puck fez com que Lisandro se apaixonasse por Helena. Após uma série de brigas e confusões, tudo voltou ao normal. Lisandro se apaixonou por Hérnia novamente, e Demétrio finalmente se apaixonou por Helena, e todos se casaram ao final.

Em *Emma*, Emma Woodhouse era uma espécie de Puck e tentava fazer com que as pessoas se apaixonassem umas pelas outras. Ela cometia erros, como por exemplo, ao fazer Harriet se apaixonar pelo Sr. Elton e ao acreditar que ela estava apaixonada por Frank

⁷⁸Tradução minha. Original: reported in his own words: the narrator alleges that Emma was able to comprehend the significance of Mr Knightley's speech without 'losing a word' of it. But at the same time, what Austen is reporting when she writes 'Harriet was nothing' is not Knightley's voice, but Emma's *comprehension* of the 'exact truth of the whole' of his speech, and we have learned to be sceptical of Emma's grasp of the truth (PINCH, 2003, p. 28).

⁷⁹Sonho de Uma Noite de Verão, ato I, cena I.

Churchill. Nem mesmo ela saiu impune, pois se apaixonou pelo Sr. Knightley quando acreditava que ele amava Harriet. Mas após várias confusões, tudo foi resolvido no final.

Ademais, o *nada* presente em *Emma* pode ser comparado aos famosos *nadas* do final de *O Sonho de Uma Noite de Verão*. Como já visto, Emma chegou à conclusão de que Harriet era *nada*, enquanto ela era tudo. Além disso, os eventos da vida cotidiana representavam o *nada* na narrativa de *Emma*. Eram episódios não relevantes para o enredo, mas compunham o todo da narrativa, pois traziam aquilo que era real. Como Pinch afirma,

Se desejarmos comparar o “nada” de Emma com os famosos “nadas” de Shakespeare, nós devemos nos lembrar do “nada” extraordinariamente literário de *O Sonho de Uma Noite de Verão*. Nesta peça, Shakespeare declara que “a imaginação produz formas de objetos desconhecidos, a pena do poeta os metamorfoseia e determina ao leve nada uma moradia etérea e um nome”. Pode haver muitos *nadas* em *Emma*, mas esse romance nos lembra de que ler ficção é falar sobre “nadas” – palavras em uma página – e transformá-los em algo que pareça real. É o nada que nos vira a cabeça e nos faz virar as páginas (PINCH, 2003, p. 29)⁸⁰.

Um exemplo desse *nada* é quando Emma se encontrou na frente da loja Ford’s:

Não se podia esperar muita coisa do tráfego de Highbury, mesmo na sua parte mais movimentada. O Sr. Perry caminhando apressado, o Sr. William Cox chegando à porta do escritório, os cavalos da carruagem do Sr. Cole retornando do seu exercício, ou um garoto de recados perdido com uma mula obstinada eram as coisas mais agitadas que ela poderia esperar. E quando seus olhos por fim se depararam com o açougueiro levando sua gamela, com uma respeitável senhora idosa voltando para casa com a sacola cheia de compras, com dois vira-latas disputando um osso sujo, e com um grupo de crianças vadias grudadas na pequena vitrine da padaria, olhando os pães doces, Emma achou que não tinha motivos para queixar-se, pois se divertira bastante, o suficiente para continuar parada na porta. Uma mente viva e disposta pode fazer muito com o pouco que vê, e pode ver nada que não ofereça respostas (AUSTEN, 2010, p. 156).

É interessante notar que neste parágrafo parece não acontecer nada. Como Pinch afirma, Emma, que era a heroína mais ocupada de Austen, parou tudo o que estava fazendo e começou a reparar nas coisas ao seu redor. Enquanto esperava por Harriet, que não conseguia decidir se sua compra devia ser entregue na casa de Emma ou na escola da Sra. Goddard, ela percebeu pequenas coisas que talvez nunca houvesse notado antes. Essa cena parece não dizer nada e parece não ser importante para a narrativa, pois já sabemos que Harriet era indecisa e que Emma era impaciente. Mas segundo Pinch,

Isso é exatamente o tipo de coisa que faz com que imaginemos Maria Edgeworth e outros leitores levantando suas mãos em desespero sobre um osso sujo e indigesto ou outro prato de mingau para alguém que procura por uma história. E ainda assim,

⁸⁰Tradução minha. Original: If we wish to compare Emma's 'nothing' to one of Shakespeare's more famous 'nothings', we should remind ourselves of the highly literary 'nothing' of *A Midsummer Night's Dream*. In that play Shakespeare declares that 'the imagination bodies forth I The forms of things unknown, the poet's pen I Turns them to shapes, and gives to aery nothing I A local habitation and a name'. There may be a lot of nothing in *Emma*, but this novel reminds us that reading fiction is about taking 'aery nothings'-words on a page - and turning them into something that feels real. It is the nothing that turns our heads, and keeps us turning pages (PINCH, 2003, p. 29).

não é uma passagem onde nada está acontecendo – ou é, precisamente, *nada* que está acontecendo? (PINCH, 2003, p. 22)⁸¹.

No entanto, como Pinch acrescenta, “à medida que a lista é revelada, todos os seus detalhes da vida cotidiana começam a somar: na estranha aritmética da literatura, nada mais nada mais nada é igual a quase tudo” (PINCH, 2003, p. 29)⁸².

Nesse momento, a narrativa foi interrompida para descrever uma cena que parece ser real; uma espécie de retrato do que acontecia nas ruas de Highbury. Emma parecia desviar sua atenção para ver algo além do que acontecia na Ford’s. Isso faz com que o leitor perceba o contraste entre a absorção de Harriet em suas compras, enquanto Emma contemplava Highbury. No entanto, a cena foi interrompida com a chegada de Frank Churchill que (embora Emma estivesse contemplando o cenário ao seu redor) a vê fazendo compras, pois ela estava parada na frente da loja. Sobre isso, Pinch afirma:

Austen está fazendo algo revolucionário ao nos mostrar uma mulher parada na porta de uma loja. É difícil para nós achar uma cena tão comum como esta algo revolucionário, mas de fato o que é revolucionário é que uma mulher está passando tempo na frente da porta de uma loja na Inglaterra de 1815. É uma imagem que não podemos imaginar encontrar em um romance antes de *Emma*. A atividade de Emma é nova, assim como o novo tipo de contemplação que Austen apresenta na história. A atividade de Emma aqui é a que pode ser descrita pela frase “apenas olhando”, uma frase que está ligada nas nossas mentes com a atividade de fazer compras, e nós podemos aguçar o nosso senso da recém-comum de “estar apenas olhando” em 1815 contrastando essa cena com outra presente no romance *Camilla*, escrito por Frances Burney em 1796, um livro que Jane Austen admirava. Neste romance, Camilla e sua companheira passeiam pelo elegante bairro comercial de Southampton e não estão na verdade comprando nada; elas também estão “apenas olhando”. Mas neste romance, a presença de duas mulheres perdendo tempo em lojas parece alarmante e perigosamente novo; elas se tornam um espetáculo, interrompidas e censuradas pelos homens que caminham pela rua. Em *Emma*, Austen transpõe essa cena para um plano mais contemplativo, explorando exatamente os tipos de olhares que uma mulher pode ter no ponto de vista de uma loja (PINCH, 2003, p. 23)⁸³.

⁸¹Tradução minha. Original: It is exactly the kind of thing one imagines Maria Edgeworth and other early readers throwing up their hands in despair about, as undigestible as a 'dirty bone' or another bowl of gruel for the reader searching for story. And yet it is not a passage in which nothing is happening - or is it, precisely, *nothing* that is happening? (PINCH, 2003, p. 22).

⁸²Tradução minha. Original: “as that list unfolds, all of its details of everyday life begin to add up: in the strange arithmetic of literature, nothing plus nothing plus nothing equals almost everything” (PINCH, 2003, p. 29).

⁸³Tradução minha. Original: Austen is doing something quite revolutionary in presenting to us a woman standing in a shop door. It is hard for us to find this ordinary image revolutionary, but in fact what is revolutionary is that a woman loitering in a shop door in England in 1815 seems ordinary. It is an image we cannot imagine finding in a novel before this moment. Emma's activity is new, and so is the kind of contemplation Austen represents Emma as practicing. Emma's activity here is that which can be best described by the phrase 'just looking', a phrase that is inseparable in our minds from the activity of shopping, and we might sharpen our sense of the very newly ordinary nature of 'just looking' in 1815 by contrasting this scene to one in Frances Burney's 1796 novel *Camilla*, a book Jane Austen admired. In that novel, Camilla and her companion stroll through the fashionable shopping district of Southampton and are not actually buying; they are 'just looking' also. But in that novel, the presence of two women loitering around the shops seems alarmingly and dangerously new; they become a spectacle, heckled and roundly censured by the men in the street. In *Emma*, Austen transposes such a scene to a more contemplative plane, exploring exactly what kinds of looking a woman can do from the vantage point of the shop (PINCH, 2003, p. 23).

A voz narrativa de Austen faz com que a cena se misture com os pensamentos de Emma. Em seguida, vemos que Emma não olhava mais para o Dr. Perry, pois estava focada no açougueiro, na idosa senhora, nas crianças olhando os doces na vitrine e nos cães. Logo, podemos indagar: o que isso tem a nos dizer sobre Emma?

No início do romance, Emma era mimada e preconceituosa. No entanto, à medida que a narrativa se desenrola, ela foi adquirindo uma nova percepção sobre os menos afortunados. Passou a ser amiga de Harriet, se compadeceu da situação de Jane, se arrependeu de ter ofendido a pobre Srta. Bates e pareceu enxergar, pela primeira vez, a classe trabalhadora presente em Highbury. Quando a narradora descreveu em detalhes o que estava acontecendo na rua naquele momento, ficou nítida a futilidade de Harriet, e a vida difícil que muitas pessoas levavam chamou a atenção de Emma. Logo, essa percepção fez parte do processo de aprendizagem de Emma, que devia aprender a ter compaixão por aqueles desafortunados, assim como o Sr. Knightley tinha e buscava ensiná-la a ter.

A consciência suburbana presente no romance é importante para entender a comunidade de Highbury. Esta pequena cidade podia ser vista como uma sociedade íntima, alegre e acolhedora. Contudo, havia uma ordem social hierárquica: a família Woodhouse e o Sr. Knightley representavam a elite, pois possuíam grandes terras; o Sr. Elton era o clérigo, representando a igreja e a classe profissional que atendia às necessidades da elite; em seguida havia os comerciantes, como a família Cole e a família Ford; os fazendeiros como, por exemplo, o Sr. Martin, e a classe trabalhadora que estava presente no romance, embora não se soubesse o nome de nenhuma personagem. Na cena citada acima, por exemplo, temos a figura do açougueiro, cujo nome não foi dito.

Todos, de acordo com este ponto de vista do romance, sabem o seu respectivo lugar, mais ou menos, e são unidos pelos laços de respeito e obrigação entre as diferentes classes. Entretanto, enquanto alguns leitores criticaram as políticas de classe de Highbury, vendo-a como uma aldeia insular que cheira a um nacionalismo conservador, outros argumentaram que Highbury não é um lugar tão ordenado como parece ser: não é um lugar onde todos de fato conhecem seu próprio lugar, mas sim um local de ambiguidades de status (PINCH, 2003, p. 14)⁸⁴.

Um exemplo dessa ambiguidade é a personagem Harriet Smith, pois ela era filha ilegítima de alguém e por isso ocupava um lugar incerto na sociedade. Além disso, também temos a figura da Srta. Bates, que possuía uma vida confortável, mas perdeu sua fortuna. Ademais, há vários exemplos de personagens que ascenderam socialmente. Além da família

⁸⁴Tradução minha. Original: Everyone, according to this view of the novel, knows their place, more or less, and is united by bonds of respect and obligation across class differences. However, while some readers have criticized Highbury's class politics, seeing it as an insular hamlet that reeks of a conservative nationalism, others have argued that Highbury is not as tidy a place as it might seem: not so much a place where everyone knows their own place, it is a place of status ambiguities (PINCH, 2003, p. 14).

Cole e da família Ford, que prosperaram por causa do comércio, a Sra. Elton era herdeira de 10.000 libras, porque seu irmão adquiriu fortuna através do comércio. Outro exemplo também era o Sr. Weston, que antigamente fazia parte do exército, e com o passar dos anos, foi acumulando dinheiro e conseguiu comprar a respeitável propriedade Randalls. De acordo com Pinch, essas ambiguidades compuseram a consciência suburbana de Highbury, pois era um retrato das mudanças que o novo século estava trazendo para a Inglaterra:

Se pensarmos em Highbury como exibindo uma consciência suburbana, no entanto, algumas dessas ambiguidades podem ser resolvidas. Highbury não é uma ilha em si. Assim como a experiência cotidiana de um subúrbio é moldada pela proximidade da cidade, mesmo que ela nunca vá até lá, a consciência de todos em Highbury é estruturada por um outro lugar, seja Londres ou Maple Grove. A frase “consciência suburbana” pode nos ajudar a entender as maneiras pelas quais *Emma* e Highbury parecem tolerar as pessoas em transição, bem como aquelas que não estão lá de fato, personagens que não são exatamente personagens, como os frequentemente mencionados Dixons (amigos de Jane Fairfax na Irlanda) ou o indescritível boticário da cidade, o Sr. Perry (PINCH, 2003, p. 14-15)⁸⁵.

Além disso, como já tratado, a sociedade de Highbury estava interligada pelo sujeito *todos*, que tem um papel importante na narrativa de Austen. Esse *todos* tinha uma presença constante e influenciava as ideias de vários personagens e do próprio leitor. Por exemplo: *todos* pensavam que o Sr. Weston, que permaneceu anos viúvo, jamais se casaria de novo, assim como acreditavam que o misterioso piano de Jane fora dado pelo Sr. Campbell e que Frank Churchill cortejava Emma. Já Emma pensava que *todos* acreditavam que ela se casaria com Frank (antes mesmo de conhecê-lo). O leitor também faz parte desse grupo, pois ele é levado a acreditar no que *todos* pensavam e/ou falavam.

Contudo, como podemos ver, *todos* estavam errados, assim como muitos personagens. Emma, por exemplo, se enganou inúmeras vezes e Harriet acreditava que o Sr. Knightley estava apaixonado por ela, simplesmente por tê-la convidado para dançar no baile. O mesmo ocorreu em *Orgulho e Preconceito*, quando *todos* no condado pensavam que o Sr. Darcy era orgulhoso e arrogante, enquanto acreditavam que o Sr. Wickham era um cavalheiro encantador e admirável.

Além disso, o “ouvir por acaso” é muito comum na narrativa de Austen. Quando os personagens se encontravam em um evento social, como um baile, por exemplo, em muitas situações descritas várias falas eram ouvidas por acaso por outros personagens. Isso

⁸⁵Tradução minha. Original: If we think of Highbury as exhibiting a suburban consciousness, however, some of these ambiguities are resolved. Highbury is not an island unto itself. Just as a suburbanite's everyday experience is shaped by proximity to the city even if she never goes there, everyone's consciousness in Highbury is structured by an elsewhere, be it London or Maple Grove. The phrase 'suburban consciousness' might help us make sense of the ways *Emma* and Highbury seem to tolerate people in transition, as well as those who are not really there, characters that are not-quite characters, such as the often-discussed Dixons (Jane Fairfax's friends in Ireland) or the elusive town apothecary, Mr Perry (PINCH, 2003, p. 14-15).

contribuiu para o realismo da narrativa, fazendo com que houvesse um movimento nas cenas, consoante as movimentações ocorridas na vida real. Em *Emma*, quando a maioria dos personagens se encontrava no jantar da família Cole, por exemplo, Emma escutou a conversa das senhoras na qual elas fofocavam sobre o misterioso piano que Jane ganhara. Já no baile, Emma desejava saber o que Frank estava falando para Jane, mas como ele se encontrava de costas e cobria Jane, Emma não pôde ver o que se passava.

Trata-se de uma descrição simples e curta, mas podemos inferir que Frank se colocou exatamente entre as duas de propósito para que Emma não pudesse ver ou ouvir o que os dois conversavam, uma vez que precisava esconder seu segredo. Em *Orgulho e Preconceito*, Wiltshire lembra:

O infeliz comentário de Darcy sobre a aparência meramente “tolerável” de Elizabeth Bennet não é o único momento significativo do ouvir por acaso nos romances de Jane Austen. Longe disso, de fato. O próprio Darcy mais tarde ouve a Sra. Bennet se gabando das perspectivas de casamento de suas filhas, enquanto apenas algumas páginas antes a sua própria conversa foi ouvida pelo Sr. Collins (WILTSHIRE, 2015, p. 125)⁸⁶.

Sobre essa característica realista na obra de Austen, ele ainda acrescenta que:

A atenção necessariamente assume formas diferentes: às vezes, conversando, alguém às vezes ouve, depois talvez se move e se envolve em outra conversa, ouvindo novamente; todas essas modalidades são reproduzidas em série na narração de Austen durante as festas noturnas. O romance, por ser uma experiência sequencial, não pode reproduzir a condição da vida social quando, conversando com uma pessoa, invariavelmente se tem consciência de outras pessoas, de outros centros de interesse na sala, mas ao representar essas variações de audição, Jane Austen certamente chega próximo a ela (WILTSHIRE, 2015, p. 130)⁸⁷.

Austen parece dizer que devemos questionar nossa autoconfiança sobre o que pensamos saber. Em *Emma*, ela encoraja os leitores a questionarem a ideia de uma especulação transformada em um fato. A ideia de conhecimento está baseada em fofoca e a narradora brincou com a ideia de fofoca como prova de algo. Conhecimento no mundo de Austen é uma noção enganosa. Logo, como um romance de formação, a história também buscou instruir seu leitor que aprende a questionar o que lhe é dito e o que parece ser.

A fofoca em Highbury foi disseminada durante os eventos sociais que estruturaram o romance. Em vários momentos da narrativa, *todos* se encontravam em eventos nos quais

⁸⁶Tradução minha. Original: Mr Darcy’s unfortunate remark about Elizabeth Bennet’s merely ‘tolerable’ appearance is not the only significant moment of overhearing in Jane Austen’s novels. Far from it, in fact. Darcy himself later overhears Mrs Bennet boasting of the marriage prospects of her daughters, while only a few pages earlier his own conversation has been overheard by Mr Collins (WILTSHIRE, 2015, p. 125).

⁸⁷Tradução minha. Original: Attention necessarily takes different forms: sometimes engaged in conversation, one sometimes overhears, then perhaps moves, and is engaged in another conversation, overhearing again; all these modalities are reproduced, serially, in Austen’s narration of these evening parties. The novel, being a sequential experience, cannot reproduce the condition of social life when, talking with one person, one is invariably aware of other people, other centres of interest in the room, but in representing these varieties of overhearing, Jane Austen certainly comes close to it (WILTSHIRE, 2015, p. 130).

várias classes sociais se misturavam. Tais encontros eram organizados de acordo com o clima, como, por exemplo, a festa de Natal, excursões como para Box Hill, um baile, a colheita de morangos, jantares e as visitas rotineiras. Havia um padrão de comportamento nesses eventos, pois quando alguns personagens se encontravam em um ambiente fechado, comportavam-se de forma contida. Quando se encontravam em um ambiente ao ar livre, acabavam agindo de uma forma descuidada que os levava a confusões e situações constrangedoras.

O comportamento contido de tais personagens pode ser visto na cena em que o grupo se reúne na casa do casal Weston para um jantar, por exemplo. O Sr. Elton tentou sorrir menos para não demonstrar seu entusiasmo, pois desejava pedir Emma em casamento nessa noite; o Sr. John Knightley, pelo contrário, buscou sorrir mais para disfarçar o seu mau humor. Outro exemplo pode ser visto no comportamento de Emma em relação à Srta. Bates. Emma ficava extremamente irritada com ela, pois ela não gostava de ouvir sobre as cartas de Jane Fairfax, que eram sempre lidas para todos por sua tia. No entanto, Emma era educada e buscava elogiar a escrita de Jane quando era forçada a ouvir a Srta. Bates.

Já quando os personagens se encontram ao ar livre, o contato com a natureza acabava proporcionando um contato com sua própria natureza, e eles demonstravam como realmente eram, não agindo de acordo com as convenções da época. Wiltshire afirma que as cenas mais importantes de *Emma* se passaram ao ar livre, pois havia o medo de que as conversas fossem ouvidas quando faladas em um ambiente fechado. Ele ainda ressalta a importância da dança em *Orgulho e Preconceito* e em *Emma*. Embora Elizabeth, Darcy, Emma e Knightley dançassem em ambientes fechados, era nesses momentos que eles dispunham de um breve tempo juntos, embora pudessem ser vistos e ouvidos pelas pessoas em volta.

Ser ouvido é uma possibilidade constante. Os enclaves ou ilhotas de privacidade são preciosos [...] – muito importantes em *Orgulho e Preconceito* e em *Emma* – quando um casal dança juntos. Mas nessa companhia essas oportunidades são arrebatadas, breves e frágeis, na melhor das hipóteses, uma vez que conversas relativamente silenciosas ainda podem ser ouvidas. Para falar livremente, os personagens de Austen geralmente precisam estar ao ar livre (WILTSHIRE, 2015, p. 128)⁸⁸.

Essa divisão entre os ambientes revela outra semelhança com a peça *O Sonho de Uma Noite de Verão*, na qual há uma divisão entre natureza e civilização. Qualquer coisa podia acontecer quando os personagens se encontravam na floresta mágica e a ordem era restaurada quando eles retornavam para a cidade. Logo, todas as confusões aconteciam quando os personagens se encontravam na floresta, ou seja, ao ar livre.

⁸⁸Tradução minha. Original: To be overheard is a constant possibility. Enclaves or islets of privacy are precious [...] – very importantly in *Pride and Prejudice* and *Emma* – when a couple dances together. But in such company these opportunities are snatched, brief, fragile at best, since comparatively quiet conversations are still liable to be overheard. To speak freely, Austen's characters have usually to be outdoors (WILTSHIRE, 2015, p. 128).

Quando o grupo se encontrava em Donwell Abbey para a colheita de morangos, Emma percebeu a admiração que tinha pela propriedade do Sr. Knightley. Em seguida, Jane foi incapaz de disfarçar sua angústia e decidiu ir embora, da mesma forma que Frank não conseguiu disfarçar a sua raiva ao ter encontrado Jane no caminho, pois os dois haviam discutido. De acordo com Wiltshire,

Em Donwell, com Frank fora, Emma fica calma, satisfeita com sua conexão com a propriedade, e a passagem de bravura que representa o discurso da Sra. Elton como uma série de comentários abreviados e desconectados pode muito bem representar, como na conversa anterior com Jane, o descuido de Emma, talvez desdenhosa, desatenta quando ela ouve trechos de conversas. Emma tem aquele momento em que renuncia o seu preconceito contra Jane. Mas na infeliz excursão de piquenique a Box Hill, nove personagens principais – Emma e Harriet, a Srta. Bates e Jane Fairfax, os Eltons, Frank Churchill, o Sr. Weston e o Sr. Knightley – estão reunidos, e a calma e agradável Sra. Weston fica para trás. E não há de fato um motivo para eles estarem lá ou estarem juntos (WILTSHIRE, 2015, p. 140)⁸⁹.

A cena que se passou em Box Hill é importante, porque nos revela o que os personagens estavam sentindo, ou seja, a real natureza de seus sentimentos e grande parte do mistério do romance pode ser compreendido: Emma cometeu um grande erro ao menosprezar a Srta. Bates e ao ser severamente reprimida pelo Sr. Knightley, percebeu que sua atitude fora desprezível, o que contribuiu para o seu processo de formação; Jane e Frank discutiram na frente de todos a ponto de quase revelarem o noivado secreto; Emma mais uma vez se enganou em relação à Harriet, pois acreditava que ela esteja apaixonada por Frank e quando ele pediu para que ela escolhesse uma esposa para ele, ela acreditava que ele se referia à Harriet; a Sra. Elton não disfarçava seu desgosto por Emma, e o Sr. Knightley ficou extremamente enciumado, a ponto de viajar para Londres no dia seguinte para ficar longe de Emma.

Simplesmente não há muito o que fazer quando o grupo chega lá. A observação ridícula da Sra. Elton quando ela afirma ‘Estou realmente cansada de explorar tanto tempo o mesmo lugar’ acaba revelando a verdade do problema. Eles chegaram a este famoso destino turístico, e é isso. Além disso, o grupo está cheio de tensões ocultas: a Srta. Woodhouse e a Sra. Elton não gostam uma da outra; Frank e Jane brigaram no dia anterior; o Sr. Knightley suspeita e tem ciúmes de Frank; Frank odeia a Sra. Elton e guardava rancor do Sr. Knightley, que o impediu duas vezes de falar com Jane. A maioria deles desconhece a profundidade dessas tensões (WILTSHIRE, 2015, p. 142)⁹⁰.

⁸⁹Tradução minha. Original: At Donwell, with Frank away, Emma is calm, gratified by her connection to the estate, and the bravura passage which represents Mrs Elton’s discourse as a broken-up series of abbreviated and disconnected remarks may well represent, as with the earlier conversation with Jane, Emma’s careless, perhaps contemptuous, inattention as she overhears snatches. Emma has that moment when she relinquishes her prejudice against Jane. But on the unhappy picnic excursion to Box Hill, nine main characters – Emma and Harriet, Miss Bates and Jane Fairfax, the Eltons, Frank Churchill, Mr Weston and Mr Knightley – are assembled, and the calming, ameliorative Mrs Weston stays behind. And there is no real reason for them to be there, or to be together (WILTSHIRE, 2015, p. 140).

⁹⁰Tradução minha. Original: There is simply nothing much to do once the party has got there. Mrs Elton’s ludicrous remark ‘I am really tired of exploring so long one spot’ inadvertently hits the nail on the head. They have arrived at this famous tourist destination, and that’s it. Besides, the group is full of hidden tensions: Miss

Quando se trata de ambiente do ar livre, vemos outros *perigos*, como por exemplo, o fato de Emma não gostar de percorrer o pequeno caminho até Randalls, a menos que estivesse acompanhada. Harriet, por sua vez, acabou sendo atacada pelos ciganos, e Emma e Frank se comportaram de forma inapropriada em Box Hill, ao flertarem na frente de todos. Ironicamente, o Sr. Woodhouse estava certo ao dizer que era perigoso se aventurar ao ar livre.

Outro exemplo da importância desse ambiente em *Emma* está na cena em que o Sr. Knightley declarou seu amor por Emma. Antes de ele chegar a Hartfield, Emma se encontrava em casa, pois estava chovendo. O sol apareceu e ela decidiu passear pelo jardim, quando o Sr. Knightley chegou de viagem. Parecia que a chegada dele tinha trazido o sol, ou seja, a alegria, pois Emma estava triste, tristeza representada pela chuva. Quando os dois se encontraram ao ar livre, foram capazes de revelar seus sentimentos um pelo outro:

o calor sensorial é um correlato objetivo da paixão despertada de Emma e a narrativa funciona para transmitir essa ‘visão de sentimento’, para emprestar uma frase de Bodenheimer ao leitor. Os arbustos e a beleza da tarde após uma tempestade proporcionam o cenário perfeito para o encontro de Emma com o Sr. Knightley no portão do jardim – e para a resolução dos vários conflitos emocionais e mal-entendidos que impediram a união dos amantes (PAGE, 2013, p. 99)⁹¹.

Além disso, o humor de Emma parecia estar associado à natureza. Durante o jantar natalino na casa dos Westons, de repente começou a nevar, deixando todos preocupados, da mesma forma que Emma ficou consternada pelo inesperado pedido de casamento do Sr. Elton. No dia em que Emma descobriu sobre o segredo de Frank e Jane, o tempo estava escuro, sugerindo algo escondido, e posteriormente choveu. Embora o tempo mudava constantemente na narrativa, essa pequena vila continuava sendo segura e doméstica.

Outra questão importante em *Emma* é o discurso indireto livre, um dos traços mais marcantes na escrita de Austen, já tratado anteriormente. Além de utilizar essa técnica para misturar a voz do narrador com a fala dos personagens, Austen fez o mesmo com os pensamentos e as ideias de seus personagens, como por exemplo, quando Emma se arrependeu de ter persuadido Harriet a recusar a proposta de casamento do Sr. Martin:

Oh! Se ao menos não houvesse incentivado Harriet! Se a tivesse deixado no lugar a que pertencia, e ao qual Mr. Knightley lhe dissera que ela pertencia!... Se não tivesse, como uma tolice que não havia palavras para expressar, impedido que ela desposasse o irrepreensível jovem que a teria feito feliz e respeitável no nível de

Woodhouse and Mrs Elton dislike each other intensely; Frank and Jane have quarrelled the day before; Mr Knightley is suspicious and jealous of Frank; Frank hates Mrs Elton and resents Knightley, who has twice prevented him from talking to Jane. Most of them are unaware of the depth of these tensions (WILTSHIRE, 2015, p. 142).

⁹¹Tradução minha. Original: the sensory warmth is an objective correlative of Emma’s awakened passion, and the narrative functions to impart this ‘vision of feeling’, to borrow a phrase from Bodenheimer, to the reader. The shrubbery and the beauty of the afternoon after a storm afford the perfect setting for Emma’s rendezvous with Mr Knightley at the garden gate – and for the resolution of the various emotional conflicts and misunderstandings that have prevented the union of the lovers (PAGE, 2013, p. 99).

vida a que ela devia pertencer – tudo poderia ter sido salvo. Nenhum desses terríveis acontecimentos teria ocorrido (AUSTEN, 2010, p. 279).

Segundo Pinch, essa técnica faz com que criemos um sentimento de intimidade com tais personagens. Além disso, a característica de Austen foi importante para a história literária, uma vez que a literatura passou a retratar aspectos psicológicos, característica do *Bildungsroman*:

Austen faz com que as vozes grudem na nossa mente através do uso do discurso indireto livre, o que faz a voz de um personagem parecer indelével, capaz de absorver outros seres. Mas ela também usa a mesma técnica para representar o pensamento. O seu modo de representar as mentes de suas heroínas tornou seus romances cruciais para a história do romance inglês, o marcador de um momento em que o romance como gênero literário aperfeiçoa sua virada interior e começa a reivindicar a psicologia humana como seu território. Acima de tudo, ele cria um sentimento de intimidade com suas heroínas que muitos leitores valorizam (PINCH, 2003, p. 17-18)⁹².

Isso faz com que criemos simpatia por Emma e até mesmo passemos a amá-la, apesar de todos os seus defeitos. Dessa maneira, acreditamos que ela precisava da educação que o Sr. Knightley lhe proporcionava e que a merecesse. Segundo Pinch,

As maneiras inovadoras e diferentes que Austen possui de transmitir a experiência interior de Emma para nós podem nos levar a fazer algumas perguntas filosóficas importantes sobre a natureza do autoconhecimento [...] E o que é sobre Emma Woodhouse que, exclusivamente entre as heroínas de Austen, parece tão apropriado que Austen represente seu processo de pensamento como discurso interno? Seria exatamente porque as “autoexaminações” de Emma parecem tão falsas para o seu verdadeiro eu? Seriam elas tentativas de autoconhecimento que parecem tão erradas como se fossem citações estranhas entrando em sua cabeça? (PINCH, 2003, p. 18-19)⁹³.

Pinch afirma que o autoconhecimento de Emma estava relacionado ao seu conhecimento em relação aos outros. Emma acreditava conhecer os sentimentos de todos. Ela acreditava, por exemplo, que foi a responsável pelo casamento do Sr. e da Sra. Weston, que Jane Fairfax estava apaixonada pelo Sr. Dixon e que Frank Churchill estava em busca de alguém para amar, embora nem ele mesmo soubesse disso.

Obviamente, Emma estava quase sempre errada e Pinch nos chama a atenção para este problema. A história de *Emma* é sobre quem sabe o que e quando, como, por exemplo, a

⁹²Tradução minha. Original: Austen makes voices stick in the mind through her use of free indirect discourse, which makes a character's voice seem indelible, capable of soaking into other beings. But she also uses the same technique for representing thought. Her cultivation of this mode of representing her heroines' minds has made her novels crucial to the history of the English novel, markers of a moment when the novel as a literary genre perfects its inward turn, and begins to claim human psychology as its territory. Above all it creates the feeling of intimacy with her heroines that many readers prize (PINCH, 2003, p. 17-18).

⁹³Tradução minha. Original: Austen's innovative and different ways of conveying Emma's inner experience to us can prompt us to ask ourselves some important philosophical questions about the nature of self-knowledge [...] And what is it about Emma Woodhouse that, exclusively among Austen's heroines, makes it seem so appropriate that Austen represents her thought process as internal speech? Is it, precisely, because Emma's 'selfexaminations' seem so untrue to her true self? Are they attempts at self-knowledge that seem so off the mark that they appear like alien quotations entering her head? (PINCH, 2003, p. 18-19).

capacidade do Sr. Knightley em saber que o Sr. Elton jamais se casaria com Harriet como Emma imaginava, ou quem era capaz de compreender o segredo de Jane Fairfax, bem como quem a presenteou com o piano ou quando Emma passou a conhecer os seus próprios sentimentos. Pinch explica o seguinte:

Emma nos lembra que as respostas para essas perguntas podem estar em um relato de práticas sociais e nos detalhes da vida cotidiana. O “novo tipo de romance” que *Emma* exemplifica sugere com grande urgência que a chance de uma mulher ter felicidade depende de sua capacidade de conhecer seus próprios sentimentos, assim como os sentimentos dos outros. No entanto, o romance também coloca as mulheres em um ambiente no qual suas ferramentas para encontrar, conhecer, provar e verificar são limitadas. O conhecimento das mulheres em *Emma* viaja pelos caminhos das fofocas, bem como pelos caminhos limitados de Highbury, ao longo dos quais os únicos lugares para a troca de conhecimento podem ser um lugar como a Ford’s (ver, por exemplo, o encontro de Harriet com o seu admirador, o Sr. Martin, na Ford’s no volume II, capítulo iii). Em um mundo em que as pessoas expressam seus sentimentos através de jogos de palavras e charadas (ver Volume I, capítulo ix), onde cortejam uma mulher (como Frank Churchill faz com Emma) para esconder sua paixão por outra (por Jane Fairfax), um mundo que lisonjeia simultaneamente as opiniões de Emma e limita sua visão, é realmente mais fácil para ela não saber do que de fato saber (PINCH, 2003, p. 20)⁹⁴.

Emma pode ser considerado um *Bildungsroman*, pois sua heroína passou por um processo de aprendizagem. Emma era orgulhosa, mimada e acreditava possuir habilidade de promover casamentos. Contudo, no final da narrativa, ela reconheceu seus erros e se arrependeu deles, quando, por exemplo, tentava controlar o coração das outras pessoas; compadeceu-se dos menos afortunados como a Srta. Bates, por exemplo, percebeu que julgara mal as pessoas como a família Cole e acabou fazendo aquilo que acreditava que jamais faria: casar por amor.

O Sr. Knightley é o grande mentor de Emma, que a auxiliou em sua trajetória de aprendizagem. Assim como seu nome denota, era um cavalheiro e agia como tal. Ele era tão bondoso e superior que todos em Highbury o admiravam. Era bastante rico, mas não era arrogante e ajudava os menos afortunados. Ele gostava de montar em seu cavalo, mas compareceu ao jantar da família Cole em sua carruagem para poder levar Jane e a Srta. Bates ao baile, para elas não irem a pé. Além disso, ele as presenteara com todas as safras de maçãs colhidas em sua propriedade. Quando Emma humilhou a Srta. Bates em Box Hill, ele a

⁹⁴Tradução minha. Original: *Emma* reminds us that the answers to such questions may lie in an account of social practices and the details of everyday life. The 'new kind of novel' that *Emma* exemplifies suggests with great urgency that a woman's chance at happiness depends on her ability to know both her own feelings and those of others. Yet the novel also places women in an environment in which their tools for finding, knowing, proving, and verifying are limited. Women's knowledge in *Emma* travels along the paths of gossip, along the limited walking paths of Highbury, along which the only places for the exchange of knowledge might be a place like Ford's (see, for example, Harriet's encounter with her admirer Mr Martin at Ford's in Volume II, Chapter iii). In a world where people express their feelings through word games and charades (see Volume I, Chapter ix), where they make love to one woman (as Frank Churchill does to Emma) in order to conceal their passion for another (for Jane Fairfax), a world that simultaneously flatters Emma's opinions and limits her vision, it is indeed easier for her not to know than it is for her to know (PINCH, 2003, p. 20).

repreendeu e fez com que ela percebesse a sua crueldade. Após Harriet ter sido esnobada pelo Sr. Elton, ele a “salvou” e dançou com ela no baile, embora não gostasse de dançar. E quando ele estava em Londres para ficar longe de Emma, ele retornou à Highbury imediatamente após o anúncio do noivado de Frank e Jane, pois desejava confortar Emma que, supostamente, estava de coração partido. Vemos que ele punha as necessidades dos outros antes das dele. Ele sabia o que era certo e o que era errado e era capaz de enxergar as pessoas e suas atitudes, tentando inclusive alertar Emma sobre suas ideias equivocadas. Ele lhe informou que o Sr. Elton jamais se casaria com Harriet, por exemplo, e que ele havia visto olhares secretos entre Frank e Jane. Ao fim da narrativa, vemos que a única pessoa que esteve certa todo tempo foi o Sr. Knightley. Seu único erro foi acreditar que Emma estava apaixonada por Frank Churchill, mas como diria Shakespeare em *O Mercador de Veneza*, “Se o amor é cego, quem ama não vê As ousadas loucuras que comete” (SHAKESPEARE, 2011, p. 52).

No final do romance, Emma e o Sr. Knightley dialogaram sobre seus sentimentos e buscaram entender um ao outro, como ocorreu no final de *Orgulho e Preconceito*, quando Elizabeth e Darcy conversaram também sobre seus sentimentos e como enfrentaram tudo o que lhes aconteceu.

É interessante notar que, em ambos os romances, esses diálogos se deram ao ar livre, onde eles podiam expressar seus reais sentimentos. Essa espécie de catarse era importante para o desenvolvimento dos personagens que, para ficar juntos, precisavam ser honestos um com o outro. Em *Emma*, o Sr. Knightley reconheceu a influência que teve em Emma e, além de revelar que seu amor por ela era de longa data, afirmou que ele foi o mais afortunado por receber o amor dela. Ao reparar em seus defeitos, ele acabou se apaixonando por ela. Dessa forma, apesar dos defeitos, Emma era uma das melhores criaturas para ele.

Minha interferência poderia causar tanto bem quanto mal. Seria muito natural para você dizer “que direito ele tem de me repreender?”... E temo que também seria natural se achasse que eu o fazia de forma muito desagradável. Não acho que tenha lhe feito algum bem. O bem foi todo para mim, por fazer de você o objeto da minha mais terna afeição. Não poderia pensar tanto em você, se não lhe tivesse amor, apesar das suas falhas. E à custa de imaginar tantos erros, acabei me apaixonando por você desde que tinha no mínimo treze anos (AUSTEN, 2010, p. 312).

Diante disso, pode-se afirmar que *Emma* de fato possui uma história. O romance narra a trajetória da filha de um dos cavalheiros mais importantes de uma pequena cidade. A história de *Emma* envolveu os problemas que eram resultados da confiança equivocada que sua heroína tinha, ao acreditar na sua habilidade de controlar o mundo ao seu redor. Em suas desventuras, Emma passou a conhecer os seus próprios limites e desejos e acabou se casando com o homem que conheceu durante toda a sua vida.

Em muitos romances de formação, um dos fatores que contribui para o processo de aprendizagem do/a protagonista é a viagem. Em *Orgulho e Preconceito*, Lizzy viajou para Kent e Derbyshire e os eventos vivenciados por ela em seu deslocamento contribuíram para o seu crescimento, pois ela descobriu a verdade sobre o Sr. Darcy. Em *Emma*, a única viagem que Emma realizou foi a excursão para Box Hill, que durou um dia, pois seu pai temia que ela viajasse e algo de ruim lhe acontecesse. Embora essa tenha sido sua única experiência, Emma aprendeu uma dolorosa lição ao ter ofendido a Srta. Bates, sendo duramente repreendida pelo Sr. Knightley. Posteriormente, sabemos que ela viajou para o litoral em sua lua de mel, pois sempre desejou ver o mar. Apesar de *Emma* não possuir essa característica na qual sua heroína faz uma longa viagem, Schwantes afirma que a trajetória dela aconteceu sem que ela precisasse viajar, pois as pessoas ao seu redor contribuíram para o seu amadurecimento:

Numa outra perspectiva, lendo *Emma* como um *Bildungsroman* destinado a educar mocinhas, Denise Kohn coloca os passos que Buckley abstraiu de seu *corpus* de *Bildungsromane* (masculinos) para mostrar como não só eles não são absolutos, mas também *Emma*, enquanto narrativização do desenvolvimento de uma protagonista inteligente e sensível que procura crescimento pessoal, é um *Bildungsroman* sem precisar seguir os mesmos passos. A autora utiliza Nancy Chodorow e Carol Gilligan como apoio teórico para a ideia de que o desenvolvimento feminino não envolve separação e que, portanto, Emma pode percorrer uma trajetória de desenvolvimento pessoal sem viajar. No lugar da viagem, são suas relações com família, amigos e vizinhos, que impulsionam seu aprendizado. Longe de ser conservadora por envolver uma “educação através do casamento”, entretanto, *Emma* apresenta uma protagonista que, se é indiscutivelmente um modelo de dedicação e propriedade, não pode ser assimilada aos ideais de sacrifício e desprendimento apregoados pelos livros de etiqueta (um gênero em constante diálogo com o *Bildungsroman*) da época (SCHWANTES, 1998, p. 45).

O Sr. Knightley proporcionou várias oportunidades para Emma amadurecer ao tentar alertá-la sobre o seu comportamento e suas ideias em relação às outras pessoas. No entanto, a grande mudança que ocorreu em Emma se deu quando ela descobriu seus sentimentos pelo Sr. Knightley:

Com que insuperável vaidade ela acreditara estar de posse do segredo do coração de todas as pessoas, com que imperdoável arrogância se propusera a arranjar o destino dos outros! Provou estar universalmente errada, e não conseguira quase nada... apenas causar o mal. Causara mal a Harriet, a si mesma, e temia que a Mr. Knightley também. Caso essa união, que era a mais desigual do mundo, chegasse a acontecer, ela deveria arcar com o desgosto de ter começado tudo, pois o afeto dele só poderia existir pela consciência do afeto de Harriet. E mesmo que não fosse esse o caso, ele jamais teria reparado em Harriet se não fosse a sua loucura (AUSTEN, 2010, p. 278).

Foi nesse momento que Emma despertou e se arrependeu por ter cometido tantos erros. Ela reconheceu que estava errada, quando se orgulhava por estar sempre correta. Agora, ela pensava que tudo estava perdido, pois acreditava que o Sr. Knightley desejava se casar com Harriet. O mesmo ocorreu em *Orgulho e Preconceito*. Quando Lizzy recebeu a carta de Darcy, percebeu que fora tola e que se equivocara. Ao descobrir que estava apaixonada por

Darcy, ela se arrependeu amargamente por não ter aceitado a sua proposta de casamento. Ambas as descobertas geraram o mesmo sentimento: arrependimento, pois tanto Emma quanto Elizabeth se enganaram, e sofrimento, pois elas acreditaram que tudo estava perdido e que elas não poderiam ficar com o homem que amavam.

Como pôde ser visto, há várias semelhanças entre *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, que são dois romances de formação. Seus heróis (Darcy e Knightley) eram proprietários de grandes casas e suas responsabilidades denotaram a boa índole deles. Ambos eram capazes de fazer grandes coisas para o bem estar das mulheres que amavam. Darcy ajudou a família de Lizzy ao fazer com que Wickham casasse com Lydia, e ao encorajar Bingley a pedir Jane em casamento. Já Knightley pôs de lado os seus sentimentos e buscou estar com Emma em um momento que acreditava ser difícil para ela. Contudo, há uma diferença entre eles: enquanto Darcy também amadureceu e mudou ao longo da narrativa, pois se tornou menos orgulhoso e preconceituoso, o Sr. Knightley já era um herói amadurecido (ele era cerca de dezesseis anos mais velho que sua amada), capaz de ver as coisas como elas eram, quando ninguém mais conseguia.

Outra característica comum do *Bildungsroman* é a de que a heroína se apaixona duas vezes e acaba frustrada com o primeiro amor. Tanto Elizabeth como Emma se encantaram pelo homem errado e foram enganadas por eles. Elizabeth se interessou por Wickham, que mentiu sobre Darcy e acabou fugindo com sua irmã. Já Emma acreditava estar apaixonada por Frank Churchill, que a cortejava para que ninguém suspeitasse que ele estivesse noivo de Jane Fairfax. Além disso, ironicamente, as duas receberam propostas de casamento de dois reverendos (o Sr. Collins e o Sr. Elton), que foram recusados, pois eram pretendentes presunçosos e inconvenientes. Ademais, outra característica comum entre as duas heroínas é que ambas se enganaram ao longo da narrativa, pois julgavam muito mal as pessoas.

Worsley chama a atenção para outra semelhança ao afirmar que os romances de Austen estão repletos de “mães ruins: a Sra. Dashwood e a Sra. Bennet, que não possuíam bom senso; a Sra. Price, que não tinha atenção para com sua filha, e as ausentes Sra. Woodhouse e Sra. Elliot, ambas mortas quando a história é iniciada” (WORSLEY, 2017, p. 42)⁹⁵. Isso sugere a importância do papel de mãe para o desenvolvimento das heroínas. Em *Orgulho e Preconceito*, a Sra. Bennet não gostava de Elizabeth e não lhe dava apoio quando ela necessitava. De certa forma, isso contribuiu para que ela passasse pelo processo de

⁹⁵Tradução minha. Original: “bad mothers: Mrs Dashwood and Mrs Bennet, who lack sense, Mrs Price, who lacks attention, and the absent Mrs Woodhouse and Mrs Elliot, both dead when the story starts” (WORSLEY, 2017, p. 42).

formação sozinha. Quanto à Emma, sua mãe morreu quando ela era criança e embora tenha sido criada pela Srta. Taylor, esta não lhe colocou limites. Como consequência, Emma se tornou uma moça mimada e isso representava um grande *perigo*, pois contribuiu para os erros que ela cometeu.

Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse podem ter se equivocado em vários aspectos. No entanto, são heroínas especiais que desafiaram os padrões dos séculos XVIII e XIX, pois eram capazes de dizer o que pensavam. Elas foram revolucionárias, porque falavam sobre sua inteligência e seus sentimentos, algo que as mulheres eram ensinadas a não fazer para alcançar um bom casamento. A boa esposa era aquela que escondia os seus sentimentos e possuía conhecimento limitado, ou seja, a que sabia bordar para mostrar seus trabalhos para seus convidados, ou a que sabia tocar piano para entreter a família durante os eventos sociais, por exemplo. Era dessa forma que ela poderia arranjar um marido e fazer com que o casamento funcionasse. Contudo, Elizabeth, ela era inteligente, capaz de pensar por si mesma e de não se intimidar diante de ninguém. Emma também era inteligente e agia de acordo com suas ideias e sentimentos. Consequentemente, ambas foram capazes de encontrar um marido que as amasse e as respeitasse como elas eram. Segundo Worsley, elas abriram o caminho para outras heroínas capazes de fazer o mesmo e contribuíram para que outras escritoras argumentassem sobre o papel e os direitos da mulher na sociedade.

[...] foram os romances de Austen, e particularmente as combativas Lizzy Bennet e Emma Woodhouse, que abririam uma rica coleção de personagens femininas do século XIX, que não tinham medo de dizer o que pensavam. Alguns anos após a publicação de *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte, outra romancista, a Sra. Oliphant, a descreveu como uma “declaração dos Direitos da Mulher”. Charlotte Bronte pode não ter admirado Jane Austen; Jane Austen pode não ter declarado os direitos das mulheres tão alto ou claramente como Bronte o faria. Mas ela abriu o caminho para que isso acontecesse (WORSLEY, 2017, p. 601)⁹⁶.

No final de *Emma*, quando tudo foi resolvido, a narradora esclareceu:

Raramente, muito raramente a verdade é totalmente revelada, raramente acontece de não ficar alguma parte um pouco disfarçada, ou um pouco mal compreendida. Mas num caso como esse, onde apesar da conduta estar errada, os sentimentos estão certos, não pode haver maiores consequências. Mr. Knightley não poderia exigir de Emma um coração mais brando do que ela possuía, ou um coração mais disposto a aceitá-lo (AUSTEN, 2010, p. 290).

Mais uma vez, Austen trabalha a questão da *verdade*. Tanto no final de *Emma*, quanto no de *Orgulho e Preconceito*, os heróis e as heroínas eram honestos uns com os outros e

⁹⁶Tradução minha. Original: But it was Austen’s novels, and particularly the combative Lizzy Bennet and Emma Woodhouse, which would open up a rich seam of nineteenth-century female characters who were not afraid to speak their minds. A few years after Charlotte Bronte’s *Jane Eyre* came out, another novelist, Mrs Oliphant, described it as a ‘declaration of the Rights of Woman’. Charlotte Bronte may not have admired Jane Austen; Jane Austen may not have declared the rights of women quite as loudly or clearly as Bronte would do. But she cleared the way for it to happen (WORSLEY, 2017, p. 601).

revelaram a verdade sobre seus sentimentos. Austen parecia dizer que essa é uma condição para que um relacionamento de mútuo respeito e amor possa dar certo.

Ademais, em ambos os romances, vários personagens demonstraram estar equivocados sobre as pessoas ao seu redor. Quando Elizabeth e Emma despertaram para os seus erros e buscaram agir de uma maneira diferente, tudo pareceu estar perdido. Felizmente, elas encontraram um final feliz, mas compreenderam o que poderia ter acontecido e a dor que isso lhes traria.

Logo, ambos os romances contribuem para o processo de formação de seus leitores, pois fazem com que questionemos as nossas *verdades* e o nosso julgamento sobre as pessoas ao nosso redor. Muitas vezes acreditamos ser detentores de conhecimento, quando na verdade estamos equivocados. É necessário estarmos atentos para o *perigo* de acreditar que nossa *verdade* é absoluta.

CONCLUSÃO

Como pôde ser visto, *Bildungsroman* é o nome dado aos romances que retratam o desenvolvimento, a educação e o processo de aprendizagem de um personagem central. Mais do que qualquer outro tipo de romance, o *Bildungsroman* proporciona um enriquecimento pessoal para o leitor, por meio dos exemplos das ações de seu herói. As experiências vivenciadas por ele servem de guia ao leitor e contribuem para a sua maturidade psicológica e emocional.

Tradicionalmente, há um padrão para esse processo de formação. O protagonista do romance é especial, sensível, inteligente, deixa sua casa e parte em viagem na qual enfrentará problemas e viverá experiências. Nessa jornada, o herói descobre uma nova perspectiva em sua relação com outras pessoas, enfrentando a complexidade do mundo adulto; isso faz com que ele descubra coisas sobre si mesmo. Logo, o *Bildungsroman* é um romance de cunho psicológico, no qual o protagonista alcança seu autoconhecimento.

A mudança interior pela qual o personagem passa é resultado de suas aventuras, que podem ser vistas como uma busca pelo sentido da vida e um veículo do qual a narrativa se vale para expor opiniões e ensinar uma lição que contribua para o processo de aprendizagem dos leitores. No *Bildungsroman*, o foco é o personagem principal, que geralmente inicia seu processo de aprendizagem na fase infantil. Esse foco possibilita o leitor a se concentrar no processo de amadurecimento do herói, aprendendo a mesma lição do protagonista.

Além disso, existe a figura de um mentor, que auxilia o protagonista nessa jornada, e a presença de duas figuras amorosas. Geralmente, o herói se apaixona duas vezes. Sua primeira experiência amorosa é frustrada, enquanto a segunda lhe proporciona felicidade. Encontrar o amor verdadeiro faz parte da busca de um sentido de vida e faz com que a vida adulta seja iniciada de fato. Dessa maneira, formalizar um relacionamento constitui o final da narrativa.

Contudo, como pôde ser evidenciado, há divergências entre os romances de formação masculinos e femininos, pois a protagonista feminina do *Bildungsroman* enfrenta o problema de crescer em um mundo dominado pelos homens. Os primeiros romances de formação femininos seguiam um padrão no qual a mulher alcançava o amadurecimento através do casamento, diferentemente do homem que amadurecia com o conhecimento intelectual e com a interação social. Nesses casos, a educação feminina se dava com a atuação de um mentor que acabava sendo um marido mais velho e sábio. No entanto, muitos processos de formação femininos culminavam em fracasso, pois a mulher morria ou cometia suicídio por ser incapaz

de crescer em um mundo desprovido de recursos que realmente lhe oferecessem uma formação completa.

Posteriormente, os romances de formação femininos passaram a retratar mulheres que amadureciam no curso de uma jornada que culminava em um casamento de mútuo respeito e amor. Diferentemente de seus parceiros masculinos, elas não partiam em uma viagem ou exploravam o mundo e saíam em busca de aventuras. Ao ficarem reclusas ao lar, suas descobertas eram internas e psicológicas, e elas exploravam o seu mundo interior, ou seja, os seus sentimentos. Enquanto o homem era definido por sua independência, a mulher era definida por seu relacionamento com as pessoas a seu redor, ou seja, no âmbito doméstico. O herói aprendia a ser independente e a mulher aprendia a estar situada na domesticidade, onde adquiria os requisitos que iriam ajudá-la a se tornar uma boa esposa.

No *Bildungsroman*, a busca pelo sentido da vida consiste no desenvolvimento de seu protagonista, que eventualmente amadurece seus valores. Dessa forma, crescer envolve buscar a verdade universal, e para Jane Austen, essa verdade representa a importância de ter discernimento ao julgar as pessoas e os acontecimentos ao redor.

Em *Orgulho e Preconceito*, somos apresentados à Elizabeth Bennet por seu pai, o Sr. Bennet, que a defende por ela ser a mais inteligente de suas cinco filhas. Ele possui uma preferência por ela, enquanto sua mãe está sempre frustrada com seu comportamento. O leitor aprende que Elizabeth é uma heroína diferente das outras mulheres logo no início do romance.

O Sr. Bennet representa a relutância em aceitar os padrões sociais da época, uma vez que não se preocupa em casar todas as suas filhas antes de morrer. Ele até mesmo ajudou Lizzy, quando sua mãe tentou forçá-la a se casar com o Sr. Collins. Já a Sra. Bennet se preocupava em assegurar um casamento vantajoso para suas filhas e estava sempre preocupada com a aparência delas. Com pais tão diferentes, Elizabeth acabou se afastando de sua mãe ao identificar-se com seu pai. Isso fez com que seu processo de formação fosse mais difícil, uma vez que ela não tinha um modelo feminino a seguir. Esse, aliás, é um traço do romance de formação com protagonista feminina.

No início do romance, pode ser notado que as falas expressadas por Elizabeth tinham exclamações, o que indica a forma como ela falava, dando ênfase às suas opiniões. Ela dizia o que pensava e expressava sua opinião de forma sarcástica e provocativa, diferente do que era esperado das mulheres na época, que deviam ser doces e passivas.

Um exemplo desse ideal feminino no livro era a irmã mais velha de Elizabeth, Jane. Suas atitudes eram completamente diferentes: enquanto Jane era frágil, tímida, serena e buscava sempre ver o melhor nas pessoas, Elizabeth expressava sua opinião e julgava as

peças de forma rápida. Inclusive, talvez esse fosse um dos motivos para Jane ser considerada mais bonita do que Elizabeth.

Outro aspecto revolucionário em Elizabeth era sua forma de pensar sobre a sua própria aparência. Quando caminhava sozinha para visitar Jane em Netherfield, sua mãe afirmava que quando ela chegasse ao local, não estaria apropriada para ser recebida, pois seu vestido estaria sujo e ela, suada (e possivelmente descabelada). No entanto, Elizabeth afirmou que estaria perfeitamente apropriada para ver sua irmã doente, não se importando com o que os Bingleys e o Sr. Darcy pensariam dela. Ela rejeitava a ideia de que as mulheres deveriam cumprir as expectativas de estar sempre arrumadas. Isso mostrou a independência de seu caráter, pois ela não era movida pelas convenções sociais. Por outro lado, a medida da diferença de seu par também era dada nesse episódio, pois o Sr. Darcy a achava especialmente bonita, com as faces coradas pela caminhada, e pouca atenção tinha dado ao vestido cuja barra estava enlameada.

Sua independência era positiva e contribuiu para seu processo de formação, uma vez que ela era inteligente para pensar por si mesma, em vez de simplesmente reproduzir o padrão feminino opressor que as mulheres da época enfrentavam. Contudo, essa mesma independência também atrapalhava Elizabeth, pois ela se tornou muito autoconfiante e acabava julgando algumas pessoas de forma equivocada.

Como é característico do *Bildungsroman*, essa personagem passou por duas experiências amorosas. Ela não chegou a, de fato, se apaixonar por Wickham, mas ficou encantada por ele, que se esforçava por ganhar sua boa opinião, pois estava em busca de um casamento vantajoso. No entanto, ele logo percebeu que não alcançaria sucesso a longo prazo com ela e moveu seu interesse para outros alvos. Após sentir-se desapontada com o soldado, ela se apaixonou pelo Sr. Darcy. Foi ele que agiu como seu grande mentor, porque mostrou como ela julgava mal as pessoas e como sua autoconfiança era um problema, pois ela acabava acreditando em mentiras e sendo cega ao não enxergar verdades.

Seu maior erro foi rapidamente aceitar o relato do Sr. Wickham sobre a conduta do Sr. Darcy. Como consequência, ela acabou destratando o Sr. Darcy em várias ocasiões, quando ele tentou cortejá-la. Quando Lizzy recebeu a carta escrita por ele, evidenciou-se uma transição no seu desenvolvimento. Ela percebeu que fora imatura ao acreditar em Wickham, alguém que ela nem sequer conhecia direito; sentiu-se envergonhada e se arrependeu por ter sido cega e preconceituosa. Ela releu a carta inúmeras vezes e reconheceu que até aquele momento ela não conhecia a si mesma. Ou seja, a partir daquele momento, ela iniciou o

autoconhecimento. Ao adquirir uma nova perspectiva, houve uma mudança em seu comportamento.

Um aspecto importante do *Bildungsroman* já citado foi a viagem e ela estava presente em *Orgulho e Preconceito*. Primeiramente, Elizabeth visitou a nova casa de Charlotte em Kent e passou alguns dias na companhia do Sr. Darcy, que se encontrava em Rosings. Ele a pediu em casamento e após ser recusado, entregou-lhe a carta que mudou a história. Quando retornou ao lar, Elizabeth sentiu-se envergonhada e, pela primeira vez, passou a se preocupar com a opinião das outras pessoas sobre ela e sua família. Um exemplo disso foi quando ela pediu para que seu pai não permitisse que Lydia viajasse com o casal Forster para Brighton, pois Lydia envergonharia sua família ao ser vista flertando com vários soldados que estavam alojados na cidade.

A segunda viagem de Elizabeth também lhe proporcionou aprendizagens. Quando ela visitou Pemberley, não era mais a jovem orgulhosa, segura de si e provocadora. Ela ficou extremamente envergonhada quando encontrou Darcy e sentiu-se preocupada com o que ele pensava dela. As duas viagens mudaram seu comportamento, e ela descobriu que passou a amar o último homem na terra com o qual ela acreditava que se casaria.

Contudo, as mesmas viagens promoveram obstáculos para a união de Darcy e Elizabeth. Lady Catherine de Bourgh ficou preocupada com o suposto envolvimento dos dois e buscou fazer com que Elizabeth jamais aceitasse seu pedido de casamento. Ademais, o escândalo da fuga de Lydia com Wickham fez com que Elizabeth pensasse que Darcy jamais desejaria ficar com ela, pois a reputação da família Bennet estava arruinada.

Quando Elizabeth se casou com o Sr. Darcy, ela aceitou seu papel de esposa e se ajustou às convenções sociais, ao que se esperava dela como a nova dona de Pemberley. Vemos que ela amadureceu quando passou a pensar antes de falar e a não ofender Darcy como sempre fizera no passado, pois ela não mais falava de forma enfática e encontrara um casamento de mútuo respeito e amor. Logo, seu processo de formação foi concluído. O casamento dos dois simbolizou essa transição para a fase adulta na qual ela tinha responsabilidades e se esperava que agisse com respeito, com melhor discernimento ao julgar as pessoas e os acontecimentos a seu redor.

O casamento de Elizabeth foi revolucionário, pois ela se casou com um homem infinitamente mais rico do que ela, quebrando assim os padrões sociais da época. Além disso, ela manteve as qualidades pessoais que a constituíam como indivíduo em uma sociedade opressora para as mulheres. Apesar de se adequar a tais padrões, Elizabeth continuou sendo independente e dizendo o que pensava. Isso foi evidenciado quando a narradora afirmou que,

a princípio, Georgiana ficava admirada e ao mesmo tempo alarmada ao ver Elizabeth falando com Darcy de forma tão alegre e descontraída. Mas com o passar do tempo, ela aprendeu que uma mulher pode ter tais liberdades com seu marido. Vemos que ao concluir o seu processo de formação, Elizabeth auxiliou Georgiana a também conquistar a maturidade. Seu exemplo poderá guiar Georgiana em sua jornada de aprendizagem, assim como ela fizera com o seu leitor.

Já o segundo romance analisado nesta dissertação, *Emma*, pode ser problemático para o leitor moderno, uma vez que sua heroína buscava arranjar casamentos para as moças que precisavam se casar como forma de sobreviver. No entanto, para entender a obra, o leitor precisa conhecer o contexto no qual se passa a ação, no qual as mulheres de fato se casavam para sobreviver. Diferentemente das outras heroínas de Austen, Emma era rica e, por isso, tinha poder. Contudo, ela abusava desse poder ao manipular Harriet e ao destratar pessoas pobres, como a Srta. Bates e o Sr. Martin, por exemplo.

O desejo de controlar o mundo a seu redor fez com que ela esnobasse o Sr. Martin e fosse grosseira com a Srta. Bates. Tal comportamento foi facilmente entendido como algo reprimível. Embora ela agisse de forma inconsciente, sabemos que ela tinha uma consciência, pois ela não se sentiu confortável quando Harriet lhe relatou sua preocupação em relação a encontrar o Sr. Martin e se arrependeu por ter tratado a Srta. Bates mal, buscando reparar seu erro. Logo, ela aprendeu a tratar os outros com bondade e respeito, não desejando mais interferir na vida alheia.

A lição mais importante de Emma foi quando ela descobriu sobre o noivado secreto de Frank e Jane e que Harriet estava apaixonada pelo Sr. Knightley. Ela reconheceu sua arrogância em tentar controlar a vida das pessoas a seu redor e aprendeu a ter respeito pelas outras pessoas. No final do romance, Emma amadureceu com suas experiências e adquiriu o autoconhecimento.

Outra forte característica do *Bildungsroman* presente em Emma foram as duas experiências amorosas vivenciadas. Primeiramente, ela acreditou estar apaixonada por Frank Churchill e mais tarde descobriu seu amor pelo Sr. Knightley, como aconteceu em *Orgulho e Preconceito* e, de fato, ocorre no romance de formação em geral.

O Sr. Knightley foi o mentor de Emma que a auxiliou em seu processo de formação. Ele foi o único capaz de perceber seus defeitos e de criticá-la, porque ele era seu equivalente intelectual. O casamento deles salvou Emma da solidão intelectual mencionada no primeiro capítulo. Embora Emma amasse o Sr. Knightley, afirmava que não deixaria seu pai, algo que

ele entendia e respeitava. O casamento de Emma não foi nada convencional, uma vez que o Sr. Knightley se mudou para Hartfield. O cavalheiro não carregou a princesa para seu castelo.

Emma não era uma Cinderela, pois não era pobre e não corria o risco de ser destituída de sua casa, como as moças da família Bennet. Logo, o herói ao invés de salvá-la de uma vida infeliz, acabou tirando-a de seu pedestal e lhe ensinando duras lições. Para ficar com o Sr. Knightley, Emma teve de merecê-lo e, para isso, passou por uma melhora moral. Ele não a resgatou de um problema ou lhe ofereceu uma fortuna, mas sim, lhe ofereceu uma vida melhor e uma medida maior de autoconhecimento.

Ademais, o desejo de Emma de não deixar seu pai não pode ser visto como uma submissão ao patriarcado, uma vez que o Sr. Woodhouse nunca exerceu controle sobre ela. Emma também não foi uma heroína convencional, pois se rebelava contra a autoridade masculina quando rejeitava os conselhos de seu pai e as palavras de Knightley, quando ele sugeriu que ela não devia mais tentar promover casamentos.

Outro aspecto revolucionário em *Emma* foi o fato do Sr. Woodhouse ter mantido suas filhas após a morte de sua esposa. Na época, quando um homem se tornava viúvo, era prática comum colocar seus filhos em um internato ou enviá-los para serem criados por parentes. Enquanto Frank e Jane foram adotados por outras famílias, Emma teve a sorte de receber o amor paterno e permanecer junto da irmã, na casa onde havia sido feliz com a mãe.

Por ser um *Bildungsroman* feminino, a formação de Emma se deu no ambiente doméstico, esfera bastante estimada por ela, que não tinha o costume de viajar e gostava de conduzir sua casa. É interessante notar que quando se trata desse ambiente doméstico, em *Emma*, ele não pertencia somente à figura feminina, pois personagens masculinos também compartilhavam esse mesmo valor. O Sr. Knightley possuía bastante zelo por Donwell Abbey e o Sr. Woodhouse desejava sempre permanecer no conforto de sua casa, por exemplo.

A educação, tão importante para o romance de formação, também foi tema recorrente em *Emma*. No primeiro capítulo, descobrimos que Emma perdeu sua governanta, ou seja, sua tutora. Em questão de linhas, também descobrimos que a relação das duas passou a ser de amizade, uma vez que a Srta. Taylor não impunha limites a Emma. Posteriormente, Emma se tornou a tutora de Harriet, e Harriet mostrou a Emma os perigos de tentar ensinar algo. Além disso, o Sr. Knightley e Emma também ensinaram a mesma lição um para o outro: o respeito social, pois Emma aprendeu a respeitar o Sr. Martin, e o Sr. Knightley aprendeu a respeitar algumas convenções. Ademais, a Sra. Elton buscou constantemente ensinar seu modo de vida a todos em Highbury, e o Sr. Woodhouse tentou em vão instruir todos a seguirem uma vida segura e saudável.

Austen pensou que Emma seria uma heroína pouco querida pelo seu público e, certamente, há muito o que não gostar nela. Ela era esnobe, controladora, intelectualmente preguiçosa e acreditava ser superior às outras pessoas. Talvez ela não fosse perfeita, com todos os defeitos que o Sr. Knightley imaginava, mas era sim perfeita por causa de seus defeitos, pois foram eles que a tornaram humana e uma personagem com quem, nós leitores, podemos nos identificar.

Ambos os romances analisados nesta dissertação contêm protagonistas independentes, capazes de expressar seus pensamentos e sentimentos, algo inesperado para as mulheres da época das narrativas. Afinal, elas não eram heroínas passivas que refletissem sobre os ideais de uma “dama verdadeira”. Como foi evidenciado, elas foram revolucionárias e abriram o caminho para que outras mulheres abordassem questões ligadas à inteligência e aos sentimentos femininos.

As duas heroínas se casaram no final das narrativas, mas o casamento não foi um instrumento educativo. Ele foi uma consequência e até mesmo resultado da conclusão do seu processo de formação. Nas cenas em que os heróis pediam suas heroínas em casamento, Austen criou uma espécie de lacuna no texto, pois ela não ofereceu longas descrições e juras de amor. Ela pareceu dizer que essa não era a parte mais importante dos romances, mas sim toda a trajetória de suas personagens que proporcionaram sua aprendizagem, ou seja, seu processo de formação.

Por fim, Austen trabalhou com a questão da *verdade*. Em *Orgulho e Preconceito* e em *Emma*, Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse aprenderam sobre o *perigo* de acreditarem que estão corretas em seus julgamentos. Assim como elas, o leitor aprende que muitas vezes nossas verdades estão equivocadas e que é preciso ter o bom discernimento para não se correr o risco de acabar infelizes. Foi através do amor que a transformação das duas personagens aconteceu. Quando Elizabeth se apaixonou por Darcy e Emma descobriu que amava o Sr. Knightley, descobriram a *verdade* sobre os seus sentimentos e o quanto estiveram erradas e agiram de forma injusta.

Orgulho e Preconceito se encerrou com a afirmativa de que os Gardiners eram sempre bem-vindos em Pemberley, devido à gratidão que Elizabeth e Darcy sentiam pelo casal, pois eles “tinham sido o meio de uni-los” (AUSTEN, 2009, p. 400). *Emma* foi encerrado com o casamento de Emma com o Sr. Knightley e com a narradora afirmando que “os votos, as esperanças, a confiança, e as previsões do pequeno grupo de verdadeiros amigos que testemunharam a cerimônia, foram plenamente recompensados pela perfeita felicidade da união” (AUSTEN, 2010, p. 327).

Ambos os romances terminaram com a mesma referência à palavra *união*. Dessa forma, ambos apontaram para a verdade universal que a obra de Austen ensina: a de que o amor é a matéria da qual se constrói a verdade universal que está presente nas nossas trajetórias de formação.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Elizabeth; HIRSCH, Marianne, LANGLAND, Elizabeth. **The voyage in: fictions of female development**. Hanover: University Press of New England for Dartmouth College, 1983.
- APPEL, Peter A. **A funhouse mirror of law: the entailment in Jane Austen's Pride and Prejudice**. University of Georgia. Disponível em: https://digitalcommons.law.uga.edu/fac_artchop/959/. Acesso em: 12 agos 2019.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. London: Penguin Books, 2006.
- AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. **Northanger Abbey**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. **Sense and sensibility**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução: Marcella Furtado. 3. ed. São Paulo: Landmark, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução: Doris Goettens. São Paulo: Landmark, 2010.
- AUSTEN, Jane. **Sanditon, Lady Susan & the history of England**. London: Collector's Library, 2011.
- AUSTEN, Jane. **Pride and prejudice**. San Diego: Canterbury Classics, 2012.
- AUSTEN, Jane. **Persuasion**. San Diego: Canterbury Classics, 2013.
- AUSTENONLY. **Jane Austen's memorial in Winchester Cathedral**. Disponível em: <https://austenonly.com/2012/07/18/jane-austens-memorials-in-winchester-cathedral/>. Acesso em: 11 jul 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BURNEY, Francis. **Cecília: or memoirs of an heiress**. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/6346>. Acesso em: 11 jul 2019.
- CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio, GOMES, Paulo. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EAGLETON, Terry. **The English novel: an introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- FRAIMAN, Susan. **The mill on the floss, the critics and the Bildungsroman**, v. 108, Iss 1, Jan 1993. New York: Columbia University Press, 1993.
- FRAIMAN, Susan. **Unbecoming women**. British Women Writers and the Novel of Development. New York: Columbia University Press, 1993.
- GALBIATI, Maria Alessandra. (Trans)formação e representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1716-1728, set-dez 2011.

- GALBIATI, Maria Alessandra. **Revendo o gênero**: a representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, 2013. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br>.
- GOETHE, J. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução: Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HINCHMAN, Kathleen; MOORE, David W. Close Reading: a cautionary interpretation. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 56, n. 6, p. 441–450, 2013.
- HIRSCH, Marianne. **Spiritual Bildung**: the beautiful soul as paradigm in: fictions of female development. Hanover: University Press of New England for Dartmouth College, 1983.
- IVINS, Holly. **The Jane Austen pocket bible**. Michigan: Crimson, 2011.
- KEYMER, Thomas. **Narrative**. In TODD, Janet. (ed) **The Cambridge Companion to Pride and Prejudice**. New York: Cambridge University Press, 2013.
- KORNFELD, E, JACKSON, S. The female bildungsroman in nineteenth-Century America: parameters of a vision. **Journal of American Culture**, San Diego, v.10, Iss 4, 1987.
- LAW, Carolyn. **Prisoner's progress development in the female Bildungsroman**. 1986. Tese (Division of English and Foreign Language Emporia State University. In partial fulfillment of the requirements for the degree Master of Art) - Emporia: Emporia State University, 1986.
- MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**. O Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: UNESP, 2000.
- MACDONAGH, Oliver. **Jane Austen**: real and imagined worlds. New Haven and London: Yale University Press, 1993, p. 129–45.
- MILES, Robert. **Character**. In TODD, Janet. (ed) **The Cambridge Companion to Pride and Prejudice**. New York: Cambridge University Press, 2013.
- MORRIS, Ivor. **A Jane Austen quintet**: critical inquiries into the novel's world. Winchester: Sarsen Press, 2008.
- OXFORD English Dictionary. Disponível em: <https://www.oed.com/> Acesso em: 12 ago 2019.
- PAGE, Judith. **Estates**. In TODD, Janet. (ed) **The Cambridge Companion to Pride and Prejudice**. New York: Cambridge University Press, 2013.
- PAULA, Ribanna de. Um estudo sobre a questão do Bildungsroman feminino nos romances de Jane Austen. **Revista Ribanceira**, n.9, p. 29-41, 2017.
- PEMBERLEY. **Letters of Jane Austen**. Disponível em: <https://www.pemberley.com/janeinfo/brablt16.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- PINCH, Adela. 'Introduction'. **Emma**. Oxford: Oxford World's Classics, 2003.
- PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- PRATT, Annis. Women and nature in modern fiction. **Contemporary literature**, v.13, n. 4, autumn 1972.
- REEF, Catherine. **Jane Austen**: uma vida revelada. São Paulo: Novo Século, 2014.

- REINBOLD, Amanda. **Jane Austen and the significance of names**. Projeto (Undergraduate Honors) - University of Tennessee, 2009. Disponível em: https://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj/1313/. Acesso em: 12 agos 2019.
- ROSOWSKI, Susan J. **The novel of awakening in: fictions of female development**. Hanover, University Press of New England for Dartmouth College, 1983.
- SANTOS, Terezinha Goreti Rodrigues. **Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres como Bildungsroman**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade de Brasília, 2006.
- SCHUR, David. **An introduction to close reading**. Harvard: Harvard University Press, 2nd version, 1999.
- SCHWANTES, Cíntia. **Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos**. 1998. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- SCHWANTES, Cíntia Carla Moreira. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 30, p. 53-62, julho-dezembro de 2007.
- SHAKESPEARE, William. **O sonho de uma noite de verão**. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- SHAKESPEARE, William. **O mercador de Veneza**. Tradução: Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- SPACKS, Patricia Meyer. **The female imagination**. New York: Alfred A. Knopf, 1975.
- STAFFORD, Fiona. 'Introduction'. **Pride and Prejudice**. James Kingsley. Oxford: Oxford World's Classics, 2004.
- SUTHERLAND, Kathryn. **Jane Austen's textual lives from Aeschylus to Bollywood**. New York: Oxford University Press, 2005.
- SVENDSEN, Amalie Due. **Pride and Prejudice: a Bildungsroman**. Leviathan: **Interdisciplinary Journal in English**, n.1,p. 27-34, 2017.
- TODD, Janet. **Jane Austen: her life, her times, her novels**. London: Andre Deutsch, 2013.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- WILTSHIRE, John. **The hidden Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- WORSLEY, Lucy. **Jane Austen at home**. New York: St. Martin's Press, 2017.